

VALERIA SANCHEZ SILVA

DEVIR CIGANO

**O encontro cigano–não cigano (*rom–gadjé*)
como elemento facilitador do processo de individuação**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção
do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto

São Paulo
2006

VALERIA SANCHEZ SILVA

DEVIR CIGANO

**O encontro cigano–não cigano (*rom–gadjé*)
como elemento facilitador do processo de individuação**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção
do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto

Banca examinadora:

Data: ___/___/___

Ao Povo Cigano, *A Romá*.

O mistério de um outro não é senão o sentido de mim mesmo.

Merlau-Ponty

*Ao meu pai Plinio Silva (in memorian), que me ensinou
a amar e a reverenciar as coisas simples da vida...*

*À minha mãe Clara Sanchez, cuja dedicação
amorosa me instiga a ir além.*

*Ao Dr. Pethö Sandor (in memorian) pelos “princípios”
e caminhos compartilhados.*

A meus filhos, nora, genro e netos, pela vida em recomeço...

*Ao meu pai de coração, Zurka Sbano (in memorian),
por sua maestria e grandeza de alma!*

Agradecimentos:

Este trabalho foi feito por muitos sonhos, realizado por muitas mãos, estruturado pelo apoio de muitos ombros, credibilizado pela confiança e solidariedade de tantos outros. A todos os que de forma visível, ou não, estiveram presente, ajudaram e fizeram parte, o meu infinito agradecimento.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu orientador *Alfredo Naffah Neto*, que desde o início desta singular jornada aceitou me acompanhar. Por sua orientação, apoio, abertura, firmeza e liberdade de expressão acadêmica.

A toda *família Sbano*, dos ancestrais aos descendentes, em especial aos companheiros desta jornada, *Silvia, Marcelo, Norma, Eduardo, filhos e netos, ao Sr. Santo Sbano e família; a Adriana, Valéria e Roger*, na construção singular da jornada cigano–não cigano (*rom–gadjê*).

A *família Jorge e Percília Nicoli, Rita, Marcos e Patya*, assim como as crianças, obrigada pela confiança amorosa no partilhar de seu universo *rom* nesses anos de construtiva amizade.

A *Vitória Ang*, que partilhou dos fundamentos.

A *Pastoral de Nômades*, em especial ao *Padre Jorge Piovezan*, pela firmeza na caminhada.

A *Judith Vero*, que, generosa, me abriu este caminho, a todos do grupo de orientação que me ajudaram a trilhá-lo, e a *Vera Canhoni*, que com sua delicadeza amorosa me ajudou a encerrá-lo.

Ao *Gustavo Barros*, pela paciência infinita, apoio logístico e doação amorosa.

A *Betty Mindlin*, pela confiança e apoio, desde quando os caminhos ainda eram tênues.

A *Carla*, filha querida que foi por vezes também minha mãe, amiga de todas as horas e ainda leitora cuidadosa.

Aos *amigos* que, pacientes, aguardaram o desfecho desta *odisséia*.

A meu filho e amigo *André*, assim como a seus “comentários” certos.

A *Lucas Jimeno*, que, com seu afeto disposto e alerta, me indicou trilhas precisas.

À *Federación de Asociaciones Gitanas de Catalunya*, em especial a *Manuel Heredia*, pela presteza no atendimento, apoio e orientação.

A *Daniel, Carla e Ian Bazarian Contrucci*, pelo amor prestativo e incondicional que nos une.

Aos queridos *Plínio, Marisa, Juliana e Gabriel*, para além do amor, gratidão pela retaguarda nos percalços do caminho.

A *Celso Vasconcelos Contrucci* pelas inúmeras heranças que a nossa relação deixou.

A *Vera Carbonari Almeida e tribo*, pelo acompanhar construtivo e “torcida amiga” em todas as etapas do caminho.

Ao *Núcleo de Estudos Junguianos* da PUC São Paulo, aos professores e colegas, pela possibilidade de estudo e crescimento conjuntos.

A *Marion Rauscher Gallbach* por sua sensibilidade e contribuições recebidas.

A *Sandra Brazil* pela leitura e análise criteriosa que muito colaboraram para o resultado deste trabalho.

Aos *antepassados e futuros presentes* que a vida trouxe e trará.

A bolsa de estudos da *CAPES*, sem a qual este trabalho, literalmente, não poderia ter sido realizado.

E em especial à *Divina Orquestra da Vida...*

SILVA SANCHEZ, Valéria. *Devir Cigano. Encontro cigano–não cigano (rom–gadjé) como elemento facilitador do processo de individuação.* São Paulo, 2006, 206 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo

Este trabalho trata do processo de individuação, facilitado pela relação de alteridade, atravessada pelos caminhos cigano–não cigano (*rom–gadjé*). Esta temática esboçou-se a partir de imagens internas e foi-se configurando em necessidade de experimentação. O cerne empírico deste trabalho deu-se na convivência inter-étnica de 1992 a 2003. A fundamentação teórico-analítica de Jung abriu as possibilidades dialéticas para a compreensão desta alteridade, tornada espelho na diferença da sombra que o outro induz.

Abstract

This work stands on the individuation process, facilitated for the alterity relation crossing the gipsy non-gipsy ways (*rom-gadjé*). This thematic was sketched from internal images and was configured with the necessity of experimentation. The empiric cerne of this work was developed through an inter-ethnic coexistence from 1992 to 2003. Jung's analytical theoretical recital opened the possibilities of dialectics for the understanding of this alterity, which has become a mirror in the difference of shade that the other induces.

Palavras-chave: Cigano – não cigano, (*rom-gadjé*), processo de individuação, alteridade, sombra, devir.

Índice

INTRODUÇÃO.....	11
Episódio primeiro: a brincadeira	13
Episódio segundo: o sonho.....	14
Episódio terceiro: Imaginação Passiva.....	15
Encontro cigano–não cigano (<i>rom-gadjé</i>).....	16
CAPÍTULO 1	19
ENCONTROS, DESENCONTOS E PRECONCEITOS.....	19
1. 1. a. Encontro interno ou episódio de Imaginação Passiva.....	19
1. 1. b. Encontro(s) externos.....	22
1.1.c. Encontro no acampamento cigano.....	23
1. 2. Desencontros	24
1.3.a. Preconceito e Racismo.....	26
1.3.b. Preconceito, mentiras e verdades.....	30
1. 3.c. Preconceito e mistério.....	35
1. 3.d. Preconceito e sombra.....	38
1. 3.e. História das perseguições e massacres.....	44
Porraimos: o holocausto cigano na Segunda Guerra Mundial.....	49
1. 3.f. Preconceitos e metamorfoses identitárias.....	51
1. 3.g. Preconceito e cidadania	54
1.3.h. Preconceito contra os <i>gadjés</i>	56
1.3.i. Autopreconceito e identidade.....	57
1.4. Encontro no acampamento cigano.....	64
CAPÍTULO 2	67
Cultura e história Poema, conceito, lenda, mito e realidade.....	67
Centro de Tradição Cigana.....	68
Mito e realidade.....	69
Quem são os ciganos? Afinal, de onde vieram? Quais os seus costumes,.....	69
sua religião, pátria, profissão?.....	69
O poema <i>A Romá</i> e suas trilhas	71
Título “A Romá” (Povo Cigano).....	73
Estrofe I.....	76
Estrofe II.....	90
Estrofe III	107
Estrofe IV	126
Estrofe V.....	127
Estrofe VI.....	129
Estrofe VII.....	131
Estrofe VII.....	134
Estrofe VIII.....	135
CAPÍTULO 3	143
VIDA CIGANA	143
Etnografia de um <i>rom</i>	143
História ancestral de uma família kalderash.....	143
A vida de Zurka Sbano.	164
CAPÍTULO 4	177
DEVIR CIGANO ENCONTRO E INDIVIDUAÇÃO.....	177
A maturidade <i>kalderash-gorbeto</i> da vida de Zurka.....	180
Encontro com a Pastoral de Nômades	180
Encontro com a filha perdida.....	189
Encontros com Maria	196

Encontro e casamento com a namorada da juventude	198
A Individuação facilitada pelo encontro cigano-não cigano.....	202
Considerações finais:.....	206
As dimensões corporais	207
Na dinâmica de encontros sob a regência do arquétipo da alteridade	209
No que se refere à individuação do cigano como povo	211
A relação cigano-não cigano, sob o ponto de vista cigano <i>rom</i>	212
Algumas contribuições da <i>Romá</i> à cultura ocidental majoritária	214
GLOSSÁRIO	218
BIBLIOGRAFIA.....	220
Bibliografia específica cigana	220
Textos, Monografias, Dissertações e Teses.....	221
Bibliografia geral.....	222
Revistas e Periódicos.....	224
Outros.....	225
Textos Publicados na Internet.....	226

Obs. As temáticas pré história e história do povo cigano estão no capítulo 2 na estrofe II do poema *A Romá*.....79 e 82 .

Em anexo mapas, bandeira e fotos.

INTRODUÇÃO

*Toda obra é uma viagem, um trajeto,
mas que só percorre tal ou qual caminho exterior
em virtude dos caminhos e trajetórias interiores
que a compõem,
que constituem sua paisagem ou seu concerto.*

Gilles Deleuze

Por que uma temática cigana em uma dissertação de mestrado? Como se processou a escolha do tema deste trabalho? Trata-se de uma questão que só pode ser respondida à luz da fenomenologia. Esta dissertação, no seu decorrer, propõe-se a apresentar esta resposta.

Escolher implica estar atravessado por algo. É difícil dizer se fomos nós quem escolhemos o tema de um trabalho ou se foi ele, o tema, quem nos escolheu. A escolha é o resultado de um processo entre o *desejo e/ou a necessidade* e a *oportunidade* de escolher. Neste caso o meu *desejo* foi suplantado pela *necessidade*. Necessidade de compartilhar caminhos inaugurais, literalmente atravessados e construídos na inter-relação, no *encontro* cigano–não cigano, ou seja, *rom-gadjé*.

A *oportunidade* se deu, por meio do encontro com Judith Vero e seu precioso trabalho com os judeus húngaros, em *Alma Estrangeira*.¹ Por intermédio de Judith, cheguei ao programa de Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especificamente no Núcleo de Processos de Singularização em Psicanálise, sob o cuidadoso olhar e orientação de Alfredo Naffah. Graças, também, ao programa de bolsas de estudo da CAPES, pude desenvolver este trabalho.

¹ Trabalho apresentado no III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, realizado em Salvador, 2003.

Na realização desta dissertação de mestrado, desvela-se também um *desejo*; o de construir um tributo à alteridade, ao diferente, dentro e fora de nós. “Escrever por esse povo que falta (‘por’ significa ‘em intenção de’ e não ‘em lugar de’)”.¹

Os ciganos representam o *estrangeiro* por excelência. A atual definição internacional defendida pela ONU -- Organização das Nações Unidas -- os coloca como “um povo de origem única, disperso por vontade própria por entre as nações”.² Optam pelo título de “cidadãos do mundo”, com o carimbo no passaporte registrando em muitos países, apenas: *estrangeiros*. Refletem o outro lado do homem ocidental, encarnam a “sombra”, sob o olhar da psicologia analítica, no exercício de ser diferente. Incomodam, intimidam, enfeitiçam e fascinam; também questionam, complicam e intimam à integração de opostos dentro e fora de nós.³ Para a cultura ocidental estes *eternos estrangeiros*, nômades apátridas por opção, errantes por toda a Terra, não fazem parte: são e estão à parte. A rejeição quase que institucionalizada do diferente é característica das sociedades hegemônicas majoritárias. Na contramão do pensamento capitalista, os ciganos não pleiteiam a posse das terras, mas exigem, como povo originalmente nômade, o direito de transitar, a liberdade de ir e vir, de ser e estar. Ao não desejar “possuir” as terras, reivindicam o direito de adentrá-las, atravessando, cruzando e transpassando as fronteiras que as separam em países. “Inquilinos del mondo, somos todos inquilinos del mondo”, diz a letra de uma canção *gitana* do cigano *calon* espanhol Diego Carrasco.

Sob a luz da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, James Hillmann, Carlos Amador Byintong, entre outros, proponho analisar os elementos facilitadores dos processos de individuação no âmbito da troca relacional, do encontro cigano–não cigano, (*rom–gadje*). Abro também a possibilidade de dialogar neste trabalho com pensadores, antropólogos, psicólogos sociais e filósofos, em alianças que venham contribuir e ampliar a cosmovisão desta temática. Serão utilizados como referências complementares documentos históricos e historiográficos, depoimentos de história oral em recortes etnográficos, livros, artigos em revistas e jornais, registros documentados em vídeo e em CD-ROM.

² Deleuze, G. *Crítica e Clínica*. Trad. Pelbart P. Peter. Editora 34, São Paulo, 1997, p. 15.

² Martinez, N. *Os Ciganos*. Trad. Gian Josette. Campinas, Papirus, 1989, p. 42.

³ Sombra na terminologia da psicologia analítica “(...) exprime o lado não aceito da personalidade, assim como se constitui, e portanto é, de um lado, o conjunto das tendências e características, das atitudes e dos desejos inaceitáveis em relação ao complexo do Eu (...)”. Pieri, P. *Dicionário Junguiano*. São Paulo, Vozes, 1998. Este conceito será aprofundado no Capítulo I desta tese.

Este trabalho não tem a pretensão de definir a cultura cigana. Primeiro, porque ciganos existem apenas sob o olhar da nossa cultura, assim como os *gadjés*, termo pelo qual eles nos chamam, existem apenas sob o olhar deles mesmos. Segundo, porque a complexidade de um povo não se delimita ou se circunscreve, não se define ou descreve, não se restringe nem se insere em nenhuma possibilidade de compêndio.

Esta dissertação de mestrado teve como principal *start* um episódio advindo de uma vivência; um exercício espontâneo de Imaginação Passiva (1986), no qual emergiram imagens, elementos simbólicos culturais e míticos referentes ao povo cigano. Esta vivência foi registrada no livro *Ao passar das Caravanas... Ciganas*⁵. Relata a história de uma cigana chamada *Luzcía*, na Espanha do século XIX, desde o seu nascimento até sua morte.

Este trabalho é também um recorte de convivências construídas no intercâmbio relacional cigano–não cigano (*rom–gadjé*), a partir de 1992. São histórias de vida compartilhadas que desencadearam e processaram outras tantas. Encontros e desencontros que por sua vez provocaram, desacomodaram, construíram e reconstituíram outros tantos encontros. Partes de vida, retomadas de caminhos em novas trilhas, regidas sempre e necessariamente pela visitação do diferente, do surpreendente, no devir de ser humano.

Ao longo da minha vida, antes de 1992, não conheci nem tive qualquer tipo de informação sobre o povo cigano. No entanto, fui atravessada por três episódios significativos, que a meu ver prepararam-me para estes encontros determinantes.

Episódio primeiro: a brincadeira

“Ciganos roubam criancinhas”, diz a crença popular.

Como tudo começa na infância, esta captura também começou por lá. Por volta dos meus cinco anos, os adultos que me cercavam – minha mãe, tias, empregadas etc. – diziam que eu e minhas primas não devíamos brincar na rua, senão os ciganos poderiam nos roubar.

– Mas para que os ciganos iriam nos pegar? – perguntávamos.

– Os ciganos roubam criancinhas para depois ir com elas pedir esmolas pelas ruas.

– Que horror... precisamos fazer alguma coisa!

⁵ Contrucci, V.S. *Ao Passar das Caravanas... Ciganas*. São Paulo, Zenda, 1995.

Assim construímos esta brincadeira: Uma cigana roubara um bebê não-cigano. Precisávamos pegar o bebê de volta! Passávamos tardes inteiras planejando e tentando executar nosso plano. Deixávamos armadilhas na calçada... por exemplo, um copo com leite misturado com produtos de limpeza e muito açúcar. O copo era deixado em um canto da calçada. A cigana passaria com o bebê roubado no colo, beberia o leite envenenado e desmaiaria; nós pegaríamos o bebê, avisaríamos os adultos e, enquanto eles fossem procurar a mãe, cuidaríamos da criança. A última parte da brincadeira consistia em preparar o berço, as roupinhas e tudo o mais que o suposto bebê roubado iria precisar...

Episódio segundo: o sonho

Aos 20 anos, cursando o terceiro ano de psicologia, durante a minha primeira experiência de análise, os ciganos voltaram a visitar a minha interioridade – desta vez por meio de um sonho recorrente, que batizei de “A velha cigana da montanha”.

O sonho: “Estava montada num cavalo branco e galopava, curiosa e feliz, por uma floresta montanhosa. No meio do caminho, avistava uma cabana e dela saía uma velha cigana. Eu fugia galopando, ofegante de medo”.

Minha terapeuta era psicanalista e convidou-me a refletir sobre quem era ou o que poderia representar aquela velha cigana do sonho. Respondi que ela me aterrorizava e eu não queria tratar do tema. Ela argumentou que eu era corajosa para tantas coisas e que, sendo este um sonho recorrente, precisava ser examinado. A resistência era evidente. “Você está fugindo de você mesma, Valéria!”. Nem este ou nenhum outro argumento me convenceram a enfrentar o conteúdo do sonho. Hoje penso que talvez a velha cigana fosse aquela a quem um dia ofereci o copo envenenado. Talvez ela quisesse tirar satisfações...

Entre o segundo e terceiro episódios, passaram-se onze anos. Neste ínterim, me formei, me casei, tive três filhos, trabalhava na clínica particular e ambulatorial. No início da década de 80, iniciei um grupo de estudos de Psicologia Analítica com o Dr. Petho Sandor.

Tanto a minha primeira psicanalista como o professor Sandor sugeriram que eu fizesse algum trabalho corporal, visto que eu era muito racional. No final de 1985 o professor Sandor fez-me um convite irrecusável: “Valéria, venha para o seu corpo! Estou

abrindo um curso de integração psicofísica batizado de ‘Cinesiologia’, no Instituto Sedes Sapientiae; seria muito bom você participar”.

Iniciei o curso em 1986 e mergulhei no processo de experimentação corporal com intensidade e dedicação. Ficava mobilizada e surpreendida com a repercussão do trabalho, refletida na minha subjetividade, mesmo após horas ou dias do término das vivências. Meu corpo respondia intensamente às propostas de toques sutis e exercícios grupais. Alguns meses passaram-se e apareceram algumas feridas no meu braço direito e no pé esquerdo. Orientada pelo professor a receber com naturalidade os sinais corporais, e a não interromper os sintomas com medicação, fui aprendendo a “me receber”. Aliás, uma das coisas que ocorreu durante este trabalho foi a remissão de um sintoma alérgico de eczema que me acompanhava desde os dez anos de idade. Absorta e confiante na alquimia corporal, não podia supor que a vivência mais intensa ainda estaria para acontecer.

Episódio terceiro: Imaginação Passiva

Numa noite chuvosa de domingo, em outubro de 1986, viajava de carro, sentada no banco do passageiro, quando fui visitada por emoções, sentimentos e sensações inéditas e estrangeiras. Naquela viagem fui literalmente atravessada por um processo que se fez autônomo; fui adentrada por inaugurais e estranhos caminhos. Conheci os ciganos que habitavam as *cuevas* do meu próprio ser. Este povo nômade e errante, que percorre toda a Terra, também fez de mim sua estrada. Deixaram-se conhecer no desenrolar cadenciado das imagens que se me apresentavam; coloridas e vibrantes, com passagens marcantes. Atônita, eu os recebia como partes de minha vida e consciência. Como estrangeiros de meu próprio mundo, os ciganos buscavam abrigo, acolhimento e guarida; um espaço vazio, uma clareira por entre pensamentos e preocupações, para que pudessem chegar e ser recebidos sem julgamentos nem conceitos prévios, como se deve fazer com um novo amigo.

Este episódio autônomo e espontâneo de Imaginação Passiva teve a duração de cerca de uma hora. Nele se desenrolou uma história cigana, com começo, meio e fim.

(...) Com os olhos abertos assistia o desenrolar dos acontecimentos como a um filme; com precisão, clareza e naturalidade (...) No percurso da estrada, uma única pergunta não chegou a interromper a vivência: – Você está dormindo? –

perguntou meu marido. Um “Não”, em resposta, mergulhada que estava, assim fiquei até que a última frase se deu, neste livro registrada como Epílogo.⁶

Encontro cigano–não cigano (*rom-gadjé*)

Fui finalmente e definitivamente capturada pelo universo cigano ao conhecer e conviver com famílias ciganas *roms e calons*, a partir de 1992.

Muitas surpresas foram se desvelando no interjogo dos caminhos. Encontros ciganos, desta vez concretos, ainda que ao mesmo tempo míticos... Poetas, guardiões de uma cultura milenar, comerciantes e artesãos, artistas e malabaristas nas artes do circo e da vida, leitoras da sorte, vendedores de carros, palhaços, dançarinas e músicos. Veladores da angústia de pertencer a uma etnia nômade, oposta aos nossos valores culturais, ou talvez em fase de mutação e de reciclagem. Juntos compusemos artes, fundamos a ONG Centro de Tradição Cigana, realizamos e participamos de festas, batizados, casamentos, espetáculos culturais, simpósios, programas de TV, reportagens diversas. Enfim, construímos experiências fundamentais para o sentido de nossas vidas...

“Não deixar morrer a alma cigana, nem cair as tradições no esquecimento e anonimato” era uma das premissas que guiavam nossas tarefas. O mesmo anonimato, que por séculos protegeu e salvaguardou os ciganos, hoje os ameaça, quando nega seu direito de existir. “Mas ciganos existem mesmo? Não são como gnomos, fadas, e bruxas?”, perguntou-me uma adolescente, aluna de uma das melhores escolas de São Paulo. Era como se eles estivessem sendo desconstituídos de sua natureza real e humana, sendo relegados ao país das fadas, duendes e elementais. Como se estivessem lhes fechando as possibilidades de ser e estar, por entre o concreto do mundo dos homens. À medida que as portas vão se fechando, a *romá*, ou seja, o povo cigano, vai se tornando lenda e se esfumando, como se fosse deixando de ser essencialmente o que é: humano.

Este trabalho se fez, a princípio, de modo espontâneo; os encontros eram marcados e remarcados a cada semana, sem que soubéssemos o porquê, e o para quê. Dessa vez não tive medo, nem pensei em fugir. Ao contrário, rendida ao fascínio, ao outro lado da moeda do arquétipo cigano, deixei-me guiar. Os próprios encontros davam o tom do que se fazia

⁶ Contrucci, op. cit., p. 9.

necessário, no ir e vir de tantas diferenças. Fizemo-nos amigos, construindo o interjogo de subjetividades e inúmeras atividades. Acessamos inéditas e arcaicas idéias, novas formas e possibilidades de pensar, agir e renovar o ser.

Quem sabe, como partes integrantes da diferença que nos constitui, possamos por meio desta construção conjunta, acolher e ser acolhidos, assim como reconhecer e fazer conhecido um universo de alteridades que juntos constituímos e formamos. O reconhecimento do “outro”, como contraparte do nosso próprio ser, pode inaugurar instâncias de integração em nossos processos de individuação.

Este trabalho segue um caminho regido por diferentes instâncias. Texto e contexto correm soltos, regidos por demandas e necessidades próprias; trazem na cadência o fluxo de um movimento nômade, labiríntico, circular, espiralado, próprio dos caminhos ciganos. Esse movimento também é permeado por alguma ordenação própria de caminhos não-ciganos.

Deste encontro intercultural, seguimos juntos na direção da visão sistêmica de homem e mundo, na qual a interdependência da lei de circularidade dá a tônica.⁷

As informações teóricas se recompõem mediante com-vivência(s) que alternam-se, somam-se, negam-se, dividem-se e multiplicam-se, mas, principalmente, complementam-se, em ritmo do devir cigano–não cigano

Refletida neste encontro, inicio este trabalho que é fruto de uma aventura compartilhada. A orientação de Naffah veio ao encontro da proposta central que é o *diferente* como parte constituinte de nossa *singularidade*. No Capítulo 1, apresento as bases sob as quais se fundaram este trabalho, e o desencontro cultural regado de preconceito e estereótipos. O Capítulo 2 traz a apresentação de cultura e história, sob a regência do poema “A Roma” (Povo Cigano). O Capítulo 3 contempla recortes originais e inéditos da vida de Zurka Sban, e o Capítulo 4 traz considerações da psicologia analítica sobre o processo de Individuação, decorrente do encontro cigano–não cigano.

Contemplar mesmo que um pequeno recorte do universo cigano em uma pesquisa de mestrado em Psicologia Clínica é um desafio que demanda coragem. E só porque a palavra

⁷ “A Concepção Sistêmica da vida (...) baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições. (...) baseada no novo paradigma da física moderna.” Capra, F. *O Ponto de Mutação, a Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. São Paulo, Cultrix, 1982, p. 259.

coragem carrega o significado de ação que vem do coração, pode aceitar o desafio desta escolha.

CAPÍTULO 1

ENCONTROS, DESENCONTROS E PRECONCEITOS

1. 1. a. Encontro interno ou episódio de Imaginação Passiva

Proponho iniciar este trabalho partindo do meu primeiro encontro com o povo cigano: o episódio de Imaginação Passiva durante o qual me senti literalmente “visitada” pelo povo cigano:

As Caravanas Ciganas me chegaram em uma noite chuvosa de domingo. Sem pedir licença ou dar avisos. Foram me envolvendo e revelando seus ‘porquês’, suas histórias e sentidos. Povoaram meus pensamentos, despertaram sentimentos. Chegaram e acamparam bem no centro do meu coração...

“Foi em outubro de 1986, por volta das 19 horas, desenrolou-se diante de mim a história da vida da cigana Luzcia: começo, meio e fim. Voltávamos de carro de Vargem Grande Paulista, a 45 km de São Paulo. Meu marido na direção, nossos três filhos, no banco de trás (dormindo), e eu, no banco de passageiro... Com os olhos abertos assistia o desenrolar dos acontecimentos como num filme, com precisão, clareza e naturalidade.

“(...) O universo Gitano Andaluz se descortinava na escuridão da estrada, dirigido pela sorte nômade dos pensamentos que seguiam o próprio curso.¹

A naturalidade com que recebi esta estória foi a mesma com que costumo receber os meus sonhos. Neste caso, desenrolou-se um processo autônomo de “sonhar com os olhos abertos”. Assistia com clareza aos conteúdos e às peripécias que se apresentavam como o desenrolar de um filme; com precisão e naturalidade.

Entendo o fenômeno que ocorreu naquela noite como um episódio de Imaginação Passiva. Jung partiu da psicanálise, da sua relação com Freud, para fundar e ampliar alguns conceitos próprios, os quais compõem o corpo teórico da psicologia analítica. Ele nos fala em fantasia *ativa* e *passiva*. Imaginação, entendida no sentido semântico da palavra,

¹ Contrucci, op. cit., p. 9.

“imagem-ação”, designa o próprio processo de fantasiar. Fantasia é também “ato e efeito de produção de imagens.(...)”.²

Jung, em 1937, descreve o conceito de “imagem da fantasia”, ou Imaginação Passiva, como um episódio que depende da atividade inconsciente, e “(...) aparece mais ou menos abruptamente na consciência, como espécie de visão ou alucinação, mas sem o caráter patológico desta (...), isto é, a imagem nunca toma o lugar da realidade e sempre se distingue das imagens dos sentidos por ser uma imagem ‘interna’”.³

Jung comenta que ainda que geralmente não caiba à imagem um valor de realidade externa, “esta pode, em certas circunstâncias, ter para a experiência psíquica, um valor psicológico enorme, como expressão de uma realidade ‘interna’”.⁴ Ele também diz que, nestes casos, o indivíduo está orientado pela adaptação à sua realidade interna, mais do que à externa.

A imaginação pode ser *ativa* ou *passiva*. Quando *ativa*, ela deve a sua existência a um processo semidirigido, ou seja, que apresenta tanto a participação do consciente quanto do inconsciente. Já a Imaginação Passiva prescinde da colaboração do consciente no que se refere à sua produção. Neste estado, o inconsciente se impõe de modo autônomo e a consciência adquire uma função passiva, receptiva, não lhe cabendo qualquer interferência na produção dos conteúdos. Estas fantasias integram os *automatismos* psíquicos, tendo força e intenção próprias.

É provável que a fantasia passiva tenha sua origem no processo inconsciente e oposto à consciência mas que reúne em si quase tanta energia quanto a atitude consciente e, por isso, é capaz de quebrar a resistência desta. Em estado de vigília (...) a fantasia precisa dispor de considerável energia para superar a inibição resultante da atitude consciente. A oposição inconsciente deve, pois, ser muito importante para penetrar na consciência.⁵

A história cigana no episódio espontâneo de Imaginação Passiva aconteceu em estado de vigília relaxada e teve a duração de aproximadamente uma hora. Em casa, após acomodarmos as crianças, dividi com Celso, meu marido na época, a intensa e recém-vinda

² Pieri, F. P. *Dicionário Junguiano*, Rio de Janeiro, Vozes, 2002, p. 203.

³ Jung, C.G. *Obras Completas*, vol. VI. Trad. Lucia Mathilde E. Orth. Rio de Janeiro, Vozes, 1991, p. 418, 827.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ Jung, *op. cit.*, p. 407.

experiência. Ele então me pediu: “Registre esta história, ela veio a você e você não pode deixar que ela se perca”.⁶

O fato de ter partilhado a experiência e recebido o reconhecimento e valorização desta vivência foi de grande importância para que esse material não se perdesse: “(...) durante os sete meses que se seguiram, fiquei a transcrever a história cigana em todo tempo que podia. Por muitas vezes emoções intensas vinham me visitar e eu as recebia. Finalizado o trabalho, ficou o manuscrito guardado por quase quatro anos na estante do meu quarto”.⁷ O episódio de Imaginação Passiva, dotado de vida e intenção próprias, havia despertado intensas emoções, evocado inéditos sentires; necessitava agora de descanso e aquietação. Foi um tempo necessário para que os conteúdos simbólicos pudessem se acomodar, como o processo de decantação dos experimentos químicos – quem sabe esperando o momento de retomar sua nômade caminhada.

A respeito da elaboração dos conteúdos da Imaginação Passiva, Jung, comenta: “A fantasia passiva precisa sempre de uma crítica consciente”.⁸ Nesta etapa, a minha análise foi fundamental para que eu pudesse dar um lugar e buscar sentidos e críticas a este material atípico. A terapia analítica deu-me também sustentação e preparo para as etapas que se seguiriam; caminhos inaugurais por meio de encontros, relações e realizações .

Em 1991 o tempo de acomodação e elaboração emocional primeira havia passado. Foi então que uma amiga, a jornalista Vitória Ang, após ter lido e digitado o manuscrito, incentivou-me a publicá-lo. Eu não podia pensar em fazê-lo sem antes consultar um “especialista” – ou seja, um representante do povo cigano que pudesse ler, e eventualmente reconhecer ou não elementos fidedignos da vida cigana no contexto daquela história. Percebi que era hora de sair das instâncias subjetivas e procurar na vida eventuais amigos ciganos que pudessem me ajudar a decifrar o “enigma”: haveria correspondências, cabimentos naqueles conteúdos espontâneos de Imaginação Passiva com aspectos da realidade cigana? Estariam os conteúdos coerentes com o contexto étnico-cultural cigano? Seriam apenas frutos descabidos, descontraídos e desconectados de qualquer objetividade?

⁶ Contrucci, op. cit., p. 10.

⁷ Idem, ibidem.

⁸ Jung, op cit., p. 800-801.

Só havia um caminho para a composição destas respostas: eu precisava conhecer este povo. Assim, foi se instalando mais que um desejo, uma necessidade. Mas onde encontrá-los?

Como nômades, podem estar em qualquer parte, mas qualquer parte é também lugar nenhum. A amiga Vitória sugeriu que eu fosse ao Ibirapuera, pois era comum encontrar por lá ciganas lendo a sorte. Achei que não seria necessário, eles deveriam naturalmente surgir, visto que os caminhos da vida são pródigos... Se eu os havia entrecruzado na minha subjetividade, sem ao menos saber que os procurava, agora, que os queria encontrar, deveria apenas ficar mais alerta e atenta; os caminhos certamente nos conduziriam a esse encontro...

Confiei, assim, na magnitude do fenômeno de *sincronicidade*, o qual nos liga e coliga a todos os seres, em medidas precisas e preciosas, no tempo e no espaço. Algumas semanas depois recebi por meio de minha amiga, Cecília Strazieri, um convite para o lançamento do livro *Povo Cigano*, da autora carioca Cristina da Costa Pereira, promovido por Valter Vetilo. Quem sabe seria essa a noite do necessário encontro...⁹

1. 1. b. Encontro(s) externos

A noite de lançamento do livro *Povo Cigano* foi muito agradável e precedeu inúmeros outros encontros com a autora. Uma breve palestra, em tom de bate-papo, deu início à amizade com Cristina. Havia também exposição e venda de peças de artesanato cigano. Cigano? “Artesanato em cobre e bronze, tudo feito a martelo, legítima tradição cigana, sim senhora. Zurka Sbano, a seu dispor.”¹⁰ Havia intensidade e vigor naquele homem de cerca de 70 anos, cuja aparência era ao mesmo tempo franzina e grandiosa... Fiquei bastante impressionada com seu trabalho, sua inteligência e humor. Escolhi e comprei entre suas peças uma bandeja de parede.

- Que lindo trabalho, é de cobre? O desenho do círculo, a *mandala* foi criada pelo senhor?
- Sim, sou eu quem faço, esta é de cobre, mas o que vem a ser *mandala* ?
- Essa forma circular, é assim chamada em *sânscrito*, e quer dizer círculo mágico.
- Gostaria de saber mais sobre isso.

⁹ Sincronicidade, “O princípio da sincronicidade nos afirma que os termos de uma coincidência significativa são ligados pela *simultaneidade* e pelo *significado ref.*”. In Jung. *Obras Completas, vol VIII*. Rio de Janeiro, Vozes, 1971, p. 53, 906.

¹⁰ Arquivo pessoal. Imagem em anexo.

- E eu gostaria muito de saber tantas coisas também...
- Pois venha sim me visitar, moro numa barraca cigana, vivo rodeado por meus filhos e amigos do circo, num acampamento ao lado da Marginal Tietê, entre o Estádio e a Abril.¹¹

Combinamos a visita para dali a quinze dias. Uma nova etapa desta história iniciou-se naquela noite, regada a vinho, em meio a muita conversa e alegria. Um amontoado de surpresas se somariam no desvelar de minhas questões, à medida do interjogo, no devir de encontros reais, marcados por encantados momentos...

1.1.c. Encontro no acampamento cigano

Ao sair da Marginal Tietê e entrar na travessa indicada, descortinou-se um novo e velho mundo, cheio de barracas coloridas e trailers. O bar local era um ônibus aberto de um lado, com cerca colorida, toldo e jardim florido... Ciganos de carne e osso, artistas de circo, músicos, artesãos, acrobatas, palhaços, poetas rapsodos de uma cultura milenar.¹² A paisagem exótica em aparente desordem revelava outra ordem das coisas. Dois cavalos puros-sangues *apaluzes* pastavam semiconfinados em um cercado em meio às barracas; treinados e cuidadosamente zelados pelas mãos do “Capitão Zurka”, como era conhecido no mundo circense. Dimensões e possibilidades novas abriam-se aos meus olhos, trazendo cor e forma, som e realidade às dimensões que havia antes imaginado.

Naquele primeiro encontro no acampamento, levei uma cópia da história cigana, *Ao Passar das Caravanas... Ciganas...* para o Sr. Zurka ler. Queria saber se havia sentido naqueles conteúdos, ou se eram apenas frutos descabidos da minha fantasia e imaginação. Ele me recebeu com alegria e ansiedade:

- Que bom que você veio, pensei que havia se esquecido...
 - Estou muito feliz por estar aqui também, trouxe uma coisa sobre a qual gostaria muito de ter a opinião do senhor.
 - Eu também tenho uma coisa para a senhora.
- O que poderia ser? Ele entrou por alguns instantes em meio às cortinas mais ou menos transparentes que dividiam os ambientes da barraca, voltando em seguida com o meu cheque, o da compra da bandeja.

¹¹ Ibidem.

¹² Rapsodos: “Na Grécia antiga, cantor ambulante de rapsódias, (...) fragmentos de poemas épicos.” In Ferreira, A.B.H, *Novo Aurélio*, séc. XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

- Não tinha fundo? – perguntei, constrangida.
- Cigano não recebe dinheiro de cigano.
- Como assim?
- Assim... (e devolveu-me o cheque com uma sonora risada.)¹³

1. 2. Desencontros

Ao chegar em casa, contei à família esta minha primeira visita ao acampamento cigano. O meu filho André, que na época tinha onze anos, comentou espantado:

– Mãe, eu já tinha ouvido falar que cigano leva dinheiro das pessoas, mas nunca que devolve...

Esta observação aparentemente inocente levantou uma questão fundamental no tocante à temática central: Quem são os ciganos, afinal? Eles são o que nós pensamos deles, sendo que nem ao menos os conhecemos? Eles são o que são, independentemente de nosso desconhecimento? Estas perguntas partem de lugares opostos: a primeira de um conhecido pré-suposto, a segunda de um desconhecido lugar posto, mas que permanecendo invisível, ou seja, fora do alcance do nosso olhar, torna a realidade vaga, sem consistência, como se os ciganos fossem, às vezes, total ou parcialmente inexistentes. Eles se posicionaram neste lugar oculto, ou somos nós, os não-ciganos, quem os torna invisíveis, por não os querer enxergar?

Mais uma pergunta se faz pertinente neste entremeio: será que interessa ao povo cigano ter uma existência “semi-inexistente” às vistas dos *gadjés*, ou seja, dos não-ciganos? Em caso afirmativo, quais seriam estes eventuais ganhos e/ou perdas? Estariam eles mais protegidos ou ameaçados neste anônimo modo de viver? E quanto a nós, a sociedade majoritária, por que não nos interessa conhecê-los? Por que os estudos étnico-culturais, antropológico-sociais e psicológicos raramente os contemplam? Não são interessantes ou não interessam aos sistemas sócio-político-culturais majoritários? Será por essas e outras que este povo está literalmente “fora” das visões e revisões históricas de nosso país?

O povo cigano está presente na realidade nacional desde os primórdios da nossa colonização. A primeira deportação de um cigano de Portugal para o Brasil data de 1574, seguido por centenas de famílias ao longo dos séculos; por que não constam da nossa

¹³ Arquivo pessoal.

história?¹⁴ Na tentativa de recompor o mosaico que é a alma do povo brasileiro, temos literalmente desenterrado povos antigos e civilizações perdidas pré-colombianas. No desejo de reconhecer e recuperar nossas raízes temos nos voltado a tribos indígenas e africanas esquecidas e abandonadas. Às nossas raízes subjogadas e renegadas, temos nos manifestado, ainda que de forma confusa e contraditória, com legislações e políticas públicas que vão no sentido do reconhecimento étnico-sócio-cultural. Quanto aos ciganos que compõem o cenário brasileiro, por que não são sequer citados?

Os estudos, compêndios e livros de História raramente fazem menção à presença ou à existência deste povo milenar. Nas discussões sobre discriminação e racismo também não os encontramos. Não estão presentes nem mesmo entre os excluídos! Que lugar ocupam, afinal? No imaginário ocidental encontramos referências quase sempre depreciativas, como a lendária ameaça de que *ciganos roubam criançinhas*, sinalizando um alerta para o perigo da aproximação. O distanciamento mantém o desconhecimento, e o desconhecimento sustenta os preconceitos. A antropóloga Florence Ferreira, cita Teixeira, 1999, ao mencionar que a história de que os ciganos roubam crianças talvez tenha tido sua primeira versão no romance *La Gitanilla* (1615), de Miguel de Cervantes. Na história, a protagonista cigana, Preciosa, fora roubada de um casal de nobres por uma velha cigana que a criou como avó “(...) inaugurando um dos maiores filões da literatura ficcional sobre os ciganos”.¹⁵ Entre ficção e realidade a confusão se instala e acaba por reforçar o preconceito.

Se há um lugar onde podemos encontrar o povo cigano, este lugar tem sido o mundo das artes: personagens clássicos como *Carmem*, de Prosper Merimée, Esmeralda de *O Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, A Cigana Macha de Tolstoi em *O Cadáver Vivo*, o personagem Melquíades de *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Marques, *A Virgem e o Cigano*, de D. H. Lawrence rendem-lhes reconhecimento e um lugar privilegiado no imaginário ocidental. Ferrari fez um interessante trabalho na sua dissertação de mestrado, em 2002, e deu um grande passo na direção do reconhecimento deste povo como parte de nossa alteridade pelo ângulo das artes, especialmente da literatura.

¹⁴ O tema dos ciganos no Brasil, será abordado no Capítulo 2.

¹⁵ Ferrari, F. *Um olhar oblíquo – Contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. Departamento de Antropologia Social Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, 2002. ¹⁶ Lawrence, D.H. *A virgem e o cigano*. Trad. Alexandre P. Torres. São Paulo, Hamburg, 1970, p. 98.

Vejo a presença dos ciganos apenas referendada nas artes, como que em uma manifestação compensatória à ausência deles nas demais instâncias da vida objetiva e concreta. É como se os tivéssemos relegado à condição de “personagens” e não estivéssemos dispostos a reconhecer-lhes a condição de cidadãos. Como diz Lawrence num trecho do livro *A Virgem e o Cigano*, a situação do cigano como minoria étnica em meio à sociedade majoritária tem sido no mínimo um jogo desigual. “(...) A sua raça havia muitíssimo tempo travava uma batalha especial com a sociedade estabelecida e não conseguia vencer. Só de longe em longe é que marcava um ponto.”¹⁶

1.3.a. Preconceito e Racismo

Quem são os ciganos?

Na realidade sabemos muito pouco sobre o povo cigano. O povo que pensamos ou dizemos conhecer são “ilustres desconhecidos”. Como nós, os representantes das sociedades majoritárias (*gadjés*, como eles nos chamam) falamos deles, julgamos e até mesmo os condenamos, se mal os conhecemos? Dizemos conhecer os ciganos mediante os “ditos” de preconceitos seculares, mediante os quais a nossa aparente ingenuidade, automatizada e ignorante, copiosamente continua a se reproduzir, sem ao menos se questionar. Nesta questão, “conceito e preconceito” encontram-se de tal modo entremeados e articulados, que é comum encontrar definições em verbetes de dicionários que nos confundem mais do que informam:

(...) Indivíduos estranhos, de procedência ignorada, conhecidos apenas por apelidos, usando um vocabulário próprio e normalmente andando em grupos, os ciganos foram alvo constante de desconfiança e da perseguição das autoridades coloniais e das elites dirigentes do Império.¹⁷

Preconceito é conceito prévio, é opinião antecipatória formada sobre algo ou alguém partindo do desconhecimento, ou do conhecimento superficial. Comumente está associado a uma característica humana arcaica e universal, o mecanismo psicológico de *projeção*:

¹⁶ Lawrence, D.H. *A virgem e o cigano*. Trad. Alexandre P. Torres. São Paulo, Hamburg, 1970, p. 98.

¹⁷ Botelho, A V. e Reis, L M. *Dicionário Histórico Brasil, Colônia e Império*. Belo Horizonte, Eletrônica/Marcone, 2001.

podemos dizer que transferimos ou que depositamos em alguém características psicológicas que rejeitamos em nós mesmos. O termo indica “o processo psicológico de estranhamento segundo o qual o sujeito – na relação que mantém com um objeto – transcende e inclui no próprio objeto qualquer gênero de conteúdo que seja fundamentalmente de sua pertinência”.¹⁸ Segundo Jung, projeção significa transferir para o objeto um processo subjetivo, que pode-se manifestar por várias formas:

Pela projeção o sujeito se livra de conteúdos penosos e incompatíveis, mas também de valores positivos.(...) Pode-se também distinguir uma projeção passiva e outra ativa. A primeira é a forma comum de todas as projeções patológicas e normais, que não são intencionais, mas simples ocorrência automática (...) Já a projeção ativa se manifesta como ato de julgamento que visa separar o sujeito do objeto.¹⁹

Um dos conceitos mais carregados de projeção negativa, passiva inconsciente e/ou ativa consciente, é a figura do bode expiatório: “pessoa sobre quem se faz recair as culpas alheias ou a quem são imputados todos os reveses”.²⁰ O pré-conceito vem revestido de desconhecimento e ignorância tanto no que se refere a si próprio, como no tocante ao “outro”. Manter a própria ignorância, ignorando a quem se ignora, continua sendo uma boa estratégia para se manter os conceitos prévios em alta cotação, ou seja, projetando no *outro* o desconhecido em nós. Comportando-se assim, mantém-se separado “o sujeito do objeto”. Assim, o arquétipo do bode expiatório fica pronto para ser servido: pode ser jogado cru aos leões, cozido, assim ou assado. Por meio destes mecanismos sentimo-nos de certa forma “livres” do(s) atributo(s) não desejável(eis), que ameaçam nossa interioridade; ficamos também livres de possíveis culpas, uma vez que o pacote do bode expiatório nos redime delas. Afinal ele, o bode, representa também o arquétipo do culpado *per si*, sendo portanto *merecedor* de nosso repúdio e/ou indiferença. O povo cigano é um dos povos que têm servido secular e internacionalmente a este papel.

Na Europa, o preconceito que envolve o povo cigano continua sendo temática polêmica. Uma pesquisa feita em 1993 pelo Times Mirror Center em doze países europeus demonstrou isto, como pode-se observar na transcrição da manchete do jornal *O Globo*.

¹⁸ Pieri, 1998.

¹⁹ Jung, 1971, p. 881.

²⁰ Ferreira, op. cit.

Cigano, o povo mais odiado da Europa

BRUXELAS – Os livros de História raramente os mencionam. Mas, no século passado, quando o Brasil discutia a Abolição, eles foram escravizados na Romênia. Na Segunda Guerra Mundial foram tão perseguidos quanto os judeus, meio milhão de ciganos morreram nos campos de concentração. Mais recentemente na guerra da Bósnia–Herzegovina, têm sido, ao lado dos mulçumanos, as principais vítimas da “limpeza étnica” empreendida pelas forças sérvias.

Na nova Europa, que assiste a um ressurgimento do nazismo, os ciganos se converteram no povo mais odiado e discriminado (...) Os tchecos e eslovacos detestam os alemães, que juntamente com os búlgaros não toleram os turcos. E os húngaros sentem uma profunda aversão pelos romenos. Mas todos têm uma antipatia comum: 90 por cento dos entrevistados na República Tcheca e na Eslováquia, 79 por cento na Hungria, 70 por cento na Bulgária, 59 por cento na Alemanha e 50 por cento na Espanha odeiam os ciganos. O ódio tem se transformado em violência. Centenas de casas ciganas, na Alemanha, na Espanha, na Polônia e na Romênia foram destruídas por skinheads, “cabeças raspadas”, ou pelos próprios vizinhos (...) Na República Tcheca, bares e restaurantes ostentam cartazes avisando que a entrada de ciganos é proibida (grifos nossos).²¹

Apesar da manchete sensacionalista, a matéria parte de uma pesquisa feita na Europa Central e chama a atenção para a gravidade e o desconhecimento do problema. Pode-se dizer que o preconceito contra o povo cigano já está arraigado na consciência coletiva do mundo ocidental, caracterizando-se, portanto, como um fenômeno de projeção negativa ativa, ou seja, consciente e intencional, já que eles “têm sido, ao lado dos mulçumanos, as principais vítimas da ‘limpeza étnica’”.

A imagem dos ciganos está de tal forma impregnada por preconceitos, principalmente pejorativos, que ainda hoje é necessário um árduo esforço para traçar caminhos que garantam a neutralidade a um trabalho de pesquisa sobre o assunto. O estigma que os ciganos carregam chega mesmo a apresentar-se em verbetes de dicionário, generalizando e propagando preconceitos. A esse respeito, Goffman comenta: “Enquanto o estranho está à

²¹ *O Globo*, Caderno Mundo, 30 de maio de 1993.

nossa frente podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros (...). Assim deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma”.²²

Desde o início deste trabalho, compartilho desse estigma com os ciganos. Parentes e amigos estranharam e ainda estranham, incomodaram-se e ainda incomodam-se com o meu visível e crescente interesse pela temática cigana. Era (e ainda é) usual ouvir o questionamento sobre minha dedicação gratuita a esse povo “esquisito, estranho, sujo, pobre e ladrão”. Este tipo de comentário, carregado de estigmas, instigava ainda mais o desejo de saber, a necessidade premente de “mergulhar naquele universo totalmente desconhecido, mas naturalmente familiar”.²³ À medida que convivía com o *rom-barô* (velho sábio cigano) Zurka Sbano, percebia fatos e aspectos que comprovavam a nossa ignorância.

- Eu queria saber dele (Zurka) se ainda há preconceito contra os ciganos?
- O preconceito existe, hoje menos, mas antigamente era terrível. Antigamente, vamos dizer, há cem anos, se um cigano ficasse doente, médico não tratava.
- Mas por quê?
- Porque era cigano... então fomos obrigados a formar dentro das tribos – porque naquele tempo existiam tribos – um curandeiro (*kaku*) para nos atender, porque médico não tratava. Meu avô contava que quando ele estava indo da Espanha para a França pela estrada de La Prata, a diversão dos camponeses era apedrejar as carroças. A verdade de um cigano nunca valeu nada, a mentira de um não-cigano tinha mais valor. Então preconceito sempre existiu, hoje mais amenizado, hoje já não é tanto assim. Tem pessoas até simpáticas aos ciganos, que gostam deles, outras ainda não; mas tem muita gente que gosta dos ciganos como folclore; agora, não gostam que ele entre em sua casa... Tem esse medo. Falou cigano, falou ladrão. Ninguém pode dizer uma coisa sem comprovar, não é verdade?²⁴

Os ciganos têm servido ao papel de depositários de nossa sombra. Mas quais seriam as razões?

Sabemos que para que um mecanismo projetivo efetivamente “cole” é preciso haver um “gancho”, ou seja, algo que sintonize e faça aderir ao sujeito a temática projetada. Segundo Jung): “(...) tudo o que atua no inconsciente aparece projetado nos outros. Não que

²² Goffman, E. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 1998, p. 12.

²³ Contrucci, op. cit., p. 9.

²⁴ Entrevista de Marcelo Rubens Paiva. *Fanzine*, TV Cultura, 1993. As perguntas dirigidas a Sbano ora eram de Marcelo R. Paiva, ora de participantes da platéia.

os outros sejam totalmente isentos de culpa, pois mesmo a pior projeção está presa a um gancho que, por muito pequeno que seja, é ainda um gancho oferecido por outrem”.²⁵ Em relação aos ciganos, quais seriam estes ganchos?

Primeiro, precisamos considerar que os ciganos são um povo, uma etnia com costumes e leis próprias, singulares. Além dos caracteres peculiares, seu código e suas regras de vida são aplicados e devidamente alterados de acordo com a necessidade do momento – o que os torna imprevisíveis. A preservação e a defesa de sua cultura é parte da estrutura inerente à sua sobrevivência. Aprendi no convívio com este povo singular que, entre suas inúmeras características, a esperteza é considerada uma qualidade fundamental.

Mas, na prática, como funciona esta característica?

1.3.b. Preconceito, mentiras e verdades

Em meio a caminhos e descaminhos a individuação deste povo tem se feito de modo ímpar, muito diverso das culturas majoritárias. Como camaleões, apresentam-se conforme a expectativa do “freguês”. Trocam de nomes, de funções, de papéis, camuflam-se e transmutam-se, não apenas a seu bel prazer, mas atrelados ao tom da necessidade. Regidos por leis próprias, dão às nossas verdades outro valor.

Sobre a acusação de serem trapaceiros e ladrões, desde os primórdios da convivência com o ocidente, no século XV, estas questões, no mínimo não podem ser generalizadas. Salvo raras exceções, não vamos vê-los assaltando ou invadindo um recinto à mão armada, nem executar roubos ostensivos ou violentos; por outro lado, podemos vê-los orgulhosos por terem levado vantagem, enganado ou tirar proveito da ingenuidade de quem deixou-se enganar... Sendo assim, o problema ou a responsabilidade de se deixar enganar, fica por conta da própria pessoa ludibriada. Quanto ao *cigano*, levará como qualidade e honra a merecida vantagem em cima do *gadjé*. Para ilustrar essa questão Zurka Sbano costumava contar uma paródia cigana:

Conta-se que um cigano queria vender seu cavalo que já estava velho e cego de um olho. Preparou o cavalo para a venda; lustrou-lhe o pêlo, deu-lhe para comer umas ervas estimulantes, devolvendo ao animal a aparência de beleza e vitalidade. O comprador encantado perguntou desconfiado: – Este cavalo está muito bonito e o preço está bom, deve

²⁵ Jung, 1971, p. 52, 99.

haver alguma coisa errada... Ao que o cigano respondeu: – O senhor pode ver e conferir, se há alguma coisa de errado com ele, está na vista. Três dias depois do negócio fechado o comprador volta muito bravo: – O senhor me vendeu um cavalo cego de um olho! Ao que o cigano tranqüilamente respondeu: – Mas eu falei para o senhor que o que havia de errado estava na vista...²⁷

Não é apenas o comércio de cavalos que caracteriza o maneirismo cigano de levar vantagem. Segundo Ferrari, “os matizes do ofício dão a ver uma certa técnica dos ciganos para levar vantagem na transação”.²⁸ Nas demais atividades, nas transações comerciais, em geral, encontramos sempre o mesmo traço presente: a *esperteza* nas negociações. Mas não é este também um dos *modos operantes* predominantes da cultura ocidental, particularmente do nosso sistema capitalista?

A geógrafa Virginia Bueno comenta que a mentira cigana é parte integrante de seu mecanismos de resistência cultural e inclui a relativização da verdade como um dos aspectos que dificulta os estudos sobre a sua etnia. Bueno cita na sua dissertação de mestrado: “Se você faz a mesma pergunta para vinte ciganos, receberá vinte respostas diferentes. Por outro lado, se você faz a um cigano a mesma pergunta vinte vezes, ainda conseguirá vinte respostas diferentes”.²⁹ Se, de um lado, manter a cultura cigana distante do conhecimento da cultura majoritária tem sido um eficiente mecanismo de defesa, de outro, a desinformação tem sido espaço propício a projeções destrutivas e maciças... Para os ciganos, a função desse mecanismo evasivo é basicamente a auto-proteção.

O Capitão Zurka costumava emitir sonoras risadas sobre a questão da verdade e da mentira no entender da cultura cigana:

As leis dos *gadjes* para nós tem um relativo valor. Dizemos a eles o que convém ser dito, ou o que sentimos que eles desejam ouvir. A verdade de um homem não cigano é muito diferente da verdade cigana, porque essas regras ou verdades são

²⁷ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

²⁸ Ferrari, 2002, p. 86.

²⁹ Bueno, Virginia. *Espacialidade e Territorialidade dos grupos ciganos na cidade de São Paulo*. Antropologia, FFLCH, Universidade de São Paulo. 1990, p.48. O exemplo citado encontra-se em: Locatelli, M.A. *O Ocaso de uma cultura*. Santa Rosa, Barcelos, 1981, p. 17.

construídas pelo homem em determinado contexto e circunstância, então elas são sempre relativas... não têm significado por si mesmas.

A verdade do cigano é fruto da natureza. Como uma mãe que nos guia e protege, seguimos, obedientes, as suas mensagens. Ela nos instrui, alerta e guia, se pudermos compreender os seus sinais. Faz parte das tarefas ciganas aprender a ler a natureza e suas leis. É menos importante para nós a lei construída pelos homens, apenas o suficiente para que possamos negociar e sobreviver... É certo que temos as nossas próprias leis também, mas elas são parte desta mesma natureza. Somos receptivos à intuição, à revelação dos sonhos, aos sinais que se apresentam nos caminhos. Se para os *gadjés*, o nosso universo é praticamente sem valor, para nós, o mundo deles tampouco nos diz respeito.

Mas somos políticos, falamos o que os *gadjés* desejam ouvir, eles ficam satisfeitos, e nós, também...³⁰

Os ciganos, à sua maneira, sabem que a “verdade” não existe por si mesma, e não se acanham em lidar com ela de forma irreverente, por vezes jocosa. Nietzsche em *Sobre a Verdade e a Mentira no sentido extra-moral*, denuncia de forma ousada e desafiadora esta pretensão à verdade de nossa cultura e civilização ocidental. Ele descreve os mecanismos dissociados que usamos para construir e fixar as verdades no âmbito que, doravante, devemos seguir, e seguir como rebanhos. O filósofo comenta ainda que as verdades e seus construtos teóricos estão distantes da vida que lhes deu origem e que a *metáfora* e a *linguagem simbólica* são mais próximas da experiência e de sua essência.

Os ciganos estão culturalmente ancorados no departamento do *simbólico*. A palavra símbolo significa unir os opostos, ou lançar juntos aspectos conhecidos e desconhecidos, conscientes e inconscientes, isto e aquilo.

No que se refere à questão de suas origens, comumente os ciganos dão respostas abertas, vagas ou contraditórias. Respondem com naturalidade que vêm do Egito e/ou da Grécia, da Índia, ou talvez da Romênia, da Espanha e também da Turquia e ou da Hungria etc... Como nômades, podem vir, e realmente vêm, de toda parte do mundo. Eles não estão preocupados em especificar, ou delimitar sua origem, território e trajetória. “Parece, dizem os

30 Arquivo do Centro de Tradição Cigana..

antigos que viemos do Egito, mas não estamos interessados nesses fatos históricos da mesma maneira que vocês”, respondeu Zurka a Marcelo Rubens Paiva, na já citada entrevista.

Já a nossa sociedade majoritária é imbuída na direção de fixar, de *delimitar a verdade*: “Afim, de onde vêm os ciganos? Dizem que saíram do Egito, mas mentem...”, afirmou, em 1587, Lourenço Palmireno:

(...) Os ciganos em geral diziam-se vindos do Egito e daí os nomes de *gitano* que têm na Espanha e de *gipsies* que lhes dão os ingleses (...)
Quem são os ciganos? Responde: Esta gente ruim, no ano de 1517, começou na Alemanha, aonde lhes chamam tártaros ou gentis. Na Itália, ciganos. Fingem que saíram do Egito Menor e que estão em peregrinação por penitência e, para provar isto, mostram cartas do rei da Polônia. Mas mentem porque sua vida não é de penitência, sim de cachorros e ladrões... falo com eles na língua do Egito, diziam que como haviam saído de lá há muito tempo, não a entendiam. Falo com eles em grego vulgar, alguns entendem os outros não. E a língua que trazem é fingida.³¹

Um maniqueísmo reduutivo separa, restringe, e desune o modelo de pensar cartesiano, de modo a criar a instância *da verdade*. Acabamos assim acessando uma forma única de pensar. Em oposição à palavra grega *simbolon*, a palavra *diabolon* significa separar ou lançar separado o que estava junto. Esta nossa mesma civilização, dissociada, ainda projeta esta entidade demoníaca em quem “ousa” denunciar as dicotomias esquizóides e seus construtos. As falas pomposas carregadas de pretensas “verdades” tornam-se brinquedos nas mãos dos ciganos. A sociedade majoritária não pode perdoar as ousadias destes poetas, malabaristas, filósofos, místicos e palhaços...

A verdade e a mentira mesclam-se para dizer ao não-cigano, ao *gadjé*, o que ele deseja ou *pode* ouvir. Ora o tom é fabulista, um enfeite, um “certo” modo de contar, omite ou realça os fatos, ampliando a gama de nuances de uma mesma verdade. “Ciganos não

³¹ “(...) Os tsiganos em geral diziam-se vindos do Egipto e d’ahi os nomes de gitano, que teem na Hispanha, e de Gipsies que lhes dão os Ingleses (...) Que son Gitanos? Responde: Esta ruyn gete, año1517, començo en Alemaña, aonde les llaman Tártaros, o Gentiles: en Italia Zingaro. Fingem que salieron de Egipto menor, y que tienen su peregrinación por penitencia: y para prouar esto muetra cartas del Rey del Polonia. Pero mienten, porque su vida no es de Penitencia, sino do perros y ladrones... Hablo com elles en lengua de Egipto, dezian, que como auia mucho tiempo que eran salidos de alla, no lo entendian. Habloles en Grigo vulgar, unos entendian, otros no...e la lengua que traen es fingida, (...)” Citado em: Coelho, ^a F. *Os Ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*. Congresso Internacional dos Orientalistas. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, p. 77, 78.

mentem, inventam verdades”, diz um dito cigano. Ora, a mentira na relação com o não cigano tem o peso e a intenção de sobrevivência: neste interjogo, preservam a sua identidade cultural.

Nem sempre, porém, a relação com o *gadjé* passa por esses crivos de distanciamento e defesa. Quando a relação cigano–não cigano for fundada e estabelecida com base na confiança mútua, quando a relação for de respeito e alteridade, eles se apresentam íntegros, genuínos, com qualidades e defeitos como qualquer povo, mas, e principalmente, com o colorido de uma cultura única.

Não é usual, mas ao longo dos tempos costumam acontecer algumas relações que inauguram encontros literais, construídos com base no respeito e na confiança... Questões delicadas e polêmicas puderam ser mais bem compreendidas a partir dessas premissas. Intercâmbios culturais genuínos, informes preciosos e originais têm sido revelados. Como exemplo, posso citar:

François de Vaux de Foletier, arquivista e historiador francês. Apaixonado pelos ciganos, não se contentou em estudar-lhes a história e quis viver entre eles e acompanhá-los em suas peregrinações.³²

Federico Garcia Lorca, (1898-1936), poeta espanhol, amigo dos *gitanos* de Granada, sua cidade natal, dedicou-lhes uma coletânea de poemas intitulada: *Romancero Gitano*, fruto de sua convivência com eles. Nesses poemas, ele descreve a rotina *gitana* andaluza, repleta de arte, martírio e perseguição. Lorca contribui para que, por meio de sua obra, possamos conhecer um pouco mais da vida e da intimidade dos seus amigos pessoais: os *gitanos* andaluzes espanhóis.

Isabel Fonseca, jornalista norte-americana de descendência judia-espanhola, construiu um caminho relacional com a mesma base de amizade e confiança com os ciganos do leste europeu. É autora de um dos livros mais completos e fidedignos da contemporaneidade. Sob o título *Enterrem-me em Pé*, ela revela as adversidades e alegrias, enfim, a vida diária desses ciganos. Fonseca compartilhou a rotina da *romá* no seio de famílias tradicionais ciganas entre 1991 e 1995 na Europa Oriental. Nessas dinâmicas relacionais construídas com base na dinâmica de alteridade, os ciganos costumam não esconder os fatos, nem

³² Entre suas principais obras, estão: *Mile Ans d'histoire des Tsiganes* (1970), *Les Bohémiens en France au XIX^{ème} siècle* (1981) e *Le Monde des Tsiganes* (1983).

maquiar ou omitir ocorridos, sejam eles bons ou maus. Os assuntos são relatados e partilhados por todos que comungam de sua intimidade, incluindo as crianças.

Porém, tenho percebido que quando o assunto é a língua cigana, ou seja o *romani*, a reserva cigana volta a se manifestar, pois a língua cigana é considerada sagrada por eles. “O *romani* é a língua que recebemos de Devel (Deus) para nos identificar e nos distinguir dos *gadjés*. O povo cigano se reconhece só de olhar, mas quando há alguma dúvida a língua pode ser decisiva.”³³ O *romani* é um dos elementos principais que forja a identidade desse povo e caracteriza sua cultura. Segundo os ciganos tradicionais, ele deve ser mantido fora do alcance *gadjé*. Fonseca, nas suas tentativas de aprendizagem do *romani*, recebeu algumas “instruções e advertências” de um cigano letrado. “Para cada palavra cigana que você anota no seu caderninho temos mais três para lhe confundir, e mesmo que você aprendesse todas as palavras, não teria como saber o sentido de cada expressão, pela entonação a ela atribuída. (...) Eu era *gadji*, portanto devia falar a língua dos *gadjé*, essa era a lógica deles.”³⁴ Resposta semelhante deu um jovem cigano à repórter Ilse Camparine: “Se eu lhe ensinasse a minha língua estaria traindo os meus ancestrais”.³⁵

1. 3.c. Preconceito e mistério

“Misteriosos até para nós mesmos”, afirma o cigano Hugo Caldeira.³⁶

Se há uma característica essencialmente fidedigna às atribuições dadas aos ciganos, esta se refere aos seus mistérios. A palavra “mistério” carrega inúmeros significados inatingíveis, pois para que um mistério o seja realmente, por definição, não pode ser decifrado. Mesmo explicado e analisado, deve pelo menos em parte permanecer misterioso. A palavra vem do grego *mystérium*, de *myein* (*fechar, estar fechado*), e define o que não pode ser compreendido. Refere-se ao sentido do sagrado, ao que se faz *impenetrável* à razão humana, podendo ser intuído, e até mesmo experienciado, mas apenas percebido pelos sentidos não-rationais.

³³ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

³⁴ Fonseca, I. *Enterrem-me em pé*. A longa viagem dos ciganos. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 71.

³⁵ Documentário produzido para televisão. *O Globo Repórter*, especial “Os Ciganos”, 1995.

³⁶ Caldeira, H. *A Bíblia e os Ciganos*. Belo Horizonte, O Escriba, 1996, p. 101.

O atributo de mistério que envolve os ciganos lhes confere certo “poder” que nos escapa... O escritor Victor Hugo, descreve como “misterioso e fascinante” o povo cigano, atribuindo à sua personagem, Esmeralda, essa aura misteriosa, que vai além do que se vê, e é mais do que se pode descrever. “É uma sobrenatural criatura. Em verdade é uma salamandra, uma ninfa, uma deusa, uma bacante do monte de Menelen”.³⁷ Por outro lado, Esmeralda é (apenas?) uma jovem mulher cigana, a quem a sociedade majoritária projeta poderes sobrenaturais, elementais, inspiradores, divinos e demoníacos, mas essencialmente dionisíacos.

Os mistérios ciganos intermedeiam o encontro na relação heterônima e são parte fundamental de seus ofícios; traduzidas de forma excepcional nas artes divinatórias, *buena ditcha*, *buena-ventura*, leitura da sorte e pode ser *lida* por meio de inúmeros inter-médios: bola de cristal, borra de café, quiromancia (leitura da mão), cartomancia (leitura das cartas como o Tarô), oniromancia (leitura por meio dos sonhos) etc. Estes atributos têm perpetuado os ciganos na sociedade majoritária como seres que intermediam mundos, entre o real e o sobrenatural, no reino do místico, natural dos mistérios, ou como diz a canção: “A cigana leu o meu destino,/ eu sonhei,/ bolas de cristal, jogo de búzios,/ cartomante (...)”.³⁸

Zurka comentava que o encantamento que o cigano causa no homem ocidental é semelhante ao efeito de fogos de artifícios. Há sempre um brilho, um *glamour*, um fascínio, palmas e risos, uma fase de empolgação e entusiasmo, mas, de repente, tudo termina, o brilho temporário apaga-se dando lugar à escuridão novamente. Quanto ao espetáculo circense, outra profissão típica e original dos ciganos desde a Índia antiga, traz o cigano como o artista que tem o poder de brilhar, atrair a atenção, fazer seu número e desaparecer quase magicamente, como se deixasse de existir. A mágica, os truques, os *malabares*, a graça do palhaço, a leitura da sorte, o feitiço da dançarina, ocupam também o lugar do fantástico.

Quando fecham-se as cortinas do espetáculo, é como se encerrasse também o intercâmbio entre os dois mundos (...) As pessoas sentem-se atraídas por nós, algumas encantam-se, outras podem até simpatizar com a gente e com o nosso

³⁷ “... *c’était une surnaturelle créature. En vérité, c’est une salamandre, c’est une nymphe, c’est une déesse, c’est une bacchante du mont Menalau.*” In Hugo, V. (1831) *Notre Dame de Paris*. Paris, Gallimard, 1935.

³⁸ “O amanhã”, música e letra de João Sérgio.

estilo de vida, mas de modo geral elas não querem um contato real, elas não se interessam realmente.³⁹

Nesta afirmação de Zurka, pode-se perceber certo ressentimento relacionado ao não reconhecimento, pelos *gadjés*, do cigano como pessoa, mas estritamente identificando-os com o papel que representam. Sob o olhar da psicologia analítica, podemos dizer os ciganos são identificados com a *persona* que desempenham, quase exclusivamente. A *persona* é uma das funções estruturantes da psique, que intermedeia o ego e o mundo exterior, permitindo-nos adaptar à realidade externa. *Persona* é o arquétipo do ser gregário. No que se refere ao povo cigano, fica aqui a observação de que eles possuem facilidade extrema e flexível quanto ao manuseio adaptativo e volátil do encontro com o outro, nesta primeira camada da função identitária que é a *persona*.

Como função social, ou seja, no desempenho do *papel*, segundo a terminologia do Psicodrama, podemos dizer, segundo Naffah que o papel revela uma função que permanece camuflada no rótulo, a função do *role* (em inglês, papel), ou função de “enrolar”, e significa, segundo definição do dicionário *Aurélio*, entre outras coisas: embrulho, coisa enrolada, esconder, tapear.⁴⁰

O problema se constela quando os ciganos são fundidos ou confundidos apenas com essa faceta da personalidade (personalidade aqui entendida como psique, ou seja, relativo às instâncias conscientes e inconscientes). Reduzidos à parte, à aparência dos papéis que desempenham e não reconhecidos como seres humanos singulares e complexos, na sua totalidade. A *romi* Rita Nicoli comentou comigo a esse respeito: “Quem está na festa, na rua, no circo, no mercado ou dentro do banco, antes de ser cigano, é uma pessoa...”.⁴¹

Persona e mistério caminham em pólos opostos, mas complementares. Se, por um lado, *persona* é parte explícita do comportamento manifesto, mistério faz parte do implícito das muitas possibilidades da *persona*, correlatas e relacionadas ao si mesmo, ou seja, ao *self*. Talvez como um movimento de gangorra, compensatório e opositivo, se constele nos ciganos; de um lado a *persona* volátil, enrolada e aparente, em oposição complementar aos

³⁹ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

⁴⁰ Naffah, A N. *Descolonizando o Imaginário*. São Paulo, Plexus, 1987, p. 170-171.

⁴¹ Arquivo pessoal.

misteriosos, estruturantes e também mutantes e infindos *modos operanes* da *persona*, assim como do *self*.⁴²

1. 3.d. Preconceito e sombra

Ao sistema projetivo de nossas partes negadas, a psicologia analítica denomina *sombra*. Jung, em seu ensaio de 1917 sobre a *Psicologia do Inconsciente*, fala da sombra como o *outro* em nós: “Por sombra, quero dizer o lado negativo da personalidade, a soma de todas aquelas qualidades desagradáveis que preferimos ocultar (...)”, e preferivelmente transferir ao outro. “É preciso que haja alguém, em algum lugar, que esteja recebendo a projeção desse conteúdo. Caso contrário, ela o sentiria dentro de si.”⁴³

Parece ser mais confortável para a sociedade majoritária atribuir aos ciganos características tidas como pejorativas, como se estas lhes fossem específicas e exclusivas. Rejeitá-los parece então ser uma forma justificável de rejeitar essa *porção da sombra* que habita toda a humanidade, pelo menos em potencial. Talvez recusando os ciganos tenhamos a ilusão de livrar-nos dos defeitos que nos espelham. A sombra que recusamos carrega a perigosa carga do reprimido. Assim sendo, sentimos o *outro* como perigoso, este *outro* que também sou eu... Citando Loureiro: “A realidade social que se recusa é vivida como desencantada, marcada pela (...) abstração racionalista e dissolução dos vínculos sociais. Tais modificações empobrecem grandemente a subjetividade do indivíduo...”.⁴⁴ Seguindo este caminho, todos, ciganos e não-ciganos, perdemos.

A sombra ganha colorido especial quando se trata dos ciganos. Assim, o personagem Melquíades de *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Marques, traz na sacola toda novidade do mundo. Fundamentado na magia da “arte de negociar”, *encanta* e ao mesmo tempo *desencanta* o cliente, visto que também trapaceia e leva vantagem. Este é um interjogo complementar e recorrente no universo heterônimo cigano–não cigano. Ferrari comenta que o homem ocidental tem sido o eterno “cliente” do cigano; podemos complementar dizendo que se os ciganos têm ganhado, certamente também têm perdido

⁴² O termo inglês *Self* “denota o conjunto complexo dos fenômenos psíquicos de um indivíduo (...) tanto consciente, quanto inconsciente (...)”, in Pieri, op. cit.

⁴³ Jung, 1971, vol VII/1, p. 141.

⁴⁴ Loureiro, I. *O Carvalho e o Pinheiro – Freud e o estilo romântico*. São Paulo, Escuta/Fapesp, 2002, p. 195.

nesta negociação, ao pagar um preço alto pelo papel de depositários da projeção maciça da sombra do cliente.

Referente à relação (cigano–não cigano), o sociólogo francês Delsouc escreve:

A natureza das relações ciganos–não ciganos é a de dominantes–dominados. O *status* de dominante é exercido pelos não ciganos em relação aos ciganos. Ele é ligado a um sentimento de superioridade, que pode levar ao racismo (...).⁴⁵

No contato com o consciente, a sombra assume aspectos valorativos, de acordo com as regras da sociedade vigente: certo e errado, bom e mau, superior, inferior etc. O sentimento de pretensa superioridade que o homem ocidental *dominante* sente em relação ao povo cigano, visto como inferior e *dominado*, denuncia práticas racistas que vêm se arrastando há séculos.

O professor Paula de Carvalho cita a “imagem espelho” que o *rom* devolve ao *gadjé*. “São o contratipo da sociedade emergente; ociosos num mundo centrado no trabalho”.⁴⁶ Um exemplo é o epíteto dirigido aos indivíduos dessa cultura: “cigano vagabundo”. De fato, a relação que o cigano tem com o trabalho é muito diferente da nossa. Eles tem diversas profissões, mas tem *outra* relação com o trabalho: “Trabalhamos quando e como queremos”. Assim, são considerados não interessantes ao sistema: *inúteis ao Estado*. Podemos dizer que eles trabalham para viver mas, realmente, não vivem para trabalhar... A fábula de La Fontaine, *A cigarra e a Formiga*, retrata essa relação hostil, um tanto trágica, um tanto cômica, mas essencialmente real e cotidiana desta dinâmica relacional ciganos e não ciganos, no que se refere à questão do trabalho. Maria de Fátima Santos Ferreira Pinto, deu este título à sua dissertação de mestrado: *A Cigarra e a Formiga: Contributos para a reflexão sobre o entrosamento da etnia cigana na sociedade portuguesa*. Nesse trabalho, ela associa a formiga, em uma perspectiva capitalista, à relação sistematizada do trabalhador

⁴⁵ “La nature des rapports Tsiganes–non Tsiganes. Les rapport Tsiganes–non Tsiganes sont des rapports dominants / Domines. Le statut des dominants est exercé par les non Tsiganes à l’encontre des Tsiganes. Il est lié à un sentiment de supériorité pouvant débouher parfois du racisme.” Delsouc, M. “Approche socio-ethnologique de l’identité tsigane”. In Drobenko, B. *Territoires et minorités: la situation des gens du Voyage-Limoges*. France Pulin, 2004, p. 47.

⁴⁶ Paula, C.J.C. *Ima(r)ginalidade Cigana: o imaginário das margens e a mitocrítica de uma estória de vida*. Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, p. 46. (Texto não publicado.)

especializado e dicotomizado em relação a si mesmo. E a cigarra, à relação de liberdade na preservação de seus valores:

A perspectiva da formiga é caracterizada por um grau de especialização extraordinariamente complexo, (...) e racional (...) guiado pela lógica em que dinheiro e prestígio se confundem (...) acaba por se alienar, alhear-se do seu ser genérico, afastar-se da sua própria essência. (...)

E no contrário para algumas sociedades pré-industriais e tal como para a cigarra, trabalho e vida não estão relacionados como um meio para seu fim. Para um olhar desprevenido e etnocêntrico, poderá ser considerado excêntrico ou irracional a facilidade com que largam as suas atividades econômicas e o desprendimento que revelam face ao dinheiro ou aos bens materiais. Se no calor de uma briga rasgam o dinheiro que possuem, da mesma forma que partem a televisão ou queimam os haveres, só para exteriorizarem a sua tristeza.

A liberdade que teimam em preservar, mesmo nas condições mais adversas, incomoda a sociedade moderna e unidimensional, pouco tolerante à diferença e cega a uma perspectiva do homem dissociado das motivações e determinações econômicas. E é porque insistem em ser e viver como ciganos que a sociedade lhes continua a dizer o que a formiga retorquiou à cigarra: “Cantavas? Pois dança agora”.⁴⁷

A imagem de “vagabundos” reflete a sombra do homem ocidental, que os rechaça, oprime e lhes delega um *lugar* compulsório da nossa contraparte reprimida e, conseqüentemente, *desejada, como diria Freud*. E sem nos darmos conta de que não é possível livrar-nos das dimensões que nos habitam... elas (as partes negadas), assim como os ciganos, sobrevivem bravamente, a despeito de nosso rechaço.

Edward Withmont comenta que a sombra é o arquétipo do inimigo *per si*, e que existem implicações sociais e coletivas referendadas ao problema da sombra. “Elas são espantosas, pois nelas estão as raízes do preconceito e da discriminação social, racial e nacional. Toda minoria, todo grupo dissidente, carrega a projeção da sombra da maioria.”⁴⁸ No caso do povo cigano, agrega-se o fato de se tratar de uma minoria étnica, e de *permanecer estrangeiro* em qualquer parte do mundo, uma vez que não possuem nem pleiteiam possuir uma pátria.

⁴⁷ Pinto, M.S.F. *A Cigarra e a Formiga: Contributos para a reflexão sobre o entrosamento da etnia cigana na sociedade portuguesa*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 1995, p. 157, 197.

⁴⁸ Withmont, E.C. “A Evolução da sombra”. In *Ao Encontro da Sombra*. São Paulo, Cultrix, 1994, p. 42.

Aliados a esta estrangeirice crônica, os ciganos também trazem o dom de encantar, mas também o de desencantar. Comumente, ao ver-se flagrado no engodo de uma negociação, o representante da sociedade majoritária se enfurece e sente a ofensa como imperdoável. É que, para além do fato da negociação em si, o que parece “pegar” mesmo é o fato de se ver ludibriado, passado para trás, feito de bobo e ainda por um representante de um grupo considerado “inferior”. É o dominado dominando o dominante.

Vale incluir aqui um relato muito singular, descrito no *Diário de Notícias* em 31 de maio de 1884, que tem o título *Bruxarias da actualidade*: “Deve ser julgado hoje, no 1º districto criminal, um processo a respeito de crime cuja história nos parece interessante, e que se revela astúcia da parte dos auctores, não é decerto um grande elogio à esperteza dos queixosos.” (grifo meu).⁴⁹

Para ilustrar este fato, na atualidade, incluo um depoimento do jornalista Peter Godwin, responsável pela matéria “Ciganos, Eternos Intrusos”, publicada na revista *National Geographic*. O título já nos leva a questionar: *Intrusos?* A eles estaria vetado o direito humano de estar, de ir e vir, de viver em qualquer terra? Durante a produção da matéria, ele visitou um vilarejo na Transilvânia, no leste europeu – um dos lugares de mais alta tensão e pressão social na convivência *rom-gadjé*. Em meio a uma das entrevistas, o repórter foi flagrado em um engodo por cerca de trinta ciganos e confessa: “Além do susto e de marcas roxas, o que mais sofreu foi a imagem benigna que eu tinha dos roma como um povo incompreendido e injustiçado” (grifo meu).⁵⁰ Por conta confessa dessa desilusão, a imagem benigna dos ciganos realmente foi a que mais sofreu; o título e o teor da matéria são consequência do incidente, e a matéria reforçou ainda mais o secular preconceito. Ter uma imagem “benigna ou maligna” dos ciganos é ter preconceito de qualquer modo. As generalizações são sempre tendenciosas e perigosas.

Levanto, agora, algumas características que este imaginário ocidental carrega, das imagens que projeta como sombra (individual e coletiva) no povo cigano. Delsouc separa essas características em aspectos negativos e positivos. Entre as características negativas, ele cita a *desonestidade* no traquejo comercial e a *mendicância* aliada à *pobreza* e à *sujeira*.⁵¹ A

⁴⁹ Coelho, A. *Os Ciganos de Portugal com um estudo sobre o Calão*. Lisboa, Imprensa nacional, 1892, p. 208.

⁵⁰ Godwin, P. “Ciganos, Eternos Intrusos”. Revista *National Geographic*, abr. 2001, p. 86.

⁵¹ Delsouc, op. cit., p. 49.

esse respeito o referido repórter da *National Geographic* confessa sua surpresa ao entrar em uma casa cigana na Eslováquia: “Fico surpreso ao ver que lá dentro tudo é muito limpo e acolhedor”.⁵²

No tocante à magia, diz Delsouc, os ciganos são vistos como “detentores de poderes ameaçadores e diabólicos” por trazerem na bagagem a oracular leitura da sorte, ou *buena-dicha*. O misticismo cigano causa atração, fascínio e medo. Incluo também a atribuição a eles de certo *fascínio instintivo*, evocativo no imaginário ocidental de fantasias sexuais e amorosas arrebatadoras e selvagens. A *paixão* cigana foi e continua sendo temática freqüente na literatura, música, cinema e dramaturgia.

Entre os caracteres positivos neles projetados, destacam-se: a *simpatia*, a *alegria* e a sua reconhecida habilidade nos entretenimentos como *música*, *dança*, *espetáculos mambembes* e *circenses*. O sociólogo francês levanta também traços como *solidariedade*, presente em sua vida grupal. Cita ainda a *liberdade*, já que são chamados de “filhos do vento” (*les fils du vent*). Livres e imprevisíveis como os elementos da natureza, seu modo de vida seria pleno de movimento: volúvel, imprevisível, nômade. O modo *cigano de ser*, como símbolo do arquétipo do homem livre, fora da lei, em um sentido amplo.

Fonseca acrescenta dentre os atributos ciganos: o de “povo menos obediente do mundo”, característica essa que é invertida quando se refere às leis que regem a *Romipen* (leis da romá), ou seja, obedecem fielmente às suas próprias leis. De qualquer modo, com relação às sociedades majoritárias, podemos dizer que eles costumam andar na contra mão. A imagem do cigano assume assim uma parceria íntima com a sombra do homem ocidental, tanto positiva quanto negativa. Possuem códigos, leis e ética próprios; estão portanto fora do nosso sistema de valores e das categorias que regem o mundo ocidental. Talvez seja por isso que eles não têm sido sequer considerados... E quando o são, são considerados intrusos.

Os ciganos habitam um lugar próprio, que, por ser diferente, surpreende e incomoda. Carregam nosso avesso: ilusões e desenganos. Temos medo deste povo que transita por outro mundo, que maneja a realidade sob ângulos e prismas inusitados. Fonseca os identifica, na relação com a sociedade majoritária, como: “A quintessência do forasteiro no

⁵² Godwin, op. cit., p. 73.

imaginário europeu, sinistros, apartados, literalmente escuros e identificados com feitiçaria e crime. Sua impopularidade é garantida”.⁵³

A sociedade majoritária sente-se segura e confortável plantada em idéias fixas e morando em imóveis. A casa do cigano é a estrada, e as suas idéias mudam ao sabor do vento da necessidade. O fluxo e o refluxo desse estado de ser passa, provoca, seduz, evoca, denuncia e informa: tudo é ilusão. Assim, sob esse prisma volátil e mutante, eles têm mantido a sua natureza e identidade...

Os ciganos provocam no homem ocidental um efeito dúbio: de atração e repulsão, fascínio e temor. Sob sua aura de mistério paira um poderoso efeito psíquico ao qual Jung denominava efeito *numinoso* (do latim *numinosum*).⁵⁴

...o termo indica o caráter da alteridade, que, enquanto tal, está na base da possível experiência da própria alteridade. (...) O termo ocorre na psicologia analítica como sinônimo de *fascinosum*, para indicar o caráter com que uma coisa, cujo sentido é ignorado ou ainda não conhecido, se transforma em força que fascina a consciência do sujeito (...) Neste sentido, entra por vezes na categoria do numinoso a experiência que a consciência faz daquele *outro* diferente de si, que é o inconsciente.⁵⁵

O fascínio inconsciente que os ciganos exercem, pelo menos enquanto “personagens arquetípicos”, tem sido proporcional à nossa ignorância sobre eles. O medo do desconhecido em nós é refletido pelo aspecto do terrível e *tremendus* que o efeito *numinoso* evoca, deste *outro-em-nós*. O aspecto de atração é ditado pelo outro pólo do *fascínio* que este mesmo desconhecido desperta. A sombra que projetamos carrega caracteres desta polaridade do efeito *numinoso*, o temido e desconhecido “inconsciente” que nos habita. Não se trata apenas da projeção de características boas ou más; somos arrebatados por uma espécie de *misonéismo*, ou seja, de hostilidade ao diferente, ou medo das mudanças que o diferente pode evocar, ligado aos padrões estabelecidos. O temeroso, o desconhecido que habita cada um de nós, é oportunamente refletido e temido neste misterioso povo.

⁵³ Fonseca, op cit., p. 162.

⁵⁴ *Numinosum*, termo cunhado pelo teólogo Rudolph Otto, em *The Idea of the Holy* (In Jung, *Obras completas*, vol. VII, Petrópolis, Vozes, 1991) para explicar o sentimento causado por uma revelação, que seria um misto de terror e êxtase.

⁵⁵ Pieri, op. cit.

Assim empurramos os ciganos para um lugar marginal, construído por uma sistematização de desconhecimento e projeção. Segundo Levis Strauss, citado por Paula de Carvalho: “se produzem, se fabricam margens de conhecimento tomada como margens reais” e, assim, construímos e acreditamos que eles são essas margens reais...

1. 3.e. História das perseguições e massacres

A história do povo cigano, no que se refere a perseguições e massacres, corre em paralelo à sua própria história, no mundo ocidental.⁵⁶ A chegada de uma grande onda migratória na Europa deu-se no início do século XV. A história de suas perseguições e holocaustos teve início no mesmo século. Félix Grande, escritor e ensaísta espanhol atesta: “Em nenhum lugar da Terra desfrutaram os ciganos de uma vida aprazível, ao contrário, uma história trágica com mais de 600 anos de perseguição e massacres, e que infelizmente ainda se estende até os tempos atuais”.⁵⁷

Segundo alguns historiadores, a princípio, e em algumas regiões, eles teriam sido bem recebidos.

De acordo com a professora Maria J. Llorens:

No início de suas aparições em diversos lugares da Europa, a raça cigana foi respeitada, por acreditar que eles eram procedentes do Egito, estando obrigados por Deus a fazer penitência e viver desterrados durante alguns anos, pelo pecado de seus antepassados, que não quiseram dar hospedagem a Virgem Maria e seu Filho. Eles foram considerados peregrinos penitentes.⁵⁸

Na Espanha, houve um breve período de boa vizinhança intercultural, seguido por legislações severas:

Em 1447, Dona Maria de Castelo deu salvo-conduto a vários “duques e condes” do Egito Menor, que teriam vindo em peregrinação a Santiago de Compostela. O engano não durou muito; esses títulos de condes e duques eram falsos e a peregrinação penitente era só o seu modo nômade de ser. Sem se ligarem a terra e sempre de passagem, tornavam as populações locais, antes

⁵⁶ A história e a pré-história do povo cigano será abordada no Capítulo 2.

⁵⁷ Grande, F. *O Correio da Unesco*, Os Ciganos, dez. 1986.

⁵⁸ Llorens, M.J. Gypsies, completar ref. Bibliogr.

⁵⁹ Foletier, F. V. “O mundo como pátria”. In *O Correio da Unesco*, Os Ciganos, Brasil, dez. 1984, p. 7.

curiosas, inseguras e revoltosas. Em 1499, os reis católicos, Isabel e Fernando de Castela, assinaram um decreto proibindo aos ciganos o nomadismo, com medidas que iam desde a sua expulsão do território, a castigos, mutilações, escravidão, prisão perpétua.⁵⁹

Ainda segundo Llorens “(...) A legislação anticigana teve início em 1504, expulsos da nação sob pena de castigos corporais severíssimos (...) a ferro e fogo”.

Em outras regiões, o preconceito apresentou-se logo no primeiro encontro, como na sua chegada à Alemanha. O teor do preconceito está presente já na narrativa de Kranz Frankfort: “Apareceram no ano de 1417, nos países do mar germânico, homens *disformes por sua cor escura* (grifo meu). O vulgo os chama tártaros e, na Itália, chamam-se ciganos.”⁶⁰

A dieta de Augsburg (1500) os expulsou do sacro império alemão, revogando todas as cartas de recomendações a seu favor. Esta ordem foi renovada periodicamente.

Em vários pontos da Alemanha foram perseguidos e açoitados, como animais daninhos, chegando nestas ocasiões ao extremo de queimá-los vivos depois de haverem sido cruelmente açoitados. Os jornais de Frankfurt falam de ciganos presos na Hungria sob acusação de antropofagia, posteriormente esquartejados e as mulheres, decapitadas.⁶¹

Na França, o primeiro registro referente ao povo cigano é de agosto de 1427, num jornal local, o *Journal d'un bourgeois de Paris*, que publica a primeira notícia, na qual, podemos constatar, já em caráter de “*personae non gratae*”. O jornalista, não identificado, relata a chegada dos ciganos às portas de Paris, alojados por três semanas na Chapelle-Saint-Denis:

Uma multidão de curiosos os cercava, mas como logo começassem a pôr em prática as suas artimanhas, o bispo de Paris os expulsou da cidade e excomungou os que os haviam consultado e estendido as mãos para conhecerem seu destino. Os *Egípcios*, como se chamavam, foram obrigados a seguir viagem e rumaram para *Pontoise* e daí para a *Espanha*.⁶²

⁶⁰ China, J.P.O *Os Ciganos do Brasil* – subsídios históricos, etnográficos e lingüísticos. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1936, p. 5.

⁶¹ Llorens, Diccionario Gitano – sus costumbres. Madri, Mateos, 1991, p. 50.

⁶² Foletier, F. V. *Le Monde des Tsiganes*. Paris, Berger Levrault, 1983, p. 20.

Na Polônia, em 1578, foi publicada uma lei contra os ciganos que proibia terminantemente a todos os habitantes daquele país que dessem hospitalidade aos indivíduos de raça cigana, sob pena de desterro e confiscação de bens. Na Suécia, foram expulsos em 1662. Em Milão, em 1657, o conde Fuensaldaña ordenou para que saíssem daquele território todos os ciganos no prazo de quatro dias ou cumprissem pena de sete anos, sendo as mulheres açotadas e tendo cortadas as suas orelhas. Nos Países Baixos, o Imperador Carlos V decretou-lhes pena de morte. As Províncias Unidas confirmaram em 1582 estas disposições.⁶³

A historiadora Henriette Asséo comenta que, no século XVII, a legislação era repressiva em todos os Estados Monarquistas das Repúblicas europeias. Os jesuítas separavam “os bons povos”, os fiéis dos “vagabundos” e infiéis, lugar ocupado, de modo generalizado, pelos ciganos. Ela ainda relata que, na França, em 1682, a lei assinada por Luís XIV condena os *Bohemios*, como também eram chamados, à deportação para a América, penas de mutilação, flagelo, decapitação e enforcamento. foram declarados “Inúteis ao Estado”.⁶⁴

Segundo Grande, foram considerados pela igreja católica “filhos do diabo”, proibidos de usar suas roupas típicas e coloridas, assim como de falar sua língua, de viver em grupos ou separados, de praticar o nomadismo, de trabalhar em determinadas ocupações. “Até mesmo o abrigo temporário no interior das igrejas, que era, segundo esse historiador, um direito garantido até a um parricida, era proibido aos ciganos. (Essa lei, era cópia de outra idêntica, promulgada na Grã-Bretanha.)” Porém, conclui Grande, graças à sua capacidade de resistência, a maioria de seus costumes foram preservados, ainda que por vezes tenham custado a vida.⁶⁵

Em Portugal, os primeiros registros são já documentos para os conter e castigar. Vindos da Espanha, eles encontram o mesmo sistema de rechaço e perseguições. O historiador Coelho resume a legislação contra os ciganos:

⁶³ Llorens, op cit., p. 52-53.

⁶⁴ Asséo, H. *Les Tsiganes. Une destinée européenne. Découvertes*. Paris, Gallimard Histoire, 1994, p. 36.

⁶⁵ Grande, op cit., p. 31.

⁶⁶ Coelho, op. cit., p. 177.

As penas vão num crescendo desde o primeiro documento. O alvará de 1526 ordena simplesmente que saiam do reino; a lei de 1538 ordena expulsão, depois de terem sido açoitados; as leis de 1557 e 1573 acrescentam as penas com galé; enfim a lei de 1592 mandou aplicar a pena capital aos que não saíssem do reino dentro de quatro meses. Nas leis posteriores desaparece, porém, a pena de morte reaparece em 1694, para desaparecer depois de novo.⁶⁶

Podemos ver no resumo dos documentos oficiais do reino de Portugal que não havia necessidade de o cigano praticar um crime para ser castigado: o crime era *ser cigano*.

Adolpho Coelho constata nos seus estudos: “No Brasil, como em Portugal, como nos outros países europeus ou de civilização de origem européia, as medidas legislativas contra os ciganos não conseguiram fazer desaparecer os ciganos nem sequer os seus costumes inveterados”.⁶⁷ Ao mesmo tempo que Coelho reconhece o valor e a tenacidade dos ciganos, o elogio não poupa o preconceito: *seus costumes inveterados*. Tanto a Igreja Católica absolutista na época como os Estados europeus em formação os consideravam “inimigos inveterados”, “inúteis ao estado”.

A deportação para as colônias foi conseqüência de proibições generalistas como as que os proibiam de “ser e de estar”: “Proibidos de se avizinhar nos lugares, nem andar, nem estar, ou viver em ranchos ou Quadrilhas; tudo sob pena de morte natural, que se faria executar fazendo para isso os prender (...) e procedendo contra eles até a execução, sem apelação, nem agravo”.⁶⁸

O processo de rechaço e as perseguições aos ciganos nos demais países deu-se de forma semelhante. Podemos ressaltar, como variante destas modalidades, a escravidão cigana na Romênia; como um povo altivo, a subjugação escravagista lhes impingia outra forma de violência, cujas seqüelas se encontram até os dias de hoje.

Na Espanha, a Guerra Civil Espanhola foi implacável para com os ciganos: mutilou e executou milhares de *gitanos*, inaugurando uma política fascista e pré-nazista, segundo Grande.⁶⁹ Denunciada de modo singular e literal nos poemas de Garcia Lorca,

⁶⁷ Coelho, *ibidem*, p. 271.

⁶⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 234.

⁶⁹ Grande, “Canto Flamenco, um gosto de sangue na boca”, *O Correio da Unesco*, p. 31.

especificamente no: “Romance da Guarda-Civil Espanhola”, do qual destaco um pequeno trecho:

(...) Oh! Cidade dos gitanos!
Quem te viu e não se lembra:
Cidade de dor e de almíscar
Com as torres de canela

Tenazes fuzis agudos
Pela noite inteira soam.(...)
Porém a Guarda-Civil
Semeando piras avança, (...)

Rosa, a dos combórios, geme
À sua porta sentada,
Com seus dois peitos cortados
Numa bandeja dispostos

Oh! Cidade dos *gitanos*
A Guarda-Civil se afasta
Por um túnel de silêncio
Enquanto as chamas te cercam.⁷⁰

O teor deste e de outros poemas que compõem o *Cancioneiro Gitano* de Lorca é de *denúncia*. Convém lembrar que Lorca foi fuzilado sumariamente por essa mesma Guarda Civil a qual havia denunciado nos poemas.

⁷⁰ Poema extraído do livro *Romancero Gitano* e outros poemas, de Federico Garcia Lorca, escrito entre 1924 e 1927. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro, Biblioteca Manancial, 1975, p. 48-51.

***Porraimos:*⁷¹ o holocausto cigano na Segunda Guerra Mundial**

Com relação ao extermínio nazista na Segunda Guerra Mundial, poucos sabem que foram dizimados proporcionalmente mais ciganos do que judeus...

Segundo a pesquisadora israelense Myriam Novitch, o extermínio dos ciganos estava incluído no programa da Alemanha nazista desde o início. A discriminação oficial remonta pelo menos a 1899, ano em que a polícia bávara criou uma Seção Especial de Questões Ciganas. Em 1929, essa seção tornou-se uma Central Nacional com sede em Munique. Os ciganos foram então proibidos de transitar no país sem autorização da polícia. A partir de 1933, ano em que Hitler chegou ao poder, as restrições tornaram-se ainda mais severas, aumentando o interesse específico por seus caracteres raciais.

O Dr. Hans Globke, um dos redatores das leis de Nuremberg, declarou em 1936: "Os ciganos são de sangue estrangeiro". Porém, por não poder negar-lhes a origem ariana, os incluiu numa categoria à parte chamada *Rassengemische*, isto é, mistura racial indeterminada. O estudo dos caracteres raciais dos ciganos chegou a ser tema de várias teses de doutorado. Eva Justin, da sessão de Pesquisas Raciais do Ministério da Saúde, afirmou, ao defender sua tese, que o sangue cigano era "*extremamente perigoso para a pureza da raça alemã*."(...) a equipe de pesquisa era chefiada pelo psicólogo infantil, então "higienista racial", dr. Robert Ritter, que acabou coletando 30 mil genealogias. Seu objetivo era estabelecer o caráter hereditário do comportamento criminoso e anti-social.

(...) Em fins de 1937 e em 1938 efetuou-se a prisão em massa de ciganos, para os quais foi reservada uma ala especial nos campos de concentração (...) Em *Ravensbruck*, inúmeras mulheres ciganas e crianças gêmeas foram vítimas de experiências realizadas por médicos da SS.

(...) Um exemplo de genocídio foi a deportação de 5 mil ciganos da Alemanha para o gueto de Lodz na Polônia. As condições de vida ali eram tão desumanas que nenhum deles sobreviveu.

Mas o método preferido dos nazistas era o extermínio.⁷²

Ainda segundo Novitch, Josef Mengele, o notório médico nazista, tinha interesse "particular" pelos ciganos, em especial por crianças gêmeas. "Mengele matou pessoalmente, ou, como ele diria, 'sacrificou' um par esplêndido de meninos ciganos de

⁷¹ Termo cunhado em 1994 por um cigano norte-americano chamado Hancock, *porraimos* é equivalente cigano ao Holocausto judeu. Segundo Fonseca, foi Hancock quem lutou, praticamente sozinho, pela inclusão dos roma no Museu e no Conselho Memorial do Holocausto. Fonseca, op cit, p. 309.

⁷² Novich, op. cit., p. 24.

sete anos de idade.(...).”⁷³ Na Polônia, assim como na Ucrânia, Criméia, Hungria, os ciganos foram presos, deportados e mortos. Na Iugoslávia, ciganos e judeus foram executados na floresta de Jacnice.

O rigor com que foram tratadas as questões ciganas em alguns aspectos supera aquele destinado às dos judeus. Segundo Fonseca,

A definição de Ritter para o mestiço cigano era mais abrangente que para o mestiço judeu. Se dos dezesseis trisavós de uma pessoa, dois fossem ciganos, a pessoa era qualificada como parte cigana, qualificando-a assim para ser admitida em Auschwitz. (Ao contrário, uma pessoa com um avô judeu – o que significa quatro trisavós judeus – usualmente não era afetada pela legislação nazista anti-semita). Ritter foi desnazificado em 1950 e retomou o seu trabalho como psicólogo infantil. Os nazistas tentaram justificar o assassinato de ciganos, nos julgamentos de crimes de guerra, afirmando que “foram punidos como criminosos, (...) com características anti-sociais e não como ciganos *per se*.”⁷⁴

Em fevereiro de 1964 a Dra. Justin foi absolvida de qualquer possível crime por um magistrado de Frankfurt. O Dr Ritter foi considerado não nazista voltando a trabalhar na clínica psicológica infantil.

O genocídio nazista contra os *sinti* e *romá* só foi oficialmente reconhecido em 1982, por Helmut Schmidt. O esquecimento de *porraimos*, (ou seja, do holocausto cigano) é provocado do ponto de vista das sociedades majoritárias por uma voluntária “amnésia nacional” de países onde os ciganos continuam indesejáveis. Segundo Fonseca, os franceses ainda se recusam a dar a público documentos do tempo da guerra relativo aos ciganos.⁷⁵

Outros fatores, além do holocausto nazista, unem ciganos e judeus. Ainda segundo Fonseca, ao olhar desinformado, pode até mesmo os confundir.

Antes do Iluminismo, os ciganos e os judeus juntos representavam os migrantes rejeitados no imaginário europeu. De fato, segundo alguns mitos, os ciganos eram judeus. (...) Quando comecei minha pesquisa, tinha em mente que os ciganos eram os “novos judeus” da Europa Oriental. Aí estão eles, espalhados em grandes números, como os judeus antes deles, e constituem as primeiras vítimas das nascentes democracias. Mas eles não são os novos

⁷³ Idem, citada por Fonseca, op. cit., p. 290.

⁷⁴ Fonseca, ibidem, p. 306.

⁷⁵ Ibidem, p. 307.

judeus: os ciganos, ao lado dos judeus, são bodes expiatórios muito antigos.
“Os judeus envenenavam os poços, os ciganos traziam a peste.”⁷⁶

No entanto, diferentemente de seus irmãos judeus, os ciganos preferem não relembrar seus episódios de perseguições. O hábito de fazer silêncio aos acontecimentos trágicos, está ligado à lei cigana de enterrar o passado, ou seja, de não trazer de volta os males que a própria vida já levou. Esta é uma forma de não aviventar as sombras do passado, de deixá-las ir embora...

Zurka costumava contar que, mesmo um simples objeto, quando caía das carroças nas trajetórias pelas estradas, era obrigatoriamente deixado para traz. “Se algo se foi, não se deve intervir, nem muito falar, nem buscar meios de o reaver. Isso serve para praticamente todas as circunstâncias. O que o passado levou, já não faz parte, se o destino assim o fez, o fato está feito, é passado.”⁷⁷

Os judeus, ainda segundo Fonseca, “reagiram à perseguição e dispersão com uma monumental indústria da memória. Os ciganos – com sua peculiar mistura de fatalismo e espírito de humor – tornaram o esquecimento uma arte. (...) Pouquíssimos ciganos conhecem bem sua história coletiva, mas nenhum é inconsciente de sua marca de perseguição”.⁷⁸

1. 3.f. Preconceitos e metamorfoses identitárias

Podemos agora começar a responder a questão levantada no início deste capítulo: interessa aos ciganos manterem-se fora de acesso para a sociedade majoritária, fora do sistema de controle? Seria este um modo de se preservarem da curiosidade devassadora e antropofágica da nossa sociedade? *Sim e não.*

Quando a resposta for *sim*: “... É natural que mantenhamos nossos segredos (...) Não costumamos convidar *gadjés* para vir a nossa casa (...) não queremos que metam o nariz em

⁷⁶ Idem, ibidem, p. 303.

⁷⁷ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

⁷⁸ Fonseca, op cit, p. 308.

nossa vida”, afirmam Joe Marks e Kelly, respectivamente pai e filho, ciganos norte-americanos da Filadélfia, ao repórter Godwin.⁷⁹

A este respeito, o cigano *Zurka* dizia: “O cigano, à sua maneira, se relaciona com o *gadje*, mas quando ele está dentro da barraca... aí ninguém entra na relação. É entre ciganos”.⁸⁰ O anonimato, o distanciamento, a presença invisível em relação aos *gadje*, é um eficiente mecanismo de defesa que propicia os mistérios ciganos, garantindo privacidade e inacessibilidade.

Quando a resposta for *não*: não seria este mesmo anonimato que os protege, o que os tem ameaçado por meio do desconhecimento, dos preconceitos, projeções negativas e sombrias? Mudanças estruturais em seu sistema cultural tem-se feito processar de maneira visível. Eles têm escrito livros, se organizado politicamente, promovido eventos e palestras para esclarecer aos não ciganos dúvidas e os matizes da sua cultura.

Na atualidade, alguns traços novos têm dado lugar à mudanças estruturais, indícios de metamorfose identitária: por exemplo, no que se refere à arte de se fazer *invisíveis* perante nossa sociedade. Por todo o mundo organizações ciganas, governamentais e não governamentais, têm se constituído. Na Europa, centenas delas; no Brasil, algumas a partir da década de 70. De qualquer forma, os ciganos estão iniciando uma reforma no âmbito de sua cultura, dando início à mudança de algumas formas seculares de ser e de se comportar, no que condiz à sua identidade psico-sócio-cultural. Como exemplo, cito trecho de uma reunião da ONG Centro de Tradição Cigana, ocorrida em São Paulo, na década de 90, por ciganos e não ciganos:

Foi em setembro de 1993, sob a barraca (*tchera*) do cigano *kalderash Zurka Sbano*, num clima caloroso e original que aconteceu esta reunião.(...) três famílias ciganas relembavam sua migração para o Brasil. (...) o holocausto cigano da Segunda Guerra Mundial (...)

O filme *A Lista de Shindler* estava para ser lançado e surgiu uma inevitável pergunta:

– Por que não nos manifestamos publicamente, como fazem nossos irmãos judeus?

– Poucas pessoas sabem que proporcionalmente foram dizimados mais *Roms* que *Hebreus*.

– Quantos preconceitos existem e ameaçam nossos filhos.

⁷⁹ Godwin, op. cit., p. 89.

⁸⁰ Lima e Fernandes, “Entre o Nomadismo e o sedentarismo – os ciganos circenses”, *Travessia* - Revista do Migrante, Nomadismos, ano X, n. 27, jan.-abr. 1997, p. 14.

– Por que nos calamos? – foi a admirada pergunta.
Um jovem *Rom*, do grupo *machuaia*, pai de quatro filhos, preocupado com a sua etnia emendou:
– *A gente ainda não se explicou.*
(...) Foi da necessidade de se explicar e das idéias então decorrentes que nasceu a Temporada de Cultura Cigana.⁸¹

Os ciganos de alguma maneira estão começando a sentir a necessidade de se manifestar, se explicar, se fazer ver, ouvir, compreender e ser compreendidos. Não é apenas no Brasil que essa consciência principia a se manifestar; Fonseca comenta a respeito:

Mas as coisas estão mudando. (...) os *roms* estão emergindo com um nome comum a todos os grupos e assinalando o surgimento de uma nova identidade coletiva. Esse cauteloso reconhecimento é que torna possível um projeto de memória. Uma sensação de infortúnio local e pessoal está se desenvolvendo numa consciência mais ampla de injustiça histórica. E assim, pela primeira vez, os ciganos querem comemorar o *porraimos*.
Em 14 de abril de 1994, o Museu Memorial do Holocausto, nos Estados Unidos, realizou sua primeira cerimônia pelas vítimas ciganas. (...)⁸²

A comunicação intracultural e intercultural é a forma mais eficaz de lutar contra a discriminação. Para isso é fundamental a abertura relacional regida por eles próprios, uma comunicação legítima, a fim de que digam o que sentem necessário dizer, e preservem o que lhes pareça necessário preservar. Como diz o *rom* Cláudio Ivanovichi: “Discriminação racial não acaba por lei ou decreto, só por geração de conhecimento. É preciso entender o outro, é preciso se colocar no lugar do outro”.⁸³

Nos tempos modernos, garantir um espaço para a manifestação e a sobrevivência de povos discriminados como os ciganos tem sido, mais que necessário, vital. Uma verdadeira revolução étnica cigana tem batido nas tendas e nas portas da *romá* (nômades e sedentários), por todo o mundo. Os movimentos no Brasil têm sido muito acanhados, se comparados com os da Europa; mas, de qualquer modo, acredito que as expressões e

⁸¹ Reunião realizada na ONG Centro de Tradição Cigana. “Como e por que nasceu a Temporada de Cultura Cigana”. In *Paixão de Zíngaro*, revista produzida especialmente para o espetáculo do Teatro Ruth Escobar, São Paulo, 1994.

⁸² Fonseca, op. cit., p. 308-309.

⁸³ Extraído da matéria “Vida Cigana”, publicada na revista *Carta Capital*, n. 350, 13 jul. 2005, p. 10.

manifestações étnico-político-culturais, ainda que tímidas, despontam como necessidade genuína e nova neste povo de tradição milenar, e são ferramentas fundamentais à adaptação e sobrevivência das gerações futuras.

“Não à segregação e não à integração”, assim encerrou a entrevista que me concedeu em Barcelona, Manuel Heredia.⁸⁴

A respeito da integração Goffman, 1988, comenta:

A idéia de igualdade racial pressupõe a diminuição das diferenças culturais existentes em nossa sociedade (...) A imposição de formas hegemônicas de saber sobre grupos culturalmente diferenciados pode contribuir para a marginalização desses grupos sociais ou até mesmo para o seu desaparecimento (via integração na cultura majoritária).⁸⁵

Fazer-se conhecer por si mesmo como um povo, uma etnia, com cultura e costumes próprios, e ao mesmo tempo ver assegurado o genuíno direito à soberania de seus traços próprios e peculiares, preservando o que lhes pareça essencial, seria o ideal. Ideais como este são difíceis, ousados, saudáveis, ambiciosos, mas e principalmente são parte auspiciosa das manobras ciganas: transitar por entre as muitas fronteiras e mistérios do ser... e permanecer.

1. 3.g. Preconceito e cidadania

No mundo concreto e objetivo, o *misterioso* modo de ser cigano tem favorecido a que eles permaneçam em uma frequência quase invisível: presente-ausente, no imaginário e literalmente fora do olhar da sociedade majoritária, como povo e etnia constituída, uma nação com cultura, costumes e língua própria, “apátridas por opção”, mas que não por isso precisam estar praticamente fora da constituição nos países que habitam.

Na Europa, os ciganos têm-se organizado cada vez mais, no intuito de aumentar sua força e representatividade na relação com a sociedade majoritária. Estive em maio de 2005 na Federación de Asociaciones Gitanas de Catalunya, na cidade de Barcelona, Espanha, e tive

⁸⁴ Entrevista concedida em 2005. Arquivo pessoal.

⁸⁵ Goffman, E. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Nova Jersey, EUA. Trad. M. B. Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro, LTC, 1988, p. 118.

o prazer de conversar com o seu atual presidente, Manuel Heredia. Transcrevo um trecho da entrevista em que ele diz sobre a importância da participação política do cigano:

Os *gadjés* não vão se lembrar de nós, se nós não nos fizermos lembrar. Queremos participar plenamente da política deste país para garantir nossa cultura e continuidade (...) Como poderíamos convencer os *gadjés*, um a um, sobre o nosso valor, e o valor de nossa cultura? Seria impossível. Para chegar a todo mundo, temos que buscar a política normativa, a lei obrigatória. Aqui temos dois partidos políticos: o Partido Nacionalista Calo, e o Partido Estatal da Catalunha, ambos ligados ao ARO, Aliança Romani. É a partir daí que vamos caminhando (...) pois não queremos mais ser os paralíticos sociais.⁸⁶

No Brasil, apenas neste momento político no governo Lula, por meio da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o (Seppir), os ciganos estão começando a se fazer ver como parte integrante da população brasileira, começando a se posicionar como tal. A 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial aconteceu entre os dias 15 e 18 de junho de 2005 e recebeu, entre outras minorias, a etnia cigana. A revista *Carta Capital*, fez uma matéria deste evento, “Vida Cigana”, pelo repórter Pedro Alexandre Sanches: “... era um sinal de que a população cigana do Brasil pode estar vivendo um processo inédito de descoberta e auto-afirmação”. Este é efetivamente um momento inaugural na história do povo cigano do Brasil.⁸⁷

Para que possa haver a troca empática é necessário que os ciganos possam dar-se a conhecer e que estejamos abertos para receber e ser recebidos, para então poder compartilhar, sentir sua paixão, sofrimento e dimensão humana. Esta abertura é condição fundamental para que se estabeleçam trocas culturais genuínas. A partir de então será possível, como disse Iovanovicthe, colocar-se no lugar do outro, entrar em sintonia e dialogar comungando com os sentimentos que o outro representa e desperta, para construir o tecido de uma relação de alteridade tão necessária ao crescimento e à individuação das partes.

A ministra da igualdade racial, Matilde Ribeiro, respondeu ao final da Conferência: “Os ciganos vieram de várias partes do mundo (...) são pelo menos 600 mil no Brasil, e eu

⁸⁶ Arquivo pessoal.

⁸⁷ “Vida Cigana”, op. cit., p. 14.

não os enxergo, ou pelo menos não os enxergava”. E o repórter Pedro Alexandre completa: “A ministra, assim como você, via os ciganos sem saber que os estava vendo”.⁸⁸

Não podemos deixar de mencionar que a resistência do povo cigano, da *romá*, em participar da política, assim como de qualquer outra instituição do mundo *gadjé*, faz parte da sua cultura. Não permitem o controle sobre suas vidas; sempre viveram junto a outras culturas, absorvendo, aparentemente, algumas de suas características, mas guardando sempre a sua essência cigana. Há um provérbio cigano que retrata bem esse relacionamento com os regimes das sociedades majoritárias: “A lei dos reis tem destruído a lei dos ciganos”.⁸⁹

1.3.h. Preconceito contra os *gadjés*

“Se vocês não nos querem, nós também não os queremos e pronto, até aí o preconceito é recíproco.” Assim Zurka completava o seu raciocínio sobre a questão do preconceito, no Programa *Fanzine* em 1993. Ele dizia isso para explicar o racismo mútuo, não para defendê-lo.

Quando um cigano quer ofender o outro, uma das maneiras mais depreciativas é chamá-lo de *brasileiro*. Quando querem dizer que a pessoa não presta, é ladrão, não preserva seus valores e está decadente, chama-o de *brasileiro*. Isto para dizer que a pessoa perdeu os valores morais e éticos e se comporta como qualquer um, ou seja, como um brasileiro.⁹⁰ Este é uma problema de preconceito mútuo e complementar, reforçado por ambas as culturas, em um processo de *feed back* negativo, ou seja, segundo a teoria familiar sistêmica, um processo que se retroalimenta e permanece o mesmo, sem possibilidades de mudanças. Mantêm-se assim ambas as culturas em condições de rechaço e preconceito recíproco. É certo que assim fazendo fortalecem-se as identidades, evidenciando as diferenças, mas perdem-se também as oportunidades de enriquecimento em trocas culturais genuínas. Permanecem as hostilidades e restringem-se as possibilidades de respeito à diferença, ao diferente, ao *outro*, assim como as relações construídas em base de alteridade.

⁸⁸ Ibidem, p. 16.

⁸⁹ Carvalho, R. “O Universo Mágico dos Ciganos”. *THOT*, 1991, p. 9.

⁹⁰ Arquivo pessoal.

Este preconceito dos ciganos em relação aos não ciganos é também regido pelas leis de *marimée*, ou seja, o código de pureza e impureza.⁹¹

1.3.i. Autopreconceito e identidade

Os ciganos são seres coletivos, só sabem viver em grupos. Assim como os índios, são essencialmente tribais. Quando, por alguma razão, forem destituídos do grupo, podem vir a sofrer distúrbios: de neuroses a psicoses, passando por estados *borderline* ou de despersonalização.

É o pertencer à família cigana, à etnia cigana, que dá a base para que se constituam os traços gerais que identificam a pessoa como cigana. É o grupo que formata os tipos e os caracteres coletivos e comuns para que os indivíduos se manifestem de modo particular. A identidade origina-se da tribo, do coletivo, do grupo, da família ascendente, para a formação identitária do filho, do indivíduo descendente, mas que, para ser, tem a condição do pertencimento ao grupo, pelo grupo.

Dentre as fases do desenvolvimento infantil, no primeiro ano de vida, há a etapa arquetípica, natural da espécie humana, em que o bebê para se reconhecer necessita ser reconhecido através do “olhar da mãe”, ou de quem estiver exercendo a maternagem. Judith Vero, em *Alma Estrangeira*, comenta a questão: “Como se, para ser ou existir, precisasse de uma confirmação exterior, ou ainda precisasse se saber existente, identificar-se com algo que já existe (...)”.⁹² Na mesma vertente Deleuze, em *Crítica e Clínica*, cita Berkeley: “ser é ser percebido”.⁹³

Como vimos, na relação *rom-gadjé* encontramos vários modos de não ser percebido ou de ser percebido de modo adulterado. O auto-preconceito é outra possibilidade de distorções na auto-imagem identitária.

Auto-preconceito aqui é entendido como o ato de esconder a própria identidade étnico-cultural, para ser aceito e recebido, *sem preconceitos*, na sua relação com a

⁹¹ A temática sobre o *marimée*, será retomada.

⁹² Vero, J. *Alma estrangeira, Pequenas histórias no Brasil - Processos identitários*, São Paulo, Ágora, 2003, p. 57.

⁹³ Deleuze, op. cit., p.33.

sociedade majoritária. Este modo de negar a si mesmo pode ser visto como uma espécie de auto-mutilação psíquica, com diferentes graus e conseqüências.

Destaco aqui quatro tipos ou possibilidades de negação identitária manifestas no intercâmbio relacional *rom-gadjé*, ou cigano–não cigano.

1. O primeiro tipo de negação identitária acontece de forma *voluntária* e caracteriza um comportamento freqüente dos ciganos, nos primeiros contatos com o não cigano. Geralmente decorre em um curto e determinado período de tempo, em condições específicas ou esporádicas, geralmente com o intuito de facilitar uma relação comercial.

(...) Em São Paulo, por exemplo diversas grandes lojas de carros situadas no badalado bairro dos Jardins pertencem a ciganos. No entanto eles não declaram ser ciganos porque poderia ser ruim para os negócios por causa da fama de vivaldinos.⁹⁴

Neste modelo podemos perceber a negação da identidade como mecanismo de defesa que propõe a troca de *persona*, como um *modus operandi* mais adequado aos negócios. Um câmbio de papel mais confortável, já que a figura estigmatizada do cigano pode prejudicar as transações comerciais. “O cigano pode estar no circo mas ninguém precisa saber que ele é cigano... eu estou aqui no terreno como dono do circo. Como cigano não poderia estar com a barraca aqui.”⁹⁵ Este é um tipo de manobra comercial comum, em que a negação da identidade surge como traço original cigano. A omissão da identidade é, na verdade, uma proteção à mesma. Marcelo Sbano, filho de Zurka e herdeiro do Circo Sbano, comenta a respeito: “A maioria dos artistas de circo descende de ciganos. Mas poucos contam isso. Ser de circo já causa preconceito. Cigano então...”⁹⁶

Como um mecanismo de defesa, em maior ou menor grau, posso dizer que todos os ciganos convivem com esta necessidade de ocultar ou negar a sua identidade, ainda que temporariamente, no convívio com os *gadjés*. Um dos modos de *ser cigano* inclui o *não ser cigano*, quando oportuno ou necessário. Por esta razão considero este primeiro tipo de autopreconceito como um traço pertinente e natural da etnia e não disfuncional.

⁹⁴ Chagas, M. “A igualdade é branca”, revista *Uma*, ano 6, ago. 2005, p. 39.

⁹⁵ Lima e Fernandes, Entre o nomadismo e o sedentarismo – os ciganos circenses, *Travessia*, Revista do Migrante, Nomadismos, n. 27, abr. 1997, p. 13.

⁹⁶ Chagas, op. cit., p. 52.

2. O segundo tipo é caracterizado pela negação identitária, mas de modo *involuntário*, à revelia do indivíduo, por determinado período de tempo e por circunstâncias específicas.

Quando eu tinha assim uns 13 anos, eu pensava que era uma injustiça não poder dizer para as pessoas quem eu era: cigana! Quando a gente ia ou voltava das festas, com as saias compridas e os cabelos até a cintura, as pessoas perguntavam:

– Vocês são ciganas ou são crentes?

Com medo do preconceito eu respondia:

– Somos crentes. E aí eu saía pensando:

– Por que a gente não era igual aos outros estrangeiros? O japonês fala que é japonês, o alemão fala que é alemão, o português fala que é português e nós temos que esconder... Por quê? Quero poder dizer que sou quem eu sou, ou seja: cigana. A gente entre a *romá* é *romi*, mas entre os *gadjés* não pode dizer a verdade. A vergonha que a gente passava na rua em relação ao preconceito e ao medo de dizer quem a gente era... então a gente se anulava; era como se a gente não fosse ninguém.⁹⁸

Este modelo de ocultação identitária já apresenta indícios de conseqüências prejudiciais. O direito de pertencer a uma etnia e ser reconhecido por toda a sociedade majoritária é uma reivindicação que, segundo Rita, adolescente cigana de 13 anos, outros povos não precisam pleitear: “O japonês fala que é japonês, o alemão fala que é alemão... E nós temos que esconder... Por quê?”. A vergonha, o preconceito e o medo de dizer quem se é – ou seja, *cigana* – fica por conta de séculos de perseguição e preconceitos que a etnia sofreu e ainda sofre. Se hoje a perseguição não é tão explícita, sabemos que ela se mantém na consciência e no inconsciente coletivo.

Ocultar essa referência de pertencimento, quando se deseja ser reconhecido, é ocultar a parcela básica de si que referenda a camada identitária primeira, a nossa matéria-prima, o terreno dos ancestrais, dos ascendentes. Retirar essa base identitária seria como remover, do nome, o sobrenome, perdendo-se assim uma parte fundamental da auto-referência.

A opção, ou a falta de opção de ter que esconder a identidade cigana, evoca um protesto enfático na adolescente Rita. Reivindicação ainda presente agora na mulher de 33 anos: Rita continua se perguntando “Por que as pessoas têm que negar o que são?”. Negar a

⁹⁸ Arquivo pessoal.

identidade cigana diante dos brasileiros faz com que ela se sinta, de certa forma, também ‘negada’.

A sensação de não-ser pode evocar sentimentos ameaçadores ao ego, que podem ocasionar crises de identidade, com sintomas de depressão, fobia, alcoolismo e episódios de despersonalização mais ou menos graves.

J. C. Ciampa diz que “o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social, que existe objetivamente com sua história, suas tradições, normas, interesses etc.”.⁹⁹ No que se refere à identidade de nossa entrevistada, podemos perceber que ela encontra-se devidamente identificada com seu grupo étnico e suas tradições etc., mas que este reconhecimento intragrupal, para ela, não é suficiente. Rita revela o desejo de ser valorizada e reconhecida como cigana também pela sociedade brasileira. Não basta apenas trazer a referência de quem se é, ou a que grupo se pertence, é preciso também que se seja reconhecido pelo *outro grupo*, pelo diferente. Afinal é o diferente quem referencia o igual.

Ainda nos dizeres de Ciampa, identidade é uma questão de reconhecimento, de ser alguém que vai ser levado à sério”.¹⁰⁰ A dificuldade de se estabelecer uma comunicação aberta, séria e espontânea entre as culturas em questão afeta e impede parcial ou totalmente que se constele uma relação saudável de respeito à alteridade.

3. O terceiro tipo de autopreconceito é referente à *negação identitária crônica ou regular*. Este tipo é nomeado pelos próprios ciganos como *criptociganos*. Os indivíduos que praticam este auto-preconceito negam veementemente a sua identidade e encontram-se mais engajados e identificados com a sociedade majoritária. A cigana Rita Nicoli os descreve: “São os membros da romá que se dão bem na vida e que depois se esquecem quem são, voltando as costas para o próprio povo”.¹⁰¹

O estágio de *criptocigano* pode ser reversível, ou seja, a identidade cigana pode ser retomada (ou não). Um exemplo de resgate identitário é o do cigano Miroslav Zima, que atualmente trabalha ajudando seus *irmãos* ciganos em um bairro pobre da República Tcheca. Zima conta que entrou no Exército tcheco aos 18 anos e que chegou à patente de major.

⁹⁹ Ciampa, J.C. “Identidade”. *Psicologia Social – O homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 64.

¹⁰⁰ Idem, anotações em sala de aula, 2004.

¹⁰¹ Arquivo pessoal.

“Muitos *romás* instruídos deixam a comunidade (...) Ou então são expulsos porque se misturaram com os *gadjés*. (...) Esse meu trabalho (...) é uma missão. Sinto-me em dívida com a comunidade *romá*, pois me afastei dela durante muito tempo.”¹⁰²

Quando a identidade cigana não é retomada, adentra-se no último estágio de autopreconceito.

4. O quarto e último estágio de autopreconceito pode ser considerado sinônimo de *integração à sociedade majoritária*, ou seja, representa o fim da identidade cigana, por opção ou por falta dela. Os ciganos podem ser expulsos quando se misturam com os *gadjés*. Isto porque uma das leis mais rigorosas da *romá* se refere a princípios de pureza e impureza, ou seja, as leis do *marimé*. O *gadjé*, visto como o estranho, é considerado impuro, e o contato indevido com ele leva o cigano a partilhar dessa mesma condição. Sob essas condições os ciganos expulsos passam a conviver com os não ciganos, deixando para trás as suas origens. Casam-se e passam a viver como não ciganos. A miscigenação nesta etapa é consequência natural.

A sociedade brasileira é caracterizada por um grande caldeirão étnico-cultural; o povo cigano também contribuiu e ainda contribui para essa miscigenação. Embora, como vimos, não seja estimulada por eles, nem constem em compêndios e estatísticas, ajudaram a constituir e formar a sociedade brasileira, assim como exercem influência em nossa identidade brasileira.¹⁰³

No meu círculo pessoal, entre os amigos pessoais e dos meus filhos, posso identificar pelo menos duas dezenas de pessoas descendentes de segunda, terceira ou quarta geração de ciganos, total ou parcialmente integrados à sociedade majoritária. Alguns raramente manifestam qualquer lembrança ou referência à etnia de seus antepassados, mostrando-se bem adaptados à sociedade majoritária; outros menos adaptados apresentaram distúrbios identitários. Proibidos, às vezes, por familiares de falarem sobre o assunto, são pessoas que apresentam sintomas e distúrbios psicológicos ligados à perda de auto-referência. Alguns ainda se emocionam ao contar o pouco que sabem dos antepassados; outros, sedentos de raízes, engajaram-se em movimentos de resgate étnico-cultural, como promoção de Festas ciganas, periódicos informativos como jornais ciganos, grupos de dança cigana, música e

¹⁰² Godwin, op. cit., p. 87.

¹⁰³ Este tema será retomado nos capítulos 2 e 4.

artes circenses.¹⁰⁴ Há ainda alguns que são altos executivos *workaholic*, plenamente engajados no sistema brasileiro capitalista, mas, ao mesmo tempo, fiéis frequentadores de centros espíritas onde, uma vez por semana, *recebem* o seu cigano ou cigana espiritual, referendando assim os ancestrais.

Entre os ciganos integrados à sociedade majoritária, que não negam suas raízes ciganas, há muitos nomes famosos como: Dedé Santana (ex-integrante do grupo Trapalhões), a atriz da globo Ana Rosa – ambos de origem circense –, o compositor e músico Wagner Tiso... No entanto, outros negam suas origens:

Entre eles contam-se muitos artistas, esportistas, escritores (como Castro Alves, apelidado de “o poeta lagartixa”) (...) e até um presidente da república. Sim – segundo atesta a tradição oral –, um presidente brasileiro muito simpático e dado à dança e à música, adorando valsas e serenatas, explicava aos mais íntimos o seu pendor artístico como uma decorrência de sua ascendência russa-cigana. Não seria mero acaso a construção da capital num planalto vazio.¹⁰⁵

As afirmações da jornalista Rosângela Carvalho, deixam nas entrelinhas mais do que uma vaga suspeita... Podemos chegar com facilidade ao nome do “tal presidente”... Muitas vezes no interior das barracas ou casas ciganas que frequentei, ouvi o mesmo tipo de afirmação, só que com nome e sobrenome: Juscelino Kubitschek.

Fui aprofundar esta questão. Procurei a família cigana do Rio de Janeiro *Stanescown*, pois sabia que a mãe de Miriam *Stanescown*, *kalderash* de origem russa, havia sido amiga pessoal do presidente. Ela me contou que Juscelino era frequentador regular de sua casa, no Rio de Janeiro.

Sempre que ele estava de “cabeça quente”, ou triste, ia lá para casa, tirava os sapatos, ficava de meia, com as pernas esticadas e tomando água de coco com *whisky*. Eu era menina, adolescente e ficava brava porque minha mãe, *Lhuba*, me fazia tocar acordeão para ele. Eu não gostava, mas tocava... Ele era descendente de cigano, sim. Ciganos russos assim como a família da minha mãe, que ele chamava de “tia Elza”. Juscelino ligava para a dona Sara, para avisar onde ele estava e então ela já sabia que ele ia demorar...

¹⁰⁴ O jornal *Aliança Cigana* é um periódico informativo da comunidade cigana, sem fins lucrativos. É uma iniciativa dos descendentes de ciganos, e seu editor é Regiris Barak, neto de ciganos.

¹⁰⁵ Carvalho, R. “O universo mágico dos ciganos”, *Thot*, n. 51, 1989, p. 11.

Ele foi meu padrinho de formatura...¹⁰⁶

No contexto fronteiriço: temos os simpatizantes, admiradores, colaboradores e pesquisadores da etnia (com os quais me encontro identificada).

Há também os perturbadores ou fanáticos que misturam, distorcem e manipulam a identidade cigana, como se ser cigano não fosse assunto sério. Estes confundem e difundem conceitos errôneos e distorcidos, um tipo de “vale-tudo” sem sentido e fora de contexto, que prejudica ainda mais a etnia. Muitas vezes vemos pessoas passando-se por cigano, seja para ler a sorte ou para levar vantagem de outra forma qualquer... Este é um ato de apropriação indevida de identidade... é crime. Ninguém se “torna cigano”, nasce-se cigano ou não. Zurka dizia sempre que: “No mundo todo, os ciganos muitas vezes, por preconceito, se fazem passar por não ciganos. Mas o Brasil é provavelmente o único país do mundo em que não ciganos se fazem passar por ciganos...”.¹⁰⁷

Para encerrar esta temática, cito o apelo enfático do cigano Hugo Caldeira:

Peço que toda comunidade cigana, espalhada em todo o mundo, reflita no que vou colocar agora (...)

Devemos, com uma certa urgência, pensar em tudo o que está acontecendo em nossa comunidade... É preciso que meu povo vá tomando consciência da enorme necessidade que temos de nos mostrar como realmente somos. Quanto mais nos escondermos, mais daremos margem ao aparecimento de falsas idéias a nosso respeito.¹⁰⁸

¹⁰⁶ Arquivo pessoal. Miriam Stanescon foi primeira mulher cigana a se tornar advogada no Brasil. Foi também a cigana que inspirou Glória Perez a construir a personagem Dara, da novela *Explode Coração*, exibida pela rede Globo entre 1995-1996.

¹⁰⁷ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

¹⁰⁸ Caldeira, op. cit., p. 99.

1.4. Encontro no acampamento cigano

*Renda-se, como eu me rendi,
Mergulhe no que você não conhece,
como eu mergulhei,
Não se preocupe em entender,
Viver ultrapassa todo entendimento...*
Clarice Lispector

Proponho voltar agora àquela primeira visita ao acampamento cigano. Logo após o episódio em que *Zurka*, ou o *Capitão Zurka*, devolveu-me o cheque da compra da bandeja de cobre, entreguei-lhe o texto com a *história cigana* advinda do episódio de Imaginação Passiva. Pedi-lhe o favor que lesse e me desse sua apreciação; mais do que nunca, eu precisava de sua análise e opinião.

– Minha vista está cansada, vou precisar de mais de um mês para a leitura.

Após três dias, um sábado à tarde, recebi seu telefonema. (Havia um telefone público em frente da sua barraca):

– Minha filha, não pude parar de ler o seu livro, como você sabe os segredos e os costumes do nosso povo?

Emocionada, parti para o acampamento. Compartilhamos perplexos esse conhecimento desconhecido e a “familiaridade” que se impunha.

– Mistérios da vida, mistérios da vida – repetia o Capitão.

Pedi-lhe, então, para que escrevesse suas impressões. Nasceu, assim, o prefácio do livro *Ao Passar das Caravanas... Ciganas...*

Valéria, li seu livro. Uma história, um poema, uma biografia... Gostei muito. Surpreendi-me, me comovi, me emocionei (...) Primeira obra, obra-prima. (...) você me disse que em alguns minutos, durante uma viagem de automóvel, conseguiu memorizar tudo o que escreveu, princípio, meio e fim. Fenômeno! Não sendo um catedrático, mas cigano que sou, só tive a vida por escola, mas possuo um coração sensível, o qual você, com sua história, conseguiu fazer vibrar no ritmo de suas próprias emoções. E é este coração que agora dita as palavras que transcrevo no papel:

“Nas chegadas e partidas das carroças da vida, trazendo os que chegam, levando os que vão... os nomes se trocam sem preocupação, como fazem os Roms, os Sintis e os Calons, sem alterar na verdade o que são., portanto, Luzcia, Quéluz, Valeria, quem sabe?

As vidas passam, repassam, trespassam, como as caravanas na estrada empoeirada... que passam também. Que vão e que vêm... Para onde, quem o sabe? Quem há de saber? Para além... mais além...

E um dia tornam, retornam, se vêm...

As mesmas pessoas e outras também. Que então se conhecem e se reconhecem, nos mesmos costumes os mesmos pensar. São raízes da raça a se identificar.

Por isso Luzcía, Queluz ou Valéria, os afins se procuram, se buscam, se encontram. E já aconteceu, o encontro se deu. Não importa a roupa que nesta romagem você traz agora: *Gadji* tu não és.

Tua alma é cigana. E a mim não me engana, esse olhar seu matreiro, buscando ligeiro as coisas da vida. Cigano que sou, me foi fácil saber que a Luzcía a Queluz do passado distante é agora Valéria, que nessa existência (não é coincidência) eu vim encontrar, talvez, reencontrar. Os motivos, quem sabe, quem os pode adivinhar?

Somente o que sei, o que tenho certeza, é que no momento, pequeno momento em que nos encontramos, senti-me tão bem e me vi tão distante... e sem compreender, num relance, num instante, me passaram lembranças tão quentes da minha família.

E quase inconsciente, num êxtase... ausente, eu falei sozinho... baixinho: 'Que bom se ela fosse também minha filha'.¹⁰⁹

Quando recebi das mãos do Sr. Zurka esta literal “autorização cigana” para que as caravanas pudessem seguir o próprio curso, senti que havia sido reconhecida junto com esta questão fundamental: a minha parte estrangeira. A estranha parcela que me havia habitado era agora partilhada e afirmada por um “especialista”, um *barô* cigano... Mais do que isso: era reconhecida como uma filha desejada... Confesso que fui arrebatada. Sentia o meu ser, corpo e psique se esforçando por ampliar as possibilidades conhecidas, configuradas por esta troca de inconscientes e conscientes compartilhados.

Precisei de uma carona para voltar para casa, pois não conseguia dirigir e fiquei de cama até o dia seguinte. Como em um caleidoscópio, sentia a cabeça a rodar e percebia que *precisava aprender a abrir mão do que eu não podia de forma racional compreender; e, ao mesmo tempo, aceitar estar sendo compreendida*. Ao pensar, a cabeça doía, tinha enjôo e vômitos me vinham. Quando eu aquietava o burburinho mental, e apenas recebia as sensações que me atravessavam, eu me sentia melhor. Era preciso acolher sensos e sentidos, eles encontrariam caminhos e formas por si mesmos. Precisava aprender que o

¹⁰⁹ Contrucci, op. cit., p. 12.

processo da vida é maior e muito mais sábio do que a minha pretensa capacidade de compreensão. Os saberes se constituiriam a seu tempo, se eu não atrapalhasse com minhas multi-racionalizações. Era como se meu ego estivesse aprendendo algo sobre limites e modos outros e estrangeiros de aprender a aprender...

Lembrei-me das aulas de pós-graduação em cinesiologia, quando o professor Sandor, antes de cada exercício de integração psicofísica, simplesmente dizia: “Deixar acontecer...”. Eu podia insistir em compreender, ou simplesmente me entregar a este processo de aprendizagem deixando acontecer... Em inglês, a palavra *surrender* parece imantar força e sentido a esta necessária aprendizagem, por meio da rendição.

Assim, iniciada nos mistérios ciganos, comecei esta singular jornada.

CAPÍTULO 2

CULTURA E HISTÓRIA,

POEMA, CONCEITO, LENDA, MITO E REALIDADE

*A terra é minha pátria,
O céu é meu teto,
A liberdade é minha religião.*
ditado cigano

Acredito que um dos fatores fundamentais que permitiu a construção deste trabalho singular tenha sido a disponibilidade, minha e de Zurka, para a criação de um tempo e um espaço *relacionais*, uma espécie de *setting* que respondeu a nossas necessidades. Para ele, abriu-se a possibilidade de contar *mil e uma* histórias; quanto a mim, tive o prazer de escutar todas as que pude. Desta mútua necessidade espontânea, inauguramos compromissos regulares cuja finalidade era a de “com-partilhar”... Esses momentos permitiram, facilitaram e garantiram a continuidade de um processo de descobertas, inauguração e renovação de saberes. Para Zurka, a minha escuta atenta e interessada permitia que ele re-visitasse a sua vida e ativasse projetos que ressurgiam com facilidade. Artes mal adormecidas despertavam nele com a magia, o vigor e a vivacidade de um menino. Como fruto desses encontros tivemos as nossas referências de vida ampliadas, pontos de vista foram inaugurados e/ou renovados, atividades jamais pensadas, postas em prática e executadas.

Os encontros aconteciam regularmente no acampamento cigano – semanal ou quinzenalmente –, pelo período de cinco anos, de 1992 a 1997, e de modo menos regular, até a mudança de Zurka para Franca, no ano de 2000. Mas o nosso relacionamento e amizade perduraram até a sua morte, em dezembro de 2003.

No acampamento, os encontros eram quase sempre regados a *tchao*, o chá cigano preparado pessoalmente por Zurka, que trazia aroma e sabor peculiar a cada encontro. A música tocada na velha vitrola dava o tom, criava um clima intimista e familiar com

canções ciganas e não-ciganas. A permanência naquela *tchera* (barraca cigana) era muitas vezes compartilhada com minha família, filhos e marido, além dos filhos e netos, irmão, sobrinhos e sobrinhos-netos de Zurka.

Centro de Tradição Cigana

Fomos aos poucos unindo forças e construindo projetos. Assim, recebemos apoio do Centro de Estudos Ciganos do Rio de Janeiro, presidido pelo médico *calon* Osvaldo Macedo¹ e secretariado pela escritora Cristina C. Pereira, entre outros. Em São Paulo, o apoio veio da Pastoral de Nômades nas pessoas dos padres Renato Rosso e Paulo, o então seminarista Jorge Piorezam, entre outros, e assim acabamos por fundar a ONG Centro de Tradição Cigana, em 1993, tendo Zurka Sbano, *rom kalderash*, como presidente, Jorge Nicoli, *rom machuaia*, vice-presidente, e eu, Valéria Sanchez S. Contrucci, e a descendente de ciganos *sintos* Silvia Fregonesi como secretárias, Marcos Nicoli (*machuaia*) e Jofre Soares como tesoureiros e ainda Vitória Ang no cargo de assessora de imprensa. Realizamos inúmeros eventos com o intuito de esclarecer e promover a cultura cigana. Contávamos também com a frequência constante de alguns amigos jornalistas, como Adriana Marmo, José Maria Mairinque e Lúcia Abreu. Artistas como Cecília Abs, músicos e dançarinos, entre tantos amigos ciganos e não ciganos, *roms e gadjés* como Gláucia Rodrigues cuja generosa amizade sempre nos acompanhou e auxiliou, tanto pessoalmente quanto através do apoio cultural da Faculdade Anhembi Morumbi, como por exemplo na criação e confecção do figurino para o espetáculo *Paixão de Zíngaro*, 1994.

Construímos assim um trabalho singular, que por muitas vezes nos fazia perder alguns contornos conhecidos, para adquirir novos entornos que nos refaziam. Na convivência, tudo tomava novo sentido, fletido e refletido na alteridade estrangeira, na identidade cigana brasileira. As vivências no acampamento permitiram apreender, descobrir e inaugurar formas de ser, de sentir, de intuir e de pensar.

¹ Osvaldo Macedo, cigano médico falecido em 1993, autor do livro *Cigano – Natureza e Cultura*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

Mito e realidade

Uma das primeiras descobertas que fiz foi a de que os sonhos e o universo mítico são partes integrantes da realidade diária deste povo. Zurka era um sonhador inveterado e dizia sempre: “O cigano não existe sem sonhar...”. A linguagem simbólica e poética, as músicas, os contos, lendas e mitos ciganos entremeavam esta realidade trazendo um clima lendário aos fatos diários – as façanhas e mazelas trágicas ou cômicas do dia-a-dia – misturavam-se e davam sentido às coisas: “Somos um mito vivo”, dizia com propriedade.

Entendi que o lugar *mítico* reservado aos ciganos pela nossa sociedade é aparentemente o mesmo lugar que eles habitam, porém com diferenças fundamentais:

– Do ponto de vista não cigano, ou seja *gadjé*, o lugar mítico que reservamos a eles é muito diferente e distante da realidade étnico-sócio-cultural que permeia a realidade cigana. Vimos no capítulo anterior que atribuímos a eles o papel de personagens, figuras semi-reais, nas quais projetamos nossas dimensões desconhecidas e sombrias, ora os vemos como seres *etéreos* e benignos, desprovidos de corporeidade, ora como figuras assombrosas, malignas e perigosas, das quais precisamos nos defender. Como já vimos, a maioria das pessoas tem uma visão deformada desse povo, por desconhecer a sua natureza singular.

– Do ponto de vista cigano, ou seja, *rom*, esse lugar é imbuído por uma *realidade onírica*, peculiar, desvelada em atos simples do dia-a-dia em uma conjunção natural entre o sonhar, dormindo e/ou acordado e o realizar dos afazeres diários. O mito e a realidade são vividos de modo integrado e unívoco, condizente com a dimensão simbólica e animista que lhes dá referência. A vida cigana é vivida como fruto da natureza que carrega em si mesma a sabedoria do reino mítico; misterioso e real. É nesta dimensão que encontrei os ciganos. É por esses caminhos provavelmente que eles têm transitado.

Quem são os ciganos? Afinal, de onde vieram? Quais os seus costumes, sua religião, pátria, profissão?

Para responder a tantas questões realizamos em parceria inúmeros eventos étnico-culturais, entre os quais destaco:

- Mito e Cultura Cigana no I Encontro de Mitos, Símbolos & Arquétipos, no Instituto Sedes Sapientiae, em 1992, com a palestra de Cristina Costa Pereira, “Povo Cigano: a

unidade na diversidade”, a apresentação do filme de animação russo-cigana *Quando Éramos Pássaros* e o poema recitado por Zurka Sbano, *A Romá* (Povo cigano);

- Participação de Zurka Sbano, Valéria Sanchez, Rita e Patya Nicoli no programa *Fanzine*, da TV Cultura, apresentado por Marcelo Rubens Paiva. 1993.

- I Encontro de Cultura Cigana da América Latina, com a presença da professora Maria de Lourdes Santana, antropóloga, mestre em questões ciganas, da professora e antropóloga Nelli Salinas como representante do Chile, do cigano Jorge Bernal, da Argentina, da Pastoral de Nômades, padres Paulo e o Jorge Piovisan, além dos membros do Centro de Tradição Cigana de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. 1994;

- Temporada de Cultura Cigana no teatro Ruth Escobar, 1994, com exposições de artesanato, pinturas e fotografia, palestras, músicas, dança e a apresentação do espetáculo teatral: *Silvio o Cigano*;

- Participação no programa *Marilia Gabriela*, na rede Bandeirantes (1994, 1995 e 1997);
- Vivência: *Vida Cigana*, sítio Janaína, Espaço Valter Vetilo. 1994-1995;
- Orientação e Participação no programa de TV *Globo Repórter, os Ciganos*, agosto de 1994;
- Lançamento do livro: *Ao Passar das Caravanas... Ciganas...* na Livraria da Vila, em 1995;
- Orientação e participação especial na novela da TV Globo *Explode Coração*, 1995-1996;
- Quinzena de Cultura Cigana, Shopping Eldorado, 1996;
- Participação no programa de TV *Jô Soares 11 e meia*, SBT, 1997;
- “Convivência no Parque” Ibirapuera, Shows e espaço para convivência cigano-não cigano, Prefeitura do Município de São Paulo, 1997;
- E também apresentações periódicas de shows de música e dança cigana, por Patya Nicoli, shows de Laços e Chicotes, família Sbano, Leitura da Sorte, por Bibi Percilia Nicoli.
- O Circo Theatro Sbano, 1997.

O poema *A Romá* e suas trilhas

Inúmeras vezes a melhor forma que Zurka encontrava para definir a si mesmo, assim como a seu povo, era recitar (com a emoção e a propriedade do artista que ele era) o poema de sua autoria: “*A Romá*”. Optei por iniciar a fundação e fundamentação dos conceitos pertinentes a essa dissertação de mestrado, tendo como base as trilhas compostas deste poema. Achei coerente seguir a *linguagem simbólica* que é a linguagem natural que permeia os sentidos da etnia... para aprofundar algumas questões.

Seguir as trilhas das palavras de Zurka na composição dos conteúdos de seus versos é deixar-se guiar por uma rota cartográfica, ou um roteiro nômade, que fala por si, que revela-se à medida de seu caminhar. O poema permite-nos percorrer um pouco do território nômade cigano. As amplificações que farei não têm o ensejo de interpretação, muito menos de análise, posto que o poema fala, canta e declama por si mesmo. Tenho apenas a intenção de recorrer ao poema como a um guia, um fio condutor, que em uma jornada labiríntica, assim como o fio de Ariadne na condução de Perseu no labirinto do Minotauro, para não nos deixar perder no caminho... Quanto a amplificações, vejo-as como a oportunidade de abertura para um leque de informações e possibilidades, para que possamos, a partir de então, conceituar e refletir.

A Romá (Povo Cigano) Zurka Sbano

I

Um dia, lá do Oriente,
De onde tudo começa,
Partiu meu povo contente,
Caminhando sem ter pressa.

II

Quando partiu? Ninguém sabe.
Por que partiu? Ninguém diz.

Partiu quando deu vontade,
Por que partiu? Porque quis.

III

Então aqui aparecemos,
Sem nunca saber quem fomos,
Nosso passado esquecemos,
Só interessa o que somos.

IV

O ontem sempre é passado,
O amanhã sempre é futuro,
Vivemos despreocupados,
O hoje que é mais seguro.

V

Dizer que Pátria não temos
É uma grande insensatez,
A nossa pátria, sabemos,
É maior que a de vocês.

VI

A de vocês é um país somente,
A nossa é toda essa terra,
Que Deus nos deu de presente
Por nunca fazermos guerra.

VII

Somos um povo que canta
Feliz por saber viver.
O pôr-do-sol do sol nos encanta
Amamos o amanhecer.

VIII

E assim sempre de partida,
Ora no campo ou cidade,
Amamos a nossa vida,
Somos os reis da liberdade.

Título “A Romá” (Povo Cigano)

A - artigo feminino singular que designa a etnia cigana plural. Sua unidade singular os torna ciganos em qualquer parte do mundo, aliados à diversidade plural de seus grupos e subgrupos. “Eles sabem que, a despeito das diferenças, eles se parecem todos”.² O povo cigano é constituído por muitos povos, espalhados por praticamente todos os países, nos cinco continentes.

Apesar da diversidade que os constitui, são perfeitamente reconhecíveis entre si. Pertencem à mesma raça, ao mesmo povo, à mesma família étnico-cultural. Podemos dizer que eles compõem um mosaico unitário, em meio à diversidade de suas tribos, *kumpanias* e famílias. Agregam, trazem e propagam características multiculturais que recebem e emprestam dos países por onde passam, aliadas às suas próprias. Esta diversidade é aliada a um forte sentimento de pertencimento à raça: “O que nos fortalece é o desejo de ser o que somos; ciganos”, diz o cigano Jorge Nicoli, vice-presidente do Centro de Tradição Cigana. Constituem um povo com “os mesmos costumes, o mesmo pensar, são as raízes da raça a se identificar”.³

Romá - é como se autodenomina o Povo Cigano. “Somos um grande povo, espalhados pelo mundo todo”, diz o cigano Hugo Caldeira.⁴

A primeira denominação no Ocidente deste povo singular foi a de *Athsíngano*, do grego bizantino. Este era o nome de uma seita de músicos e adivinhos que percorriam a Grécia, daí tsiganos e ciganos... Já a denominação na língua inglesa *gipsy* deriva de seu epíteto de egípcios, que era assim que se davam a conhecer no Ocidente. Diziam-se vindos do Egito, descendentes dos faraós, ou a serviço deles nas artes de forjar os metais. A denominação de egípcios *gipsys* e *gitanos* advém da possível passagem pelo Egito.⁵

Atualmente a *Romá* é representada pela União Romani Internacional, reconhecida em 1979 pela ONU (Organização das Nações Unidas): “Consagra a existência de uma minoria

² Martinez, op. cit., p. 42.

³ Contrucci, op. cit., p. 28.

⁴ Caldeira, op. cit., p. 29.

⁵ Foletier, 1984, p. 5.

etnocêntrica dita agora *rom*, como a tzigana. (...) Um povo de origem única, disperso por vontade própria entre as nações”. Uma nação por entre as nações.⁶

O conceito de nação no Ocidente está comumente ligada à definição de um povo em um território organizado politicamente sob um único governo; no entanto, nação carrega sentido mais amplo, que combina perfeitamente com a autodefinição do povo cigano, ou seja: “Agrupamento humano, mais ou menos numeroso, cujos membros, *geralmente* fixados num território, ligados por laços históricos, culturais, econômicos e lingüísticos” (grifo meu).⁷

A *Romá* é constituída por três grandes grupos étnicos: *Rom*, *Sinti* e *Calon*.

- *Calon* é a denominação cigana na Península Ibérica: Espanha, Portugal, assim como aos ciganos deportados destes dois países às colônias, no continente americano e nas ilhas da África. (*calon* deriva do sânscrito *kali* e significa negro).

- *Sinti* ou *Sinté* é a denominação utilizada no Oriente, na Grécia, Egito e em alguns países como Itália, Alemanha, Sérvia e França. (A palavra *sintis*, segundo ciganólogos, está relacionada com o rio indiano Sindh, de cujas margens os ciganos teriam saído, em meados do ano 1000 d.C.)

- *Rom* significa homem cigano, é a denominação usada nos demais países.

Além desses *grupos*, os ciganos se subdividem em numerosos *subgrupos* de acordo com a região, profissão ou antepassado comum. Dentre os mais conhecidos temos os:

- *Kalderashes* ou *caldeireiros*, que trabalham os metais; *Matchuwaia* (de origem iugoslava); *Mordovaia* (Romênia, Hungria); os *Thurari* (cesteiros, artesãos de palha); os *Horahane* (de origem turca ou árabe); os *Lovari* (comerciantes de cavalos); os *Gorbeto* ou *Boiaches* (ciganos de circo); *Rudari* (Romênia; artesãos de ouro incrustado na madeira); *Ragari* (Egito, Palestina e Índia, músicos de influência indiana); *Manouches* (oriundos da França e Bélgica, o termo significa homem livre); os *Gypsie*, (Grã-Bretanha, Inglaterra, Escócia e Irlanda); os *Yénishes* (de origem germânica); *Ghorbati* (no Irã); os *Romanishal* (no Egito); *Jats* e *Zotts* (Oriente Médio e Índia); *Nawar* (Árabia); *Halebi* e *Ghagar* (no Egito e na Turquia); *Luri* e *Luli* (tribo de músicos no Irã); *Kauli* (Afganistão); *Tchighiane* (entre os turcos) e muitos outros.

⁶ Martinez, op. cit., p 41.

⁷ Ferreira, op. cit.

Na Índia, são classificados entre as castas inferiores do sistema social hindu. São conhecidos como *Zott, Jat, Luli, Nuri, Don*. Também existem nesse país os *Gaduliya Lohar* (ferreiros-nômades), os *Kalbellia* do Rajastão (especialistas em entretenimentos, espetáculos mambembes), os *Vanjaras* (comerciantes nômades do Decão), os *Garopeiros* (termo corrente em Goa para designar os ciganos encantadores e exibidores de serpente ao som da flauta), os *Banjara Seva Sangh* (dançarinos que usam roupas coloridas; comerciantes de sal), os *Magadha*, os *Vratya* e os *Sudras* (nômades de casta inferior), os *Párias*, da subcasta dos sudras, e ainda aqueles sem casta, de sangue aborígine, os *intocáveis*, entre outros.⁸

Segundo a historiadora espanhola de origem cigana Agnes Vrancky, os ciganos não-emigrados da Índia têm enfrentado problemas com a sociedade majoritária, muito semelhantes aos de seus primos do Ocidente, mas conservaram sua própria identidade e hierarquia de valores: “Séculos de desenvolvimento separados fizeram evoluir a sociedade cigana não-emigrada de maneira diferente dos emigrados, porém seus valores básicos e morais continuam iguais”.⁹

Pesquisas lingüísticas confirmam que os ciganos são hindu-arianos, ou seja, oriundos da antiga civilização da Índia. A sua língua, o *romani-chib* (língua cigana), é de base hindu, deriva em 50% do sânscrito antigo, e os outros 50%, das modernas línguas indus vivas da Índia, de um léxico básico comum ao *hindi, caxemire, bengali, hindustani, rajasthani, penjabi*. Agregam-se também ao idioma original gírias e dialetos dos países por onde passaram,¹⁰ como palavras mistas do Nepal, Birmânia, Pérsia, Irã, Ásia Menor, Armênia e países da península Balcânica. Palavras do grego medieval são também comumente encontradas. Segundo o pesquisador Martin Block, “O número das palavras estrangeiras adotadas pelos ciganos corresponde à duração de suas estadas nos diferentes países”.¹¹ Proibidos de falar a sua língua em muitos lugares e épocas, criaram variantes (gíria, giringonza) com mais ou menos elementos das línguas dos países de permanência. Assim, a língua falada na Espanha, o *calo*, é um dialeto singular, quase uma outra língua cigana, é praticamente uma mistura como romani-castelhano catalão “peculiar”.

⁸ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

⁹ Vrancky, A. *El Manifiesto Del Hombre Marginal*. Espanha, Alicante, 1989, p. 11.

¹⁰ Foletier, op. cit., p. 5.

¹¹ Block, citado por Liégeois, J.P. *Los Gitanos*. Fondo De Cultura Económica-México, 1988, p. 36.

Estrofe I

Um dia...

Em determinado dia, ou melhor, em indeterminado dia, ou ainda “naquele tempo...”, ou em “*illo tempore...*”. A origem da *Romá* vem de um tempo impreciso, sem a precisão – entendida aqui como necessidade – de datação histórica, que praticamente nada representa para este povo. “Essa coisa de datas assim eu não sei, e para o cigano isso pouco interessa...”.¹²

A relação dos ciganos com o mundo, o tempo e o espaço, é compreendida de modo muito diverso da nossa visão ocidental. As aventuras e a história deste povo são transmitidas de forma oral no interior das famílias. Eles têm tido o cuidado de não deixar registros e marcos por onde passam, para defender e proteger sua cultura e tradição.

O tempo dos ciganos é o tempo do não-mensurável, do não-demarcado, o que os leva a viver e a se perpetuar em *outro* tempo. Os ciganos se guiam, se organizam e se situam no tempo que equivale ao *Aion*, o Tempo da eternidade, o tempo *mítico* que rege a natureza, as origens, o eterno retorno... e *Kairós*, o tempo da oportunidade.

Kairós significa etimologicamente: EyKAIPOS, ou EFKAIROS. Ey significa sagrado e KAIPOS, oportunidade. É pois o tempo da oportunidade sagrada; ou se aproveita o momento certo, ou ele passa. Podemos inserir os ciganos literalmente como “oportunista”, ou seja, aquele que está atento, sabe perceber e aproveitar as oportunidades que o tempo traz...¹³

O tempo Aiôn, segundo Naffah, tem sua primeira representação em Heráclito de Efeso; como “o tempo sem idades, eternidade, que se expressa num ciclo interminável de construção/destruição, como no jogo inocente de uma criança que faz castelos de areia à beira-mar” e uma segunda representação que pode ser definida por “substância vital, medula espinal, esperma, suor”.¹⁴

¹² Trecho da entrevista concedida por Zurka Sbano no já citado programa *Fanzine*, em 1995.

¹³ Ioanstampatakou, *Dicionário da língua arcaica grega*, Atenas, OFENIX, 1972.

¹⁴ Ceznok, Y. B. e Naffah Neto, “Piedade e devoção no herói casto e tolo – Persifal e a restauração do Reino Sagrado”. In Ceznok, Y. B. e Naffah Neto, A. *Ouvir Wagner – Ecos Nietzscheanos*. São Paulo, Musa, 2000, p. 134.

Tudo quanto existe possui suas raízes naquele mundo ambivalente dos começos, um mundo integralmente diferente do atual (...) é preciso recorrer ao “tempo do mito”, reatualizando-o com toda a sua ordem primordial, para fazer ressurgir (...) de novo a ordem permanente (...) A ambivalência do “tempo do mito” é a condição da ordem e fonte da sacralidade, mas simultaneamente da desordem, o reverso da ordem atual (no bem ou no mal, paradisíaco, monstruoso, se não ambos ao mesmo tempo), (...) as personagens que agem nessa ambivalência são igualmente monstruosas e imperfeitas, mas se constituem simultaneamente nos agentes sobre-humanos da transformação criadora de que surge a ordem atual. (...) A ambivalência do herói mítico, seu lado luminoso e sua face escura, esse notório *complexio oppositorum* faz parte do todo de sua personalidade, plasmada em *illo tempore*, no tempo das origens. Esse herói pode ser visto como agente, o que garante a transformação criadora, (...) o herói está sempre pronto para defender *o status quo* vigente.¹⁵

A descrição anterior reflete as dimensões em que se insere a *romá*. O tempo da *romá* é sagrado por seu caráter de atemporalidade. Nesta dimensão, um segundo pode equivaler a mil anos, e mil anos podem ter a dimensão de segundos. Podemos pensar em *Aion* e *Kairós* como o tempo regente da *natureza* em oposição a *Cronos*, como o tempo da *civilização*, ou pelo menos, como nós o interpretamos.

Kairós-Aion é o tempo da sintonia entre o micro e macrocosmo, a natureza terrestre e a natureza celeste, e dos astros em sincronia com os movimentos e os seres da Terra.

A cigana e pesquisadora Vrancky compara e diferencia a noção de tempo para os não ciganos e ciganos :

A opção do tempo como linear no Ocidente e em todo sistema judaico-cristão é caracterizado por princípio e fim, porque tudo deve cumprir-se nesta vida, nesse intervalo de vida definido e único: cujo mérito é acumular, fazer carreira com poder e êxito, competir, ter exclusividade... provocando também oposições como: o bem e o mal, Deus e Demônio, pró e contra, branco e preto...
O tempo circular do eterno retorno (com o qual os ciganos se identificam) parece melhor fomentar a tranqüilidade, a serenidade, a confiança... porque tudo se repete eternamente. O sentido ali é melhor SER que TER.¹⁶

Os ciganos convivem muito bem com a ambivalência dos tempos *primevos*, *do ser e não ser*, *de Devel*, *Deus e Beng*, *Diabo*. Convivem sem nenhum problema com os dois lados

¹⁵ Kernényi, K. “Convivência com o Divino”. In Brandão. *Mitologia Grega*, vol. III. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 4.

¹⁶ Vrancky, op. cit., p. 8.

da vida e psique. No lado heróico são: “Gente corajosa, forte, acostumada à itinerância, paciente e perseverante para aprender e fazer até dar certo, colocando a fantasia nos olhos da gente como coisa real, enfrentando riscos verdadeiros ou aparentes”. O lado anti-heróico, são covardes, sombrios, a face escura também é manifesta: “A ingenuidade, a falta de noção de tempo, de espaço, o medo do desconhecido, de fantasmas, assombrações e a cobiça de ganhar também até as coisas mais simples que o outro recebeu”.¹⁷

Na relação com o tempo, eles seguem o ritmo da natureza das estações no cadenciar de suas andanças, ao som da melodia de suas canções. Nas noites de lua cheia, por exemplo, comemoram o cerimonial maior: o casamento festejado neste período por uma questão de harmonia com a natureza. Assim como a lua cheia dura duas noites e três dias, também as bodas têm a duração do mesmo período. Ou como diz Eliade: “Através dos mitos e símbolos da Lua, o homem capta a misteriosa solidariedade existente entre temporalidade, nascimento, morte e ressurreição, sexualidade, fertilidade, chuva, vegetação, plantio e assim por diante”.¹⁸

O homem cigano é o herói de seus próprios mitos, os quais decorrem no aqui e agora (não cultuam heróis), recriam a cada geração os preceitos por meio dos quais mantém seus rituais e seus costumes. Assim, renovam-se a cada geração e conservam sua cultura no tempo cíclico do eterno retorno...

Tentativas de inserção no nosso tempo ritmado por Cronos são vistas por eles como aprisionamento e perda de sentido. O tempo do homem ocidental inserido na civilização judaico-cristã é dissociado da natureza. Na modernidade, Cronos tornou-se o tempo símbolo da produção do capital: tempo de trabalho, como na célebre frase: tempo é dinheiro. Somos regidos por Cronos, o deus grego devorador de todos os seus filhos. Victor Salis distingue dois Cronos: o primeiro é *Kronos Agueraios*, que significa “o tempo que não envelhece” e que pertence aos deuses somente. O segundo é *Kronos Gueraos* que significa “o tempo dos mortais” que nos carcome em um envelhecimento progressivo e inescapável.¹⁹ Nesse tempo somos marcados pelo aprisionamento ao calendário gregoriano, artífice de nossas horas, dias, semanas, meses, anos e eras, que passam, devoram, aprisionam e encerram.

¹⁷ Cutti, D. “Eu poderia fugir com eles”. *Travessia*, revista do migrante, op. cit., p. 6.

¹⁸ Eliade, M. *Mito e Realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1989, p. 125.

¹⁹ Anotações, com supervisão do mitólogo Victor Salis, janeiro de 2006.

No tempo de Cronos, os ciganos se perdem, ficam geralmente fora do jogo e do compasso. A contagem do tempo cronológico os confunde. Para se reencontrar, recorrem à tradução do tempo lunar. Mas nem sempre é possível esta equivalência, o que abre uma lacuna entre os dois mundos. Mesmo os ciganos sedentários, mais adaptados ao sistema, encontram certas dificuldades: “Chegar no dia e hora marcados para um compromisso com o *gadjé*, é um desafio que nem sempre estamos dispostos a cumprir! O tempo assim delimitado e marcado nos dá o sentimento de aprisionamento e isso um cigano não pode suportar...”, dizia Zurka Sbano.²⁰ A propósito, em inglês, a palavra relógio (*watch*) significa também *vigília*.

Com a poluição e a dizimação da natureza – florestas, rios etc – os ciganos ficaram praticamente sem a possibilidade de integração, sem a oportunidade de desfrutar a natureza, sem *Kairós* e sem *Aion*:

Ninguém me compreende / Só a floresta e o rio / Aquilo do que falo, passou,
foi embora / E levando junto todo o resto (...) Oh, Deus, (...) onde encontrar
lendas e canções? / Não há mais a floresta, não encontro mais os rios. / Oh,
bosque meu pai / Meu negro pai!²¹

Este poema canta o lamento da cigana Papuzka; ela denuncia o estado do tempo atual para os ciganos, *um tempo de crise*, sem florestas nem rios... “O fim dos tempos / Está chegando / Que venha / Que venha / Não importa...” é o refrão de uma canção cigana sérvia.²²

Segundo os princípios da Fenomenologia, o tempo não passa, somos nós que passamos através das coisas. Segundo Henry Bérghson, esse Tempo-Eternidade é também o tempo do Eterno Presente, ele diz que a percepção do tempo está mais ligada ao corpo, ou seja, à percepção que temos dele. Os ciganos mesmo nas cidades, no interior de suas casas, continuam se deixando guiar por essa percepção do tempo natural. “Comemos quando sentimos fome, dormimos quando temos sono, não há hora pré-determinada para nada”.²³ É

²⁰ Arquivo pessoal.

²¹ Poema da cigana Papuzka, citado in Fonseca, op. cit., 1996, p. 21.

²² Pereira C.C. *Lendas Ciganas*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

²³ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

certo que por sobrevivência transitam também no tempo de Cronos, a fim de cumprir alguns compromissos com os *gadjés*; mas, mesmo assim, a seu modo e a *seu tempo*...

lá do Oriente

Lá, advérbio de lugar, indica o *outro* lado, o lado de lá. Quando do consciente, o inconsciente; quando do Ocidente, o Oriente. *Do Oriente*, de onde tudo começa... O Oriente é onde nasce o sol, é também onde surgiram as primeiras civilizações. O próprio Criador nasceu no Oriente, conforme citação do livro sagrado hindu: *Upanishades des Vedas*: “Brahma nasceu primeiro no Oriente; (...) Ele (que é ao mesmo tempo Brahma e o Oriente) é o berço do que é, e do que não é. (...) Brahma é também prana, isto é, sopro de vida, princípio cósmico (...) e psíquico de vida”.²⁴

O Oriente como princípio cósmico e psíquico, como berço da Terra, insere o povo cigano dentre os povos primeiros, primitivos, primevos. Este é um dos raros pontos de convergência entre a *Romá* e os historiadores ocidentais: o povo cigano veio do Oriente, constituindo um dos povos mais antigos da Terra.

de onde tudo começa,

De onde: onde, advérbio de lugar indefinido... A *Romá* carrega entre suas especificidades a imprecisão não apenas do tempo, mas também do espaço, quanto à delimitação e localização geográfica. Esta imprecisão leva os ciganos a encontrarem referências mais precisas nas raízes e terrenos da psique. Afinal, “eles não criaram raízes num solo, mas sim numa consciência”.²⁵ Este terreno é povoado por imagens, mitos, símbolos e arquétipos.

Os símbolos, como linguagem natural da psique, em qualquer tempo e qualquer lugar, carregam representações de configurações conscientes e inconscientes, visíveis e invisíveis. Algo do interior é visto no exterior, e vice-versa, encontrando representação. Uma das

²⁴ Deussen, L. In Jung, op. cit., vol VII, p. 354-358.

²⁵ Afirmação de Camparini no já citado programa *Globo Repórter*.

características básicas do símbolo é sua capacidade de transcendência; seu significado é inesgotável

É o conceito de Símbolo que torna o conceito de Arquétipo operacional à luz da realidade histórica única das pessoas e das culturas e que poderá aproximar a Psicologia da Antropologia. É o conceito de Símbolo que pode perceber o fenômeno psíquico como manifestação do Cosmos, religando significativamente o objetivo e o subjetivo e reunindo assim a metodologia científica à religiosidade.

É o conceito de Símbolo que, percebido como célula irredutível da Psique e por isso como “a melhor expressão de si mesmo”, permite à Psicologia ser plenamente a ciência da Alma Individual e Coletiva na sua natureza e no seu processo de desenvolvimento (...) expressando a temporalidade do ser através da articulação significativa do passado, do presente e do futuro (...) Todo o Símbolo tem sua base numa estrutura arquetípica universal e genética e nas vivências históricas do ser individual e social.²⁶

Os mitos contam suas histórias por meio das imagens primordiais e das articulações entre símbolos e arquétipos. Segundo a Psicologia Analítica esta função essencial dos símbolos é chamada de *função transcendente*, exatamente por este potencial criativo, que oxigeniza e transmuta as possibilidades humanas, em um processo de eterno vir a ser, de constante devir.

Tudo começa...

É neste tempo e lugar mítico que vamos encontrar a origem da *Romá*. Suas leis e suas “verdades” mais profundas estão aí encerradas, constituindo então seu começo. Zelita Seabra, psicanalista junguiana, em entrevista sobre o povo cigano, responde a questão da escritora e ciganóloga Cristina Pereira:

Cristina: Quando se estuda a cultura dos ciganos, seja através de pesquisas históricas, literárias ou até mesmo no convívio direto com eles, percebe-se que o mito e a realidade ciganos não são bem delimitados..

Zelita: “É um absurdo o pensamento de que mito é o oposto da realidade. O mito é a verdade mais profunda, é o que há de mais verdadeiro e essência (...)

²⁶ Byington, C. “O Desenvolvimento Simbólico da Personalidade, os quatro ciclos arquetípicos”. *Junguian*, Revista Brasileira de Psicologia Analítica, vol. 1, 1983, p. 10.

(...) Jung, com a sua teoria do inconsciente coletivo, muito contribuiu para o entendimento desse assunto. Ele percebeu esse aspecto do psiquismo humano (...) que estaria na camada profunda do inconsciente, como se fosse a MEMÓRIA DA ESPÉCIE. Daí advêm os arquétipos.²⁷

Suas origens são encontradas nos seus contos e nas letras das suas canções, referendadas em imagens arcaicas atualizadas, que trazem ao presente e ajudam a manter sua cultura e tradição através das gerações, perpetuando-as no tempo, sem a utilização de registros, papéis e escritos. O método de propagação de seus valores e tradição é o mesmo dos princípios da *Paidéia* grega, mãe da atual pedagogia, ou seja, por meio de mitos, ritos, música, canto e dança. “As lendas têm sempre um princípio de verdade, uma origem que se transborda à medida que esta se afasta no tempo. A história do povo cigano está encerrada nessa dimensão...”²⁸

Na psique, a memória é o lugar de onde tudo começa e onde tudo se mantém. Um lugar que a civilização contemporânea já habitou; quase com exclusividade, mas que, com o advento da escrita, foi-se perdendo porque a perda do hábito de narrar histórias leva à perda do hábito de memorizar. Escrevemos e lemos porque esquecemos de lembrar. A escrita garante outro acervo, que não é o da memória, mas sim dos livros e compêndios. O povo cigano não pode esquecer... Sua história, cultura e tradição estão registrados em si mesmo, dependem desse eterno retorno à fonte, nas marcas atualizadas por seus rituais.

A respeito das origens, podemos continuar na Psicologia Analítica, e seguir as correspondentes imagens primordiais, às quais Jung imprime valor factual:

Qualifico a imagem primordial quando ela possui um caráter arcaico. E só falo de caráter arcaico quando a imagem apresenta uma concordância explícita com motivos mitológicos conhecidos. Nesse caso, expressa, por um lado, sobretudo materiais derivados do inconsciente coletivo e, por outro, mostra que a situação momentânea da consciência é mais influenciada coletiva do que pessoalmente. (...)

A imagem primordial que também chamei de arquétipo é sempre coletiva. (...) Do ponto de vista causal e científico-natural, podemos considerar a imagem primordial como sedimento mnêmico, um engrama (SEMON) que surgiu da condensação de inúmeros processos semelhantes entre si. Nesse sentido é um sedimento e, com isso, uma forma típica fundamental de certa experiência

²⁷ Pereira, C. *Povo Cigano*, Rio de Janeiro, MEC, 1986, p. 101.

²⁸ Pereira, *ibidem*, p. 102.

psíquica que sempre retorna. Na qualidade de motivo mitológico é uma expressão sempre ativa e que sempre retorna, evocando a experiência psíquica em questão (...) Sob esse aspecto, é expressão psíquica de uma disposição fisiológica e anatomicamente determinada. (...) é produto de condições ambientais atuando sobre a matéria viva, então a imagem primordial em sua ocorrência constante e universal (...) deve ter o caráter de lei natural.²⁹

Vamos acompanhar algumas dessas imagens primordiais, alguns arquétipos e mitos referentes às origens ciganas: “*Somos mitos vivos, a nossa própria vida é uma lenda*”.³⁰

1- “Cigano não tem que ficar trabalhando dia e noite, igual *gadjé*, porque somos descendentes de Adão e uma outra mulher, antes de Eva. Não temos nada a ver com essa história do pecado original.”³¹

“Acreditava-se, primeiro, que os ciganos tivessem sido criados antes dos outros homens, sendo descendentes diretos de Adão e de uma primeira mulher, anterior a Eva; seriam, assim, livres do pecado original e da obrigação de ganhar o pão com o suor do seu rosto.”³²

2 - “Os helenistas identificaram os ciganos, citados por Homero – um povo ‘de linguagem bárbara’, favorito de Vulcano (Hefestos): os ciganos não são ferreiros? E as profetisas ciganas não são as antecessoras (...) e transmissoras de oráculos, que faziam retumbar os caldeirões? Voltemos mais longe ainda no passado: os boêmios que trabalham o ferro e o cobre não seriam descendentes dos mais antigos ferreiros, aqueles da Idade do Bronze?”³³

3 - “Os ciganos descendem de Noé e antes foram escravizados por Tubalcain, que descobriu o sistema de fundir o bronze e o ferro. Quando os ciganos se libertaram, dirigiram-se à Caldéia. O país ficou pequeno para todos, então nossos chefes e magos ordenaram que nos separássemos em dois grupos, tendo nos ensinado o *patrin* (a arte de reconhecer os caminhos por sinais e

²⁹ Jung, op. cit., vol. VI, p. 829, 832, 833.

³⁰ Frase de Oswaldo Macedo, cigano médico falecido, in Pereira, op. cit., p. 25.

³¹ Frase de Juan González, in Idem, ibidem, p. 15.

³² Foletier, 1983, p. 11. “On fit d’abord des Tsiganes des descendants directs d’Adans et d’une première femme antérieure à Eve: ils seraient ainsi exempts du péché originel et de l’obligation de travailler à sueur de leur front.” (Tradução Dóris Fleury) Esta primeira mulher de Adão é a lendária Lilith, a encarnação do espírito da mulher livre segundo referências de mitos hebreus. Este tema será desenvolvido e aprofundado no Capítulo 3.

(“ Deus, relata o mito, então formou a primeira mulher, assim como tinha formado” Adão. O nome Lilith é derivado de Lilitu dos assírios-babilônicos, “um demônio feminino ou espírito do vento” e ela surge anteriormente na epopéia sumeriana de Gilgamesh, 2000 a.C. como Lillake.) Colona, M.T. Lilith ou Lua Negra. *The Journal of Analytical Psychology*, vol. 25, n.4, out. 1980, p 325-349.

³³ Foletier, 1984, p. 11.

desenhos). Um grupo foi para a Índia levando a Arca e os Livros Sagrados e o outro para um país chamado Chal, Egito.”³⁴

“Somos uma das doze tribos de Israel.”

“filhos de Caim e seus descendentes (...) Jabel que foi o pai dos que habitam sobre tendas (...).e o nome de seu irmão Jubal,, que foi o mestre dos que tocam cítara e órgão (...). Sela deu à luz a Tubalcain, que manejou o martelo, e foi artífice em toda qualidade de obras de cobre e de ferro.”³⁵

4 - “Viemos do Egito, por isso nos chamamos de faraônicos, somos descendentes dos faraós...”³⁶

“Dizem que viemos do Egito, os da raça da gente trabalhavam para os faraós, porque naquela época só os ciganos sabiam trabalhar com o ouro e fazer jóias...”³⁷

5 - “Dizem que a gente tem que ficar andando pelo mundo, sem pouso certo, a vida inteira, porque nossos parentes daquela época bem antiga não quiseram hospedar Maria.”³⁸

- “Quando Jesus estava sendo crucificado diz-se que era um homem cigano que estava fazendo os cravos e este artesão teria roubado um, para que Ele não sofresse tanto. A partir daí, assim como Cristo perdoou o bom ladrão, disse também aos ciganos que poderiam defender-se roubando e que Ele os perdoaria sempre.”³³

- “Era uma cigana, a mulher que estava com o filho no colo, ao lado do marido que fazia cravos, quem roubou um deles e escondeu nos seios, obtendo assim o perdão de Jesus para os furtos.”³⁹

6 - “Há uma lenda de que um rei da região persa, pensando que seu povo estava acabando e encontrando-se muito triste, pede que venham da Índia pessoas para alegrar sua gente, chegando lá 12 mil saltimbancos.”⁴⁰

7 - “Em um país, onde o sol aparecia por detrás de uma obscura montanha, havia uma cidade enorme e fantástica cheia de cavalos. Há muitos séculos atrás muitos povos da Terra viajavam para esta tal cidade a cavalo ou a pé, porque todos lá eram muito bem recebidos. Entre aqueles viajantes, encontravam-se algumas de nossas tribos que foram muito bem acolhidas pelo soberano da cidade, que ficou admirado de ver cavalos tão bem cuidados e propôs aos ciganos que ficassem em suas terras.

Nossos antepassados aceitaram a proposta e colocaram suas tendas naqueles campos férteis. Ali viveram durante muito tempo olhando agradecidos a tenda azul dos céus. Mas o *destino*, ou o espírito do mal, não aceitavam a felicidade

³⁴ Cigano Kako Chaudy, in Clébert, J.P. *Los Gitanos*. Barcelona, Aymá, 1965.

³⁵ Baseado em (Gênesis, 4, 17 a 22.) Caldeira, op. cit.,1999.

³⁶ Pereira, C.da C. *Os Ciganos Continuam na Estrada*. Rio de Janeiro, Ribroarte, 1989, p.31.

³⁷ Idem, *Lendas do Povo Cigano*. Rio de Janeiro, Imago, 1991, p. 43.

³⁸ Pereira, 1986.

³⁹ Lendas recolhidas de ciganos do Brasil pelo professor Atico Villas-Boas da Mota.

⁴⁰ Foletier, 1984, p. 11. In *Lendas do povo cigano*.

do povo cigano e num triste dia chegaram os *jutsi*, soldados a cavalo que atearam fogo às tendas e, além de matar os homens, levaram as mulheres e crianças como escravas.

Sem dúvida muitos ciganos escaparam da matança, mas, desde essa época, não se atreveram a permanecer muito tempo no mesmo lugar.”⁴¹

Qualquer uma dessas lendas e todas ao mesmo tempo fazem parte do panteon mítico sobre as origens ciganas, contadas por eles mesmos e recontadas por pesquisadores. Porém, para os ciganos, não existe separação entre fatos e fantasia ou entre lenda, mito e realidade. Sabemos que genuinamente (segundo Eliade, Jung, Campbell e outros): mito e realidade não se opõem, são apenas dois aspectos de uma mesma dimensão. Eliade ressalta a questão central: “(...) é descobrir as atitudes do *homo religiosus* com relação a esse ‘essencial’ que o precedeu, ou seja para onde aponta o sentido dos mitos, o que estão dizendo ou pedindo ao homem a ele ligado?”.⁴²

Com relação a estas lendas, podemos ressaltar algumas características, como a da primeira lenda em que eles não se consideram filhos de Adão e Eva, mas deste com uma primeira mulher. Esta mulher é Lilith, a essência *daemoniaca* e livre da mulher primeva.⁴³ Sem ter o pecado original, impresso na mentalidade da sociedade judaico- cristã, eles encontram-se livres... Esta é claramente uma justificativa que lhes dá o direito ao exercício da *diferença*. Não têm, portanto, que viver sob as mesmas condições culturais que nós (*gadjes*), nem que “trabalhar com o suor de sua fronte”... Sua ligação com o trabalho se faz sob *outras* condições. “Trabalhamos quando e como queremos.”⁴⁴ Podemos dizer que os ciganos trabalham para viver e não vivem para trabalhar.

Literalmente, *ferreiros e alquimistas*, são ligados desde os tempos pré-históricos às artes metalúrgicas. A Idade dos metais os remete à última fase do período Holoceno, ou seja 1500 a.C. Conhecedores de segredos e combinações nas misturas dos metais, assim como da magia nas artes divinatórias, ligando e intermediando matérias-primas e mundos, oráculos do destino, artífices em muitas artes... mas não sob o nosso jugo.

⁴¹ Pereira, *Lendas e Histórias Ciganas*. Esta lenda foi contada pelo cantor flamenco Juan Pena, “El Lebrijano”, para seu amigo pessoal, o cigano espanhol Antonio Martinez Amador.

⁴² Eliade, op cit, p. 86.

⁴³ Este mito será aprofundado no Capítulo 3.

⁴⁴ Sbano, em entrevista ao programa *Fanzine*, 1995.

A lenda ligada aos costumes cristãos, falam de Maria e Jesus, e de pecados cometidos por seus antepassados, como justifica para o *gadjé* ao traço nômade que os caracterizava em uma peregrinação penitente. Essa foi uma forma de unir o sincretismo religioso a seu modo em uma “subordinação aparente”, como já vimos no capítulo anterior.

O nomadismo aparece, também, ligado à lenda de um tempo em que foram bem recebidos e valorizados por um soberano, em uma terra boa e fértil, devido a seus talentos naturais. Teriam aí vivido o seu tempo de “paraíso”, mas, rechaçados por desígnios do *destino*, prometeram não mais se fixar a terra alguma, retomando a caminhada de sua natureza.

A referência bíblica (lenda 3), como descendentes de Noé, pode ser vista de um lado como um povo muito antigo, como uma das doze tribos de Israel, o que os situa em condições de igualdade e respeito às demais tribos, origens de nossa civilização.

A descendência dos “egípcios” (lenda 4) lhes atribui um caráter de povo misterioso de valor incontestável, assim como a civilização do Egito: O atributo de faraônicos lhes referenda um caráter de nobreza no mínimo compensatória aos rechaços e menos valia atribuída a eles pelos *gadjés*... ainda que vindos de um Egito menor, ou pequeno Egito... fica assegurada a intenção de importância e respeitabilidade lendárias.

Dentre os referidos talentos, eles se vêm ligados à música (lenda 6), à criação e à domesticação de cavalos (lenda 7), à alegria e o recorrente respeito ao destino. Estes elementos presentes estão na base de seus mitos. Podemos dizer que são as características psicológicas que os acompanham, ao longo dos tempos, porque os habitam.

Partiu meu povo contente

Partiu - como povo originalmente nômade, a *Romá* partiu do Oriente, foi chegando e tornando a partir novamente; estando sempre de chegada e partida. “A viagem ainda não terminou...”, diz um dito cigano.

Embora a Declaração dos Direitos Humanos garanta a todos os homens o direito de ir e vir, ao cigano este direito é vedado, ou bastante dificultado. A natureza nômade da *Romá* foi e ainda é considerada fora da lei e dos costumes da civilização ocidental. O incômodo que causa às populações sedentárias, aferradas à terra, o caminhar sem pressa dessa gente

que passa com roupas coloridas e costumes exóticos evoca um rechaço tão lendário quanto factuala. Zurka contava que: “Quando meu avô e os seus, em caravanas, faziam a Espanha pela Estrada de *La Plata*, a diversão dos camponeses era apedrejar as carroças”. Talvez de passagens como estas tenha nascido o ditado popular: “Os cães ladram, e a caravana passa...”.

Na Europa, a expressão atualmente muito usada é: *gente de viagem*, em francês, *gens du voyage*, que define e reafirma a qualidade nômade dos ciganos na modernidade.⁴⁵ O nomadismo é se não o traço principal, um dos fundamentais da *Romá*. “Mesmo os ciganos sedentários”, revela Heredia, “mantêm o espírito nômade”. Liégeois, citado por Carvalho, faz a mesma observação: “Ao passo que os sedentários, mesmo em viagem, continuam sedentários, o cigano mesmo se não viaja é um nômade”.⁴⁶

Segundo a antropóloga Maria de Lourdes Sant’Ana: “O fato de não criar raízes em lugar nenhum faz com que não se liguem sentimentalmente aos lugares onde se fixam, (...) O nomadismo explicaria, em parte, porque o cigano conseguiu sobrepor-se a quaisquer tentativas de desintegrá-los (...)”.⁴⁷ O espírito evasivo, que o nomadismo propicia, facilita o interjogo referente ao controle social, modo eficiente de driblar os não ciganos. Como traço original, lhes remete a um senso de *sentido*. Há um ditado cigano que diz “Vivemos porque caminhamos”, e outro que se refere à importância de sua função: “Enquanto o cigano nômade continuar caminhando, o eixo da terra continuará girando”.⁴⁸

⁴⁵ A expressão *gens du voyage* também se presta, a meu ver, a referendar uma espécie de *denegação étnico-cultural* do povo cigano para uma generalização: gente de viagem, que pode ser qualquer viajante, de qualquer origem ou categoria; um caminhante ou vagabundo, um *gadje* qualquer... pode também ser referendado como tal. Essa é uma expressão sociológica comumente usada na França, e apresenta um caráter que denota a expressão evasiva de impropriedade cultural. Assim, descaracterizados, não são situados nem reconhecidos na legislação como *minorias étnicas* que são.

⁴⁶ Paula Carvalho, J.C. *A Ima(r) ginalidade cigana*. p. 48. Texto não publicado.

⁴⁷ Sant’Ana, M. *Os Ciganos de Campinas*, dissertação de mestrado. Apresentada ao Departamento de Ciências Sociais (Antropologia) da FFLCH-USP, 1972.

⁴⁸ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

meu povo contente – a Romá traz entre suas principais características a alegria. Uma das lendas de origem, como vimos, cita os ciganos, convidados por um rei a vir a seu país, possivelmente a Pérsia, com a função de alegrar seus súditos.

“Por onde passam, deixam alegria (...) Quase todo discurso recoloca a alegria como compensação para as dificuldades (...) construir o cotidiano cigano com alegria é uma necessidade e uma arte.”⁴⁹

Assim canta a letra deste *sungrê* (música de caravana), do cigano Arael Magnovich:

Vem! Caminhar é preciso. O infinito é mesmo ali. (...) Siga as estradas da vida.(...) Siga-nos! Siga os ciganos.
O *sungrê* dá motivação para a caminhada. Não só estabelece o ritmo, (...) costuma ser lento, em princípio, mas, de acordo com as condições climáticas e com a geografia dos lugares por onde se precisa passar, o ritmo do canto varia e vai se acelerando mais e mais. (...) Cantando você se alegra, se motiva, se reanima.⁵⁰

É importante lembrar que não é apenas a alegria, que é privilegiada nas trajetórias ciganas. O tom emocional pulsa à flor da pele. “Somos como uma criança grande que ri, chora e fica brava com facilidade, falamos alto, cantamos e dançamos nas horas de alegria, assim como nas de dor (..).”⁵¹

Caminhando sem ter pressa

O caminhar cigano é muito distinto do caminhar dos *gadjés*. Eles têm efetivamente *outro* ritmo, mais próximo à cadência musical da dança, da ginga e dos malabares da vida; um ritmo lúdico. Um ritmo bem distante da marcha apressada que nos caracteriza. Seguem, como vimos, o tempo que não tem pressa: “O tempo corre a favor dos ciganos”.⁵² A hora da chegada é a hora de se chegar... O compromisso é com a caminhada, com a viagem; a chegada é consequência. E, se em meio do caminho algo sinalizar na direção de mudança, troca-se o destino com a facilidade dos que obedecem a *outros princípios*, de quem segue a

⁴⁹ Lima e Fernandes. “Entre o nomadismo e o sedentarismo”. *Travessia*, op. cit., p. 14.

⁵⁰ Pereira, *Lendas e Histórias Ciganas*. Rio de Janeiro, Imago, 1991, p. 14.

⁵¹ Zurka Sbano, em entrevista ao *O Globo Repórter*, 1995.

⁵² *Ibidem*.

vida com a flexibilidade das mudanças do tempo. São por essas características também chamados de “filhos do vento”. Os ciganos seguem: a pé, em carroças, a cavalo, de *vurdon* (nome das antigas carroças típicas ciganas), em *trailleurs*, em modernos carros e caminhonetes...

O caminhar do cigano nômade é um caminhar solto de propósitos, segue um ritmo próprio, das cadências naturais; é sem pressa, posto que não tem na meta seu objetivo final. Já o caminhar do não cigano, principalmente nas grandes cidades, lembra o da marcha militar; é um caminhar apressado, determinado desde a saída até a chegada, marcado por objetivos, metas e finalidades específicas, além de ser permeado pela questão dos horários.

Levantam-se algumas questões a respeito desse *caminhar nômade sem pressa*...O jornalista Luís Pelegrini, na festa de Santa Sarah Kali, em Camargue, sul da França, perguntou para a cigana que lia o Tarot:

– Por que vocês, ciganos, viajam o tempo todo, não se fixam em lugar nenhum? Aonde vocês querem chegar?

Sara, a cigana, não conteve uma sonora e longa gargalhada (...).

– Os ciganos viajam o tempo todo porque querem chegar ao fim do mundo.

Então eu retruquei:

– E quando chegarem lá o que vão fazer?

– Vamos começar o caminho de volta. (...)

– Mas por quê? O que leva vocês a fazer isso?

E ela:

– *Ananke*, o destino, a necessidade. O único deus para o qual o cigano realmente baixa a cabeça.(...)⁵³

A necessidade comanda os auspícios ciganos, e o nomadismo é um dos desígnios que está inserido no destino deste povo. Eles confessam que são “regidos por Baxt, sorte, destino, fado, e é a ele, apenas a ele que se rendem”.⁵⁴ O *gadjo* Pellegrini comenta a resposta da cigana:

(...) Como era possível que essa potestade grega (*ananké*), de existência e significado pouco conhecidos até mesmo para os especialistas em mitologia, fosse tão familiar para uma cigana cartomante? Este é um dos muitos

⁵³ Pelegrini, L. *Os Pés Alados de Mercúrio – relatos de viagens à procura do self*. São Paulo, Axis Mundi, 1997, p. 134.

⁵⁴ Fonseca, op cit, p. 309.

mistérios que o povo cigano carrega. Mistérios aos quais nós, pobres *gadjos* – os não ciganos – só temos acesso por boa sorte, através das fendas estreitas que eles, por simpatia, por generosidade, ou por dinheiro, às vezes resolvem abrir. A cigana Sarah abra-me uma dessas fendas.⁵⁵

Mello Moraes, no seu estudo etnográfico, escreve: “Suspenso entre o mundo físico e o destino, o cigano, em sua vida, como em seus cantos, é um espírito fatalista e por conseguinte resignado. Segue sua sina e somente a ela ele se rende”:⁵⁵

Estrofe II

Quando partiu?

Quando, advérbio de tempo indefinido. O tempo remete ao fluxo constante dos acontecimentos, ou seja, à história das histórias, no caso do povo cigano, uma história indefinida que se deixou perder no tempo. Como povo nômade, os ciganos estão sempre de partida... e chegada. A viagem ainda não terminou...

Antonio Martinez Amador, advogado e cigano, em conversa com a escritora Cristina da Costa Pereira, comenta sobre o “quando” da partida (a lenda citada por ele, n. 7), referida no trecho do verso acima: *de onde tudo começa,*) sobre a possível razão da partida dos ciganos do Oriente rumo ao Ocidente:

Segundo as pesquisas lingüísticas e antropológicas, “esse país” a que a lenda se refere parece ser a misteriosa Índia. E a tal cidade “enorme e fantástica” pode ser Monhenjo-Daro ou Harappa, os dois grandes marcos do que Romira Thapar, em sua história da Índia, considera a “espetacular civilização do Vale da Índia, na atual região do Punjab”.

(...) Esses povos agrupados na cultura *harappa*, faz uns cinco mil anos, se mantiveram à margem da estrutura social na qual os árias – povos invasores – impuseram uma estrutura de castas. E tais povos se tornaram, então, as vítimas iniciais de uma primeira e grande segregação racial.

Desde a invasão ária, os ciganos foram condenados a pertencer a uma das castas inferiores – párias. Mas o caráter arrogante e desobediente que sempre nos distinguiu impediu a assimilação àquela nova ordem social.

⁵⁵ Pellegrini, L. op cit. p. 65.

⁵⁵ Moraes, op. cit., p. 8, 9.

Assim o povo *Rom* começou sua vida nômade dentro do solo hindu como uma fuga à submissão humilhante e como forma de preservar as tradições e o mais importante de tudo para nós: A LIBERDADE.⁵⁶

Neste relato de Martinez Amador, podemos acompanhar bem de perto a correlação “mito e realidade,” como os dois lados da mesma moeda, trazendo por acessos diferentes a mesma possibilidade de conhecimento. Mircea Eliade a esse respeito comenta que, no seu sentido original “O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu”.⁵⁷

Por que partiu?

Causas e “porquês” não costumam fazer parte dessa cultura que vive o saber na experiência. As causas fazem parte de um entremeado de fatos e acontecimentos, no caso do povo cigano, que facilmente nos escapa, por ser uma cultura tradicionalmente oral cujo hábito é de não deixar registros.... Assim, a história do povo cigano tem muitas histórias, muitas causas e inúmeros porquês; não que a nossa também não tenha, mas eles, na sua singularidade, assumem o desconhecido de forma ímpar, deixando sempre e ainda muitas dúvidas e “porquês.”

Os poucos registros históricos foram sempre feitos por não ciganos, ou seja, *gadjés*. No entanto, a partir do século passado, como vimos no Capítulo 1, os ciganos iniciaram um movimento lento e tímido a fim de falar e expressar aos não ciganos seus sentidos e contextos. Talvez essa mudança de hábitos esteja relacionada a uma nova forma de afirmar sua identidade, uma vez que os modos tradicionais ciganos, como a sua característica evasiva, não estejam mais se mostrando tão eficientes. O *porraimos*, o holocausto ciganos da Segunda Guerra Mundial, parece ter sido uma espécie de divisor de águas. Eles têm percebido que, para se impor e resolver questões com os não ciganos, eles precisam ter este saber dos *gadjés*. “Hoje, na Espanha, já temos e queremos mais advogados, professores, médicos, técnicos em computação e representantes de todas as profissões entre nós, ciganos. Não queremos mais ser os paralíticos sociais.”⁵⁸

⁵⁶ Pereira, 1991. p. 143.

⁵⁷ Eliade, op. cit., p. 11.

⁵⁸ Heredia, arquivo pessoal. Barcelona, Espanha, 2005.

Quando e por que partiu?

Pré-história e história cigana

A historiadora cigana espanhola Agnés Vrancky, num singular trabalho de pesquisa, dedicou vários anos de estudos para recompor a história de seu povo, desde as suas origens, ou seja remontando a sua pré-história. Agnes, assim como os historiadores modernos, os classifica entre os grupos Indo-Arianos. Segundo ela, a *Romá* foi constituída no berço da civilização pré-ariana, entre a Ásia Central e a Índia, há pelo menos 4 mil anos. “(...) chegam na atual Índia no segundo milênio antes de Cristo, introduzindo o cavalo e a metalurgia e seu sistema social baseado em castas.”⁵⁹ A historiadora usa a denominação de *Gao Calo, Romane Chave*, ao povo cigano:

Podemos dizer com certa segurança que os *Romane Chave* pertenciam ao grupo dos *Kshatria/ Rajputs* (como artesãos nômades reais) e procedem do grande *Punjab/Rajastão*, com mais precisão e baseando-nos nas investigações lingüísticas e antropológicas (...) na comarca de *Jodhpur*.⁶⁰

Como povo essencialmente nômade, não podemos deixar de apontar que devem ter estado, desde os tempos pré-históricos, espalhados por entre muitos povos, por todo o mundo. Segundo Paul Bataillard, citado por Foletier: “uma raça pré-histórica, raça dos Sigynes, descritas pelo historiador Heródoto, os Sinthies, mencionados por Homero: ‘um povo de língua bárbara’, população numerosa da Ilha de Lesmos”.⁶¹

Puente Esteban, membro da Associação de Estudos Ciganos associada à Unesco, em Paris, chegou a conclusões semelhantes às de Agnes: Os *gaduliya lohars*, ou ferreiros nômades da região do *Rajastan*, são descendentes do ilustre grupo *Rajput*, ferreiros reais e têm as mesmas características do cigano europeu.⁶² O historiador Gaston Courtillier relata algumas características originais dos *Sudras*, homens sem casta da região do *Punjab*, segundo o *Rig Veda*, livro sagrado dos hindus:

⁵⁹ Vrancky, op. cit., p. 5.

⁶⁰ Idem, ibidem, p. 8.

⁶¹ Foletier, op. cit., p. 11.

⁶² Esteban, P. *Correio da UNESCO*, p. 9.

Dedicam-se ao canto e à música. Ferreiros fundidores, ourives, trabalham os metais como o ferro, o cobre, o estanho, o chumbo, a prata e o ouro. Os elefantes são por eles domesticados, assim como os cavalos, como se fará mais tarde (...). São acrobatas, tamborinistas e flautistas, atores (*sailusha*) e palhaços, com certa especialização nos divertimentos, ao lado dos astrólogos, do jogo de dados, das corridas de cavalo e da dança, sempre preferida. Uma dúzia de hinos dialogados do *Rig Veda* parecem ser dramas rituais, origem nacional do teatro indiano.⁶³

Vrancky afirma que o motivo da chegada do povo cigano em grandes ondas migratórias, rumo ao mundo ocidental, foi: “(...) com o fracasso da batalha de Terraim em 1192 d.C., o rei Rajput Prithviray Chauhan e os *Romano Chave*, seus servidores artesãos, preferem o êxodo a se submeter a um poder alheio, os Mongóis e o Islã conquistador”. Isso teria acontecido também na região do Rajastão, Índia. A partir desse êxodo, outros se seguiram, tendo como causa motivos semelhantes, relacionados à política interna indiana, e seus confrontos com asiáticos invasores.⁶⁴ “Os ciganos que não partiram, ou seja, os não-emigrados da Índia, como os *Banjaras*, constituem o maior contingente de população cigana do mundo: cerca de 20 milhões, em 1980”, segundo os dados dos estudos de Acton.^{65*}

A compreensão da história cigana, tal como a história de qualquer povo, não deve se restringir a uma leitura e interpretação única e coerente. A história dessas migrações, no caso do povo cigano, não deve ser compreendida como contínua e regular, embora alguns historiadores descrevam sua imigração rumo ao Ocidente como procedimento linear, ou seja, como se eles seguissem uma rota determinada em direção ao Ocidente.

Os caminhos foram construindo-se e fazendo-se na medida do caminhar. Esta história deve ser vista como *muitas histórias* e este povo, como *diverso*. Segundo Nicole Martinez, “A visão linear, baseada em um esquema evolucionista de uma migração caminhando numa única direção e originária de um único ponto de partida da Índia, durante o início do segundo milênio, caminhando lentamente em direção a oeste, deve ser revista”.⁶⁶ A

⁶³ Courtillier, G. *As Antigas Civilizações da Índia*, Rio de Janeiro, Ferni, 1976, p. 149.

⁶⁴ Vrancky, op cit., p. 9.

⁶⁵ Acton, T. *Gypsies*, United States, 1981, p. 47. * A estimativa da população cigana na Europa (ocidental e oriental) é de 12 milhões. No Brasil (600 mil a 1 milhão). (Dados do centro de Tradição Cigana, 1996.)

⁶⁶ Martinez, op. cit., p. 24.

reconstrução da história e pré-história cigana tem uma consistência ímpar. A trajetória deste povo cigano está mais próxima dos movimentos cartográficos e labirínticos.⁶⁷

Como temos percebido, o trânsito íntimo entre o real e o imaginário faz parte dos atributos da *Romá*. As lendas permitem revisitar os fatos históricos, assim como fatos históricos comumente apresentam um caráter da ordem do fantástico. Historiadores mais familiarizados com este *modo de ser cigano*, os descrevem:

A história deve ser em boa parte lendária, mas indica a presença na Pérsia de numerosos ciganos provenientes da Índia, no século VII d.C. os quais já gozavam a reputação de músicos, avessos à agricultura, propensos ao nomadismo (...).⁶⁸

Outra observação deve ser feita com relação à característica nômade de ser cigano. Insistimos em querer determinar *de onde eles vêm*. Um povo genuinamente nômade vem de todo e de qualquer lugar. Assim, será tão correto dizer que são da Índia quanto do Egito, da Grécia, Hungria e/ou Romênia, assim como da Espanha e de muitos outros lugares também.

De qualquer modo, a origem étnica *indo-ariana* está comprovada por estudos lingüísticos, antropológicos, etnológicos, historiográficos e históricos.

História(s)

Segundo China, invasões de hordas mongólicas de Tamerlão (1398-1400), regidas pelo imperador mongol Timur Beck, cuja crueldade teria obrigado numerosos habitantes das

⁶⁷ “Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa, representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para os afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhes parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.” Rolnick, S. 1989, p. 15 e 16.

⁶⁸ Foletier, 1984, p. 5.

⁶⁹ China, op. cit., p. 24.

margens do rio Sindh, principalmente das classes mais baixas (sudras e párias) a deixarem o país.⁶⁹ Llorens diz que:

Como conseqüência destas invasões, os ciganos se apressaram a abandonar a Índia, separando-se em diferentes grupos migratórios; uns para a Pérsia, Síria, Arábia, tendo daí se dizimado para o Egito. Outros para a Ásia Menor, e orlas do Mar Negro, Bósforo, Trácia e Macedônia, de onde mais tarde se infiltraram na Europa.⁷⁰

Entre os anos de 1567 e 1568, uma nova e maciça onda de migração teria levado os artesãos a preferir o êxodo a ter que se submeter a um poder alheio ou à opressão do sistema de castas hindu.

Rajastan é a região de origem dos *gaduliya lohars*, que se afirmam pertencentes ao ilustre grupo *Rajput*. Numerosos relatos, transmitidos oralmente, são concordantes neste ponto. Os atuais *gadluiya lohars* descendem dos grupos que, a serviço dos Príncipes *Rajputs*, dedicavam-se à fabricação e ao cuidado das armas dos exércitos, gozando portanto de uma consideração e estima especiais, até que, em 1567-1568, os repetidos ataques (iniciados em 1192) do Império Mongol triunfaram sobre os aguerridos defensores, (...) marcando o fim da dinastia *Rajput*.

Os *lohars* se sentiram feridos na sua honra, ao serem vencidas as armas por eles fabricadas, e juraram interromper sua tradicional tarefa (ligada à confecção de armas), até que fosse lavada tal desonra, dedicando-se enquanto isso à pacífica fabricação de utensílios domésticos. Para evitar possíveis conflitos com os ferreiros de outras castas, já estabelecidos, decidiram percorrer os caminhos e servir aos povos das estradas.⁷¹

Estes episódios teriam dado origem aos êxodos dos ciganos rumo ao Ocidente. Os ciganos que permaneceram na Índia tiveram que se submeter ao sistema de castas inferior, ou seja, aos *sudras*, *parias* ou ainda aos sem castas, ou *intocáveis*. Na Índia, o sistema de castas é dividido em quatro categorias: 1) *brâhmanes*, autoridades espirituais, contemplativos; 2) *kshatrias*, aristocracia, poder temporal; 3) *vaishas*, comerciantes, agricultores, classe média; 4)

⁷⁰ Llorens, op cit. p. 23.

⁷¹ Puente, E.C. “Os gaduliya lohars, ferreiros nômades da Índia”. O Correio da Unesco, *Os ciganos*.dez. 1984, p. 8.

sudras, servos, trabalhadores sem qualificação. Há ainda os sem casta, *párias*, que é o tipo natural, ou *intocável*.

O *intocável* tem tendência a realizar as possibilidades psicológicas excluídas pelos outros homens, de onde a sua tendência à transgressão (...) Segundo a concepção hindu, o mais baixo dos *intocáveis* – o *chandâla* – provém de um *sudra* e de um *brâhmani* – constitui um tipo definido que vive normalmente à margem da sociedade (...) ele tem comumente algo de *proteico*, o que o torna capaz “de tudo e de nada”, pode ser visto como um (...) saltimbanco, comediante, carrasco, sem falar nas ocupações ilícitas.⁷² Podemos falar que as características que definem as castas inferiores indianas são as mesmas que definem os ciganos, ainda hoje, nas diversas partes do mundo. Com o êxodo, livraram-se, por um lado, do jugo das castas, mas não de seus traços e nem de seus rechaços.

O padre Renato Rosso, fundador da Pastoral de Nômade no Brasil e atualmente trabalhando com os ciganos não-emigrados da Índia, levantou também estudos da “pré-história” dos ciganos, tendo como referência a origem de Abraão.

Há dois mil anos antes de Cristo, apareceram no sul da Rússia os nômades arianos que vão na direção da Índia, do mar Mediterrâneo e rumam para o sul. Em 1575 a.C. um grupo de nômades, os arameus, viaja pela Síria, Palestina e Egito. Em 1700 a.C. aparece um líder carismático de nome Abraham, que foi considerado como patriarca dos ciganos, o pai do povo *Rom* (e também dos judeus). Logo, enquanto os arianos descem, os arameus sobem, acontecendo um cruzamento muito importante.

No ano 500 a.C., quando se faz a redação da Bíblia, fala-se de nômades que vivem em barracas, trabalham com metais e são músicos talentosos.⁷³

Segundo Paul Bataillard, citado por China: “Os ciganos se teriam espalhado, desde os primeiros tempos, pelas ilhas do Mediterrâneo oriental”.⁷⁴

O historiador árabe Hanza, de Ispahan, narra a chegada à Pérsia de 12 mil músicos *zotts*. Estes músicos indianos teriam sido encomendados pelo rei da Pérsia para alegrar seus súditos. Meio século depois, o cronista e poeta persa Firdusi (930-1020), autor do *Livro dos*

⁷² Schuon, F. *O sentido das raças*. Trad. Azevedo e Queiroz. São Paulo, Ibrasa, 2002, p. 29-29.

⁷³ Carvalho, R. “O Universo mágico dos ciganos”. *THOT*, n. 51, 1989, p. 8.

⁷⁴ Bataillard, P. *De L'apparition et de la dispersion des Bohémiens en Europe*. Paris, Firmin Didot Frères, Bibliothèque de l'Ecole des Chartes, tomo V, 1844

Reis, retomaria a mesma história.⁷⁵ Foletier ainda comenta que em Modon, porto importante da costa ocidental, principal escala da rota de Veneza a Jaffa, os ciganos foram vistos pelos viajantes ocidentais: “Negros como etíopes” eram principalmente ferreiros e viviam em cabanas. O lugar chamava-se Pequeno Egito, talvez por ser, no meio dessas terras secas, uma área fértil como o delta do Nilo. Por isso os ciganos da Europa ficaram conhecidos como egípcios, *gypsies*, e seus chefes freqüentemente intitulavam-se duques ou condes do Pequeno Egito. Ainda segundo esse autor, os ciganos vieram em uma seqüente e grande onda migratória ao longo do século XV. Tiveram estadia na Grécia e em países vizinhos, como os principados da Romênia e da Sérvia. Atravessaram a Hungria, onde o Imperador Sigismundo concedeu-lhes cartas de recomendação. Chegaram na Alemanha, França, Suíça, enfim por toda Europa.⁷⁶

Oliveira China, em suas pesquisas, relata que: “(...) Saindo da Índia, se encaminharam pelo centro da Ásia onde conseguiram chegar a Ásia Menor” sendo possível que essas hordas ciganas, tenham-se dividido em dois grandes grupo:

O primeiro, após ter atravessado sucessivamente o Afeganistão e a Pérsia, atingiu a Armênia onde estanciou por algum tempo. Posteriormente, um de seus ramos se encaminhou para o Cáucaso e um outro, atravessando a Ásia Menor, conseguiu passar para a Europa.

O segundo grupo, descendo pelo Beluthistan, atingiu o Mekran, entrou no sul da Pérsia em sua marcha para o Ocidente (...) Daí se passou para o Iraque-Arábia e, atravessando a Mesopotâmia, a Síria, a Palestina e a Arábia Pétria, chegou ao Egito, através do istmo de Suez.(...)

Mar Cáspio, Mar Negro, e remontando as províncias setentrionais da Rússia e Sibéria.⁷⁷

Felix Grande comenta que os ciganos surgiram na Europa, ao mesmo tempo em que turcos e árabes se retiravam, foram por isso também considerados pelos governantes retaguardas mulçumanas.⁷⁸

A historiadora Assio Henriette relata, como vimos no Capítulo 1, que no princípio e só no princípio da imigração para a Europa, esses *egípcios*, como se chamavam, foram bem

⁷⁵ Foletier, 1984, p. 5.

⁷⁶ Foletier, *ibidem*, p. 6.

⁷⁷ China, *op. cit.*

⁷⁸ Grande, *op. cit.*, p. 30.

recebidos. À chegada dos ciganos as populações locais ficavam curiosas e os cercavam para ver seus costumes exóticos, suas roupas coloridas, pele escura, olhos grandes e amendoados, nariz aquilino e fino, cabelos e barbas compridos aos homens, brincos e correntes de ouro também às mulheres, a pé ou a cavalo. Apresentavam às autoridades locais cartas de recomendação enaltecendo seu favoritismo, com uma tropa militar estruturada para propiciar a segurança de sua trupe. Assim muitos países davam-lhes proteção. “Os bem amados capitães dos boêmios. (...) Estiveram os ciganos a serviço da guarda de príncipes de sangue real.” Porém, cerca de meio século depois, a maioria dos países visitados já lhes impunha sanções, proibindo-lhes o nomadismo e seus costumes tradicionais.⁷⁹

Na Espanha chegaram em 1447, dizendo-se em peregrinação penitente a São Thiago de Compostela, Segundo Grande,

A história dos ciganos espanhóis é a história de um teimoso sobressalto que dura cinco séculos; é a história também do desencontro entre uma cultura secularmente nômade e uma cultura sedentária, geralmente receosa, freqüentemente autoritária, e às vezes não misericordiosa.(...) A lua-de-mel entre duas culturas tradicionalmente antagônicas tinha que acabar.

O engano dura pouco, os títulos de duques e condes eram falsificados, a peregrinação penitente, seu modo nômade de ser, sua obediência era simulada, suas palavras estranhas, ininteligíveis, perturbadoras suas roupas exóticas, (...) O cristianismo exclusivista da época não podia tolerar suas magias ou feitiçarias. As leis para os conter e castigar foram implacáveis.⁸⁰

Na Dinamarca, Noruega, Lituânia, Irlanda, Grã-Bretanha, Suécia, Finlândia, Estônia, Polônia, Ucrânia teriam chegado no século XVI. Também, por toda a Península Balcânica: Macedônia, Bulgária, a já citada Hungria, Croácia, Ietsegóvia e Bósnia.

Ainda segundo Henriette, os ciganos tiveram papel importante na intermediação entre Oriente e Ocidente (nos séculos XV-XVIII). Nos limites do Império Otomano, onde as possessões de Habsbourg eram fixadas por confins de linhas militares de defesa nas fronteiras da Hungria, Romênia e Ucrânia, os ciganos serviram como intermediários, ora dos cristãos, ora dos islâmicos. Apesar dos confrontos: “existia um contato econômico permanente entre as hordas cristãs e otomanos.(...) Os ciganos intermediavam o comércio de

⁷⁹ Henriette, op. cit., p. 17-22.

⁸⁰ Grande, op cit., p. 29.

cavalos e serviços militares, fazendo prosperar suas companhias a serviço de príncipes guerreiros e aristocracia militar”.⁸¹

Os ciganos não têm tradição guerreira, se ofereciam seus dotes militares era apenas um modo para ser bem recebidos em uma Europa bélica onde aconteciam permanentes disputas. Como não eram de fato militares, com disposições políticas e convicções ideológicas, podiam a qualquer tempo e lugar mudar de lado nos combates, caso lhes fosse oferecido melhores condições de negócios. Assim, logo foram chamados de traidores e desertores. A esse exemplo, Zurka contava que na Primeira Guerra mundial seus tios paternos haviam lutado nas duas frentes: hora ao lado dos italianos, hora ao lado dos sérvios. Na Idade Média foram chamados de sarracenos pelos cristãos e perseguidos por esses mesmos sarracenos como *cristãos*.⁸²

Não eram genuinamente guerreiros nem cristãos. O que não impediu de ter havido na sua historiografia ciganos reconhecidos como bravos guerreiros, e outros ainda como cristãos devotos e mártires.

Um exemplo cristão foi Zeffirino Gimenez Malla, *gitano* espanhol, *El Pelé* (1861- 1936), nômade, reconhecido pela Igreja Católica como devoto cristão e mártir, preso e fuzilado no primeiro dia da Guerra Civil Espanhola.⁸³

Henriette comenta, no que se refere à sociedade russa, que o contato entre as duas culturas fez-se de modo menos conturbado. A intermediação da música, canto e dança, parece ter sido um elo fundamental. Penso que a Rússia apresenta um elemento diferencial: ser uma nação composta por muitas nações, sem a fixação hegemônica racial de outros países. Henriette cita como exemplo um dos tios de Tolstoi, Féodor Tolstoi, coronel que se casou com uma cantora cigana. “Na alta sociedade russa os casamentos mistos não eram raros.”⁸⁴

Ainda segundo essa autora, no final do século XVIII, uma onda pós-romântica em relação aos ciganos assolou a Europa, sob o estandarte Romantismo *versus* Perseguição, inaugurou-se um modismo coquete a *la bohémienne*. “O interesse pós-romântico situa o imaginário boêmio entre um chamado de elevação e o espírito e a nostalgia do

⁸¹ Henriette, op cit., p. 41.

⁸² Henriette, ibidem, p. 62.

⁸³ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

⁸⁴ Henriette, ibidem, p. 78, 79.

primitivismo.”⁸⁵ No final do século XIX, o orientalismo triunfa nas artes ocidentais. Muitos artistas tornaram-se amigos e simpatizantes dos ciganos que também eram artistas, poetas e músicos. O poeta inglês Jonh Clare, freqüentava os ciganos e lhes dedicou poemas, assim como Lorca, na Espanha. Entre muitos outros artistas, Renoir (*La Petit Bohémienne*) e Monet (*La Gitane à la cigarette*) consagraram-nos em imagens. “Era predileção entre pintores (...) pintar as raças. A imagem graciosa da cigana coquete e ao mesmo tempo sombria.” Também escritores, como Tolstoi, que os destaca em *Os Dois Hussards*, *Guerra e Paz*, a cigana Macha em *O Cadáver Vivo*.⁸⁶

Como vimos no Capítulo 1, o lugar das artes lhes foi assegurado. Só não podemos deixar de perceber que o lugar das artes, da literatura, da pintura, da música, do mito, é o mesmo lugar dos homens na vida diária da realidade, só que vista por outro ângulo.

A Carmem de Prosper Merimé, com seu temperamento arrebatado e temerário; a Esmeralda de Victor Hugo, com sua graça inata; Zenfira a Rebelde de Pushkin; Macha, a cigana de Tolstoi, com sua sensualidade (entre tantos outros personagens) não são meros produtos da imaginação e do gênio de seus autores. São personagens reais, vivos e impetuosos, que saíram diretamente de suas tendas e caravanas para entrar na literatura.⁸⁷

E, ao menos, desse modo permanecer na história...

A onda desta grande migração cigana por toda a Europa (ocidental e oriental) atingiu Portugal ainda no século XVI e a conseqüente deportação às colônias da África e da América.⁸⁸ Os mapas das imigrações tornam-se incompreensíveis, se forem feitas tentativas de compreensão lineares. Isso devido a seus constantes e mutantes movimentos nômades.

Felix Grande considera a história cigana inegavelmente intermeada e costurada à história do homem no Ocidente: “Se logo depois do ano 1000 os ciganos aparecem na história do homem ocidental, no ano 1500 já estão presentes em toda Europa, pode-se dizer que no início de 1600 estão presentes no mundo inteiro. Daí em diante, o mundo não pode

⁸⁵ Idem, ibidem, p. 82.

⁸⁶ Ibidem, p. 61.

⁸⁷ Henriette, ibidem.

⁸⁸ O tema dos ciganos no Brasil será abordado adiante neste capítulo.

mais escrever a própria história sem levar em conta os ciganos”.⁹⁰ Apesar do raciocínio deste autor ser lógico, a história dos ciganos em relação à história do homem ocidental continua ausente e ignorada nos compêndios de história oficial. Podemos compreender essa ausência como um mecanismo clássico de negação. Por outro lado, a omissão destas referências não as elimina nem impede que façam definitivamente parte na nossa história, influenciando-nos direta ou indiretamente, como o lado reprimido da civilização ocidental.

Ninguém sabe

Para a *Romá* o “não saber” revela *outra* forma de saber. A cigana Esmeralda Liechocki recita: “Sou cigana, venho de um povo marcado. / De onde viemos e para onde iremos, nada disso importa / O que importa é o muito que vivemos”.⁹¹

“Muitos ciganos com que conversei afirmam que a origem do seu povo é o Egito, porém a maioria deles confessa que para falar a verdade não estão muito preocupados com isso”, comenta a escritora Cristina da Costa Pereira.⁹²

Os ciganos transitam com tranqüilidade por este não-saber. A incerteza é companheira constante da *Romá*, os caminhos nômades são sempre incertos, o não saber é cotidiano e não tão ameaçador como para nós. Eles podem afirmar com tranqüilidade suas origens vindas de qualquer lugar: “Viemos da Grécia, ou do Egito, ou da Índia, ou de qualquer outro lugar do Oriente, e isso não faz a menor diferença...”, comentava Zurka.

Precisamos de muitas certezas e precisões, talvez porque a vida seja demasiado incerta e imprecisa e então nos imbuímos a construir “garantias”... A *Romá*, o povo cigano, parece saber de antemão muito mais sobre incertezas e imprecisões do que nós...

Por outro lado, é fato que os ciganos, como povo ágrafo, não dão e/ou não davam importância a datas e dados históricos. Ao contrário, olhavam e alguns ainda olham com certo deboche este aprendizado atrelado aos estudos acadêmicos da nossa sociedade:

Não lhes interessa buscar nem expor suas origens geográficas, nem suas razões históricas. Não concedem importância ao fato de acharem-se em tal ou qual Estado ou nação.

⁹⁰ Grande, op. cit.

⁹¹ Pereira, *Os Ciganos Continuam na Estrada*. Rio de Janeiro, Ribro Arte, 1989, p. 31.

⁹² Idem, *ibidem*.

São circunstâncias fortuitas (...) A sua sociedade está fora do espaço geográfico e poderia dizer que é ageográfica.⁹³

Os ciganos confessam que se instruem em outro manancial de saber: “A intuição, a esperteza, a astúcia são nossos mestres e a vida é nossa escola (...) porque somos inteligentes por natureza. Minha tia, por exemplo, não sabia fazer um ‘o’ com o fundo de uma garrafa, mas falava oito línguas”.⁹⁴

A Escolaridade

*As gitanas que estudam são duas vezes gitanas,
porque, por uma parte nascemos gitanas
e por outra parte optamos por seguir
sendo gitanas.*

*Carmem Santiago,
advogada e cigana espanhola.*

A escolaridade tem sido uma das principais questões carregadas de divergências. Para a maioria das famílias ciganas a escola representa uma ameaça, por inserir a criança na cultura e no mundo dos *gadjés*. No século passado, porém, talvez por uma questão de sobrevivência aos novos tempos, em um mundo cada vez mais competitivo, eles começaram a ir à escola, alguns foram até à universidade.

O primeiro livro cigano (escrito por cigano) de que se tem conhecimento na história foi a autobiografia do nômade inglês Boswell, *The Book of Boswell. The story of a Gypsy*. Ao longo do século passado uma lenta mas progressiva mudança na direção dos hábitos escolares teve início.*

“Hoje os ciganos já estão indo à escola, é preciso estudar... hoje sim”.⁹⁵ Apesar dessa afirmação enfática de Zurka, no dia-a-dia dos ciganos, o estudo ainda não é visto com resistências (não faz parte de sua cultura original), portanto não é ainda considerado uma

⁹³ Liégeois, op. cit., p. 78.

⁹⁴ Trecho da entrevista de Zurka no citado *Fanzine*.

* Asséo, H. *Les Tsiganes - une destinée européenne*. Paris, Gallimard, 1994, p. 61.

⁹⁵ Zurka Sbrano, no citado *Fanzine*.

prática. É interessante observar esta mudança em gerações próximas, por exemplo, as respectivas famílias dos irmãos *kalderash* Zurka e Santo Sbano. A diferença de idade entre eles é de apenas oito anos, ambos foram criados no circo. Mas podemos dizer que Zurka foi um cigano à moda antiga e não incentivou nenhum de seus filhos a estudar. Já os filhos do “mano *Santo*”, como Zurka o chamava, têm toda formação universitária.

Na Europa praticamente todas as crianças ciganas freqüentam a escola por opção, obrigação, incentivo social ou político – mas freqüentam. No Brasil, o máximo de escolaridade que uma família aceita é que a criança freqüente a escola por no máximo dois ou três anos, o suficiente para aprender a ler e fazer contas. Outra prática comum é contratar uma professora particular em casa para ensinar as primeiras letras. Mas “os tempos mudaram,” como disse Zurka, e a necessidade de uma preparação cultural que lhes permita entrar no jogo da sobrevivência, em melhores condições é inegável. Nesse interjogo, entre os seus valores tradicionais e a incorporação de novos, para que os seus filhos possam estar mais bem preparados; vive-se no interior das famílias uma época de grandes conflitos, como relata a *romi* Rita Nicoli (33 anos):

Quando eu era criança, brincava com as meninas da rua, mas só gostava de brincar de escolinha (...) Eu gostava porque aprendia a ler, a escrever... Um dia comprei lápis, caderno e fui na escola do bairro. Falei para a professora que queria estudar. Eu já sabia ler a cartilha. (...) a professora falou que eu podia entrar no segundo ano, que era para eu ir no dia seguinte às sete horas da manhã com a minha mãe. (...)

Cheguei em casa e falei para os meus pais:

– Vou para a escola amanhã cedo, tá? Eles não me ouviram, não deram atenção, pensavam que era conversa de criança. No dia seguinte acordei às seis horas da manhã, dei um beijo na minha mãe e falei para ela que estava indo para a escola. Ela estava dormindo e só foi dar conta que era verdade no meio da manhã. (...). Aí ela pensou: “Será que era verdade, será que a Rita foi para a escola?” E eu firme na escola. Na hora do recreio, ou da saída, não lembro, minha mãe aparece de carro:

– Rita, entra no carro agora! Eu entrei e em casa apanhei tanto, tanto. Para eles não era orgulho, era vergonha, loucura... aceitei calada, eles estavam certos, eu já sabia ler e escrever. Para que ter diploma? Vou casar, não vou poder trabalhar. O que importa é ter caráter... Eles estavam certos.⁹⁶

⁹⁶ Arquivo pessoal.

No Brasil a resistência aos estudos ainda é forte. Entendo essa resistência como um apego legítimo à antiga e milenar tradição oral. O cigano que vai à escola está profanando uma das bases de sua cultura. Está também recebendo influências dos *gadjes* e isso pode ser muito perigoso, pois pode levá-lo a abandonar sua tradição. Mas, se a resistência aos estudos é grande, o conflito quanto a esta questão é ainda maior, como coloca em entrevista posterior a própria Rita:

As coisas mudam e hoje [um mês depois da entrevista transcrita anteriormente] já penso diferente a respeito da escola. Penso que os filhos têm que ir para a escola sim, mas nunca perder a tradição. Tem que aprender, que estudar... O cigano tem facilidade de aprendizagem. Então por que não um presidente cigano, por exemplo? (...) Eu sei que muitas comunidades ciganas ainda têm preconceito sobre a escola, sobre a linguagem. (...) O que eu estou vendo é que as nossas crianças estão se perdendo, estão se achando perdidas (...) porque hoje existe computador, celular, videogame. Tudo é tecnologia avançada e a criança cigana tem que aprender tudo na raça e acaba ficando confusa. Porque se for para a escola é porque ficou brasileiro, se não for para a escola é porque ficou burro. Ignorância, mas como é que a criança cigana pode aprender a viver neste mundo?⁹⁷

Parece que foi-se o tempo em que a escola era dispensável para a sobrevivência desse ou de qualquer outro povo. Até cinqüenta anos atrás um povo comerciante como o cigano podia se dar muito bem tendo a “vida fora da escola”. Como caldeireiros, vendedores ambulantes, artesãos, artistas de circo, músicos etc. eles sempre tinham trabalho. Com o advento das indústrias, as peças artesanais em metal tornaram-se “peças raras dos museus” ou de colecionadores. Hoje, com a lógica moderna do consumo, a fabricação em série e até mesmo o surgimento de escolas de circo, pouca ou nenhuma chance restou ao cigano sem escolaridade na disputa pela sobrevivência.

O conflito entre a resistência à escola *versus* a necessidade dela tem levado esta nova geração de ciganos brasileiros a se sentir perdidos, confusos. “Sim, são tempos de crise”, confessa o patriarca *macthuwaia* Jorge Nicoli:

⁹⁷ Ibidem.

Hoje está tudo tão diferente e os nossos jovens estão perdendo a tradição e o respeito pelas origens, estão se corrompendo e perdendo os costumes, mas eu acredito que assim como o sabiá nunca deixa de ser sabiá, o salmão nunca deixa de ser salmão, os filhos dos ciganos vão voltar a perceber o que é importante e quem eles são. Vão voltar a seguir a sua natureza, como os salmões que vão subir novamente o rio onde eles nasceram...

A escolaridade soa para eles mais como uma ameaça, que, se de um lado os habilita e prepara para os tempos modernos, de outro traz mais riscos na direção da perda de sua cultura... Negar-se à necessidade da escolaridade pode equivaler à marginalização econômica crescente (a social já lhes é familiar). A sua aderência pode representar o perigo da perda de seus valores tradicionais e a perda da sua identidade, tornando-os *brasileiros*. A cigana Rita fornece a saída para o paradigma, pelo menos em termos teóricos: “Penso que os filhos têm que ir para a escola sim, porém sem perder a tradição”.

Entre o não-saber e outras formas de saber, a história da *Romá* mais parece uma colcha de retalhos, composta de histórias orais transmitidas no interior dos grupos familiares, de relatos de *gadjés*, além de “um novo saber” inaugurado por ciganos de uma nova geração – que associam a tradição do seu povo aos estudos acadêmicos *gadjés*. Esta me parece uma fórmula nova e eficiente para que as gerações por vir encontrem um lugar... que não seja o das margens nem tampouco da inserção na cultura majoritária, resultando na perda de sua singularidade. A advogada cigana Miriam Stanescon não se contentou com o estudo básico (os primeiros anos do primeiro grau) típico das famílias mais tradicionais. Quis estudar e fazer faculdade; enfrentou a resistência de sua família *kalderash*. Ela confessa que chegou a apanhar dos pais, mas foi firme: “Ou vocês vão passar a vergonha de ter uma filha que está estudando ou a vergonha de ter uma filha que vai sair de casa, porque parar de estudar eu não vou”.⁹⁸ Em Santa Fé do Sul, interior do Estado de São Paulo, há uma grande comunidade de ciganos *calons* amigos pessoais da família do meu irmão. São cerca de 80 famílias. Entre eles, há uma jovem cigana, Jaciara Barcelos, de 19 anos, que, contrariando os hábitos familiares, seguiu os estudos, determinada a entrar na universidade. Este ano (2006), ela ingressou na faculdade de odontologia. Exemplos como este talvez possam mobilizar outros jovens a seguir uma carreira universitária, sem, contudo, perder a tradição.

⁹⁸ Miriam Stanescon em entrevista ao citado programa *Globo Repórter*.

Partiu quando deu vontade

Por que partiu? Porque quis

A *vontade* cigana, o querer cigano tem sido a imperiosa força que os tem mantido ciganos por todo o mundo, ao longo de séculos e milênios. “Se arrancarem seus adornos, permanecerá sua pele. Se trocarem sua pele, ficará seu sangue. Se fizerem transfusão de sangue, permanecerá o mais importante, imutável, eterno: a alma cigana.”⁹⁹

Os ciganos estão prontos para exercer essa vontade que, segundo atestam, vem do destino, destino de ser o que são, ou seja: ciganos. Este povo, o povo mais desobediente do mundo, verga-se e obedece plenamente a vontade maior da vida, este destino, desígnio de *Devel*, que é como chamam a Deus. Este Deus que os forjou como são: ciganos. Ou como escreve Moraes: “Os ciganos, dominados pelo poder das causas naturais, reconhecem uma necessidade que avassala os homens, um princípio imperceptível, mas inevitável: o Destino”.¹⁰⁰

A aplicação dessa vontade, desse querer, tem o caráter de desígnio e é a força que os preserva e mantém, a despeito de tantas determinações e leis dos homens na direção de seu extermínio. Deste modo eles têm mantido seu *status quo*, sua identidade, mesmo quando se acham no contra-fluxo da civilização mais conservadora.

As formas de saber dos ciganos, como estamos percebendo, estão ancoradas nas próprias experiências, vividas, mutantes e complexas que o nomadismo lhes concede. A profissão de “*voyagers*” constrói e enriquece este modo de saber. Como nômades, viajantes, filhos do vento, aprendem as lições que a vida tem para ensinar. Uma sabedoria que não está encerrada em livros, mas fundada na prática e escrita neles mesmos. Assim para este povo viajante a sabedoria é adquirida diretamente nas experiências vividas por entre os países e regiões mais remotas, caem-lhes nas mãos como dádivas genuínas e ensinamentos do destino, conquistadas por essa *força*, por essa imperiosa *vontade* cigana.

⁹⁹ Padre Pedro Paulo, *Travessia*, op. cit.

¹⁰⁰ Moraes, op. cit., p. 8.

Estrofe III

E então aqui aparecemos

O mito do “aparece-desaparece” é como os gadjos chamam esse ir e vir cigano. Tem mantido os ciganos nessa atmosfera lendária de ora estar, ora não estar mais, que os protege da especulação dos *gadjés*. Este é um mito que nasceu na relação heterônima cigano–não cigano. É um tipo de esconde-esconde ou aparece-desaparece que os tem mantido no território do surpreendente. Aparecem e desaparecem regidos por seus princípios autônomos e secretos, cujas regras e orientações nem eles mesmos sabem, a princípio. O caminho se constrói na medida das necessidades e dos câmbios do percurso, regidos pela percepção e intuição. “O que nos faz chegar ou partir é muitas vezes a indicação de um sonho, que tomamos como aviso, um ou outro sinal que encontramos no caminho, como um piado de pássaro, ou algo que identificamos como favorável ou não. Na dúvida, consultamos a leitura das cartas, ou outra forma oracular sob a orientação das mulheres mais velhas (e mais sábias) do grupo”.¹⁰¹

Esse movimento migratório segue o caminho da sobrevivência, enquanto a “praça “ estiver produtiva, ou seja, rendendo-lhes a sobrevivência, a tendência é permanecer. Fatores como a receptividade, favorável ou desfavorável, dos *gadjés* também são considerados, no tempo de permanência. Quando os *gadjés* menos esperam, eles surgem, quando estão certos de vê-los, eles já não estão mais lá; desapareceram e ao mesmo tempo tornam a surgir, mas em outro lugar. Somos a “vizinhança desses nômades, que aparecem em cada país como uma ameaça e desaparecem como os pesadelos longos”.¹⁰²

¹⁰¹ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

¹⁰² Moraes, op. cit., p. 13.

A história dos Ciganos no Brasil ou Os Ciganos na história do Brasil

*E as partidas ciganas, errantes pelos sertões,
aí vivem há séculos...*

Melo Moraes

No Brasil eles “surtem” no mesmo século do descobrimento.

Estão aqui há cinco séculos e ainda não foram suficientemente estudados. Ajudaram a construir o Brasil desde os primórdios, participaram dos principais ciclos que marcaram nosso processo histórico, como: o das Bandeiras, Mineração, Cana-de-Açúcar, como veremos adiante deste trabalho.

A primeira família cigana a chegar veio deportada para o Brasil. Segundo documento oficial, João Torres, em 1574, foi preso e açoitado pela razão de estar andando com sua mulher pelo reino de Portugal, especificamente na região do Alentejo. “Pois que não sabia que era lei deste Reino que toda geração de ciganos aqui não vivessem...” Foi o próprio João quem pediu para ser deportado com a família para o Brasil. O procurador do Reino fez o pedido oficial ao Rei de Portugal: “(...) pois que era fraco e alquebrado e percia à minguá, e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu, e pedia que (...) fosse para o Brasil para sempre e pudesse levar sua mulher e filhos”.¹⁰³ Segundo Dornaes Filho, em 1591, já havia vários ciganos vivendo na colônia do Brasil: Bahia e Pernambuco. Ele afirma que: “Os ciganos penetram com as primeiras Entradas baianas pelo rio São Francisco”.¹⁰⁴ Mas foi, segundo Coelho, a partir de 1686 que o desterro para o Brasil se tornou generalizado, especificamente para a região do Maranhão.

Cassiano Ricardo dá indícios da presença cigana na mineração brasileira: “Na marcha para Oeste vão todas as raças (...) Descobrir ouro deveria ter sido, a princípio, ato de pura adivinhação. Fala-se dos males do ouro, nos crimes a que deu causa, são principalmente *os brancos vindos do reino que preferem trapanças, pois não querem trabalhar*”(grifo meu).¹⁰⁵

¹⁰³ Documento em Anexo.

¹⁰⁴ Dornaes Filho, J. *Os Ciganos de Minas Gerais. Revista. de História e Geografia de Minas Gerais*, vol III. Belo Horizonte, Panorama, 1948, vol. III, p. 138-187.

¹⁰⁵ China, o.p. cit., cita Cassiano Ricardo, *Marcha para o Oeste*.

A despeito das adversidades, em 1646, no reinado de D. João VI, alguns ciganos encontravam-se no Brasil, em condições favoráveis perante os valores e os costumes do reino, segundo carta do Procurador da Coroa, Thomé Pinto Veiga escrita para o rei: “ (...) mais de 250 homens dessa raça se acham alistados no exército português, servindo nas fronteiras com zelo e valor com que já muitos foram premiados”.¹⁰⁶

Gilberto Freyre destaca os ciganos dentre os homens que fizeram o Brasil, descrevendo-os de acordo com suas atividades comerciais: “(...) Os ciganos exerciam entre suas especialidades a venda de escravos e cavalos, além de terem sido os primeiros vendedores ambulantes que se tornaram conhecidos em trechos remotos do Brasil”.¹⁰⁷

Outros documentos como a Ata da Câmara Municipal de São Paulo mostram um outro lado: no início do século XVIII solicitavam-se medidas legais contra bandos *inoportunos de ciganos*.

Apesar da rigorosa legislação anticigana, os ciganos do Brasil, como atesta Mello de Moraes, desfrutaram de uma condição especialmente aprazível do país: a preciosa *liberdade* (de ser e estar, de ir e vir) que lhes era literalmente tão cara, de certa forma estava assegurada pelas condições agrestes do novo território. Se no Reino de Portugal eles não podiam sequer caminhar, na colônia do Brasil podiam exercer seus costumes nômades “livremente”, graças à extensão do território brasileiro, cujas fronteiras tanto ajudaram a construir quanto a transpassar. Adentravam as matas que lhes serviam de abrigo, quando necessário, abriam caminhos, novas rotas, regidos por seus hábitos nômades, quando lhes aprazia, migravam, “apareciam e desapareciam” quando bem lhes conviesse. Podiam, enfim, deixar-se guiar por sua natureza, facilitados e protegidos por ela. Mesmo assim estavam quase sempre encrencados e cerceados:

Eu, o Rei de Portugal, faço saber aos que este alvará de lei virem... que os ciganos que deste reino tem sido degredados para o Estado do Brasil: (...) vivem tanto à disposição de sua vontade que, usando de seus prejudiciais costumes, causam intolerável incômodo aos moradores, cometendo furtos de cavalo, e Escravos, e fazendo-se formidáveis (...) Sou servido a ordenar que os rapazes de pequena idade, filhos dos ditos ciganos, se entreguem judicialmente a Mestres (...), aos adultos que se repartam pelos presídios. Que não vivam em bairros separados, nem todos juntos, (...) que as mulheres vivam recolhidas e que por bem que da mais leve transgressão sejam

¹⁰⁶ Moraes, op. cit., p. 108.

¹⁰⁷ Freyre, G. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

degredados para a Ilha de São Thomé (...) e onde fizerem transgressão que se execute logo a *sentença de extermínio* (...) Lisboa, vinte de Setembro, de mil setecentos e sessenta.¹⁰⁸ (grifo meu)

Os ciganos foram os primeiros *estrangeiros* (não europeus) a chegar no Brasil. Não podemos esquecer que nessa época a legislação na Europa era voltada para a deportação como modo de livrar-se deles: “para que saíssem todos dos reinos”. A legislação anticigana do Reino de Portugal era a mesma que valia para a colônia do Brasil (vide Capítulo 1), e extremamente rigorosa, com penas que iam, como vimos anteriormente, até o extermínio. Na condição de desterrados, não havia terras ou país, para que pudessem apelar, a não ser para os confins de sua própria consciência e natureza:

Os ferros del-rei são duros,
Mas o de amor é mais forte;
Para os del rei há a lima,
Para o de amor só a morte.¹⁰⁹

Ciganos, eternos estrangeiros, errantes, desterrados, com “costumes inveterados”, estranhos, diferentes, contrários, divergentes, singulares. Nem índios, nem negros, nem tampouco brancos (europeus). Como classificar os ciganos no que se refere à nossa identidade nacional? Nenhuma classificação lhes caberia a não ser a de avessos aos costumes e às normas das sociedades vigentes. Por isso foram e são classificados como “desclassificados” (fora das classes) ou simplesmente: *ciganos*.

Sem nunca saber quem fomos

Nosso passado esquecemos

Os ciganos seguem estrada adentro, como vimos, sem olhar para trás. Para eles a história não exerce nenhum fascínio: não cultuam reinos nem heróis.

¹⁰⁸ Coelho, op. cit., p. 265.

¹⁰⁹ Moraes, M. *Os Ciganos no Brasil e Cancioneiro dos Ciganos*, São Paulo, Itatiaia, 1981, p. 23.

Segundo Bérqson, “o passado só existe para a memória”.¹⁰⁹ Como os ciganos dão importância apenas aos fatos contemporâneos na vivência das últimas gerações, o passado, no sentido secular e milenar, não está na memória, portanto, não existe para eles.

Só interessa o que somos

A Cultura Cigana no Brasil

A cultura cigana no Brasil é toda baseada e voltada para a convivência familiar em condições naturais, ou seja, no convívio com a natureza, de onde deriva seu sistema de códigos e leis.

A família estendida, na sua maioria, é composta de muitas famílias nucleares em convivência. Assim uma *kumpania tradicional* é composta por cerca de 80, cem pessoas em média. Os grupos menores, também chamados de *tribos*, costumam ter a formação de pelo menos quatro, cinco famílias que se incluem ou se separam na formação de grupos novos e móveis.

O cigano não existe como ser individual, ele só existe na relação com o grupo, vive uma dinâmica tribal, característica do dinamismo matriarcal. Segundo a psicologia analítica, apresentada por Byington, este é um padrão psíquico regido pelo Arquétipo da Grande Mãe e orientado pelo desejo e pela fertilidade. São suas características:

(...) grande criatividade e adaptação às necessidades básicas de sobrevivência. Seu grande exemplo entre nós é o herói Macunaíma, que orienta sua identidade pela sensualidade e o prazer na busca da sobrevivência. Vence monstros incríveis e copulando, comendo, se espreguiçando, mentindo e dormindo *atravessa os perigos da floresta. Triptolemos, (...) e Dionisos* são também heróis matriarcais que transformam a consciência Coletiva pelo princípio da fertilidade.¹¹⁰

¹⁰⁹ Bérqson, H., citado in Marcondes Filho. *Os Antigos e a Comunicação: Heráclito*. p. 4. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/núcleos/filocom/existocom/especial/5ª.html>.

¹¹⁰ Byington, op. cit., p. 23.

Encontramos traços originais dessa cultura cigana brasileira no *Cancioneiro dos Ciganos*, de Mello Moraes. O cancionero é genuinamente composto de mais de mil estrofes de versos cantadas e recantadas por grupos regionais de ciganos (como os cantores de rapsódias dos mitos gregos). O teor de tristeza e opressão é realçado no cancionero. Alguns desses versos são conhecidos e também populares entre os brasileiros, como estes citados abaixo que ainda hoje são recitados por minha avó materna que desconhece a autoria cigana:

O dia que eu não sofro
Penso que não sou eu
Que meu ser se transformou
Num outro que não é meu.

Até nas flores se encontra
A diferença na sorte:
umas enfeitam a vida,
outras enfeitam a morte.

Podemos observar a intimidade dos ciganos no convívio com a dor, a ponto de não se reconhecerem quando não sofrem. A rendição ao destino na *diferença* que os marca, é vista como uma questão de sorte ou de azar independente de seu mérito pessoal.

Ainda segundo Moraes: “A composição dos versos são de autoria desconhecida, não sendo uma obra individual, mas impessoal, tendo como substância o sentir humano”.¹¹¹

Para uma cultura essencialmente oral, como a cigana, a memória deve ser pródiga, pois dela depende a sobrevivência da etnia. “Somos livros vivos”, diz um ditado *rom*. A transmissão cultural é feita através de relatos orais: contos em verso ou prosa, relatos de peripécias familiares, episódios interessantes que revelam a inteligência e a astúcia dos antepassados (avós, bisavós), cantos tradicionais, música e bailado, tal qual a *Paidéa* grega, mãe da atual pedagogia.

Como vimos, a memória da cultura cigana é preservada e transmitida, cultuada e divulgada no interior das famílias (nucleares e estendidas), num período de três, no máximo quatro gerações: filhos, pais, avós, e, quando possível, bisavós – cerca de cem anos. Este é o tempo necessário que uma família tem e dispõe para transmitir as histórias de seus antepassados, as mais relevantes, que sirvam de exemplo, e causem impacto nas gerações do

¹¹¹ Moraes, op. cit., p. 41.

presente. Afora isso, para eles, torna-se desnecessário e praticamente inviável lembranças e ou referências históricas mais longas. “O importante não é conhecer a história do pão, mas sim comê-lo”, diz um ditado cigano

Para os ciganos esquecer o passado (mais de cem anos) é um modo de estar alerta e totalmente voltado e concentrado para a realização do presente. Já para a nossa sociedade esse “esquecimento” tem, ao que nos parece, outras funções, por exemplo, pode ser uma das muitas tentativas de eliminá-los de nossa história e cultura.

O fato é que na nossa história ocidental, existem poucos registros oficiais mencionando a presença deles nos cinco últimos séculos. (Exceção feita aos registros legislativos ou policiais.) Algumas poucas referências históricas que restam são quase sempre carregadas de conotações pejorativas. (Este tema foi abordado no Capítulo 1.)

No entanto, graças a dados historiográficos – como as anotações a seguir do viajante inglês Henry Koster –, e etnográficos – como o legado de Melo Moraes Filho –, entre outros estudos relevantes, como o livro de China, podemos recompor parte das lacunas históricas dos ciganos do Brasil.

Resta-me ainda falar de uma raça de homens (...) entre as grandes divisões da espécie humana que forma a população do Brasil; (...) não se pode passar em silêncio os ciganos. Bandos de ciganos tinham por costume mostrar-se uma vez por ano, (...) em sítios da Província de Pernambuco; mas o governador era inimigo deles, e como fossem feitas tentativas de prender alguns, as visitas acabaram. Pintam-nos como homens altos e bem feitos, de cor acastanhada com feições semelhantes às dos brancos. Vagueiam em bando, homens, mulheres e crianças, trocando, vendendo e comprando cavalos e jóias de ouro e prata. (...) Os homens são excelentes cavaleiros. (...)¹¹²

A inclusão do cigano no reconhecimento identitário como brasileiro, iniciado por Koster, ajuda-nos a compor e ampliar o nosso cenário psicossociocultural. Recuperando os atalhos historiográficos, vamos também recuperando os traços físicos e psicológicos que nos compõem como brasileiros.

Em depoimentos etnográficos, Moraes destaca o registro desses relatos:

¹¹² Koster, citado em Moraes, op. cit., p. 112.

de um venerável cigano calon, o Sr. Pinto Noites, de 89 anos, cujos avós vieram deportados para o Brasil em 1718, juntamente com outras oito famílias: “Logo que desembarcaram alojaram-se em barracas no Campo dos Ciganos (...) na Bahia. Empregam-se eles no trabalho com os metais: caldeireiros, ferreiros, latoeiros e ourives; as mulheres rezavam o quebranto e liam a sina”.¹¹³ (grifos meus)

Nesse compêndio Moraes também trata da realidade dos ciganos que compunham o mosaico brasileiro da época. Destaca a história de um cigano brasileiro, um rico cigano *calon* chamado Joaquim Antonio Rabello, sargento mor do 3^o regimento de milícias da corte: “A quem a história nacional talvez um dia considere como uma força nas agitações políticas da independência”.

(...) O tronco dos Rabello de Aragão perpetuou-se como poetas e literatos, e entrelaçou-se com a família Cabral, que nos tem dado oradores, parlamentares, oficiais do escrito, homens conceituados no fórum, nos cargos da secretaria e na tribuna sagrada.

(...) Os ciganos da família dos Costas são notáveis cantadores e tocadores de viola, francos e generosos.

(...) Dos Catana, (...) ciganos destemidos das tropilhas nômades, há um médico que foi jornalista e a quem consideramos como colega distinto e de inteligência em relevo.

(...) Enquanto uma camada cigana se funde assim na nacionalidade brasileira, outra extingue-se lentamente na miséria, ao passo que uma terceira se mantém na vida errante.¹¹⁴

O professor Atico Vilas-Boas da Mota relata que, ao transferir-se para o Brasil a família real portuguesa (1808), os ciganos já constituíam expressivas comunidades na Bahia, em Pernambuco, Rio de Janeiro e em Minas Gerais. E que, na falta de um corpo de baile oficial, foram os ciganos contratados para dançar no paço real, executando números espetaculares e exuberantes. Sobre esses mesmos fatos, Mello Moraes cita o relato oral do cigano *calon* Pinto Noites:

Começaram os festejos a 12 de outubro de 1818 e terminaram a 15 (...). os ciganos guiando soberbos cavalos brancos, arreados com igualdade e riqueza,

¹¹³ Moraes, op. cit., p. 276.

¹¹⁴ Idem, ibidem, p. 282.

balançando penachos (...) Os bailadores trazem as bailadeiras à garupa: morenas, sedutoras como as profetizas gentias. (...)
A Embaixada Cigana dirige-se ao palanque real, a música toca, e os cordéis levemente fustigados (...) rodam, dançam a polca.
Uma salva de castanholas marca o princípio do dançado, e ao som as guitarras, o fandango espanhol arde e geme de mansinho, como as ondulações de um lago... quente como os beijos das odaliscas. (...)
Os dançarinos são vitoriados: flores, fitas, aplausos, eles os conquistam pela magia plangente de seus instrumentos, pela graça de suas danças.
(...) O rei os presenteia: patentes militares aos homens e jóias às mulheres.¹¹⁵

Moraes comenta que, por indicação de seu amigo Silvio Romero, encontrou no *Jornal do Comércio* “Excelentes notas na coluna ‘Memória do Brasil’, do Cônego Gonçalves dos Santos, no qual encontra-se a descrição das festas coloniais, nas quais os ciganos dançaram as suas danças espanholas”. E que o depoimento de história oral do Sr. Pinto Noites, anteriormente citada, é fidedignamente correlato com as descrições feitas na coluna jornalística. “E por admirar a reminiscência do Sr. Pinto Noites, que apesar de sua memória quase centenária impunha-se ainda como um documento humano de crédito confirmado pela história”.¹¹⁶

A memorização cuidadosa de um passado recente tem a função, na tradição oral, de preparar o presente, ou seja, de referendar sentidos aos fatos que, de algum, modo se prestam à referências do agora, afora essa função, os dados históricos tornam-se irrelevantes.

Cultura cigana: características, crenças e profissões

Os ciganos têm muitas profissões... desde que sejam, em sua maioria, liberais.

Alguns foram comerciantes de escravos, citados por historiadores, a despeito da legislação que lhes proibia este ramo de atividade. Encontramos, segundo Moraes, os que enriqueceram com essa lucrativa ocupação: “Um cigano *calon* B., que teria alcançado imensa fortuna mediando a compra de escravos, vindo a ser *Marquez de B*”.¹¹⁷

¹¹⁵ Moraes, op. cit., p. 31-32.

¹¹⁶ Ibidem, p. 113.

¹¹⁷ Moraes, p. 36.

¹¹⁸ Ibidem, p. 77

Outros ciganos, no entanto, sensibilizados pelos desditos da escravatura, legislavam, como poetas, em prol da abolição. Devemos, portanto, estar sempre atentos às generalizações.

Era um ato solene! O Branco e o Negro
Faziam a transação!
“Senhor... do cativoiro liberta-me
E qual for a condição
Que impuserdes a mim eu por vós livre, Darei satisfação! (...)”¹¹⁸

Em relação ao comportamento dos ciganos descritos por Moraes, ele atesta:

No duelo travado com a justiça, aos combates empenhados contra a civilização, eles asilaram-se no reduto de suas crenças (...) Essa gente, de uma sutileza indizível, engendrou todo um sistema de comunicação reservada, de sorte que, quando dois ou mais encontram-se diante de estranhos, facilmente transmitem-se idéias, conversam despercebidos.¹¹⁹

Evasivos, espertos, rápidos, sutis e profundamente asilados em suas crenças, os ciganos apresentam-se invariavelmente singulares... Este é o lugar onde podemos encontrá-los no âmago de sua natureza. No tocante ao comportamento profissional, Moraes relata ocupações pouco comuns: como meirinhos e oficiais de justiça, muito encontradas no Estado do Rio de Janeiro. “Os homens empregam-se geralmente no foro e, fazendo-lhes justiça: são honestos. Nenhum deles até o presente foi levado à barra dos tribunais por ladrão. Durante os vinte últimos anos de sessão do júri, apenas foram pronunciados dois e cumpriram pena por ferimentos leves!”¹²⁰

Cultura cigana: práticas religiosas

Podemos dizer que os ciganos são supersticiosos: “buscam ainda nos talismãs, nas conjurações, nos encantamentos, na magia, enfim, armas que defendam e ofendam.(...) Muitas de nossas superstições e rezas não tiveram outras fontes – A cigana é a sacerdotisa

¹¹⁹ Ibidem, p. 79.

¹²⁰ Moraes, op. cit., p. 80.

de nossa teurgia popular!”.¹²¹ Naturalismo, pragas, presságios, fetichismo, antropomorfismo, politeísmo, zoolatria, astrologia, oráculos, *buena-dictha*, culto aos mortos, medo de assombração, reza de quebranto, defumação. As bases podem ser o cristianismo, o espiritismo entre outras religiões. A pesquisadora cigana Vrancky afirma: “As discriminações entre religiões não existem”, todas são para os ciganos formas de caminhar na direção de Deus Devel, “pois tudo é sagrado”.¹²²

Sobre as práticas religiosas comuns no Brasil no século XIX, Coelho faz um interessante paralelo: “Os ensalmos e pragas das ciganas estão por tal forma cheios de elementos cristãos que logo à primeira vista se desconfia de sua originalidade Sem dúvida na Índia, de onde veio esse povo, encontramos coisas do mesmo gênero, desde a mais remota antiguidade, já no Rig-Veda e sobretudo no Atharvaveda. (...)”.¹²³

De fato, Coelho aponta o sincretismo religioso, com as mulheres portuguesas e as práticas ciganas comum, graças a esse *saber ecumênico* que permeia sua religiosidade. Ele também aponta os traços originais ciganos, enraizados nas práticas ancestrais da Índia antiga, precisamente encontrados no livro indiano *Atharveda*, mas acaba por concluir que esse comportamento é um plágio: “A minha conclusão é que os ciganos se apropriaram em Portugal dos formulários de nossas benzedeadas e feiticeiras”.¹²⁴

Fiz uma leitura atualizada do compêndio de “rezas e práticas para diferentes ocasiões” dos livros *Os Ciganos no Brasil e Cancioneiro Cigano*, de Mello Moraes, e do livro *Magia Indiana: Atharva-Veda, fórmulas e práticas*, editado no Brasil em 2005, e encontrei paralelos contundentes:

Reza contra Bicheiras e Insetos

Bichos maus, que fazeis, que comeis, que a Deus não levais
Permita Jesus do Céu que caiam de um em um, de dois em dois,
(...) de nove em nove Assim como Jesus é Filho da Virgem de Nazaré.¹²⁵

Encanto contra vermes em crianças

(...) Mata os vermes deste menino, oh, Indra senhor dos tesouros

¹²¹ Ibidem, p. 51.

¹²² Vrancky, op. cit., p 7.

¹²³ Coelho, op. cit., p. 275-276, e nota de rodapé da citação Weber (1858), *A.Indische Studien*, p. 393-430.

¹²⁴ Coelho, ibidem, p. 276.

¹²⁵ Moraes, op. cit., p. 49.

Eu chamei o céu e a terra, eu chamei a deusa Saravasti, eu chamei Indra e Agni: Eles devem esmagar o verme, eu disse. (...) ¹²⁶

Essa sabedoria milenar permanece e se adapta às respectivas configurações: se na Índia era evocado *Indra*, *Agni* e a deusa *Saravati*, no Brasil é *Jesus, Filho da Virgem de Nazaré*. Há centenas de preceitos como esses, nas duas referências, tanto na cigana brasileira como na indiana; rezas e ensalmos correlatos para todos os tipos de necessidades humanas: males do corpo e da alma (psique), como dores de amor, traição, negócios etc.

Sincretismo religioso

No Brasil a *magia cigana* dá a tônica em trabalhos realizados nos terreiros de umbanda e candomblé. Esse trabalho é nomeado como “linha do Oriente” e desdobrado em *magia da cura, magia do amor*, nas *giras* dos ciganos. Segundo Paula Carvalho, o sincretismo religioso se apresenta entre a “religiosidade cigana e os cultos de possessão e transe nos cultos afro-americanos”. Ainda segundo esse autor “a introdução do sincretismo nesses cultos pode ser vista como ‘uma passagem à religião da alma’”. ¹²⁷ Por “religião da alma” o autor se refere a uma religião internalizada, da interioridade, que se referenda à autoridade interior, onde predominam as funções terapêuticas, mágicas, rituais, proféticas. Essas práticas não se encontram em um compêndio de uma religião específica, mas são preceitos taumaturgos de caráter ecumênico, que podem apresentar-se de modo cristão, islâmico, hinduísta etc.

Zacharias comenta que as religiões *afro-brasileiras* abriram um *lugar* aos aspectos renegados da natureza humana, que não encontraram possibilidades de expressão em outro lugar, nem na religião dominante. “Resgatam a desconsideração, o pouco caso”. Assim: o *Preto Velho*, a *Mãe de Santo*, a figura do *Boiadeiro*, do *Caboclo* (índio), da Criança Moleque (*Erê*), o Cigano e a Cigana *curandeiros*, ou a Cigana sedutora, na figura da *Pomba-gira*, são exemplos de excluídos que podem se apresentar e ser reconhecidos nesse território, com suas características peculiares e seu valor. ¹²⁸

¹²⁶ *Magia indiana – Atharva veda – Fórmulas e práticas*. Trad. Bloofield, M. São Paulo, Madras, 2005, p. 24

¹²⁷ Paula Carvalho, op. cit., p. 70.

Destaco aqui a figura de Maria Padilha, freqüente nos terreiros de umbanda. A sua referência é a lendária cigana de *Andaluzia*, Espanha, na qual *Merimée* se inspirou para construir sua personagem Carmen. “Carmen era Maria Padilha, conhecida pelo feitiço que fizera a Don Pedro. Em nota, Marimée esclarece: ‘Maria Padilha é acusada de ter enfeitado o rei don Pedro’”.¹²⁸ Assim, podemos falar que esses espaços oferecem literalmente lugar, território, *terreiro* para a expressão e a transformação dessas energias psicológicas. Mediante a apresentação dessas características humanas renegadas e oprimidas, há a possibilidade de transformação da libido, por meio da expressão simbólica, da função transcendente, como caminho, numa espécie de “descarrego” psicológico dos aspectos reprimidos da sombra, do preconceito de raça, gênero, cor etc. e que precisa de espaço para a manifestação de sua natureza e singularidade. Assim, podemos reconhecer também um caráter terapêutico nessas expressões e manifestações sincréticas. Transformando os conteúdos psicológicos sombrios, reprimidos nos cânticos, danças e expressões espontâneas das *giras*, também ciganas.

Os mistérios e a magia cigana, no contexto da *romá*.

Vedado aos não ciganos, está no cerne das cerimônias e inclui os preceitos secretos que ajudam as famílias na configuração e na manutenção da *psique coletiva*.¹²⁹ São comuns os rituais com elementos cósmicos – Sol, Lua e astros –, assim como os elementos naturais – fogo, água, terra, ar e demais instâncias da natureza, como plantas (sagradas e medicinais) e animais. O panteon sagrado da etnia cigana abarca e contempla toda a natureza. “Para a *romá*, toda criatura de *Del* é sagrada”, afirma a cigana Vrancky. Esses rituais marcam as principais fases da vida: nascimento, casamento e morte.¹³⁰

“Somos intuitivos por natureza, nossos olhos podem ver aonde o *gadjé* não pode enxergar, os nossos ouvidos, ouvir aonde o *gadjé* não pode escutar, e o nosso saber vai aonde a compreensão *gadjé* não é capaz de entender...”, dizia Zurka Sbanó. A cigana

¹²⁸ Zacharias, J.J.M. *Ori Axé – A dimensão arquetípica dos orixás*, São Paulo, Veta, 1998, p. 47.

* Ferrari, op. cit., nota 82.

¹²⁹ Por psique coletiva, refiro-me a aspectos psicológicos que caracterizam o homem como ser coletivo, pertencente a um dinamismo grupal que o especifica e que ajuda a compor e manter sua identidade, vista aqui no sentido etimológico “de idêntico a si”.

¹³⁰ Vrancky, op. cit., p. 6. Nascimento, casamento e morte serão tratados ao final deste capítulo.

Stanescow revela a origem dessa natureza: “Nossas mães nos explicam desde criança que somos *diferentes*”.¹³¹ É no dia-a-dia da vida na tribo (família) que os mistérios e os segredos são desvelados em rituais intimistas e secretos.

A espiritualidade cigana na relação com o não cigano.

Tem a configuração oracular e milenar na leitura da sorte ou *buena dicha*. Este tem sido um dentre os ofícios ciganos mais comuns ao redor do mundo.

Dentro da missão de Ler a Sorte, Ler a Mão, que é um dom dado por Deus para as mulheres ciganas, há todo um preparo desde a infância e a cigana faz disso sua profissão denominada *Ofiza, ou Buena Ditcha*, sendo portanto cobrado. As mulheres ciganas do mundo todo desde os tempos mais antigos cobram por essa arte. (...)

Mas se recebeu isto, como dom não deveria ajudar o outro e não cobrar? (pode ter passado isso por seu pensamento). Sim a cigana tem obrigação de fazer caridade durante um mês do ano. Este é um procedimento que todas as mulheres devem seguir pois foi assim passado pela Tradição de nosso povo.¹³²

Percília comenta que se a cigana não usar com responsabilidade o dom que Deus lhe deu, pode perdê-lo, e além disso completa: “O verdadeiro dom da vidência revela a verdade e está intimamente ligada com a alma e o destino de cada um, e por qual razão for, seja agradável ou não, deve a verdade ser dita”.*

Características e padrões psicológicos.

Como vimos, as características desse povo são orientadas por princípios de criatividade, articulação, prazer, liberdade, flexibilidade, princípios igualitários, habilidades intuitivas referentes à magia, ao ocultismo, esoterismo e superstição que caracterizam psicologicamente o Dinamismo Matriarcal.¹³³ Como as sociedades tribais, os ciganos seguem criativos e imprevisíveis, em meio a tantas divergências da nossa sociedade, regida também em parte pelo dinamismo patriarcal de controle, poder hierárquico, dialética e repetição. “A

¹³¹ Em entrevista ao programa *Globo Repórter*.

¹³² Nicoli, Percília, *Leitura da Sorte*, in *Jornal Aliança Cigana*, jan.-fev.-mar. 2005, p. 3.

* Nicoli, *ibidem*.

¹³³ Byington, *op. cit.*, p. 23.

repetição do revelado, via memória oral e a rígida manutenção da tradição” (vide código e leis cigana na última estrofe deste verso.) Se no sentido criativo e flexível, nas habilidades da sobrevivência, a cultura cigana é ancorada no padrão matriarcal, esta manutenção pode ser caracterizada pelo aspecto de rigidez do dinamismo patriarcal.

Ciganos brasileiros e ciganos estrangeiros.

No Brasil os ciganos estão divididos em dois grandes grupos: os ciganos *brasileiros* (*calons*) e os ciganos estrangeiros (*roms*). Segundo o professor Vilas-Boas da Mota:

Os ciganos que entraram no Brasil entre os séculos XVI e XIX podem e devem ser chamados, segundo os especialistas, de *ciganos brasileiros*, *os calons*, em oposição aos *ciganos estrangeiros* ou extra-ibéricos, aqui chegados depois da nossa emancipação política de 1822, (...) *os roms*. Os ciganos que vieram se estabelecer no Brasil no século XX procedem principalmente da Península Balcânica e da Europa central. (grifos meus)¹³⁴

Os ciganos ditos *brasileiros*

Também chamados *calons*, distinguem-se de seus irmãos *estrangeiros* ou europeus por questões culturais, ligadas precisamente à permanência no Brasil. “Estamos aqui desde os tempos do sr. Cabral.”¹³⁵

Os ciganos que estão aqui há inúmeras gerações são os mais brasileiros no sentido de que já absorveram muitos de nossos costumes, podemos até dizer são os nossos *ciganos caipiras*: comemoram as festas dos nossos santos, participam de romarias, suas festas de casamento quase sempre lembram festas juninas com bandeirinhas coloridas penduradas no teto, os vestidos de chita, rodados, à moda caipira-cigana, as suas canções são as nossas populares modas de viola. Em Santa Fé do Sul, há uma dupla sertaneja, Saulo e Maiki, igual a tantas outras, não fosse a origem cigana de Maiki. O único sinal referente à sua origem *calon* no CD *Meu Segredo*, é a menção de Maiki, no início do disco: “Ao povo cigano!”. Também a camisa vermelha e as correntes de ouro na foto da capa do CD relembram sua

¹³⁴ Mota, *Os ciganos do Brasil*, in O Correio da UNESCO, *Os Ciganos*, dez. 1984, p. 32.

¹³⁵ Arquivo do Centro de Tradição Cigana, grupo *calon* Pereira, ciganos acampados na Marginal Pinheiros (1995).

origem. Este grupo perdeu a tradição da música e da dança típicas, mas mantém outros costumes como o dente de ouro, o uso de jóias e roupas típicas em dias de festa, entre outros.

Alguns sinais comuns e característicos dos ciganos ditos brasileiros são os dentes encapados de metal dourado, os mais ricos ainda fazem questão de usar dentes de ouro, as tradicionais roupas coloridas (vestidos rodados para as mulheres, adornos característicos como pulseiras, anéis, brincos e correntes), o hábito nômade, ou seminômade. A vida em barracas ainda é mantida por muitos. Esses traços visíveis, permitem-nos perceber que ainda preservam e mantêm a identidade. Mas sabemos que são os sinais não visíveis (fatores psicossociais) que lhes sustentam essa identidade.

Como é de costume, a princípio, no contato com o *gadjé*, a identidade é quase sempre negada. “– Vocês são ciganos? – Não, somos mineiros...” Porém, quando a pergunta é “Vocês são *calons*?”, é comum surgir um olhar de espanto e de reconhecimento, por terem sido reconhecidos, e a resposta quase sempre é dada em forma de outra pergunta: “– Você também é?”. A maioria desses grupos de ciganos brasileiros pesquisados por nós (pelo Centro de Tradição Cigana) já perdeu, ou está perdendo parte da tradição; da língua *romani*, às vezes, lhes restam apenas algumas palavras, que usam misturadas ao português. Em pesquisa da Universidade de Brasília, Melo relata que “percebeu uma forte influência do português, o que para ele pode levar à morte gradual da língua (...) Em outras situações, as palavras aparecem soltas em frases do português”.¹³⁶

A maioria dos ciganos *calons* que conheci nesses quatorze anos de convivência interétnica, expressa-se em português coloquial, com sotaque forte da região brasileira de sua procedência.. As raras palavras do dialeto *calon*, que ainda restam, são usadas entre eles, intermeadas com o português.

É importante lembrar que um dos pontos centrais da política anticigana no Brasil foi a cláusula de *proibição da língua*, o que pode ter corroborado para o rareamento do seu uso, podendo chegar em alguns casos à plena extinção do caló. Em 2004, em um dos acampamentos ciganos visitados por mim na marginal Pinheiros, na ponte do Jaguaré, a matriarca de 92 anos Aparecida dos Santos confessou que não sabem mais falar a língua

¹³⁶ Melo, *O Estado de S.Paulo*, caderno A 23, 31 jul 2005.

cigana, “Nos tempos de agora, só conhecemos e falamos o português”. Nesse grupo os vestígios culturais pareciam se restringir às roupas velhas e coloridas, usadas no dia-a-dia, ao estilo cigano tradicional, mas, em farrapos. Literalmente esse grupo se agarrava aos poucos fios que restam à sua ciganidade. A pobreza era generalizada. Não tinham mais profissão, viviam de pedir esmolas. Ainda assim perguntei à matriarca o que os mantinha atrelados à vida cigana? “O destino que Deus nos deu” foi a resposta.¹³⁷ Esse destino é forte o suficiente para os manter, a despeito de tantas adversidades. Perder a ciganidade é perder a identidade, ou seja, perder a si próprio em uma ameaça de despersonalização, e essa seria a perda maior, uma vez que é tudo o que lhes resta.

¹³⁷ Arquivo pessoal.

Os ciganos ditos *estrangeiros*

Esses ciganos são comumente chamados *rons* e *sintis*. Estão aqui há menos tempo do que os ciganos *brasileiros*. Além disso, há o diferencial de que vieram para o Brasil por livre e espontânea vontade, e não por degredo. Mantêm seus hábitos e costumes de “ciganos europeus”. Quando falam entre si, usam apenas a sua língua, o *romani*. Ao contrário dos ciganos *brasileiros*, a maioria não usa roupas características no dia-a-dia, a não ser em dias de festas, encontros e cerimônias familiares. As saias das *romis* (mulher cigana da raça *rom*) são mais longas e menos rodadas que as das *calins* (mulher cigana da raça *calon*), e elas também usam jóias verdadeiras. Outra questão fundamental e que distingue esses dois grupos: geralmente os ciganos *brasileiros* são bem mais pobres de que seus irmãos *estrangeiros*, recém-imigrados, o que gera preconceito e rivalidade entre ambos. Um dos modos típicos de afirmação da identidade cigana é a “negação identitária” de outros grupos. Encontrei esse hábito em praticamente todos os grupos que conheci ou com os quais convivi. Às vezes, isso ocorria mesmo que eles fossem da mesma família. “Nós somos ciganos autênticos, eles, (o outro grupo), não.” Podemos dizer que a união entre grupos diferentes é coisa rara de se encontrar. Ela só se dá por conta de laços matrimoniais e sua descendência, ou quando são perseguidos por *gadjés*. Como diz a cigana Percília, “A verdade nem sempre é bonita, mas deve ser dita”.¹³⁸

Entendo esse mecanismo de denegação identitária do ‘outro’ grupo como uma forma (ainda que perversa) de afirmação identitária do ser.

As profissões tradicionais dos ciganos no Brasil

No Brasil, as profissões dos ciganos são as mesmas dos ciganos que vivem em outras partes do mundo, com algumas exceções. Adaptam-se relativamente às condições do país hospedeiro, ao mesmo tempo que mantêm seus costumes tradicionais, inaugurando, assim, em cada região, seu modo próprio *de ser*. Em relação a seus hábitos culturais e profissionais, não podemos esquecer a importância das profissões liberais. O cigano apenas

¹³⁸ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

em condições adulteradas trabalha como empregado. Entre as profissões mais típicas desse povo podemos destacar:

A tradição circense.

Os ciganos saltimbancos, artistas de circo e da corte, levaram e ainda levam suas artes e espetáculos mambembes a todo país.

O circo ambulante, que se instala em pequenas cidades por curta temporada, é também muito associado aos ciganos. Tal tradição se configura nas etnografias. (...) Em São Paulo, tive a oportunidade de conhecer o cigano Zurka Sbano, dono do Circo Theatro Sbano, cuja família extensa trabalha inclusive em estabelecimentos profissionalizados como o Circo de Beto Carreiro.¹³⁹

Os *ciganos tropeiros*, do interior do Brasil: Goiás, Mato Grosso, entre outros, são comerciantes de animais, principalmente de cavalos, estereotipados como bandoleiros por andarem armados e sempre em bando.

Os comerciantes, vendedores de roupas, enxovais e bugigangas nas regiões mais remotas do país, os *ciganos mascates* são comerciantes natos, sempre prontos a negociar.

Os *ciganos garimpeiros* e os comerciantes de pedras preciosas e ouro; também confeccionavam e intermediavam o comércio de jóias.

Os *ciganos ferreiros e caldeireiros* são os artesãos dos metais, fundamentais no ciclo da cana-de-açúcar, quando confeccionavam alambiques, na assistência às fazendas, fazendo tachos de cobre, panelas etc.

Os(as) *ciganos(as) curandeiros(as) e benzedores (benzedeiras)*, geralmente mulheres, notáveis no conhecimento de plantas e ervas medicinais, rezam o quebranto e lêem a sorte;

¹³⁹ Ferreira, op. cit., nota 31.

havia também as leitoras da sorte (*buena-dicha*), consideradas por Moraes as “sacerdotizas de nossa teurgia popular”.¹⁴⁰

São estas as reconhecidas profissões *tradicionais dos ciganos*, adaptadas às condições e às necessidades brasileiras. Isso, no entanto, não lhes impediu o exercício de outras, menos usuais ou até aparentemente avessas, como meirinhos e funcionários de cartórios.

No interior do Brasil os ciganos eram vistos quase sempre em caravanas, um tanto arredios, de acordo com a receptividade da população local. Enquanto escrevia sobre estas questões, estive me perguntando se ainda haveria as “tradicionais caravanas ciganas” ou se seriam já uma realidade extinta nos tempos atuais? Nessa mesma noite, recebi um telefonema de meu irmão que mora em Santa Fé do Sul, interior de São Paulo, e que acabava de chegar de uma viagem pelo interior do Mato Grosso e Goiás. Ele me perguntava, entusiasmado, se eu adivinharia o que ele encontrara em sua viagem – um percurso de cem quilômetros de estrada de terra, entre Goiás e Mato Grosso do Sul. Eu ia responder, uma onça-pintada ou algo assim, mas ele revelou que era uma caravana de ciganos, como aquelas dos tempos antigos, com cerca de oitenta pessoas, em carroças e montados a cavalo. Ele conversara com o chefe e ele queria saber se meu irmão tinha cavalos para negociar... A informação que eu precisava me chegava aos ouvidos como uma melodia graciosa do *destino*, em comunhão e sincronicidade, por meio de colaborações espontâneas como esta.

Nas grandes cidades como São Paulo, os hábitos e as profissões ciganas estão passando por mudanças e adaptações. Segundo o *rom* Jorge Nicoli: “Temos mais de cem profissões, sabemos fazer muitas coisas, por necessidade e precisão aprendemos tudo na prática, sem cursos ou estudos”.¹⁴¹ E cita algumas técnicas em caldeiras, nas indústrias e macacos hidráulicos, construção civil, motoristas de táxi, comerciantes de carros, funileiros, ourives e confeccionadores de jóias etc.

Estrofe IV

O ontem sempre é passado,

¹⁴⁰ Moraes, op. cit. 87.

¹⁴¹ Arquivo pessoal.

141 Arquivo Pessoal.

O amanhã sempre o futuro

Vivemos despreocupados

O hoje é mais seguro.

Neste verso, Zurka trata da filosofia cigana de se estar totalmente atento ao tempo presente. Dar importância ao passado, “é um modo de roubar o presente”, esclarecia ele.. Como vimos, para um povo que precisa estar atento, alerta a cada segundo, que vive situações quase sempre adversas (pela própria oposição de sua natureza com relação às sociedades majoritárias), é natural esta necessidade de imersão e entrega ao “aqui e agora”.

Viver no passado conhecido é para os ciganos tão despropositado quanto viver no desconhecido futuro. Sofrer por antecipação, ou remoer o passado é um hábito que o cigano comumente não tem. É no mínimo uma “perda de tempo”, já que na verdade estas duas dimensões de tempo nos são inacessíveis. Estão de acordo com essa premissa a fenomenologia, a física moderna, a tradição oriental, como o budismo e o taoísmo: o único tempo que realmente existe é o presente.

Segundo Liégneois, a perspectiva de se prender ao passado ou ao futuro é pouco propícia para a conservação de um dinamismo cultural necessariamente ligado ao momento presente e desconhecedor de um amanhã que todavia não seja conveniente saber como será. “Enquanto sua história se modela em função da situação presente.(...) Não há memória, a não ser em função do presente.”¹⁴² É com toda a sua concentração no momento presente os ciganos garantem e escrevem na memória e na tradição oral sua história, assim como perpetuam a sua cultura..

Estrofe V

Dizer que pátria não temos

É uma grande insensatez

A nossa pátria sabemos

E maior que a de você

¹⁴² Liégneois, *Los gitanos*, México, Fondo de Culturs Econômica, 1988, p. 78.

De onde vêm os ciganos? Eles não têm pátria? Se são da Índia, então por que não voltam para lá? Estas são algumas das perguntas mais comuns que se ouve quando o assunto é a ‘pátria’ do povo cigano. O pertencer a determinado país é para nós uma referência tão inerente, que mal podemos conceber outra forma de ser e de estar, mas para a dimensão cigana isso não tem maior importância.

A posse, assim como a luta por terras é um dos principais arquétipos que regem a humanidade. Matar ou morrer pela pátria, pelo próprio país é considerado, por muitos, morte honrada, de valor inestimável ao longo da história, tanto no mundo ocidental, quanto no mundo oriental. O arquétipo da posse da terra assim como o do instinto de preservação do território estão presentes também entre quase todas as espécies de animais. Os ciganos são exceção a esta regra. Não pleiteiam possuir uma terra própria, um “*romaniisten*” ou “*romaniland*” (país cigano). Assim, eles têm uma trajetória oposta à maioria dos povos. Referente ao povo judeu, entre tantas semelhanças que os une, neste aspecto a trajetória deles é oposta e os diferencia. Os judeus por séculos e milênios reivindicaram a sua “terra prometida”. Sessenta anos depois de constituído o Estado de Israel a disputa com os vizinhos palestinos continua acirrada, custando (a ambos), por cada centímetro de terra, o preço de muitas vidas.

Quando em 1968 na Índia, a primeira ministra Indira Gandhi lhes concedeu o direito de repatriamento, pelo reconhecimento de que os *ciganos são cidadãos hindus no exílio*, a reação deles foi de indiferença; agradeceram, mas desconsideraram a oferta. Foram por isso definidos pela ONU, em tese, como: “Um povo de origem única disperso por vontade própria entre as nações”. Para quem considera ter o direito de pertencer a toda a Terra, não parece conveniente restringir esses direitos a apenas um país.¹⁴³

A mentalidade cigana, cujas bases estão fundamentadas em preceitos nômades, não tem por tradição ou apego a nenhuma terra em especial. Se alguns lhes consideram “avessos à terra”, é porque de fato não são propensos à agricultura. Mas isto não significa que não dispensam valor e importância à terra. Ao contrário, a terra é considerada um bem deveras precioso, como diz o ditado: “O céu é meu teto / A Terra é minha pátria / E a Liberdade, a

¹⁴³ Martinez, op. cit., p. 40.

* Em anexo bandeira.

minha religião” (grifo meu). A bandeira cigana, seguindo estes princípios, concede à terra a sua metade inferior, representado pela cor verde. *

Estrofe VI

*A de vocês é um país somente,
A nossa é toda essa terra*

Para este povo nômade, a terra é a mãe que acolhe e sustenta, mas *não pertence* a nenhum homem. Neste ponto os ciganos comungam com a mentalidade indígena: “A terra não pertence ao homem, é o homem quem pertence à Terra”, diz um trecho da carta do chefe índio de Seattle, em resposta à proposta do presidente dos Estados Unidos, que desejava comprar as suas terras, ou melhor, as terras em que viviam.¹⁴⁴ Essa mentalidade tem princípios comuns com os das ciências modernas: a ecologia, a concepção sistêmica e holística de mundo. A consciência de ser cidadão do mundo é carregada de um senso de universalismo em oposição a bairrismos, divisões, oposições e antagonismos. O que de alguma forma instiga a todos (ciganos e não ciganos) a atualizar suas reflexões. Astronautas como Neil Armstrong e outros relataram em muitas entrevistas a emoção de ver a Terra de longe, sem as fronteiras que dividem os países. A Terra é uma e uma é a humanidade também.

Na verdade, este acaba se tornando um problema para os países hospedeiros dos ciganos: Como não têm e nem querem ter seu próprio país, torna-se impossível o seu repatriamento. A fixação em um país, em um só lugar, em uma só parte da Terra, é uma idéia estreita e limitante para os ciganos. Eles reivindicam o direito de viver, de existir, de ir e vir, por toda esta Terra, que é para eles o verdadeiro país. Existem hoje ciganos por todos os cantos, nos cinco continentes do mundo. Eles podem até permanecer por muitas gerações em um mesmo país, mas por vontade própria. Uma canção cigana espanhola contemporânea, citada na Introdução deste trabalho, cantada pelo cigano Diego Carrasco, diz que “somos todos inquilinos do mundo”. É esta consciência de “inquilinos do mundo”, de estar de passagem por esta Terra, que lhes restringe o desejo ilusório da “posse da terra”. Em contrapartida, o

¹⁴⁴ Texto considerado pela ONU como o primeiro documento ecológico, 1895, p. 2.

direito de inquilinos lhes amplia as possibilidades de moradia. Os ciganos costumam não se limitar às fronteiras. Pleiteiam sim um país sem fronteiras. E, nesse sentido, a pátria deles estende-se por toda a Terra, sendo bem maior do que qualquer país.

Que Deus nos deu de presente

Por nunca fazermos guerra.

Reconhecendo a terra como *o seu país*, eles se autodefinem cidadãos do mundo. Por vezes vão ainda mais longe: no encontro anual (2005) de ciganos peregrinos à festa de Santa Sarah Kali, em Saintés Maries de le Mèr, no sul da França, perguntei a um *rom* de onde ele (e sua família) vinham? E ele me respondeu com ar de desdém: “Do universo”.

Segundo Eliade, o gnosticismo e a filosofia indiana, cuja origem é o berço do povo cigano, falam da origem “extraterrestre” da alma. “Sendo seres extraterrestres, os gnósticos não se reconhecem como sendo ‘daqui’, deste mundo. (...) a palavra-chave da linguagem técnica dos gnósticos é o ‘outro’, o ‘estrangeiro’”. Assumindo a identidade de *eternos estrangeiros* eles assumem também a premissa ideológica filosófica e espiritual que lhes deu causa.¹⁴⁵

“A terra pertence a Devel (Deus), Criador e dono desse sistema que é o Universo, do qual somos uma pequena parte, sujeita aos seus desígnios e mistérios; ao qual podemos chamar de: *baxt*, sorte, ou destino”, costumava dizer Zurka ao explicar a ligação do cigano com o Universo. Aos homens é dada apenas a concessão de uso, de inquilinato no planeta.

A tradição de “não disputar a terra”, uma vez que ela não pertence a ninguém, está na base de sua cultura. Ganham assim o direito de habitar todo o planeta, pois não têm a pretensão de possuir nenhuma terra. A posse da terra é para eles vista como usurpação indevida, uma das muitas ilusões a que os *gadjés* estão sujeitos.

A afirmação de nunca promover guerras, pelo menos na história dos ciganos no Ocidente, não significa que eles, sob algumas circunstâncias, não tenham participado de nossas guerras.

¹⁴⁵ Eliade, op. cit., p. 118.

Estrofe VII

Somos um povo que canta

Feliz por saber viver

A música e o canto são tributos arquetípicos comuns à humanidade. No caso dos ciganos, podemos dizer que esta é uma das formas ou qualidades que os caracteriza, com que se identificam e são identificados. Reconhecidos por suas aptidões e talentos musicais, são exímios músicos, cantores e *bailadores*. Se, de um lado, os ciganos são pouco conhecidos e valorizados, *per se*, por sua música, são aclamados e renomados, em várias partes do mundo.

A ligação dos ciganos à música remonta o *Rigveda*, o livro sagrado dos hindus. (Ver os ciganos na pré-história.)

Na Grécia antiga eram conhecidos como uma seita de músicos e adivinhos denominados *athsinganos*, de onde teria se originado a denominação de ciganos. Os primeiros registros no Ocidente (século X) fizeram menção à chegada de cerca de 12 mil *músicos* indianos *zots* a convite do rei da Pérsia, para alegrar os seus súditos. Liégeois cita registros iranianos: “(...) são uns nômades que se dizem duques. Chamam-se de *luri*, *luli*(...) e *koli*, em sentido figurado quer dizer jovem belo, alegre, cantor, recitador de poemas e músico”.¹⁴⁶

A música é um forte e poderoso canal de expressão emocional. O cigano e músico Jorge Nicoli confessa: “Se estamos alegres, cantamos e tocamos, se estamos tristes, também”. Faz parte de sua cultura expressar as emoções por meio da música e do canto. Os ciganos cantam tanto nos momentos de alegria quanto nos de dor. Os motivos mesclam alegria e tristeza na intensidade de suas emoções, cantam a vida e a morte, a que estamos todos sujeitos.¹⁴⁷

Tradicionalmente conhecida, a música cigana é por seu ritmo e estilo inconfundível e marcante. É uma música que passa de pai para filho, de geração a geração, pela tradição oral e vai se modificando, de acordo com os lugares pelos quais vão passando. Os ciganos mesclaram aos ritmos das músicas das regiões por onde passam o seu estilo próprio,

¹⁴⁶ Liégeois, op. cit., p. 32.

¹⁴⁷ Arquivo pessoal.

resultando em novos ritmos e modos de se fazer música. Grande comenta a respeito: esse povo altaneiro, desdenhado e perseguido em toda Europa, desde o século XV, contribuiu de maneira ao mesmo tempo “melancólica e criadora, para que o espírito das comunidades disseminasse músicas e danças, que hoje fazem parte da múltipla herança musical da humanidade”. Assim, as enérgicas danças russas, o dolente violino romeno, a música húngara, entre tantas outras, são amostras desse precioso legado à humanidade. Mas,

em nenhum lugar da Europa, contribuíram os ciganos para a criação de músicas tão cheias de complexidade, diversidade, formosura, e força comunicativa como as músicas e danças flamencas. O espírito humano tem sempre uma dívida contraída com o sofrimento. A música flamenca pela qual a Espanha e mais concretamente a Andaluzia é celebrada no mundo inteiro é a riqueza que resulta da união da antiqüíssima tradição musical espanhola, com a pena dos ciganos.(...). Um pesquisador, ao perguntar a uma velha cigana cantora o que sentia ao cantar, obteve da anciã, chamada de tia Añica la Piriñaca, a seguinte resposta: “Quando canto à vontade, a boca me sabe a sangue”.¹⁴⁸

Na Segunda Guerra Mundial relatos de sobreviventes atestam que nos campos de concentração eles usavam a música como modo de não se deixar abater e ao mesmo tempo para extravasar e expressar sua agonia.¹⁴⁹

Segundo Acton, são três os estilos mais famosos de musica folclórica profissional cigana: a música húngara, ou seja as *hungarias*, representada pelas *Romungri bands*, o *flamenco* da Espanha, especialmente da região andaluz, e o estilo mais recente, o *gypsy jazz* da França e da Alemanha, dos grupos *sintes* e *mamouche*.¹⁵⁰

Na música contemporânea podemos citar, somente na Espanha, artistas famosos como os Gypsies Kings, Ketama, Diego El Cigala, Joaquim Cortez (bailarino), Paco de Luzcia (descendente), Tomatito, El Camaron, Lola flores, Antonio Flores, Kiko Veneno, La Mala Rodrigues, entre outros.

¹⁴⁸ Grande, F. “Canto flamenco, um gosto de sangue na boca”. Revista da UNESCO, p. 30.

¹⁴⁹ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

¹⁵⁰ Acton, *Surviving Peoples, Gypsies*. Nova York, Silver Burdett company, 1982, p. 54.

No final dos anos 90 aconteceu nos Pirineus um importante festival europeu de música cigana, intitulado “La musica de los gitanos en la Europa”. Esse importante festival apresentou músicas ciganas indianas, albanesas, turcas, gregas, sérvias, romenas, espanholas (Andaluzia e Zaragoza,), balcãs, entre outras. A atriz e produtora Ruth Escobar trouxe parte desse magnífico festival para o Brasil em 1997.¹⁵¹ Cito aqui parte dos comentários da apresentadora do programa dedicado à musica cigana da Europa:

É inegável a contribuição cultural que esses povos, não dá nem para dizer esse povo, mas esses povos entregaram para o mundo: a vivacidade, a rítmica, o estilo declamado, emocionado, (...) com muito êxtase muita paixão (...) e a sensualidade da música de vários lugares. Principalmente no Leste Europeu, onde tudo é um pouco sério demais os ciganos deram um novo sabor, uma cara especial, como na Romênia e na Bulgária onde a influência cigana foi fundamental.¹⁵²

O criador do estilo de jazz cigano foi o belga *manouche* Django Reinhardt (1910-1953). O guitarrista cigano; Reinhardt é considerado um dos maiores músicos de jazz do mundo. Ele era, segundo seu amigo e historiador do jazz Charles Delaunay: “Dotado de extraordinário senso de afinação e de ritmo (...) A origem nômade condicionou-lhe a personalidade e ele jamais rompeu com ela, arredio às convenções sociais ele só se apresentava quando lhe dava vontade”, o que deixava seus companheiros de banda em constante estado de apreensão. “Ofendia-se por qualquer coisa, era generoso ao extremo mas arrogante também (...) Django era uma miscelânea de variados tipos humanos e sua habilidade e criatividade musical eram imbatíveis.” Foi definido como um dos raríssimos *jazzmen* brancos que sabia tocar com o fraseado, a força e o senso do ritmo de um músico negro.¹⁵³

Penso que a aproximação do estilo musical do jazz cigano com o jazz negro fica por conta da intimidade e do compromisso com o sofrimento. Como povos banidos e renegados à margem das sociedades etnocêntricas, eles comungam das artes musicais expressivas que retratam e transmutam o sofrimento em arte.

¹⁵¹ FIAC - 8º festival internacional de artes cênicas de São Paulo, a Diáspora Cigana, 27 de outubro a 8 de novembro de 1999. Realização Ruth Escobar, Co-realização SESC.

¹⁵² Trecho do programa da rádio USP, no programa *Planeta Som: Música Cigana da Europa*.

¹⁵³ Briem, R. *Gigantes do Jazz Django. Reinhardt, o guitarrista cigano*. Coleção Abril Cultural, 1980.

Se a função do artista é criar, podemos dizer que a arte musical dos ciganos traz na fluência de suas improvisações a arte pulsante.

Referente aos traços psicológicos dos músicos ciganos, neste último milênio de convivência *cigano–não cigano*, podemos constatar que, se a intensidade emocional de seus músicos e cantores têm sido mantida como um traço que os caracteriza, em qualquer tempo e lugar, já a qualidade desses sentimentos e emoções tem sofrido evidente transformação. Os sentimentos de *alegria*, quando da chegada dos primeiros estrangeiros na Pérsia, foram cedendo lugar a sentimentos como a *melancolia*, *opressão* e *tristeza*, lamentos musicalmente transmutados na arte da vida cigana ao longo dos tempos.

Estrofe VII

O pôr-do-sol nos encanta

Amamos o amanhecer.

O símbolo do sol, segundo a cigana e pesquisadora Vrancky, é visto pela *Romá* como fonte de vida doadora e generosa à toda a natureza.

O sol, aquecendo e iluminando TODA A CRIAÇÃO E TODO SER HUMANO igualmente e sem distinção faz parte dos grandes valores que regem a cultura deste povo. Valores como o amor universal e suas dádivas são assim equiparados ao sol, que distribui seus dons a toda a natureza.a toda a criação.¹⁵⁴

Assim os movimentos solares, o nascer e o pôr-do-sol são dois momentos “sagrados” que, além de delimitar o tempo (dia e noite) para os ciganos, faz lembrar as leis naturais a que todos estão sujeitos, (*roms* e *gadjés*). Na justiça cigana as diferenças que nos separam são ilusões. Regidos pelas leis da sabedoria da natureza eles valorizam e contemplam não apenas esses dois momentos, mas todos os fenômenos naturais. Eles seguem e são regidos por esse sistema e relógio da natureza, no caso do sol, que marca o

¹⁵⁴ Vrancky, op. cit., p. 7

início e o fim dos afazeres diários. Mas, para além desse aspecto prático, destaca-se a sensibilidade para a contemplação da magia que exala desses momentos.

Se o sol está no panteon diário de sua cultura, a lua rege, soberana, a magia da noite. Assim como os astros estão submetidos às leis cósmicas, eles sentem a mesma regência sob sua cultura e procuram obedecer os sinais e os desígnios desse pai e dessa mãe natureza.

A natureza e a *natureza cigana* se entrelaçam em uma espécie de bom casamento. O estilo nômade combina perfeitamente com o ritmo e o fluxo da natureza, o modo de vida acompanha seus devires. Assim, o dia e a noite, as fases da lua, o calendário lunar, o nascer e o pôr-do-sol, as estações do ano, o vento, o sol, a chuva, as plantas e os animais, enfim, cada fenômeno é recebido, percebido e vivido como partes interligadas do mesmo fenômeno do qual todos fazemos parte. A diferença dos ciganos, segundo a matriarca *Bibi Percília Nicoli*, é a capacidade ou “o dom que recebemos para reconhecer e saber ler esses sinais”.¹⁵⁵

Estrofe VIII

E assim sempre de partida

Ora no campo, ou cidade

Originalmente nômades, os ciganos seguem o caminho, estando sempre de chegada ou de partida. Quando a vida clama por trégua, eles chegam, e quando pede por movimento, partem.

Ciganos também podem ser ou estar semi-nômades, ou ainda sedentários. Quando semi-nômades, eles costumam viver em casas por alguns meses do ano e sair em viagem para fazer negócios, ou visitar parentes em outros lugares e Estados.

Há registros de ciganos sedentários no Brasil desde o século XIX. As leis que proibiam seu transitar nômade, empurrava-lhes para hábitos sedentários, confinados, fixando-os em bairros periféricos nas principais cidades do Brasil. Bairros como a Cadeia Nova, na Bahia, Rua dos Ciganos, no Rio de Janeiro, e Goiás, por exemplo. Assim teria tido origem aqui a sua mudança de hábito; de suas barracas móveis para as casas, imóveis, estanques. Tendo como finalidade sua adaptação, tinham algumas artimanhas. As casas

¹⁵⁵ Arquivo pessoal.

eram “geralmente térreas e com pelo menos três portas que costumavam permanecer abertas”.¹⁵⁶

O novo hábito de morar em casas foi também compartilhado com o costume nômade de dormir em barracas. Durante o dia eles ocupavam os vários aposentos das casas, mas, na hora de dormir, iam para as barracas montadas no jardim.¹⁵⁷

Desde 1960, tornou-se comum nos grandes centros urbanos como São Paulo a vida sedentária. A família Nicoli conta que em visita a familiares já fixados na periferia de São Paulo, eles acabaram optando também por este moderno estilo de vida, sem ter muita noção das mudanças estruturais que estariam iniciando. Muitos hábitos ligados à vida nômade foram perdidos e outros, inaugurados. A cigana *romi* Rita Nicoli nasceu já dentro da vida sedentária, mas reclama constantemente: “Eu me sinto presa dentro de casa como um passarinho na gaiola”.¹⁵⁸

No interior do país, no nordeste de Goiás, a partir a década de 1970, os ciganos deixaram de ser nômades, totalizando hoje cerca de 2 mil pessoas, segundo dados da pesquisa da Universidade de Brasília. Segundo Fábio Dantas Melo, “eles estão situados nas regiões de Mambaí, Posse e Trindade. Também na Paraíba, no Paraná e em outras localidades ainda não registradas”. A comunidade, segundo ele, mora em casas de alvenaria. Os homens vivem da construção de casas para alugar.¹⁵⁹

Na opinião de Zurka, o cigano nômade preservava mais a sua cultura. Respondendo ao apresentador e jornalista Marcelo Rubens Paiva: “Hoje ele [o cigano] foi se adaptando às coisas sedentárias, e foi se prejudicando nos costumes, mas ainda assim preservam sua cultura,” ou o que restou dela.

- Ainda existem ciganos nômades?
- Existem, como não?...
- Vão de carro?
- Sim vão de carro, antigamente iam a cavalo, hoje vão de carro. Acampam, isso é uma dificuldade, por exemplo, se ele está no interior do Rio Grande do Sul e querem fazer compras de material aqui em São Paulo, não tem aonde acampar... Cigano aonde vai gosta de andar com a família, sempre junto, então

¹⁵⁶ Moraes, op. cit., p. 44.

¹⁵⁷ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

¹⁵⁸ Arquivo pessoal.

¹⁵⁹ Melo, D.F. “cult. Cig. Em vias de resgate”, *O Estado de S. Paulo*, jul. 2005, p. 23 –31.

¹⁶⁰ Programa *Fanzine*, 1993.

se tivessem terrenos aqui onde eles pudessem acampar, seria muito mais fácil... mas não temos, aqui é proibido acampar (...)
Porque cigano é como caramujo, aonde vai carrega a casa nas costas.¹⁶⁰

Vida sedentária implica comprar ou alugar uma casa, pagar as contas de luz, água e telefone, impostos etc Esta mudança inclui um montante que modifica e onera suas vidas de modo radical.

A origem nômade condicionou-lhes o modo de ser, por milênios, desde a Índia antiga. A perda deste modo característico de alguma maneira os descaracterizou, para os re-caracterizar em uma outra configuração de ser cigano... Alguns ganhos, como um “relativo descanso”, mas também muitas perdas... A vida sedentária induz necessariamente a hábitos sedentários. Modos de vida semelhante aos *gadjés*, porém sem ser *gadjé*. O Capitão Zurka dizia sempre: “Parar é morrer um pouco a cada dia”.

Amamos a nossa vida

“Você gosta de ser cigana?”, perguntou a repórter Ilse Camparine a uma cigana nômade do interior do Rio de Janeiro. “Adoro, minha querida, adoro esta vida de cigana. Eu cresci e fiquei velha aqui nestas barracas.”¹⁶¹

Quando dizemos *vida cigana* é preciso especificar: a qual modo de *vida cigana* estamos nos referindo? Nômade, sedentária, semi-nômade, mais ou menos rica ou pobre? No interior do país ou nos grandes centros urbanos? Em que tempo da história e em qual lugar e circunstância? Há exemplos de vidas ciganas gloriosas e trágicas, felizes e infelizes em cada uma dessas circunstâncias e condições.

Mas, no geral, quando se fala *vida cigana* incluem-se aí todas as possibilidades, nas quais os ciganos, resignados ao fado, costumam aceitar, seja sob a circunstância que for. A aceitação do destino torna-o mais amigável. A referência constante do destino, nos depoimentos ciganos, pode ser entendida como o caminho próprio, ou seja, o processo de Individuação, o qual inclui todos os fatores de uma vida; seja favorável ou não. Tanto os

¹⁶⁰ Programa *Fanzine*, 1993.

¹⁶¹ Programa *Globo Repórter*, 1996.

fatores que podemos mudar, quanto os que não podemos, os aspectos que temos consciência como o que nos escapa... (consciente e inconsciente).

Quando um cigano fala que ama a sua vida, parece estar dizendo que a aceita, sob todas as circunstâncias...

Somos reis da liberdade.

Sob o desígnio de *reis*, este povo sem reis, nem reinados é soberano em sua própria família, governante de suas próprias vidas, mas, como vimos, é sempre inserida no grupo na tribo. Diz uma canção *romani* folclórica na Inglaterra: “Eu sou o rei *romani* / Sou verdadeiramente um lorde / Eu construo meus castelos com o azul do céu / Eu vivo numa tenda e não tenho ou pago renda / E é por isso que eles me chamam: o rei *romani*”.¹⁶²

Se a liberdade com relação à sociedade majoritária os faz soberanos nos reinos de cada família, este mesmo dom, dentre todos os bens, tem sido tão precioso quanto *caro*...

A liberdade tem, para o cigano, caráter da ordem do fundamento, do alicerce da fundação, ocupa para a etnia o bem de não ter tributo a pagar ou a receber. O que os torna livres para ser eles mesmos, cumprir seus desígnios, para além de nossas obrigações e engajamentos. Para os não ciganos, “ser livre como cigano” tem o sentido de não ter responsabilidade, não ter leis nem moral etc. Quando, na verdade, essa liberdade carrega para o cigano o sentido de não se dobrar ao *gadjé*, manter os seus próprios valores, de não se deixar aprisionar pelo jugo do sistema dominante.

Um dos traços fundamentais da etnia, segundo Vrancky, é referente “à sua incapacidade (voluntária) de absorver elementos culturais novos”.¹⁶³ Talvez seja este um dos traços e mecanismos responsáveis que não lhes permite ser integrados pelos sistemas dominantes. Parece estar aí a garantia da “liberdade”: não absorver nossos valores, não se deixar seduzir e corromper por eles. Está aí para as sociedades majoritárias a prova de sua rebeldia, de sua insubordinação. Como eles não se submetem ao jugo dominante, são rechaçados cada vez mais para as margens, onde assim mesmo são coroados. A liberdade é

¹⁶² Acton, op. cit., p. 33.

¹⁶³ Vrancky, op. cit., p. 6.

considerada como um dos bens maiores da humanidade, e para os ciganos ela ocupa um lugar central e sagrado, impregnado de religiosidade, como já vimos no ditado: “O céu é meu teto / A terra a minha pátria e a *liberdade*, a minha religião”.

Se os ciganos são livres com relação aos nossos valores e sistemas sociais, têm, por sua vez, muitas obrigações para com seu próprio grupo, dentro de um código de ética e moral muitas vezes mais rígido de que o nosso. “As nossas leis internas têm resistido bem à erosão do tempo”, constata Vrancky. Esses valores são a base sobre a qual se rege e edifica a cultura cigana. Segundo ela, esses valores principais são:

Leis de Marimée: Código de costumes ligados a pureza e impureza no comando do contato nas relações homem e mulher, cigano e não cigano.

Preceitos de autoridade: O Barô, o velho, o chefe do grupo, a Phuri Daj, a mãe sábia do grupo.

Preceito de valores: As crianças consideradas mensageiras de Deus e, portanto, sagradas. A coesão familiar, o respeito aos mais velhos, estimados por suas acumuladas experiências de vida e sabedoria.

O amor à família, receptáculo dos valores e esperanças do grupo. O respeito à natureza como a uma mãe para garantir a sobrevivência do gênero humano.¹⁶⁴

O decálogo (código moral interior), ditado por Juan de Rio R. Heredia a Rosso, é uma outra referência das regras que regem a *romá*.

1. Não ajudar outro cigano.
2. Violar os direitos de outro cigano.
3. Faltar com o respeito para com os mais velhos.
4. Faltar á palavra dada entre ciganos.
5. Abandonar os filhos.
6. A separação conjugal por traição.
7. A maternidade antes do casamento.
8. A falta de pudor no vestir-se e no modo de comportar-se.
9. Furtar num lugar sagrado.
10. Ofender a memória dos mortos.¹⁶⁵

¹⁶⁴ Vrancky, op. cit., p. 10-12.

* Rosso, R. *Cigano, um povo de Deus*. Revista Vozes, p. 89.

¹⁶⁵ Rosso, R. *Cigano, um povo de Deus*. Revista Vozes, p. 89.

Os momentos mais importantes na vida cigana são: nascimento, casamento e morte.

O nascimento de uma criança para os ciganos é tido como um presente de Deus e, por isso, deve ser comemorado e purificado assim que vem ao mundo. “O batismo, (...) é realizado na forma de um banho, com água morna, preparado pelas avós, com alecrim e manjerição, em um tacho de cobre, com jóias familiares e ouro, representando a preciosidade da vida assim como a intenção de prosperidade à vida do novo ser.”

O casamento é a cerimônia mais comemorada, é o ritual de passagem à vida adulta dos noivos. É marcada pela fartura de comida, música, dança e alegria. Há o pagamento do dote aos pais da noiva, mesmo que seja de valor simbólico. A virgindade da noiva tem importância crucial. Na primeira noite a noiva vestida de branco é entregue à família do noivo. Recebe uma bênção da *romá* e outra de acordo com a religião local. Pela manhã, sua mãe e sogra hasteiam a bandeira da virgindade, expondo o lençol da primeira noite à toda a comunidade. Nesse momento a recém-casada aparece com um vestido vermelho e a festa continua.... No terceiro dia o pai do noivo oferece a festa ao pai da noiva, por tê-la entregue com a honra intacta.

Na cerimônia de morte, o corpo é velado por dois dias. No terceiro dia, acontece o ritual da *Pomona*, uma reunião da família em torno de uma imensa mesa, na qual devem se revezar os familiares e os amigos em três grupos. Os primeiros a se sentarem à mesa são os homens. À luz de 41 velas eles comem os pratos preferidos do morto, em um gesto que serve para lhe dar “força” para seguir.

O ritual se repete até o 41º dia, período em que acreditam que o falecido ainda está no mundo dos vivos, até perceber e elaborar definitivamente a sua morte, e então ele vai para o céu. A partir de então a *romá* evita falar, lembrar ou chorar o morto, *mulô*, para não perturbá-lo na nova jornada. O *Pomona* acontece novamente quando se completa o sexto mês, o primeiro ano e depois disso, nos dias de Finados.¹⁶⁶

A ideologia *romani* é toda voltada para os valores e a relação familiar. A natureza é vista como extensão da família. As regras de comportamento e as obrigações da mulher são numerosas e vão sendo transformadas, dependendo das fases de vida da mulher: solteira, jovem casada (*bori*), quando se tornam mães, quando os filhos crescem e se casam.... Estas

¹⁶⁶ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

regras demonstram o nível de *status*; obrigações e privilégios que vão obtendo, conforme as diferentes etapas de sua vida. Quanto mais velha e a família numerosa, mais considerada ela é, gozando de várias regalias que as mais jovens se encarregam de cumprir.

As obrigações masculinas são relativas à proteção e à subsistência do grupo, embora variem de um grupo para o outro, assim como também as regalias masculinas; em geral, eles gozam de muito mais liberdade que a mulher. Em cada *kumpania*, tribo, clã, e hoje família, há sempre um chefe, que geralmente costuma ser o mais velho ou o mais sábio, o mais inteligente.¹⁶⁷

Se por um lado têm um sistema típico das sociedades machistas e patriarcais, no âmbito do seu sistema de valores é reservado para a mulher o papel de *regente dos mistérios* nas relações, sempre ligadas à vida e à vidência, como elas chamam, a sabedoria intuitiva.

Se o cigano burlar o seu sistema de leis, estará sujeito ao tribunal, ou a *kris romani*, onde os mais velhos são convocados a dar seu parecer.

Quando há uma decisão, ela é irreversível. É uma lei muito mais dura que a do juiz da sua raça, porque quando acontece um erro de um juiz, como há tantos erros no judiciário (...) e depois se descobre que ele era inocente, o que acontece? Nada, o estado indeniza e tal e está tudo bem.

Agora, quando um juiz cigano executa um veredicto ele tem que tomar muito cuidado porque se por causa dele um inocente sofrer, depois ele tem que sofrer a mesma coisa.¹⁶⁸

As desobediências têm como castigos um sistema de multas, sendo que o pior deles para um cigano é a sua expulsão do grupo, ou seja, deixar de ser cigano. Esta é a pena máxima.

Embora a liberdade cigana tenha muitas responsabilidades, ela continua soberana sobre os valores da nossa sociedade. “Os ciganos são realmente livres?”, perguntou o jornalista Marcelo Rubens Paiva a Zurka Sbano. “Nós sempre vivemos com mais liberdade que os não ciganos, justamente por não ter um endereço fixo. Se estamos incomodando

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ Programa *Fanzine*.

sabemos que saímos logo, se somos incomodados, saímos logo também. Somos livres para chegar e sair.”¹⁶⁹

Para além das questões da liberdade que o nomadismo promove, há também *outra* instância referente à *liberdade interior*, onde ela parece reinar soberana, segundo Zurka: “O cigano é livre por natureza, eu acredito que ele é liberto até quando preso. A liberdade dele está na cabeça”.¹⁷⁰

¹⁶⁹ Ibidem.

¹⁷⁰ Programa *Globo Repórter*.

CAPÍTULO 3

VIDA CIGANA

Enriqueçamo-nos com as diferenças.
Paul Valerie

Etnografia de um *rom*.

História ancestral de uma família *kalderash*

Adentramos agora o cerne deste trabalho. As historiografias (quando vistas pelo olhar *rom*) e etnografias (quando vistas pelo olhar *gadjé*) aqui registradas são inéditas. Elas são fruto da história oral de uma família cigana imigrante que chegou ao Brasil entre o final do século XIX e começo do século XX. Os registros ancestrais foram manuscritos por um descendente cigano, nosso personagem central, Zurka Sbano, entregues a mim, dois meses antes de seu falecimento.

A importância do rememorar o princípio, o *arque*, tem na memória um papel decisivo. Segundo Eliade, “o esquecimento equivale ao sono, mas também à perda de si mesmo, à perda do Self” (*âtman, pursha*) na tradição védica. Segundo o Vedanta, “a libertação pode ser comparada a um ‘despertar’, ou à tomada de consciência de uma situação que existia desde o princípio, mas que não fora *percebida* anteriormente (...) A ‘sabedoria’ (*jnâna, vidya*) que ao dilacerar o véu de (*mâyâ*), ou de suprimir a ignorância, torna possível a libertação é um ‘despertar’”.¹

Na mitologia grega a Titã Mnemósine (memória) tem a função de guardar a memória original. As Musas são as filhas de Mnemósine com Zeus, o senhor do Olimpo, regente do céu e da terra. Segundo Hesíodo, foram concebidas para ajudar e inspirar os mortais no acesso às realidades originais. “(...) a rememoração procura não situar os eventos num quadro temporal, mas atingir as profundezas do ser, descobrir o original, (...) e que *permite compreender o devir em sua totalidade*” (grifo meu).² Podemos ver Zurka como um *aedo*

¹ Eliade, op. cit., p. 106, 107.

² Ibidem, p. 108.

atemporal, um poeta inspirado pelas musas, que transpira esta qualidade da memória, remontando o *despertar* das suas origens, recompondo a história de seus antepassados... Ele registrou com precisão e riqueza de detalhes- manuscritos a lápis, a rica, pulsante e viva *tradição oral*.

Os ciganos desenvolveram a memória por um caminho diverso e mais aprimorado que o nosso, segundo Llorens: “Podem lembrar-se de tudo o que ouviram com precisão nos detalhes, podendo por exemplo reproduzir notícias de um rádio com uma riqueza que nos escaparia”.³ Essa linguagem viva é literalmente coloquial: “Como eu ia dizendo...”, poderemos ouvir o Capitão Zurka conversar conosco, ao pé do ouvido, neste capítulo, como manda a tradição oral.

A idéia de registrar a história de seus antepassados, foi plantada, segundo o que Zurka me contou, pelo padre Renato Rosso, da Pastoral de Nômades do Brasil, no final dos anos 80.* Esta idéia foi alimentada por muitos de nós, amigos e familiares. No último encontro que tive com o Capitão Zurka, em 1999, antes de sua mudança para Franca, dei-lhe de presente dois livros encadernados, todas as folhas em branco. Diante de sua expressão de surpresa ao abrir as páginas vazias, lhe expliquei.

– É para o senhor registrar as histórias todas que puder lembrar.

Cerca de dois anos depois, em nosso último encontro, ele estava gravemente doente. Fui com seu irmão, Sr. Santo, e a sobrinha Valéria visitá-lo na casa de sua filha Norma, em Franca, onde estava rodeado por quase todos os filhos, como ele tanto gostava. Foi então que no momento de irmos embora, ele me presenteou com o caderno, recheado da vida de seus antepassados. Zurka guardou tudo em sua memória para nos deixar este legado, um presente, a *rons* e *gadjés*.

Por meio destes relatos, revelações intimistas e nuances peculiares dessa cultura e tradição se revelam. Em outros, podemos acompanhar a dinâmica relacional inter-étnica: cigano–não cigano (*rom–gadjé*), em um Brasil de cem anos atrás...

Vamos acompanhar a jornada da família Sbanovitch em sua travessia do Atlântico, na viagem que os trouxe da Itália para o Brasil. Esta foi a última das seis viagens que Zurka Sbanovich, avô de Zurka Sbano fez, sozinho, ou com parte da família, conhecendo o Brasil e

³ Llorens, M.J. *Diccionario Gitano, sus costumbres*. Madri, Mateos, p. 36.

* A relação dos ciganos com Pastoral de Nômades será desenvolvida no Capítulo 4.

as suas condições até a viagem derradeira, quando trouxe toda a família. Aparentemente, esta foi uma travessia comum, como tantas outras, cujo objetivo era trazer os imigrantes italianos para trabalhar na agricultura das fazendas brasileiras...

A viagem ao Brasil

Em meados de 1895 a 1900, não sei precisar a data, embarcaram na Itália com destino ao Brasil muitas famílias ciganas imigrantes, como as dos *Morailovich*, *Neronkovich*, *Sbanovich* e muitas outras que, aqui chegando, iriam trocar seus nomes, cortando pela metade como “*Morai*”, “*Neron*”, “*Sbano*”, e outros mais.

No navio em que se encontravam meus antepassados, uma surpresa estava reservada para o capitão da embarcação, que trazia os imigrantes para trabalhar nas lavouras brasileiras. Uma manhã, já em alto-mar, o capitão acorda percebendo uma inquietação no navio. Levanta-se e vê com grande surpresa o seu barco tão colorido que mais parecia um jardim vivo com as flores se cruzando por todo o lado. Eles poderiam esperar que o navio chegasse ao seu destino, para depois vestirem suas roupas coloridas tradicionais. Mas não, não poderiam perder a oportunidade de mostrar que mais uma vez pregaram uma peça nos *gadje*, que tanto os hostilizavam.

O capitão entre surpreso e furioso, gritou:

– Vamos jogá-los ao mar!

Esta reação não deixou de preocupá-los, principalmente as mulheres. Mas logo compreenderam que isso não seria possível, eles eram muitos... Logo os homens mostraram-se cooperadores, ajudando a tripulação em tudo que precisasse, também, mostravam-se alegres, ainda que preocupados... As mulheres começaram a ler a sorte dos tripulantes e dos demais imigrantes. E no outro dia tanto a fúria do capitão como a preocupação dos ciganos já havia desaparecido. À noite, após o jantar, todos se reuniam no convés, e os ciganos com seus violinos, violões e os deliciavam a todos com seus concertinos e canções. Homens, mulheres e crianças ciganas bailavam, o pandeiro se fazia presente naquele ritmo. Ora suave e tristonho, outra vez rápido, quente, vibrante, contagiando a todos que ali estavam.

Eles contavam que os primeiros quinze dias de viagem haviam sido monotonamente vividos. Porém após os ciganos terem tirado seus disfarces, tudo havia mudado. Restavam ainda um mês e meio para que o barco chegasse ao Brasil. Tempo que passou bem mais alegre e apesar de dois temporais que sofreram, aqui atracaram sãos e salvos, no Rio de Janeiro. O Capitão do navio confessou que nunca havia feito uma viagem tão diferente e alegre... O mês? Não sei. O dia? Também não. O que estou relatando é o que eu ouvia tantas vezes de meus avós, meus

pais, meus tios, enfim todos, quando conversavam em torno das fogueiras ao anoitecer, ou quando estavam trabalhando fazendo tachos e alambiques.

Proponho acompanhar estas histórias de Zurka Sbano, descentralizando nossos pontos de vistas *gadjé*, etnocêntricos, e seguir a trajetória desta família a partir de *seu* ponto de vista. Um exercício parcial de “inversão de papéis”, talvez nos auxilie nesta etapa do trabalho. A proposta é construir uma relação de encontro sob a regência do princípio de alteridade. “A palavra *alter* vem do latim e significa o outro. Emprego-a aqui para designar o padrão de desenvolvimento da Consciência que capacita o Ego de relacionar-se plenamente com o Outro. (...) fornece ao Ego uma identidade através do qual ele se diferencia relativamente do mundo a sua volta e encontra sua função social.”⁴

Podemos dizer que, apesar dos sustos, esta foi “uma chegada triunfante da *romá* ao Brasil”, pois foram reconhecidos, aceitos e admirados em sua singularidade, um evento raro na história. Saíram da Itália disfarçados, sem poder demonstrar quem eram de fato, de outra forma não seriam embarcados, pois não eram “interessantes” para o Estado... Nessa época os navios traziam os imigrantes para trabalhar como mão-de-obra nas fazendas de café, principalmente. As viagens eram subsidiadas pelos donos das fazendas, algumas também pelo governo brasileiro em acordo com o país de origem do migrante. Os Capitães dos navios intermediavam as negociações, que seriam pagas posteriormente pelos próprios migrantes nos serviços que prestariam às fazendas, depois de acomodados nas respectivas “colônias”. Assim, imigrantes espanhóis, italianos, japoneses, entre tantos outros fizeram suas viagens. Este acordo era uma espécie de financiamento antecipado, negociado também com as companhias de navegação.

Os nossos “heróis” vieram, a princípio, disfarçados de imigrantes comuns. Se tinham a intenção de “fazer a América”, como todo imigrante, seria a seu modo e de acordo com as suas regras. Fizeram o jogo dos *gadjé*: travestiram-se de imigrantes italianos, mas no meio da viagem resolveram revelar a sua verdadeira identidade. “Uma manhã, já em alto-mar”, vestiram suas roupas típicas e coloridas, trocaram de roupa e de *persona*, desta vez coerente com a sua identidade. As cores vivas e fortes, representa a intensidade emocional que caracteriza a *romá*.

⁴ Byington, op cit., p 11.

⁵ Von Franz, M.-L. *Alquimia*. São Paulo, Cultrix, 1997, p. 115.

A cor vermelha, uma das cores características dos ciganos, está ligada ao fogo, à qualidade emocional dos instintos, da sexualidade, das paixões.⁵

Afirmaram-se e mostraram que “mais uma vez pregaram uma peça nos *gadjés* que tanto os hostilizavam”. Eles não viriam trabalhar nas terras brasileiras como agricultores nem iriam pagar do mesmo modo que outros imigrantes a sua viagem... O conflito se instala em um enfrentamento em alto-mar, a tensão é grande, as razões divergem em ambos os grupos, a raiva do Capitão ameaça jogá-los ao mar. O jogo tenso na relação heterônima cigano–não cigano, é extremado: um caso de vida e de morte. Neste encontro entre ciganos e não ciganos, as divergências mútuas chegam quase ao ponto extremo do conflito. Do lado cigano, além de terem pregado “uma peça nos *gadjé*,” podemos perceber além da coragem um desejo autêntico de se revelar e ser reconhecidos por sua própria natureza. Podemos dizer que arriscaram tudo nessa questão. Naquele momento, afirmar sua identidade era também assumir o destino conseqüente, uma escolha consciente, naquele navio, foi feita na direção da individuação deste povo.⁶

Se esta revelação identitária é atravessada por defeitos, ao nosso olhar, perpassa também por qualidades; para além da coragem de se assumir, mostravam-se também “prestativos e alegres...”. Passado o primeiro susto, conquistaram o Capitão e sua tripulação. A partir desse ponto ficam evidenciados os benefícios da aceitação mútua, a *conquista* de uma relação de alteridade. Então, puderam realizar juntos, ciganos e não ciganos, *roms* e *gadjés*, uma viagem única, “tão diferente e alegre (...) Após os ciganos terem tirado seus disfarces tudo havia mudado”.

Podemos pensar que assumir a *persona* e seus talentos característicos talvez tenha seja o primeiro passo nas negociações inter-étnicas, em direção ao devir cigano.

Relações em família

Chegando no Rio de Janeiro, algumas famílias ficaram nessa cidade, outras seguiram para São Paulo, como mostra a próxima história.

⁵ Von Franz, M.-L. *Alquimia*. São Paulo, Cultrix, 1997, p. 115.

⁶ Este tema será aprofundado no Capítulo 4.

Meu avô veio para o Brasil com a mãe, uma *Phuri Dei* (mãe de Tribo) chamada Ângela Maria Marota, irmãos, a mulher e alguns filhos, porque outros nasceram aqui. A única irmã que veio solteira casou-se aqui, chamava-se Dara, ela se casou com um cigano *Italiaio* (italiano) de nome *Mirko Moróbito*. Que gostava muito de beber e jogar cartas.

Quando fazia mais ou menos um ano e meio de casados, eles vieram residir na Mooca com outros ciganos italianos que já ali residiam. Nessa ocasião meu avô se encontrava no Rio, com a família, quando recebe um recado, trazido por um cigano vindo de São Paulo, em que a irmã dizia estar sofrendo muito e que meu avô fosse buscá-la, porque o marido além de ser um jogador inveterado, bebia muito e lhe batia todo dia. No outro dia meu avô embarcou para São Paulo com três filhos, Chico, Nicola e Deila (Eduardo), este que seria mais tarde meu pai.

Chegando em São Paulo partiram para a Mooca onde residiam, provisoriamente, a irmã e o marido. Lá chegando foram encontrar vários ciganos jogando cartas numa mesa e Mirka, o cunhado do meu avô, refestelado no divã ao lado. Ao vê-los entrar, os ciganos surpresos pela inesperada entrada dos quatro pararam de jogar. Ato contínuo, meu avô indo até o divã e agarrando Mirka pela barba, que era comprida, fê-lo levantar entre surpreso e enraivecido.

– *Vim buscar minha irmã. Você não a merece.*

E no meio do alvoroço criado pela discussão, surge a Dara, mulher do Mirko, a irmã que meu avô veio buscar, dizendo: – *Não, eu falei tudo aquilo, foi num momento de raiva...*

E que já tinha acertado tudo, que estava tudo bem.

Meu avô respondeu:

– *Que lachas, que vergonha! Deu-lhe dois tapas na cara, dizendo ertissar tumeno (desculpem todos), saiu com os filhos e voltou para o Rio.*

As relações inter e intra-grupos *roms*, tem *regras próprias*: de proteção, honra, orgulho, justiça, vergonha... as quais eles respondem, independentemente do país de origem, de modo singular e homogêneo espontâneo e coerente. Fica evidente no encontro inter-grupos como o descrito as diferenças de hábitos e costumes. Estes “gostavam muitos de beber e jogar cartas”, a despeito das diferenças, eles se respeitam e têm regras comuns de relação e comportamento.

O grupo *kalderash* que estamos acompanhando tem sua maneira própria de trabalho e de relação heterônima, com o não cigano, sendo via de regra, como já vimos no Capítulo 1, o não cigano *gadjé* ser o cliente do *rom* (e não o contrário). Por meio dos seus ofícios

tradicionais, os *kalderashes*, por exemplo, prestavam serviço como tacheiros, latoeiros, fabricantes de alambiques etc. Essa especialização milenar, que lhes garantiu trabalho em inúmeras partes do mundo, lhes assegurava também uma freguesia vasta no Brasil pré-industrial. À sua maneira eles também “serviam as fazendas”, mas nunca como empregados. O serviço especializado nas artes da forja dos metais lhes assegurava a receptividade nos serviços às fazendas, não talvez como quisesse e promovesse o governo brasileiro, mas à sua própria maneira garantiam seu valor e serventia.

Como eu ia dizendo, já aqui no Rio de Janeiro as famílias ciganas recomeçaram suas andanças tomando rumos diferentes cada uma. Meu avô, Zurka Sbano, meu xará, porque eu também tenho esse nome, filhos, noras e genros, ficou com sua família e a do “*Patre*” Eterno (este cigano era *romanholo*, de origem romena, e eu nunca soube a razão de seu apelido).

A trajetória de meu avô aqui no Brasil, se não me engano, resumiu-se a andar entre Vitória, Rio, Minas Gerais e São Paulo. No Rio presenciaram coisas de arrepiar, diziam eles. Dirigiram-se para o Bairro do Leme e aí nessa zona encontraram bastante serviço, havia muitas fazendas, muito tachos e alambiques para fazer, outros para consertar. Por esse motivo ficaram por algum tempo.

Em território brasileiro, os Sbanos mantinham sua tradição e singularidade: “No interior das barracas o negócio é entre nós”, dizia sempre Zurka, mas em meio aos *gadje* tornava-se necessário a demanda para além da astúcia, reserva e cuidado...

O assassinato.

A família Sbano ainda não sabia falar o português direito, mas teve que aprender na prática as lições *assustadoras* sobre o *brasileiro*: violência gratuita, a lei do mais forte (mesmo e porque, esta é quase sempre a lei do mais fraco).

Certa vez, estando meu avô acampado nas imediações do Leme e a uns 50 metros existia uma venda. E um dia ali chegou carregando uma foice um homem grande, forte que era chamado por Gaiola. Dirigiu-se ao balcão e pediu uma aguardente Paraty (como era

costume dizer-se naquele tempo). Num canto, com outros, sentado num caixão de querosene estava Quirino, o galo do Leme, conhecido e respeitado por sua valentia. Como já era de se esperar, Quirino provocou o Gaiola. Este virando-se e vendo o Quirino que era de estatura menor que a sua, disse:

– Eu não preciso disso (referindo-se à foice) pra brigar com você.

Saíram, lá fora e se atracaram. Gaiola estava dominando o Quirino, por cima dele, com as mãos na sua garganta, quando alguém, para ganhar a simpatia de Quirino, pegou a foice que o Gaiola tinha encostado na parede e, quando este estava esganando o Quirino, recebeu um foçada na cabeça, amoleceu e caiu de lado. Quirino, vendo-se livre, montou no Gaiola caído e deu-lhe uma punhalada no peito. Levantou-se, entrou na venda, apanhou um copo e tomou cheio, com o sangue do Gaiola.

À tardinha chega a polícia, dois soldados, vão direto à barraca, brutos, especulando, acusando, amedrontando a todos, que pouco entendiam o que eles diziam por não terem aprendido bem ainda o português. Quando chega o Quirino, com a mão esquerda amarrada por um pano. Talvez a tivesse machucado na briga. Ele interveio:

– O que é isto? Deixe essa gente sossegada. Fui eu que matei o Gaiola, ele não prestava. Diga lá pro “Doutô” que o Quirino manda um abraço “prele” e que aqui tá tudo em “orde” e que os “caso” do Leme eu resolvo. Os soldados voltaram e tudo ficou por isso mesmo.

Daí a dois dias eles desarmaram a barraca, carregaram a carroça e os quatro burros com a cangalha e foram embora. Aquele crime apavorou a todos na barraca. “*Logo à nossa chegada foi acontecer isso*”, diziam todos.

Uma briga gratuita de bar, um assassinato e o macabro degustar de um copo cheio de sangue da vítima... tudo aqui adquire um sentido deveras assustador. O brasileiro é visto e se comporta como gente perigosa, primitiva... A família se protege, se fecha na barraca. A polícia chega, meio “rendida” ao criminoso, meio “valente” com os estrangeiros suspeitos, afinal são *ciganos*... De outro lado, o assassino assume com naturalidade e certo orgulho o crime e defende da suspeita policial os ciganos da barraca ao lado: “Deixe essa gente sossegada, fui eu quem matei o Gaiola (...) Diga lá pro Doutô (...) que aqui tá tudo em ‘orde’”.

Que *ordem* seria essa que rege a vida dos brasileiros? Generalizar um brasileiro por todos seria disparate, ignorância, no entanto, essa é uma postura comum, quase que natural das sociedades majoritárias com relação às minorias.

A superstição fica evidenciada: “Logo à nossa chegada foi acontecer isso...”. Os sinais do caminho são sempre lidos pelos ciganos e os sinais desses fatos apontam para além dos fatos: esse definitivamente *não* era um bom agouro: “logo à nossa chegada foi acontecer isso...”. Para além dos perigos dos criminosos, ainda há os perigos dos mortos, ou *mulos* (os mortos), que, na cultura da *Romá*, representam ameaças... O medo de fantasmas, pragas, maldições, sorte ou azar, faz parte e dita regras de comportamento também nesta família *kalderash*... A saída é uma só: sair de lá. “Desarmaram a barraca e foram embora.”

Trole fantasma

Outra passagem que meu avô contava, e que se deu naquela mesma região, é que uma vez, na estrada do Leme, quando ele voltava para o acampamento a cavalo, altas horas da noite, ouviu o barulho de uma carruagem. Olhou para trás e viu um trole puxado por dois cavalos brancos, que vinha ligeiro. Quando a carruagem passou por ele, que vinha devagar, cumprimentou o cocheiro:

– Boa Noite!

Carruagem, cavalos e cocheiro sumiram da sua frente. O cavalo corcoveou com ele, quase o derrubando. Quando a galope ele chegou na barraca, contou aos que ainda estavam acordados; estes ficaram muito assustados, rezaram e foram dormir. Este acontecimento foi assunto para mais de uma semana no acampamento.

Se os vivos apavoram, os mortos (*mulos*) assustam de outro modo e escondem em reino de outro mundo suas ameaças (confirmada pela reação do cavalo): “O cavalo corcoveou assustado também”. Os animais, representam a esfera instintiva, comungam e partilham da mesma experiência do homem e como partes integrantes do mesmo sistema: “Estavam todos assustados”.

Parece ter sido difícil a adaptação inicial. Se a chegada foi triunfal, a vida diária escondia surpresas menos estimulantes. Olhando do ângulo *rom*, podemos perceber perigos por todos os lados: no entre os vivos ou mortos. Mas será que todos os brasileiros são gente ruim, perigosa e ameaçadora? Eles, sempre atentos aos acontecimentos do caminho, aprendiam a não generalizar... como veremos na história de “Zurka e o Comendador

Rodrigues Alves”. Enquanto aprendiam o jogo de relações com os brasileiros, trabalhavam e iam adquirindo apreço e consideração por onde passavam.

Então entraram pelo Vale do Paraíba, onde meu avô Zurka encontrou muito serviço em cobre, muitos alambiques, tachas grandes de fazer farinhas e muitos outros serviços. Meu avô ficou muito tempo viajando entre S. Paulo e Rio, indo e voltando sempre. Às vezes voltava por Minas. Mais quase sempre voltava ao Vale do Paraíba, onde já era muito conhecido e benquisto.

A cidade de Guaratinguetá era como se fosse uma sede da família. Ali existiam muitos arraiais, com muitas fazendas, como o Taquaral, os Pilões, As Matas, S. Bento, Colônia e mesmo Cunha, Paraitinga e muitos outros arraiais onde meu avô e a família monopolizavam o serviço.

As duas próximas histórias vão tratar da relação *rom-gadjé* no encontro interétnico, sob as condições político-sociais do final do século XIX.

Zurka e o Comendador Rodrigues Alves

Nesse tempo era *Presidente da República do Brasil o Conselheiro Rodrigues Alves*, que era natural de Guaratinguetá. Grande Presidente. Homem muito bom. Ao contrário do irmão que morava numa chácara no bairro do Pedregulho (hoje Cidade Nova). Este não era visto com bons olhos pela população de Guará: homem mau, vingativo, possuía capangas. Tinha o título de Comendador Rodrigues Alves e cometia muitos abusos, aproveitando-se do cargo do seu irmão Presidente. A ele todos temiam. Mas meu avô não era homem de muito temor.

Certa ocasião, ao terminar de armar a barraca com o seu grupo na beira da estrada do Pedregulho, estavam fazendo a valeta em torno da barraca, para evitar a entrada de água da chuva, quando parou o bonde em frente à barraca (bonde puxado a burro, que naquele tempo fazia do centro da cidade ao bairro do Pedregulho, que era além do Paraíba). Desceu do bonde o comendador e disse a meu avô que foi atendê-lo:

– Com ordem de quem o senhor está fazendo isso?

Meu avô respondeu no pé da letra ao comendador:

– Com a ordem da minha mulher, Sr. Comendador...

Este, ao receber aquela resposta, encarou meu avô entre surpreso e rancoroso, virou as costas, subiu no bonde que o levava à sua chácara e o bonde partiu. Dentro da barraca os comentários:

– Como pode o Zurka, que sempre agiu com inteligência, fazer uma burrada dessas? Responder daquele modo para o Comendador, o irmão do Presidente da República... o homem que mandou matar um cigano por ter lhe roubado uma mula!

No meio desses comentários meu avô disse:

– Nem sempre devemos rastejar, há uma hora em que devemos ficar de pé. O segredo está em saber quando. “Tertiçar.” (expressão da época talvez equivalente à gíria *tretar*).

– Mas agora não era a hora, tenho certeza – disse meu tio Iárko. – Por mim desarmava a barraca e ia embora.

Uns concordaram, outros não, mas ficaram todos. Ali passaram mais de quinze dias, pois tinham serviço grande para fazer, sem que ninguém os incomodasse.

Justiça, honra e dignidade, o enfrentamento com o *gadjé* carece de imposição de limites para manter a moral e a honra *da romá*. Saber *quando* baixar a cabeça e *quando* ficar de pé: o segredo está em saber exatamente *quando*. A inteligência no comando interno dos grupos ciganos é literalmente *vital*. Um erro pode ser decisivo e fatal. Como articular os valores externos e internos, justiça e injustiça? Atentos para responder a cada situação de modo coerente, pois que são todas únicas... O Presidente Rodrigues Alves era digno e justo, já o seu irmão abusava desse prestígio e poder. O posicionamento de Zurka, avô de nosso protagonista, foi ousado e articulado, podia dar certo, como deu, mas podia também ter exposto ao perigo toda a família. Firme e flexível como o andar na corda bamba, em meio aos perigos nos encontros *rom-gadjé*, essa família nômade seguia ou parava, aprendia e ensinava...

Capitão Souza Breve

Certa vez, viajando meu avô com a família, novamente pelo vale do Paraíba, acamparam na cidade de Guaratinguetá. Então havia o Cap. Souza Breve, homem de má fama, senhor de escravos. Diz-se dele que, um dia, um homem vendo cair da sua bolsa quando montava a cavalo um maço de dinheiro, pegou-o e foi logo entregar-lhe. Quando o Capitão, recebendo o dinheiro, tirou do bolso \$200 (duzentos réis), e dando ao homem disse-lhe:

– *Agora compre um pedaço de corda e vá se enforcar.*

Esse é o perfil do fazendeiro que mandou chamar meu avô para fazer um serviço grande no alambique da fazenda. Chegando lá meu avô e dois filhos, Chico e Duda (este último, Eduardo, viria a ser depois meu pai) começaram o serviço.

O Capitão deu-lhes para dormir um cômodo de pau-a-pique que ficava próximo da sede da fazenda, atrás do qual ficava o *tronco de escravos*. Um dia ou dois depois que lá estavam, puseram um preto no tronco e o estavam chicoteando. Foi quando meu avô procurou o Capitão e pediu que parassem. Na mesma hora, pararam de chicotear o preto. (*Naquele tempo se estivessem chicoteando um escravo e um europeu pedisse para parar, eles paravam* – observação de Zurka, grifo meu). Meu avô agradeceu ao Capitão e continuou o trabalho com os filhos.

Esta família era de origem européia e serviu-se da lei que lhes dava direitos de interferir nas regras sociais brasileiras, interromperam seu trabalho nos serviços de alambique para pedir clemência ao escravo que apanhava no tronco.

Mas nessa noite quando já estavam dormindo meu avô e os filhos, altas horas acordaram com o barulho de alguém forçando a porta que estava com a tranca. Levantaram no escuro e puderam observar pelos buracos da parede onde o barro havia se desprendido das taquaras um punhado de negros rodeando o quarto para roubar! Meu avô pegando então o revólver da cavalaria Italiana que ele possuía gritou:

– Se não pararem de mexer na porta, e não forem embora, eu vou despejar chumbo em vocês e acordar toda fazenda.

Foi quando eles viram pelos buracos ao clarão da lua que todos saíram correndo sumindo na direção da senzala. O resto da noite passou calma.

Um escravo fora beneficiado, mas outros, na calada da noite os ameaçava roubar. A posição, ora de clemência, ora de firmeza era acertadamente conduzida pelo patriarca de modo específico e pontual, ou seja sem generalizações.

Ao clarear do dia meu avô já havia levantado quando um mulato chamado Onofre aproximando-se dele disse:

– *Vossemecê dê licença de eu bater um machadinho aí- atrás.*

- Pode – disse meu avô –, mas não faça barulho para não perturbar o Capitão.
- Sim, sinhô – disse o mulato Onofre.

Passou, foi no tronco, matou o preto que estava lá há um dia e fugiu. Meu avô contou que quem pediu para ir lá atrás, tinha sido Onofre. Imediatamente capitães do campo montaram a cavalo e saíram em busca do Onofre. À tardinha chegaram com ele amarrado. Deram-lhe algumas chicotadas e o soltaram, o crime ficou por isso mesmo. O Onofre gozava de certos privilégios entre os escravos. Dizia-se à boca pequena que ele era filho do Capitão com uma escrava.

Para além das tentativas de intermediar com dignidade o respeito à vida, a despeito da cor da pele, o avô de Zurka percebeu que nessa fazenda não havia lei, ou melhor, que a lei que havia era regida de acordo com a *vontade* do Capitão Souza Breve.

Musso Papo (meu avô), aborrecido e assustado com todas essas coisas que estavam acontecendo na fazenda, resolveu voltar com os filhos para a cidade onde a família os esperava, mesmo sem terminar o serviço. O Capitão, quando soube, não concordou e insistindo para que ficassem colocou na frente deles seis mulatas, filhas dele com escravas, dizendo:

– Escolham, uma para cada um, para ficarem trabalhando aqui, eu tenho muito serviço de cobre e vocês vão ganhar muito dinheiro.

Então, com aquele jeitinho peculiar dos ciganos, descartaram-se de todas sem magoar nenhuma. E como o Capitão não concordava que eles deixassem a fazenda, fugiram à noite, trazendo três tachos do Capitão em troca dos três dias de trabalho que não receberam.

E o tempo foi passando, e quantas coisas mais aconteceram que eu não sei mais, porque eu não os ouvi contarem...

Qual o preço da ética desta família cigana? Mulheres? Dinheiro? Prestígio? Fora de qualquer negociação, restava-lhes apenas a dignidade da fuga na calada da noite, como se fossem eles os “fora-da-lei”. De que lei e ética estamos falando? Para além das diferenças que nos constituem, a dignidade humana permanece sendo dignidade humana.

A cobrança

Ainda na região de Minas houve um acidente que quase fez de meu avô um criminoso. Contava ele que certa ocasião vinha a cavalo pela estrada quando passa por ele um caboclo que o cumprimenta e pergunta:

– O que faz por essas bandas, seu Zé cigano? – e meu avô respondeu brincando:

– Estou fazendo cobrança.. E aquele que não me pagar eu levo os trens de cozinha...

O caboclo apertou a espora e saiu a galope na frente de meu avô. Quando chegou no arraial, procurou um amigo seu que devia para meu avô ainda a metade do pagamento proveniente a compra de um arreio “Bastos” que meu avô havia lhe vendido e disse:

– Totonho, seu Zé Cigano vem aí fazendo cobrança. E disse: quem não pagar ele leva os trens de cozinha.

O Totonho falou:

– Deixe ele vir.

Ora, conta-se que esse homem morava sozinho e só possuía uma esteira, uma viola e uma espingarda. Horas mais tarde chega meu avô no arraial e vai visitar um compadre dele que ali tinha uma venda. Ao terminar a visita meu avô se despede, monta a cavalo e quando vai sair chega o Totonho e segura na manga da rédea.

– Ô seu Zé Cigano, o senhor disse que está cobrando e quem não pagar o senhor leva os trem de cozinha? Eu quero ver o senhor levar os meus.

O Totonho com uma mão segurava a rédea do cavalo e tinha na outra um facão afiadíssimo. Meu avô rindo, rindo disse:

– O que é isso, seu Totonho, eu brinquei com seu amigo. O senhor acha que eu vou fazer isso com os outros? Foi brincadeira. O senhor me paga quando puder. Agora me deixa ir embora que eu tenho coisa para fazer.

– Não, seu Zé cigano. O senhor não sai daqui sem levar meus trem de cozinha. E isso eu quero ver...

– Mas eu já falei pro senhor que foi brincadeira. Larga o cavalo que eu quero ir embora

O compadre do meu avô interveio pedindo pra ele que deixasse meu avô ir embora, que foi tudo brincadeira. Mas ele, brandindo o facão, dizia:

– Não adianta, ele daqui não sai sem levar meus trem de cozinha.

Todos ali insistiam para que ele deixasse meu avô sair, mas nada! Meu avô pediu pelo amor de deus para ele largar a rédea, mas nada adiantava. Então meu avô calmamente tirou da cintura um revólver da cavalaria italiana que ele sempre carregava e disse:

– Muito bem, pois agora sou eu que não vou embora sem receber. Ou você me paga o restante que me deve agora, ou eu te estouro a cabeça e isso sem sair daqui.

O caboclo recuou.

– Não dá um passo! O dinheiro agora ou te estouro os miolos.

Houve um alvoroço. O compadre de meu avô interveio:

– Ô compadre, por caridade não faça um crime aqui na porta da minha casa!?

Disse meu avô:

– Compadre, me perdoe. Eu pedi pelo amor de Deus pra ele me deixar ir embora, e ele não deixou. Esse homem abusou demais. A única coisa que salva ele agora é o dinheiro. Se ele não me pagar ele morre agora.

O caboclo, que antes era valente, agora tremia. Então, desesperado, o compadre do meu avô se comprometeu a pagar a quantia que o outro devia, para que ali não fosse cometido um crime. Meu avô aceitou, dizendo:

– Não é pelo dinheiro, compadre, mas eu não posso voltar atrás do que eu disse.

O compadre foi buscar o dinheiro, meu avô recebeu e partiu... Talvez agradecendo a Deus por tudo ter terminado bem naquele dia!

A brincadeira cigana não encontrou parceiro no *gadjé*. Sem parceiro, o jogo lúdico foi transformado em desafio e o desafio, em confronto. Os limites da tolerância do “Zé Cigano” foram testados ao limite. Inverter o jogo foi a única saída que o patriarca Zurka encontrou nesse involuntário enfrentamento. Em um efeito “rebote” para recuperar a sua autonomia, arriscou mais do que poderia imaginar. O preço foi quase um crime de legítima defesa. Matar para não morrer.

Salvos os dois: cigano e não cigano de um desfecho trágico pela intermediação do compadre do “Zé Cigano”. A relação de “compadres” pode ser entendida como uma relação de parentesco por escolha. Ao batizar a criança cria-se um laço, uma relação de confiança, de proximidade e até de alteridade... no sentido de que o problema dele passa a ser também o meu problema. Imbuído desse sentimento, o compadre e dono da venda toma para si a questão, paga a dívida de seu Totonho e livra o compadre cigano de ter que cometer um assassinato. Nesse interjogo relacional a saída pacífica foi intermediada e salva pela “relação de compadres”, cigano–não cigano, *rom–gadjé*.

Os cachorros no caminho

Certa vez na região de Queluz, estado de S. Paulo, divisa com o Rio de Janeiro, contava meu primo Tonico que juntamente com um compadre seu, um cigano também de muita sabedoria, estavam atravessando por uma fazenda, quando viram no pátio uns oito ou dez cachorros entre terra-nova e outras raças. Todos deitados, mas já levantando a cabeça, rosnando ameaçadoramente. Pararam assustadíssimos, quando o compadre de meu primo falou:

– Não se mexa, que eu vou amarrá-los.

Meu primo viu que o compadre rezava e de vez em quando batia com o pé direito no chão. Depois da reza, disse ao meu primo:

– Agora podemos passar, que não tem mais perigo.

Contou-nos então meu primo: *Eu olhei e vi com efeito que os cachorros voltavam a encostar a cabeça no chão, tranquilos, espreguiçando.*

Isso contava meu primo e jurava por tudo que era sagrado, beijando os dedos cruzados, que tinha acontecido.

A intimidade da dinâmica instintiva nos ciganos pode variar de grau, mas é fato. Podemos correlacionar a natureza instintiva dos cachorros e seus mistérios às dinâmicas instintivas humanas. Para comandar e amansar cachorros é preciso conhecer e saber amansar os seus próprios *animais* internos. Esse conhecimento é fruto de auto-conhecimento. Podemos dizer que é uma ciência, no sentido de conhecimento, a qual resulta nas relações de prestígio e respeito.

Podemos constatar que o “sobrenatural” para os ciganos tem uma dimensão mais “natural” e intimista que para os não ciganos. Eles transitam pela dimensão do transcendente com a naturalidade equivalente que nós transitamos pela dimensão do imanente. Os membros da *romá* que se destacam nesse conhecimento têm o respeito garantido dos demais. Os homens são chamados de *Kakus* (feiticeiros) e as mulheres *Phuri dej* (feiticeiras) da tribo.*

* Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

A casa mal-assombrada

Certa vez, no estado do Espírito Santo, eles foram trabalhar numa fazenda, era um serviço grande, diversas tachas de torrar farinha e muito conserto e utensílios de cobre, material que se usava muito naquela época. Lá foram eles então, com as carroças carregadas, com as barracas, o fole (*picho*) e tudo mais. Chegaram na fazenda, o fazendeiro disse a eles:

– Aqui vocês não precisam armar as barracas, tem aquela casa grande ali na frente daquele terreiro de café, está vazia, podem ocupar. O ribeirão é ali embaixo, pertinho para pegar água e ali – apontou para o outro lado – naquele galpão podem montar a oficina. E assim fizeram: pegaram as coisas, levaram para a casa, que era antiga e grande, devia estar desocupada havia muitos anos, cheirava a mofo! Mas tudo bem, soltaram os animais no pasto e prepararam tudo para começar o serviço no dia seguinte.

Jantaram, descansaram e foram dormir uma noite um pouco perturbada pelos ratos que transitavam de um lado para o outro, mas isso era comum naquela época, não assustava ninguém. No outro dia o trabalho começou, foi um dia aproveitável.

À noite, após a janta, o bate-papo, o *tchairo* (chá cigano), foram dormir. E lá pela meia-noite, mais ou menos, ouviram o galopar de um cavalo vindo na direção a casa. Alguém levantou e viu pela fresta da janela um cavaleiro que se aproximava do terreiro de café, subiu nele e vinha em direção a casa. O barulho do tropel aumentou, aumentou, quando ele subiu no terreiro, saía fogo do contato da ferradura com as pedras. Chegou e parou na porta. Abriram-na para ver o que o cavaleiro queria, e surpresos viram somente a lua alumando o terreiro, o silêncio da noite e mais nada, tudo estava tão quieto que parecia que aquilo tinha sido um sonho.

Passado o espanto do primeiro momento, em alvoroço juntaram tudo de dormir e foram terminar a noite no galpão da oficina. No outro dia souberam pelos colonos que havia muitos anos ali morava o pai do dono da fazenda, que fora assassinado de emboscada na porteira, quando uma vez, tarde da noite, voltava para casa. Falaram com o dono da fazenda, armaram as barracas bem longe dali. Iam pegar água longe, mas nunca passavam perto daquela casa.

Terminaram o serviço e saíram dali desconjurando aquele lugar onde o *mulô* (morto) vinha toda noite para dormir.

Além do medo de fantasmas: “onde o morto vinha toda noite para dormir”, podemos observar uma tendência ao comportamento supersticioso: “desconjurando esse lugar”.

A superstição é uma característica humana bastante freqüente tanto no povo brasileiro quanto no cigano.

As religiões teriam nascido da necessidade de reaproximar os homens do desejo de completude do “paraíso perdido”, de re-fazer essa conexão original perdida, “re-visitar”, “re-ler”, “re-ligar”-se aos Princípios... Segundo Marie-Louise von Franz a superstição seria a mecanização dessas forças originais, aplicadas de modo automático e generalista. Podemos observar essa tendência supersticiosa em todos os povos que se afastaram de sua ligação espiritual genuína, mas que continuam sentindo a necessidade dessa re-ligação.⁷

A respeito desse grupo *kalderash*, percebo menos comportamentos supersticiosos, quando comparados a outros grupos que vivem nos grandes centros urbanos na atualidade, com quem tive a oportunidade de conhecer e conviver. O grupo tradicional da família Sbano apresenta consistência e coerência com sua natureza cigana, ligados às origens e às tradições religiosas, como veremos na história da Bruxa.

A Bruxa

Da região de Guaratinguetá, meu avô e os seus saíram e ficaram bastante tempo fazendo as cidades do Vale do Paraíba, depois entraram para Minas e então é que se deu o que eu vou contar. Foi na cidade de S. João de Trepomaceno que nasceu minha tia Maria. Houve grande festa, como de costume, mas o que eu vou contar é “um acontecimento curioso”. Uns três meses depois do nascimento da criança, eles já estavam num lugarejo chamado Coqueiral, quando este fato aconteceu. Desde que chegaram ali, a criança amanhecia todos os dias com muitos calombos no corpo, como se tivesse sido beliscada. A mãe da criança, que seria minha avó, chama sua sogra, que era de muito conhecimento, e mostra a criança, contando apavorada o que vinha acontecendo havia duas noites. Minha bisavó, então, examina a criança, todos aqueles calombos e diz à “*bori*” (nora):
– Você, Zurka e as crianças vão dormir na minha barraca e eu vou ficar aqui com ela, esta noite. Deixe o *palogo* (mosquiteiro) como está, pegue outro lá.

⁷ Von Franz, op. cit., p 81.

E assim foi então que a *Phuri dej* Angela Marotta – minha bisavó, cigana respeitada por seus conhecimentos místicos – resolveu ficar aquela noite na barraca, sozinha com a criança, à espera do que ia acontecer. Escondeu-se dentro da barraca. A criança dormia tranqüila dentro do *palogo*, pois estava muito bem amamentada.

As horas passavam, até que pelas duas da madrugada começou a surgir na entrada da barraca uma espécie de fumaça, sem cheiro. A fumaça trespassava o *vulu* (lona da barraca), sem mexê-lo, sem balançá-lo, até que daquela fumaça foi surgindo uma mulher. Estava nua e tinha os cabelos muito compridos caídos nas costas. Dirigiu-se para o *pologo*, e quando ia levantá-lo, sentiu-se envolta por um rosário grande que minha bisavó já havia enfiado por sua cabeça, ao mesmo tempo que pegava no seu cabelo por trás, dando-lhe três voltas na mão. A mulher não se moveu. Minha bisavó lhe perguntou:

– O que te prende?

A mulher respondeu:

Ferro e aço.

Perguntou novamente:

– O que te prende?

– Ferro e aço.

Minha bisavó, na terceira vez que perguntou e ela respondeu ferro e aço, largou-lhe o cabelo e tirou-lhe o rosário do corpo.

– Pronto: *gadji*. Estás livre da tua maldição.

A mulher chorava copiosamente, pedia pelo amor de Deus a todos que ali estavam presentes para que não contassem a ninguém (porque a essa altura meus avós já haviam entrado na barraca), que ela era daquela cidadezinha mesmo e se soubessem, ela não poderia mais viver ali.

Angela Marotta, a *Phuri Dej* que a desencantou, tinha lhe dado um pano para ela se cobrir, mas logo lhe foi dada uma saia e uma blusa velhas, para que ela pudesse ir embora. Então minha bisavó disse:

– Não tenha medo, ninguém vai comentar nada. *Deja Del Lessa* (vá com Deus!)

E virando-se aos seus disse:

– Aquele que comentar com os *gadje* o que aqui aconteceu poderá pegar a maldição desta mulher.

A mulher voltou para casa e no acampamento todos voltaram a dormir.

Quem poderia ser esse espírito feminino exorcizado pela *Phuri Dej* Ângela Marota, que ameaçava o bebê cigano?

Lilith, o demônio feminino noturno de longos cabelos, (...) é uma força, um poder, uma qualidade renegada. Um Espírito Livre. Odeia ser contida pelo Verbo.

(...) sobrevoou as mitologias suméria, babilônica, assíria, cananéia, persa, árabe e teutônica. Durante o terceiro milênio antes de Cristo, na Suméria ela foi, a princípio, Lil, uma tempestade destruidora ou espírito do vento. Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como Lilith e mais tarde *layil* (a palavra hebraica para noite).

(...) ela foi a primeira mulher de Adão, a fêmea de Leviatã, (...) As tentativas no sentido de suprimi-la e de negá-la remontam ao século VI a.C., mas ela sempre retorna, sedutora e *assassina de crianças*, e continuará a fazê-lo até o advento do Messias, quando os espíritos impuros são expulsos da face da Terra (Zac. 13: 2) (grifo meu).*

“Lilith, inicialmente nem demônio nem prostituta (só mais tarde ela tornou-se isso)”, foi punida pelos princípios patriarcais por ter mostrado *toda* a sua natureza feminina. Esse demônio encarna o espírito *primevo* anterior à cisão do bem e do mal, legislado no patriarcado. Representado pelos mistérios da Lua negra, equivalente a Hécate grega pela sombra, ou o lado *obsuro*, desconhecido e renegado da mulher. No Oriente ela é chamada de Lâmia, pintada em baixo relevo, aparece sempre nua. O mito de Lilith pode ser entendido como o símbolo da mulher desviante.⁸ Como natureza negada ela se torna ameaçadora. Impedida de compartilhar da totalidade que lhe é inerente, ela torna-se perigosa, dividida, psicótica. De acordo com Hillmann:

embora negada e rejeitada, permanece na consciência humana, projetada no céu como a Lua Negra. (...) a fantasia regressa para se tornar arquetípica. Retratando-se no mito e naquilo que não é factual, e não histórico, a psique pode evocar novamente aqueles objetos (...) de um ponto de vista diferente e mais vantajoso... então o mito nos fala daquilo que é real para a realidade psíquica.⁹

Entre as características gerais de Lilith, dois aspectos principais têm destaque: ela persegue e seduz os homens e *ameaça de morte os bebês* (grifos meus), porque os deseja para si.

* Koltuv, B.B. *O Livro de Lilith*. São Paulo, Cultrix, 1997, p. 9-13.

⁸ Colonna, M.T.F. “Lilith ou Lua Negra”. *The Journal of Analytical Psychology*, vol. 25, n. 4, out. 1980, p. 325-349.

⁹ Hillman, J. *The Myth of anajysis*. Evanston, 1972, p. 16-17.

Eva é o lado do feminino que nutre a vida, enquanto Lilith é o seu lado oposto, aquele que lida com a morte.(...) Uma mulher vive os lados de Eva e Lilith de sua natureza no fluxo e refluxo menstrual. Na primeira metade do ciclo, Eva está em ascensão na ovulação e talvez na concepção, ela se sente receptiva, aberta e relacionada. Quando a concepção não ocorre, Lilith assume o domínio. A expectativa cede lugar ao desespero, e a bruxa raivosa da pré-menstruação arrasta-a ao desolado deserto e à amargura da choupana menstrual.

Segundo a lenda, Lilith foi tornada estéril por Deus, quando ele esfriou a fêmea de Leviatã. Ela não tinha leite nos seios e era incapaz de gerar crianças humanas. O ciúme de Lilith por Eva é ressaltado pela crença popular de que uma única gota do sangue menstrual de Lilith (ou da mulher no período Lilithiano) está carregado de amargor e veneno suficiente para matar a população de toda uma cidade.¹⁰

A *Lilith brasileira* da nossa etnografia cigana também estava nua, foi presa pelos longos cabelos, retida pelo Verbo da palavra cigana, capturada pelo terço em nome de Deus: “O que te prende? Ferro e aço”. Foi finalmente liberta e desencantada, expulso o demônio que a habitava pela “magia cigana”. A sábia força espiritual milenar, presente com seu antídoto, devolveu à mulher *gadjé* sua natureza humana: “Pronto *gadjí*, estás livre de sua maldição”.

É interessante observar que esse exorcismo foi feito contra Lilith, o *demônio feminino* destrutivo de crianças, que ameaçava um bebê cigano e habitava, neste caso e condição, o corpo de uma mulher não cigana. Não contra a “mulher não cigana demoníaca”, como costuma fazer as sociedades majoritárias hegemônicas. A *Phuri dej*, após a libertação da moça *gadjí*, a veste, abençoa e protege: “Não tenha medo, ninguém vai comentar nada. *Deja Del Lessa* (vá com Deus!)”. Para garantir a proteção à moça que era do povoado, a *Phuri Dej* Angela Marota ainda ameaça os seus, dizendo que quem contasse aos *gadjés* receberia a *mesma* maldição... Os perigos, as maldições, assim como as leis que regem o sobrenatural, sabem os ciganos, afeta a todos: ciganos e não ciganos. O conhecimento e o poder dessa dimensão espiritual está para além dos partidarismos étnicos ou religiosos, pois a natureza desses mistérios pertence à natureza humana.

Como vimos, os ciganos apresentados nessa etnografia certamente estão mais bem preparados do que os não ciganos no que se refere à lida com a dimensão arquetípica. Sobre

¹⁰ Koltuv, op. cit., p. 105.

os tabus referentes aos perigos do sangue menstrual, os ciganos comungam com os mesmos valores dos povos antigos citados por Koltuv. Os princípios das leis que regem a *romá* estão contidos nas leis do *Marimé*, o código de pureza e impureza e estão correlacionados diretamente às “regras” que regem o corpo e a natureza feminina.

Com esse trabalho, Zurka (neto) devolve a todos, ciganos e não ciganos, acesso a partes da história perdida sobre os ciganos no Brasil, assim como apertes (etnográficos) da própria História do Brasil. O recorte singular da família ancestral Sbano é uma amostra colorida da diversidade e unidade que (n)os compõe, caracteriza e enriquece. Zurka guardou tudo em sua memória de criança, devolveu-nos na maturidade. Fazendo-nos saber, nos faz poder lembrar, assim enriquecidos podemos enriquecer as dimensões humanas culturais e psicossociais que nos compõem.

A vida de Zurka Sbano.

Não tenho a pretensão de reconstruir a história de vida de Zurka, essa é uma possibilidade que não se esgota nem se descreve. Os dados a seguir foram ditados por ele e recolhidos por mim, no último encontro que tivemos, na cidade de Franca, estado de São Paulo, no final de outubro de 2003. Ele se encontrava doente. Estas histórias já eram conhecidas por mim e seu irmão Santo, mas foram recontadas por ele, numa espécie de retrospectiva espontânea de sua vida. Comentários e correlações filosóficas, psicológicas e espirituais marcaram o tom dessa auto-análise espontânea, estimulada por dois “ouvintes mais que atentos”.¹¹

Complementei estes registros com informações colhidas e anotadas, ao longo da década de 90. Mantive a ordem do relato espontâneo de Zurka, assim como o eixo principal com seus comentários.

Os ancestrais *kalderash* na Itália

Uma ocasião, na Calábria, de Cozenzo para Maratea, havia muita neve e meus antepassados tinham que atravessar a montanha. A neve atolava as rodas das carroças. Uns queriam pernoitar lá. Meu avô falava que não, pois morreriam congelados. Eles tinham que

¹¹ A parte relativa à maturidade e às reflexões de Zurka serão contempladas no Capítulo 4.

segurar as rodas na descida para não despencar e assim conseguiram fazer a travessia. Falavam da inteligência de vovô...

Vovô se chamava Rosa Emplota, era portuguesa, pitava o dia inteiro. Usava as roupas tradicionais: saia longa, avental com bolsos. A bisavó, mãe de vovô era a *Phuri-daj* (sábia feiticeira) Angela Maria Marota. Meus avós tiveram oito filhos: Eduardo (que viria a ser meu pai), Francisco, Nicoli, Angelia, Dermina (não conheci), Joana, Maria Filomena (Filuche).

Zurka inicia a história de sua vida pela de seus ancestrais, especificamente por um episódio difícil da vida de seu avô Zurka Sbanovich, no tocante à sobrevivência. Os demais familiares são devidamente nomeados e vivificados. Somos em parte o que os nossos ancestrais nos delegaram, de acordo com os princípios da Teoria Familiar Sistêmica.

Segundo Jung: “Os acontecimentos indizíveis provocados pela regressão ao tempo pré-infantil não exigem sucedâneos, mas uma realização individual na vida e na obra de cada um. Aquelas imagens se formam a partir da vida, do sofrimento e da alegria dos antepassados e querem voltar de novo à vida, com experiência e como ação”. Ele comenta que esses “feitos” não podem ser facilmente traduzidos para o nosso mundo, “mas que é preciso encontrar um caminho intermediário conciliatório entre a realidade consciente e a inconsciência”. Zurka estava encontrando uma brecha por esse caminho...

Feitos como os da “montanha gelada na Calábria” dão a dimensão da “inteligência de vovô”, condição para ser um verdadeiro líder cigano, o que carrega a responsabilidade de cuidar, proteger e decidir o futuro da família; nesse caso o futuro apontava a direção do Brasil.

A família Sbano *kalderash* brasileira

Giusepe Zurka Sbano, meu avô, foi o primeiro da família a vir para o Brasil. Vovô fez cinco viagens antes de trazer a família. Na Itália ele se chamava Giusepe Zurka *Sbanovicht* e aqui no Brasil o sobrenome passou a ser Sbano. Comerciante, ele costumava trabalhar entre o Espírito Santo, Minas, Rio de Janeiro e São Paulo. Quando trouxe a família, foi para o Rio de Janeiro, mais tarde a nossa família foi para a região do Vale do Paraíba, Guaratinguetá, Lorena etc.

Papai era Eduardo Sbano e casou-se com mamãe, Antonia Pereira de Souza Sbano, que *não era cigana* porém viveu e se adaptou aos costumes da família... Ela aprendeu a fazer com papai os trabalhos em cobre, latão e

lata; ele fazia a caçamba e ela punha as alças. Havia muito serviço no ramo de laticínios e a família fazia latões de leite para as fazendas, tachinhos, panelas, latas de azeite retangulares, baldes etc.

A miscigenação cigano–não cigano, apesar das regras que prezam a pureza racial da *romá*, aconteceu nessa família tradicional cigana *kalderash* de origem italiana, com os pais de Zurka. Esse é um fenômeno não usual, mas de qualquer forma recorrente entre os mais variados grupos ciganos. Podemos dizer que o brasileiro é um ser essencialmente forjado por miscigenações e que o cigano não, pois que é proibido de o fazer. No entanto, o cigano puro é quase uma lenda. É muito raro encontrar no Brasil um grupo que aqui esteja há mais de cem anos e que não tenha sido fruto de miscigenação.

A mulher não cigana é mais facilmente aceita no grupo, contava Zurka, porque é mais adaptável e flexível que os homens (pelo menos a mulher daquela época em seu contexto histórico-social). Torna-se então *cigana* por meio do casamento e de seu laço consanguíneo com os filhos e a obediência à comunidade. Antonia Pereira dos Santos era uma *brasileira* que se tornou *cigana*, ao adotar a vida e os *princípios ciganos*. Seu primeiro filho foi Zurka Sbano e depois de sete anos nasceu Santo Sbano.

A infância kalderash (ciganos caldeireiros).

Nasci a 22 de setembro de 1921, no perímetro urbano de Guaratinguetá, recebi o mesmo nome de vovô; Zurka Sbano, fui registrado pelo nome *gagicanês* (referente ao brasileiro), de José Antonio Sbano. Recebi também um nome secreto, soprado por minha mãe, quando da primeira mamada. Este nome é considerado o nome *verdadeiro* e tem a função de proteger a criança contra os maus espíritos. Eu era chamado de “Filhinho” até mesmo depois de casado, mais tarde no circo era conhecido por “Capitão”. Minha madrinha de batismo era Nossa Senhora da Conceição Aparecida, comadre da minha mãe.

Zurka Sbano era o nome cigano de José Antonio Sbano, brasileiro, Filhinho e Capitão eram respectivamente os apelidos referentes a esse *pequeno grande homem*, ainda havia o misterioso *nome secreto*: “Nesse tempo [Egito antigo] acreditava-se que o poder de

um homem residia em seu nome secreto, que era a sua alma, ou mana, seu poder vital (...).¹² Os costumes da antiguidade, (inclusive egípcia) permaneciam vivos nessa comunidade cigana – brasileira miscigenada.

A relação intimista dos ciganos com o plano espiritual é aqui exemplificado em uma relação de “comadres”. Zurka comentava o quanto foi importante para ele ser “afilhado” de Nossa Senhora. Nas ocasiões mais penosas de sua vida, ele tinha na madrinha uma relação de transcendental confiança. Esse tema será aprofundado no Capítulo 4.

Viajávamos em caravanas; carroças, cavalos e burros. Na cangalha do burro tinha duas pontas de pau chamada jacar. Em uma ia a mala e a canastra, do outro lado, forrado por dentro, ia eu, muito aconchegado lá dentro. Seguíamos pelas fazendas vendendo tachos, fabricando, consertando etc. Acampávamos por toda a região, lembro que as histórias da família eram contadas à noite, em volta da fogueira, ou durante o dia, enquanto trabalhavam na forja com os metais. Vovô cantava e tocava violão muito bem. Papai era serenatista.

Nos acampamentos, quando parávamos, a primeira coisa que se fazia era acender o fogo. Ele era alimentado por um fole de ferro.

Enquanto levantavam as barracas e faziam o fogo, vovô costumava fazer um buraco no chão e colocava lá dentro um pedaço de queijo, depois fechava com palha, folhas e terra por cima. Quando alguém se machucava, vovô abria o buraco, onde havia crescido um fungo esverdeado, pegava um pouco do “tal fungo” e punha sobre a ferida para não arruinar. Anos depois vim a saber que este é o princípio do antibiótico.

Podemos acompanhar estas caravanas, os acampamentos, as fogueiras, identificar a presença da música e das conversas ao pé do fogo. Mas talvez nos surpreenda a sabedoria deles na lida com os elementos da natureza, as suas ciências médicas, ou xamânicas.¹³ Essa ciência é entremeada na intimidade da vida dessa família cigana, na prática empírica do dia-a-dia, transmitida e recebida pelos ancestrais que construíram por outros princípios o mesmo conhecimento que prima a nossa ciência: com o mesmo “princípio” do antibiótico; o fungo do queijo fazia parte de sua medicina e era adequadamente utilizado por eles.

O fogo tem uma função vital nos acampamentos ciganos: de proteção contra os maus espíritos, contra os animais da floresta, fornecedor de força e calor à vida no cozimento dos

¹² Von Franz, op. cit., p. 47.

¹³ Xamanismo: princípios da medicina natural dos povos primitivos, no sentido de originais: “ab-origines”.

alimentos, como elemento primordial nas artes da profissão de ferreiros e alquimistas... O fogo precisa ser constantemente cuidado e alimentado, e na tribo essa função é delegada aos meninos.. A água também é de importância vital: é a seiva da vida, serve à sua composição e manutenção, rege também a vida cigana, os princípios de limpeza, de pureza e impureza, renova e regenera.

Acampávamos sempre na beira de um rio, geralmente o Rio Paraíba, cuja água pura era dividida em três partes. Da parte mais alta tirávamos a água para beber e cozinhar, a água das outras partes do rio tinha outras serventias. Claro que a água corrente é constantemente renovada, mas a divisão do rio tinha finalidade de uso seguindo nossos costumes tradicionais.

Outra coisa interessante que eu lembro era de um ritual que era feito com água de chuva, recolhida e guardada para acender um “fogo sagrado”, que era aceso em ocasiões de ritos especiais. A gota d’água funcionava como uma lente de aumento, que no contato com a palha quente pelo calor do sol do meio dia fazia a combustão, e assim o fogo era aceso. Era a água acendendo o fogo... Lembro também de um pão especial que era cozido sob o calor do sol.

A união ritual dos elementos opostos: fogo e água, nos rituais míticos e místicos, são a memorização *da conjunção alquímica*, o casamento sagrado do sol e da lua, são os opostos como sol e chuva que se unem na configuração e na geração da vida e de seus mistérios. O sentido místico do ritual cigano citado permanece como deve ser: um mistério para nós. Por outro lado, podemos observar que na ordem natural das coisas é o elemento água que apaga o fogo. No entanto, neste ritual cigano se dá o processo inverso: é a água que acende o fogo. Uma das características ciganas é o exercício do avesso, a especialização no contrário, o cigano encarna *outro* modo de ser e de fazer as coisas, ampliando assim as possibilidades...

Em Campos do Galvão (1927), vovô morreu, e o meu irmão Santo nasceu. Papai continuou junto com o tio Chico, que trabalhava na forja ainda melhor que papai. Os dois trabalharam também como barbeiros e funileiros. Um dia meu pai, tio Chico e as famílias seguiam do laticínio de Guaratinguetá para Lorena, uando papai foi chamado para soldar umas folhas de zinco do Circo Theatro Nova York, do Jose Augustato (Pelado) e

dona Dilina. Feito o serviço, eles conversaram e papai decidiu ficar com a nossa família no Circo, e o tio Chico seguiu com a família dele os caminhos da estrada pelo Vale do Paraíba...

Juventude *gorbeto* (ciganos de circo).

Aos oito anos a vida do menino cigano Zurka, o *Filhinho*, passa por uma grande mudança: esta família de ciganos *kalderashes* torna-se agora ciganos *gorbetos*, ou ciganos de circo.

Nos acampamentos falávamos o *romanês*, a língua cigana, misturada com o português. Já no circo não; falávamos apenas o português (era o medo da perseguição). Lembro que um dia papai estava na porta do circo, e a dona Ana, mãe do dono do circo, vestida à caráter, ela falava e discutia alto em *romanês*. Era uma coisa muito perigosa e o Pelado proibiu que a língua fosse usada no circo, fomos perdendo o hábito da língua. Nem sequer falávamos que éramos ciganos.

Eu era ator mambembe e comecei a trabalhar cedo com papai. Ele aprendeu o número de *barras* e eu o de *argolas em balanço*. Éramos palhaços também, papai era o *Picolim* (depois que ele morreu, passou a ser o meu irmão o palhaço *Picolí*). Eu era o *Simplório*, o palhaço Caipira. Lembro que uma vez em que fomos para Cristais, uma das muitas praças em que fiz o palhaço *Simplório*, anos depois, quando voltei, as crianças me reconheceram

Apesar de “não falarem mais a língua nem dizerem que eram ciganos”, a mudança na vida de Zurka parece não ter tido uma ruptura. De algum modo as duas etapas da vida de Zurka se complementavam. Ele havia sido um cigano nômade de barraca, e assim vivido durante toda a sua infância. A sua nova morada, o Circo, não deixava de ser uma extensão da mesma vida, com algumas diferenças, como o tamanho da barraca, que agora era bem maior. A vida nômade também permanecia, só que agora era regida pela “praça do circo”, ou seja, o público do circo e não mais pela freguesia das artes da forja. O improviso e a flexibilidade, características ciganas, eram no circo exercidas ao extremo: fosse nas brincadeiras improvisadas do palhaço ou na corda bamba como equilibrista e malabarista.

Como palhaço, Filhinho encarnava a réplica do homem simples, o Palhaço Simplório. Nas cartas do Tarô de Marselha esta figura arquetípica é referente à primeira

carta, o Bobo, representando o início da jornada do herói, que – ao menos a princípio – não é especialmente forte, corajoso ou hábil, ao contrário... Segundo Marie-Louise von Franz, o Bobo simboliza a autenticidade e a integridade da personalidade do homem simples e puro.¹⁴ Na jornada pessoal uma das personas profissionais de Zurka fazia exatamente esse palhaço simplório, o caipira, identificado e reconhecido pelas crianças brasileiras do interior...

Os distanciamentos da língua, dos costumes e da tradição cigana foram compensados proporcionalmente pela aproximação de hábitos e costumes não ciganos. Nos estudos e nas leituras, nos momentos em que decorava os papéis, outro mundo se abria e descortinava...

Mas a minha grande paixão era representar. Com 15 anos eu já era ator registrado no Grêmio Operário de Guaratinguetá. Lá conheci Mirna Leão, Ricardino Faria, Everton de Castro, que me queria muito bem, o Jaime Barcelos, grande ator, com quem trabalhei. Em várias ocasiões dormíamos no chão da coxia. Gostava de representar os clássicos e o popular. Assim tive que ler muito, de Shakespeare a paródias cômicas e aprendi tanta coisa, coisas que jamais teria aprendido, se não tivéssemos entrado para o circo. Adquiri o gosto pela leitura, os costumes dos diversos lugares e épocas. A cada espetáculo que estudávamos eu mergulhava num *outro* mundo, rico e imenso, que se oferecia...

Quando saímos do Circo Theatro Nova York, formamos a Companhia Balalaica de Circo, da dona Aparecida Baxter. Para conseguir pessoal para trabalhar, íamos no café e ficávamos puxando papo e aí perguntávamos:

- Você quer viajar com o circo?

Formávamos um elenco e montávamos, bem ensaiadas, pelo menos sete peças; uma para cada dia da semana. Levávamos, por exemplo, *Deus e a Natureza*, *A ladra*, *Farrapo humano*, *Carmen*, *Cabocla Bonita*, *Comi o meu amigo*, *Tango Fatal*, *Sílvio o Cigano* etc. Os espetáculos eram variados, tinha sempre uma peça de teatro, números de humor (cômicos), bailados, cantores, malabaristas, palhaços.

As semelhanças entre a vida cigana *kalderash* e a *gorbeto* não são um mero acaso. Não podemos esquecer que as artes circenses remontam às profissões ciganas desde a Índia antiga. Zurka se especializou ainda nas profissões de ator, diretor e cenógrafo. O

¹⁴ Von Franz, M.-L. *A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas*. São Paulo, Cultrix, p. 205.

fascínio pela arte de representar o levou a estudar *scripts*. Para decorar grandes papéis tinha que ler e estudar muito. Ele viveu muitas vidas, como costumava dizer, nos diferentes papéis de dramas e comédias: “Compreendi mais do que pude imaginar sobre a vida humana.e suas tragédias”.

Outra vez, lembro que divulgamos a peça *Embolada* nas praças do interior cantando nas ruas para atrair o público:
_ “É só para homem lelê, é só para homem lalá, mas a mulher também pode escutar”.

Na missa, na hora do sermão, o padre falou tanto contra nós, que no outro dia na hora do espetáculo não tinha ninguém para assistir. Precisamos sair do hotel, disfarçados, porque não tínhamos dinheiro para pagar. Pegamos o caminhão e fomos embora, demos um “calote”.

O palhaço, o artista, astuto e ingênuo, no caso de Zurka, em cada papel um pouco de cada um deles... nos leva a relaciona-lo com a figura arquetípica do Trickster da mitologia indiana, estudada e divulgada por Jung como a encarnação da sombra do homem ocidental sério e eclesial que perdeu a capacidade vivificante de brincar e de integrar os seus opostos. Trickster era um *daemonium* primordial mais antigo do que o Hermes grego, cuja função é a de coligar os mundos, ora como animal, ora como santo, ora como criança ingênua, ora como trapaceiro, ora como miserável trapalhão, ora como sacerdote curandeiro. O “trickster” é um ser criativo “de poderes cósmicos, teriomórfico (homem e animal), e divino (...)”.¹⁵ Nas cartas do tarô, nos arcanos maiores é representado pelo Louco, nos arcanos menores, pelo Coringa. Com essa carta na articulação da persona, fica mais fácil fazer as jogadas da vida.

Eu fazia palhaços, mas também galãs, como artista ganhei muitas fãs, deixava alguns corações apaixonados nas paradas do circo. Assim conheci a Ruth, uma menina tímida de tranças... Vivemos um romance,

¹⁵ Jung, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, Vozes, p. 251.

quando fiquei viúvo, eu fui procurá-la, nos reencontramos e ela veio a ser a minha segunda mulher.

Casei ainda jovem, Anita não era cigana, mas a vida que levávamos era perfeitamente uma vida cigana de circo, embora não falássemos a respeito. Tivemos cinco filhos: Norma, Eduardo, Silvia, Marcelo e Ricardo. Eu sempre fui muito amoroso e apegado a eles. Quando as crianças ainda eram pequenas, criei e então montamos um número de circo: chamado Os Comanches; era um número estilo dos índios norte-americanos, que foi estreado pelo Eduardo e a Silvia, dois canhoteiros bonitinhos com os *laços e chicotes*. Esse número deu muito certo, até hoje, onde for apresentado é sucesso garantido. É o número oficial da “família Sbano” (filhos, netos e bisnetos, sobrinhos e sobrinhos-netos). Podemos dizer que nos representa e identifica no meio circense em todo o Brasil. Levamos esse número em quase todos os circos: o Vostok, Stanovich, Moscow (que é do meu genro, marido da Norma), entre tantos outros.

Zurka Neto foi um patriarca como seu avô. A diferença é que ele regia uma família de circo. Podemos perceber nele os mesmos traços de inteligência, criatividade, zelo e apreço pela família. Ele era extremamente dedicado e detalhista, exigente e perfeccionista no comando dos trabalhos, foi por isso batizado de Capitão, como chefe da tribo e trupe, mesmo quando esta fosse dos *Índios Comanches*.

Levamos o número dos *Comanches* até para a Argentina. Fomos filmar com o Zorro, Gary Willians. Ele era um baita homem grande. Falava espanhol muito mal. Ele debochava de mim e eu, dele, ele dizia:

– *Calabres fala com pedra na boca.*

E eu respondia:

E vocês sicilianos são mafiosos e ladrões.

A Argentina adora ele. No filme que fizemos, tínhamos que cortar um canudo a cavalo, galopando, imagina... Ficamos 24 dias hospedados em um bairro chamado Palermo. Depois saímos em giro, foi um sucesso. Eu, o Marcelo, a Vilma (minha nora) e o Marcelinho pequenininho.

Esse foi um tempo que Zurka viveu intensamente o sucesso e a fama. Podemos dizer que ele aparentemente se distanciou da vida tradicional cigana, que esqueceu de suas origens e que em algumas ocasiões chegou a negar a sua raça. Numa descrição

autobiográfica para o Circo Vostock podemos ler “Jose Antonio Sbano, *filho de italianos* [grifo meu], nasceu no circo, onde sua família trabalha há três gerações. José é o chefe da trupe (...) Ao compasso de um ritual indígena, os artistas se apresentam num dos mais bonitos momentos do Circo Vostock. Usando laços e facas eles sacodem a platéia com seus truques muito bem ensaiados”¹⁶. A origem italiana não era uma inverdade, mas não era também a verdade completa. Aqui o cigano se esconde atrás da persona do italiano, como um mecanismo de proteção (ver o Capítulo 1.). Coisas de Trickster... Ocultar a identidade era um fato usual também entre imigrantes perseguidos como os judeus no tempos da Segunda Guerra Mundial e nos anos que se seguiram...

Ao lado de atores consagrados, Zurka deixou sua marca e apreço pela profissão.

Além do Circo Teatro, trabalhamos também no Cine Teatro. Naquela época, todo cinema tinha palco, e nós alugávamos pelo período de uma semana: terça, quinta, sexta e sábado e daí íamos para outra praça. Os donos dos cinemas estavam ficando ambiciosos e não queriam mais alugar o palco. Getúlio Vargas fez uma lei obrigando-os a aceitar o teatro, ao menos uma vez por semana. Aí os donos dos cinemas demoliram o palco.

Depois, montamos o Pavilhão: Teatro Popular Volante. O Pavilhão era um grande *trailer da família*, onde levávamos os espetáculos e as peças. Meu mano Santo e a família dele, juntos viajamos quase por todo Brasil. Depois que paramos com o Pavilhão fomos para o TBC, Teatro Brasileiro de Comédia, onde evamos *Vereda da Salvação*, dirigido por Antunes Filho, com Raul Cortês, Stênio Garcia, Cleide Yáconis. Eu fazia o Pedro, minha mulher, Anita Sbano, trabalhava também, e era uma grande atriz. Fizemos também o filme, do mesmo nome e que foi dirigido por Anselmo Duarte, meus três filhos Silvia, Eduardo e Ricardinho trabalharam também. Além deste, participamos de outros filmes e inúmeros espetáculos.

Além das artes de representar, Zurka era também hábil no trato e no adestramento de animais. Outra profissão originalmente cigana, desde os tempos remotos da Índia antiga. A natureza instintiva domada (integrada) e não reprimida é uma das etapas fundamentais no processo de individuação.

¹⁶ “Os Comanches”. *Revista do Circo Vostock*, p. 11.

José atua também com cavalos amestrados – um número muito alegre e atraente no qual os animais fazem as mais diversas evoluções. Suas filhas apresentam também as cabras amestradas, alegria das crianças pela delicadeza e adestramento dos bichinhos. José Antônio acha que a vida artística é cheia de emoções e sua vida, apaixonante. (...) A família Sbrano é muito unida (...) O momento mais importante é quando entram no picadeiro: “Nesse momento”, diz Sbrano, “ *o artista é menos que um anjo e mais que um homem*”.*

É interessante observar a correlação de Jung, a respeito do Trickster: “por um lado, superior ao homem, graças à sua qualidade sobre-humana, e por outro, inferior a ele, devido à sua insensatez inconsciente”, e a de Zurka a respeito do artista quando entra no picadeiro: “*O artista é menos que um anjo e mais que um homem*”. Em outra escala de parâmetros, ambos se referem aos mesmos e ao mesmo tempo múltiplos aspectos da natureza humana arquetípica do *trickster-artista*.

Período de transição, na metade da jornada da vida.

Perdi um filho no picadeiro, Ricardo, o mais novo, faleceu com 17 anos. Foi um trauma muito grande para todos nós. Minha mulher morreu anos depois e eu fiquei perdido, o ânimo que sempre me caracterizou ficou enfraquecido, mesmo assim nunca me deixei esmorecer de vez....

Veio o tempo do Circo Indústria, e o *Beto Carreiro* monopolizou o mundo circense. Fui eu quem vendeu o primeiro Circo para ele e ensinei parte das técnicas circenses. Ele me queria lá, fazendo parte do circo dele, mas eu não fico preso. Os que estão com ele já não podem mais sair. Se saem têm que ir para outro circo, dele também, porque virou um monopólio. Depois que vendi o circo me senti perdido...

Fui para o terreno da Marginal Tietê, autorizado pela prefeitura de São Paulo, como administrador do estacionamento das carretas de circo. Montei minha barraca e ao lado ficavam os *trailers* dos meus filhos (que na época trabalhavam para o Beto). Minha família sempre foi tudo para mim, era preciso recomeçar. Mas por onde? De qualquer modo, estar no terreno com os amigos de circo, muitos aposentados também, me fazia sentir nostálgico... Sem ter mais o circo, às vezes parecia que eu havia perdido o caminho de

* “Os Comanches”, op. cit., p. 11.

casa. Meu coração ficava apertado e eu me sentia como o Dante, na *Divina Comédia*: “perdido numa floresta escura e sem caminho”.

De repente, toda a força e garra características da primeira etapa da vida de Zurka enfraquecem significativamente, assim como o sentido dessa mesma vida lhe parece perdido, ou na contramão. O circo que era a *sua vida* foi vendido para a *indústria do circo*, como ele costumava dizer. A família fragilizada por perdas significativas não é mais a mesma, nem ele parece se reconhecer: “O ânimo que sempre me caracterizou ficou enfraquecido.(...) perdido numa floresta escura e sem caminho”.

Jung reconheceu a importância dessa fase da vida na natureza humana e a ela atribuiu ênfase em sua teoria analítica. A transição da primeira metade para a segunda metade da vida, ele chamou de *metanóia*, quando acontece o *efeito rebote*, relativo à mudança de sentido na direção, em que a vida propõe uma reviravolta quando da transição da juventude para a maturidade.¹⁷ À função *reguladora dos contrários* Jung chamou, como Heráclito, de *enantiodromia* (enatio-: antepositivo; correr em direção contrária), advertindo que um dia tudo reverte-se em seu contrário. Jung compara nossa vida à trajetória do Sol.

De manhã o sol vai adquirindo cada vez mais força e brilho e o calor do apogeu do meio-dia. Depois vem a enantiodromia. Seu avançar constante não significa mais aumento, mas diminuição de força. (...) O entardecer da vida humana é tão cheio de significação quanto o período da manhã. Só diferem quanto ao sentido e intenção.¹⁸

Jung ainda acrescenta: “não se trata de uma conversão no seu contrário, mas de uma conservação dos antigos valores, *acrescidos* [grifo meu] de um reconhecimento de seu contrário” e que “O que a juventude encontrou fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si”. Ao jovem, diz ele, a luta está em afastar os obstáculos que dificultam sua expansão e ascensão. Ao velho, “temos que incentivar tudo quanto sustente sua descida”.¹⁹

¹⁷ Metanóia: “Termo grego com o qual, no Novo Testamento, indica-se a transformação da própria identidade pessoal depois de uma experiência que transforma os valores até então adotados pelo indivíduo”. In Pieri, op. cit.

¹⁸ Jung, C.C. *Obras completas*, vol. VIII, p. 66.

¹⁹ *Ibidem*, p. 67.

²⁰ *Ibidem*, p. 68.

Com relação aos objetivos, Jung diz que na primeira fase da vida o objetivo *é natural*, ou seja, relativo à procriação e à criação dos filhos, para tanto é preciso ganhar dinheiro, prestígio e posição social. Nessa primeira fase somos ajudados pela natureza e pela educação. Alcançadas essas metas, estamos na segunda fase da vida, cujo objetivo foi denominado *cultural*. “Nessa fase, contamos com pouca ou nenhuma ajuda. É por isso que a passagem da fase natural para a cultural é tão tremendamente difícil para tanta gente; agarram-se às ilusões da juventude (...)” e sentem-se tão perdidos quanto a juventude que se foi. A aparente segurança de que gozávamos até então é substituída por um estado de insegurança, ruptura e convicções contraditórias.²⁰

Encontrar outros caminhos e sentidos em direção diferente, cumprir o chamado da segunda metade da vida era o desafio que se apresentava nesse momento a Zurka, quando tinha cerca de cinquenta, sessenta anos de idade.

Maturidade (kalderash–gorbeto).

Essa etapa da vida de Zurka será contemplada no Capítulo 4.

²⁰ Jung, C.G. op cit. p. 68.

CAPÍTULO 4

DEVIR CIGANO ENCONTRO E INDIVIDUAÇÃO

*A personalidade, no sentido da realização total de nosso ser
é um ideal inatingível. O fato de não ser atingível
não é uma razão a se opor a um ideal,
pois os ideais são apenas os indicadores do caminho...”*
Carl Gustav Jung

O encontro cigano-não cigano (*rom- gadjé*) como elemento facilitador do processo de individuação, tema central deste trabalho não se deu, numa instância psicoterapêutica no sentido clássico da palavra, mas foi sem dúvida uma relação psicológica e terapêutica, no sentido etimológico das duas palavras.

Este trabalho foi fruto de muitos encontros: ciganos – não ciganos e de seus devidos desdobramentos psicossociais. Neste capítulo vamos abordar recortes de alguns desses encontros ocorridos no período da maturidade da vida de Zurka, na após a *metanóia*. Vamos também levantar alguns aspectos significativos do processo de individuação, evocados e facilitados pela relação cigano- não cigano.

Individuação é o trabalho *central* de uma vida. No entender de Jung “é o processo através do qual o homem se torna aquele que se é” em busca da totalidade, entendida aqui como meta, não como fim, no decorrer do curso de toda uma vida, numa dinâmica mutante e infinda...¹

A individuação não se limita - nem se circunscreve no “território terapêutico”, ou seja, não é privilégio do espaço relacional da análise no consultório. Segundo Naffah, a clínica se estende para muito além do consultório:

Clínica, aqui, é entendida num sentido amplo, que transcende as práticas de consultório. Designa, antes de tudo, uma certa maneira de avaliar a realidade (social, cultural, psíquica), a partir de certos sintomas manifestos e buscar a partir deles, a conjuntura subjacente, que os produziu e que os mantém. Aí, então, detendo as chaves da sua produção, inventar os meios para a sua

¹ Jung, C.G, *Memória Sonhos e Reflexões*, Vozes, São Paulo, 1984.

transformação. Dentro dessa concepção ampla, até mesmo a filosofia de Nietzsche, em sua vertente *genealógica* – ao avaliar criticamente a cultura ocidental, a partir dos sintomas de *décadence*, e buscar a sua transmutação – poderia ser chamada de clínica.²

Encontro, no contexto desta dissertação, carrega o sentido de um relacionamento humano profundo, ou seja, um relacionamento fundado e desenvolvido na dinâmica relacional de alteridade, e que está de acordo com o sentido que Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama, deu à palavra encontro no poema intitulado *Divisa*:

(...) Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e colocá-los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
Para colocá-los nos no lugar dos teus;
Então, ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus. (...) ³

Na referência da psicologia analítica de Jung, segundo Byington, trata-se do padrão que permite ao ego ser capaz de desapegar-se do seu narcisismo, “virar a outra face”, ou “amar ao próximo como a si mesmo”, porque sabe a função do Outro no seu desenvolvimento, a tal ponto que pode realmente empatizar o Outro e imaginar trocar de posições com ele.”⁴ Assim, é possível ver-te com os teus olhos e tu ver-me com os meus.

Segundo Lévineas, 1991, uma relação de alteridade vai além do desejo de compreender o outro, não se reduz à racionalizações intelectuais. “O outro é sentido por si só. Tu és tu absolutamente. Compreensão alguma pode abarcá-lo. O outro é o que não pode ser contido, que conduz para além de todo contexto do ser”, A originalidade provém precisamente da totalidade que esse *outro* evoca, cuja presença apresenta-se no *rosto* com toda a conseqüência ética que *ele* remete, “sobre a qual poderá erguer-se uma nova filosofia como filosofia do amor,(...) criar o humanismo do outro homem (...) É da alteridade que irrompe um apelo heterônomo que o ser e o saber não podem circunscrever.(...)”⁵

² Naffah, A.N. *Questões de amor*, São Paulo, Summus, no prelo.

³ Moreno, J. *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix 1997, cit. Poema “Divisa”, trad. de “Einladung zu einer Begegnung” por J.L. Moreno, publicado em Viena, 1914.

⁴ Byigtmn, C. “O Desenvolvimento Simbólico da Personalidade, os quatro ciclos arquetípicos.” In *JUNGUIANA Revista da Sociedade de Psicologia Analítica SBPA*, Rio de Janeiro, Vozes, 1981, p. 24.

⁵ Pivatto, P.in Lévinas, E. *Entre Nós, Ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, Vozes, 199., p. 15,16.

Um relacionamento baseado nesta qualidade, fundado e exercitado sob a “filosofia do amor” tem capacidade de ampliar e transformar as personalidades envolvidas... Assim, conhecimento de si é facilitado e ampliado pelo conhecimento do outro, (e vice-versa). O reconhecimento mútuo é consequência deste encontro inter e intra-pessoal; o encontro por meio da alteridade convoca o outro em sua totalidade, do familiar ao mais estranho, diferente e estrangeiro, não se esgota, nem se encerra. A sombra que eu vejo (projeto) no outro e que também sou eu e que comumente me escapa, pode ser através desse encontro conhecida, acolhida, reconhecida e amada. Assim acrescidos podemos acrescentar, renovar e inaugurar novas possibilidades de consciência, trazer luz as velhas e obscuras dimensões psicossociais do ser e do existir.

Segundo Jung o processo de individuação é inviabilizado ao homem, quando no isolamento do Monte Everest. Individuação é troca, é relação, encontro, cooperação. De acordo com Hillman “cada personalidade é potencialmente um Si-mesmo que incorpora e reflete mais que si a mesmo. Não é auto-suficiente, mas relacionado com os outros.”⁶ Este processo assemelha-se a um experimento químico no qual, a partir do *encontro* de dois elementos, ambos transformam-se surgindo ainda um “terceiro elemento”, ou um “inter-ser” como diz Cohem.⁷

Jung dava sobretudo importância às relações humanas na situação de análise, do que à transferência e à sua interpretação. Segundo o analista Mário Jacoby: “A ênfase junguiana situa-se no relacionamento humano, em se estar livre para reagir espontaneamente às necessidades da situação que é sempre única, em não se ter qualquer regra ou técnica a priori, (...) Ela dá completa liberdade para que haja um *encontro criativo*”⁸. Neste nosso trabalho, o recorte central funda-se na relação de alteridade, em *encontros criativos* inter-étnicos, cigano – não-cigano.

Destaco na composição central deste capítulo algumas instâncias de *encontros* cigano-não cigano com *Zurka Sbano*, baseadas na dinâmica relacional de *alteridade*: o primeiro deles foi com a Pastoral de Nômades, composta por padres católicos, cuja missão devocional é especificamente voltada ao povo cigano: “*As vezes penso*”, dizia Zurka

⁶ Hillman, J. *Estudos de Psicologia Arquetípica*, trad. Dr. Pedro Ratis, Rio de Janeiro, Achiamé 1981, p. 194.

⁷ Cohem é monja budista e utiliza esta expressão ao dizer que não existimos como eu ou tu, mas apenas como interser. Anotações em palestra PUC São Paulo, 2004, psicologia clínica, núcleo de estudos Junguianos.

⁸ Jacoby, M. *O encontro analítico*, São Paulo, Cultrix 1990, p 82- 97.

referindo-se aos amigos padres, “ *que eles são mais ciganos do que nós...*” O segundo encontro foi comigo, representante dos não ciganos no seio da sociedade majoritária, uma *gadgi*: “*Você foi a filha que a vida me mandou*”, disse Zurka. Insiro aqui também, *outros encontros* entre amigos ciganos e não-ciganos que partilharam desta etapa da jornada da vida de Zurka entre 1992–2003, entre eles, um importante *re-encontro* dele com sua namorada de juventude, Ruth, que veio a ser sua segunda esposa. Destaco também o encontro de Zurka com instâncias transpessoais.

A maturidade *kalderash-gorbeto* da vida de Zurka.

Encontro com a Pastoral de Nômades ⁹

*A sua história, a sua psicologia (...) estudei,
e partilhei suas alegrias e sofrimentos.*

João Paulo

II

Então, apareceu por lá uma visita muito especial: o *Padre Renato Rosso*, um italiano de alma cigana, *da Pastoral de Nômades*. Essas visitas recheadas de conversas me trouxeram a nostalgia de lembranças muito antigas... Ele com seu jeito *maroto* de “quem sabe das coisas”, me fez lembrar *quem* eu era: Cigano, sim senhor... - fez re-acender, - ou re-nascer esta parte esquecida de mim mesmo.

Por outro lado, claro, eu nunca deixei de ser cigano. Uma, porque a vida de circo é uma vida cigana, além do mais eu nunca deixei de ser quem sou; sentia, pensava e agia como cigano, sem me dar conta disso. Dizem que eu era muito mandão; eu era, de fato, o chefe da família, como foi meu pai e avô, sabia das minhas responsabilidades. Nunca deixei de ter a minha oficina de forja, para fazer meus trabalhos em cobre, latão... Artesanato da nossa tradição *kalderash*,... Por outro lado, eu confesso que nunca havia falado sobre isso (ser cigano) com ninguém, nem mesmo com meus filhos, esposa, ou irmão.

⁹ A Pastoral de Nômades foi fundada no Brasil a 13 de abril de 1988, na cidade de São Paulo, no Bispado de don Luciano tendo como Presidente Don Paulo Moretto.

Os encontros do Padre Renato com Zurka aconteceram entre os anos de 1989 e 1991 e foram fundamentais no que se refere ao despertar da *consciência cigana*. “Ele me fez lembrar *quem* eu era”. Zurka completa que, na prática, nunca havia deixado de ser cigano, mas confessa que lhe faltava a consciência, o significado, o sentido e o valor de pertencimento às suas raízes. Nunca havia falado a esse respeito com sua família. Vimos que, como seres sociais, precisamos do reconhecimento do *outro* para nos referendar em espelhamento. É preciso com-partilhar. A dinâmica de alteridade devolve, com respeito e recria, as qualidades que permeiam cada ser em inter-seres que somos.

A Pastoral comunga da mesma política de respeito à alteridade que rege o âmago deste trabalho. Em 1965 o então Papa João Paulo VI recebe a *Romá* em Roma. Cito aqui um trecho desta homilia:

Nós vos saudamos, peregrinos, vós que sois exilados voluntários, vós os prófugos sempre a caminho, (...) Eu vos saúdo por haverdes escolhido vossa pequena tribo, vosso mundo separado e secreto. Eu vos saúdo vós que encarais o mundo com desconfiança e que com desconfiança sois encarados por todos; a vós que haveis preferido permanecer sempre e em todas as partes como forasteiros isolados, afastados de todo convívio social. Eu vos saúdo (...) como irmãos, como filhos, como cidadãos iguais (...) mas sobretudo como membros de uma sociedade que, em lugar de vos rechaçar, vos acolhe, vos zela e vos honra.¹⁰

A relação de alteridade no Ocidente foi fundada por meio dos princípios filosófico-espirituais do cristianismo e, no Oriente, do budismo. Podemos dizer que o grande “legado” que Cristo deixou foi exatamente a inauguração da dinâmica relacional de alteridade, nos princípios de igualdade entre os homens. “Amar ao próximo como a si mesmo”. A lei que regia os homens até então, era a de reciprocidade e vingança: “olho por olho, dente por dente”. A história mostra que esta nova ordem não foi facilmente absorvida pela humanidade ao longo dos séculos e de dois milênios. Ao contrário, as perseguições e as guerras santas em nome de Jesus Cristo foram e ainda são usadas como justificativas de intolerância. A própria Igreja católica foi mentora de uma política de discriminação e

¹⁰ Rosso, R. Textos do magistério da igreja 1965. Homilia de Paulo VI. In *Ciganos um povo de Deus*. Petrópolis, Vozes, 1993 p. 117-8

perseguição aos ciganos, como vimos, desde a sua chegada à Europa. Política esta, extensiva a povos considerados pagãos, como judeus e mulçumanos.

Pode-se dizer que o Papa inaugurou nesta homilia não apenas o fundamento cristão de alteridade, com relação ao povo cigano, mas também lançou o fundamento, o alicerce para a criação da Pastoral de Nômades. O acolhimento e o respeito às suas características étnicas e culturais singulares, como o respeito à opção cigana de ser “*exilados voluntários*” foi reconhecida e honrada nesta homilia.

TODOS NÓS TEMOS MUITO A APRENDER ATRAVÉS DO CONTATO COM ELES; OS CIGANOS SOFRERAM MUITO POR CAUSA DAS PRIVAÇÕES, DA INSEGURANÇA E DAS PERSEGUIÇÕES, E POR ISSO MESMO TÊM MUITO A DIZER.

(...) relacionando-se com o nômade que possui seus valores humanos e as suas aspirações espirituais, com as suas necessidades e a sua realidade histórica com as suas conotações espirituais e ambientais e as suas múltiplas riquezas tradicionais (...) O mundo, que em grande parte é marcado pela avidez do ter e o desprezo aos mais fracos, deve mudar de atitude e acolher nossos irmãos nômades não mais com a simples tolerância, mas com espírito fraterno”.¹¹

As diferenças, as singularidades que caracterizam os ciganos como povo, são aceitas, reconhecidas e até mesmo incentivadas, como parte fundamental de sua identidade psicossocial pela Pastoral. O Papa João Paulo II, também se posicionou quanto ao sofrimento, à perseguição, à privação, insegurança e martírio sofridos por eles na história da humanidade. O Capitão Zurka trazia sempre consigo, uma nota do Papa, em que ele pedia em nome da Igreja “perdão aos ciganos pelo tanto que a igreja os fez sofrer”¹². A Pastoral de Nômades foi inaugurada - no seu Papado -, como um movimento específico - e singular à causa cigana, - com o intuito de dar voz, valor e autonomia a eles que “têm muito a dizer.” É preciso então escuta-los.

Para Zurka, o *reconhecimento* e o *valor* dado pelo *outro*, neste caso, a Pastoral de Nômades na pessoa do Pe. Renato Rosso, ajudaram-no a constelar em si mesmo o valor e o amor próprio.

Padre Renato sabia que os artistas de circo, assim como os donos dos parques de diversões, costumam ter origens ciganas. Não deve ter sido muito difícil para ele, um

¹¹ Idem, Papa João Paulo II, p. 114-118

¹² *Fanzine*, programa citado.

italiano dedicado e especializado nas questões da *Romá*, reconhecer a identidade “enevoadá” de Zurka. Ele reconheceu o *cigano kalderash* escondido no artista de circo, que se denominava *imigrante italiano*. Nessa época, Zurka era um cigano disfarçado, até para si mesmo. Aprendeu cedo a esconder a sua identidade receando os perigos que o preconceito encerra. Renato o *reconheceu* e ajudou a trazer suas raízes de volta: *Rom, Sim!* Este é o nome de um livro sobre os *ciganos kalderahes italianos*, um dos presentes do Padre Renato a Zurka, com dedicatória do então seminarista Rocha, pois nessa ocasião, 1992, como um “bom nômade”, o padre Renato já havia partido: “*Foi viver com os ciganos mais pobres do mundo, os ciganos hindus de Bangladesh*”, contava Zurka, emocionado, ao falar com carinho do amigo padre.

Proponho conhecermos um pouco do Padre Renato por meio da matéria “Vida de cigano”, em entrevista realizada em 1996 pela Revista *Sem Fronteiras*.

Vida de Cigano

Mais de trinta (agora em 2006, quarenta) anos de barraca em barraca com o povo cigano: na Itália, no Brasil, e agora em Bangladesh. Missão amizade, missão respeito.

Sem Fronteiras: - Como foi que o senhor deixou o Brasil para trabalhar com os ciganos do Bangladesh?

Renato Rosso: - Foi simples. Um irmão da congregação da madre Teresa de Calcutá contou que eles queriam abrir uma comunidade entre os ciganos. Só que eles não conheciam a realidade desse povo. Então, em 1990, fui para lá para ver se era possível iniciar um trabalho mais ou menos parecido com o que fizemos no Brasil.

Sem Fronteiras: - E o que foi que o senhor viu?

Renato Rosso: - Logo nos primeiros dias, conheci um grupo de nômades, os Kaura, criadores de porcos. Ora, na visão religiosa do povo de lá, o porco é um animal impuro, e quem cria porcos é mais impuro ainda. Por isso quando os Kaura, por exemplo, passam por uma estrada, as pessoas atiram coisas contra eles, pedaços de tijolos, paus. É como para dizer que, diante de Deus, não são culpados de passar perto desses nômades impuros ou de pisar em cima da sombra deles. Isso me marcou muito. Fiquei imaginando que poderia viver com esses criadores de porcos. Regressei ao Brasil, depois de um mês, e, em 1992, fiz as malas e fui morar em Bangladesh. Fiquei conhecendo também outros grupos e passei a viver com Baid, que moram e são nômades de barcos. Os ciganos deste grupo, são mais ou menos umas 400 mil pessoas.¹³

¹³ Disponível em: <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/news/semfr/sf245p05.html>

Rosso é um homem sem fronteiras que seguiu o chamado da congregação da *Madre Teresa de Calcutá* e foi trabalhar com os ciganos mais pobres, entre os pobres da Índia, os criadores de porcos, entre tantos outros grupos e tribos. Atualmente é um “nômade flutuante”, já que sua casa é um barco, no continente asiático. Podemos imaginar que a demanda dos ciganos mais pobres do mundo é grande, suas necessidades inúmeras. Mas o *modus operandi* de Rosso é raro: Trata-se da aplicação da dinâmica de alteridade – em uma versão singular.

O grupo cigano com quem Rosso vive hoje, são os Baid, ciganos nômades mulçumanos: “*Pedi a eles para que me deixassem rezar em suas mesquitas. Rezaria para que eu, como cristão, e eles, como mulçumanos, fôssemos autênticos. Não fazia mal eu não ter uma igreja.*”¹⁴

Rezar como cristão *com* os ciganos mulçumanos, (*e não por*), para que ambos fossem autênticos em sua fé, cultura e natureza psicológica... dá uma amostra de como Rosso lida com a relação de alteridade na prática. Essa capacidade de ver o outro como um outro si mesmo, pode inspirar a aprender e a praticar...

Quando Renato foi embora do Brasil, deixou em seu lugar, outros amigos padres e bispos da Pastoral, ciganos de sangue ou de alma. Entre eles o Padre Jorge Piovizan, o então seminarista Rocha, neto de avó cigana e avô italiano, gaúcho, ex-palhaço. Rocha morou por alguns tempo na barraca com Zurka. Construíram uma amizade para todas as horas, para além das cerimônias e atividades religiosas, nos casamentos, nos batizados etc. Também participou de atividades culturais do Centro de Tradição Cigana, com participação especial no espetáculo *Paixão de Zíngaro*, no papel de cigano figurante. Destaco também o Padre Pedro Paulo, de alma cigana confessa, que entrou no seminário “para ser padre da Pastoral de Nômades” literalmente pela “causa cigana”.¹⁵

As visitas às barracas *tcheras e aos trailers*, aconteciam no acampamento do circo, na marginal Tietê. As dimensões ciganas ocultas na sombra re-emergiam. As

¹⁴ Idem.

¹⁵ Pe. Pedro Paulo Garcia e Cutti, “*Eu Poderia fugir com eles*”, depoimento. *Travessia revista do migrante*. Nomadismos. Ano X, n. 27, Jan-abril 1997, p. 5-7.

qualidades que lhe eram naturais, ganharam mais consciência e vigor. Como vimos, os encontros foram de fundamental importância na vida de Zurka

O Padre Renato me ensinou muitas coisas sobre os ciganos, que eu próprio não sabia... Por exemplo, que viemos da Índia... eu sempre pensei que fosse do Egito. Ele me levava jornais como o *Romanipen* e revistas dos ciganos da Itália e outros países da Europa. Trazia também informações dos ciganos do Brasil. Aprendi muita coisa e passei a me interessar... Aí ele foi para a Índia, viver com os ciganos mulçumanos de Bangladesh, os mais pobres do mundo. Eu fiquei amigo de outros padres da Pastoral como o Padre Pedro Paulo, o Rocha, quando era seminarista morou aqui na barraca comigo por uns tempos... *Eles dão mais valor para nós, do que nós mesmos.*

Renato trouxe a Zurka informações que ele desconhecia sobre seu próprio povo. Por exemplo, Zurka afirma que não sabia de sua origem indiana, pensava que era do Egito. Podemos perceber que no imaginário cigano, o Egito é realmente o seu país original, lendário. Esta resposta não é uma tentativa de enganar o não cigano, como foram acusados por séculos... Um exemplo disso são os trabalhos artesanais de Zurka, feitos em cobre e latão, com motivos egípcios, que constituem a maior parte da temática de seu acervo. As conversas com Renato tinham função e efeitos pedagógicos, eram sem dúvida instrutivos: *“Aprendi muita coisa sobre meu povo e passei a me interessar mais.”* Podemos observar nesse depoimento um autêntico “processo de despertar” .

Em 1991 Zurka assumiu, talvez pela primeira vez a sua identidade cigana e explicou em entrevista à Folha de S. Paulo: “muitos ciganos negam a origem por causa do preconceito”.

PERFIL

Nome: Zurka Sbano

Idade: 69

Origem: cigano kalderash (grifo meu)

O que faz: artista circense, atuo no grupo “Os Comanches”, fazendo exposições com laços e chicotes

Sonho: saúde e liberdade

Qualidade: vivo bem em qualquer lugar onde eu chegue.

Defeitos: sou muito amoroso com os meus filhos.

Acerto: viver como tenho vivido.

Erro: não ter dado o devido valor à minha mulher.

Quer evitar: gente agressiva.

Livro: psicografados de Chico Xavier.

Quer encontrar: Paco de Luccia.

Músicas: eruditas e músicas húngaras.

Hobby: representar

Filosofia de vida: “viver e deixar viver”¹⁶

Essa matéria foi feita logo após os primeiros encontros com a Pastoral. Podemos ver os reflexos desse encontro e o resgate identitário, (de imigrante italiano, para *cigano kalderash*), e observar que o “perfil” apontado nesta matéria tem correlações específicas com os traços característicos ciganos (gerais) vistos neste trabalho: como ideais de “liberdade”, “viver e deixar viver”, adaptabilidade, “vivo bem em qualquer lugar”, a forte ligação afetiva com a “família”, as músicas húngaras (emblemáticas ciganas), assim como a figura admirada de Paco de Luccia, exímio guitarrista do flamenco espanhol, tocador de músicas ciganas andaluzes.

Como vimos nessa época Zurka estava passando por um delicado período de mudanças: fragilizado por ter perdido um filho, a mulher, além de sua vida de artista circense. Um grande ciclo havia se encerrado e ele se sentia perdido...

Em fases de transição, quando o *herói*, ou seja, o ego perde as referências conhecidas e não sabe como seguir, é comum que se desenvolvam sintomas como angústia, depressão, ansiedade. Se a pessoa não estiver psicologicamente preparada, processos *regressivos* podem surgir, toda a personalidade tende a fugir no recuo de uma tarefa difícil. Para tanto, “muitas culturas têm rituais de iniciação a fim de ajudar o indivíduo a passar de um estágio

¹⁶ *Folha de São Paulo*, caderno cotidiano, *Cigano quer CIC, RG e residência*. São Paulo, 2 de março de 1991.

da vida para outro”¹⁷. Podemos dizer que os encontros com o Padre Renato tiveram a função *ritual* de preparar Zurka para essa transição. Abarcar a personalidade toda e não ter-se fixado, (neurotizado), em apenas uma das etapas da vida, faz parte da tarefa de apropriação de si mesmo, ou seja, da tarefa de individuação, de se tornar inteiro, de ampliar os horizontes, em novas dinâmicas, no processo de tornar-se quem se é, num constante vir a ser.

Nessa época, minha neta Silvinha, filha do Marcelo foi atropelada, fez várias cirurgias e correu o risco de não voltar a andar. Eu me firmei na minha fé e minha fé me remeteu à minha infância... Eu era afilhado de Nossa Senhora da Aparecida Conceição... Meu avô trazia a imagem dela sempre consigo, nas primeiras viagens de navio, nos acampamentos. Antes de vovô morrer, ele deixou minha mãe encarregada de ser a sua guardiã. Hoje ela está com meu mano Santo, que fez um altar na casa dele para a nossa padroeira. Fiz promessas para Nossa Senhora, pedia para que a minha netinha ficasse boa...

A nostalgia daquele tempo me invadia e comecei a sentir muitas saudades da minha infância cigana, da vida nos acampamentos pelo interior com a família. As histórias contadas dos meus antepassados voltaram... e eu me via cercado de ricas lembranças da minha infância.

A regressão ancestral emergiu aqui não como um sintoma, mas como um fenômeno natural, uma espécie de auto-resgate. Segundo Neumann, a tarefa do herói (ego) consiste em: “despertar imagens adormecidas, que querem e precisam sair da noite para dar ao mundo um rosto melhor”.¹⁸ Os primeiros fragmentos dos registros da vida dos seus ancestrais, (ver Capítulo 3), foram esboçados por Zurka, neste período.

A fragilidade da neta, provavelmente mobilizava a sua alma ferida. Zurka recorria à sua madrinha de batismo, Nossa Senhora Aparecida da Conceição, uma representante do arquétipo da *grande mãe curadora*.

Hillman cita a importância da inclusão dos ancestrais, nessa fase do processo, e ressalta não apenas os membros reais, mas também as figuras internas (religiosas, míticas) como parte atuante da individuação..

¹⁷ Hillman J. *Estudos de Psicologia Arquetípica*. Trad. Pedro Ratis e Silva, Rio de Janeiro, Achiamé, 1981, p. 209.

¹⁸ Neumann, E. *História da Origem da Consciência*, São Paulo, Cultrix 1995, p 1

(...) “família” inclui essas pessoas reais, mas abrange também *outras* ocorrências (...) porque o que se procura não é apenas a história da família mas também a *fantasia da família* (...) Pergunto sobre as inter-relações de uns com os outros, *o contingente racial, a crença religiosa, (...) padrões que se repetem ou diferenças marcantes* (...) Com esta investigação estamos recriando uma genealogia ou *mitologia da “minha própria” família* (...). Esta investigação da família, o cuidado respeitoso que se dedica a cada detalhe da fantasia e a cada elemento de prova (velhas fotografias, lembranças) revivifica, num cenário clínico moderno, uma prática universal que nossa cultura perdeu, chamada *culto dos ancestrais*”. (grifos meus)¹⁹

A fé de Zurka e suas antigas afinidades, além de re-visitare as instâncias do passado, foi também buscar novos contornos nas afinidades do presente:

No circo desenvolvi o hábito da leitura, sempre gostei de ler e nessa fase, (no acampamento da marginal), mergulhei nos temas que eu mais gostava... Descobri que sou mesmo cristão, mas que a minha afinidade religiosa é mais próxima da doutrina espírita. Gosto muito de ler Chico Xavier, Ramathis em *O Último Peregrino* foi uma leitura que me fez muito bem... Li também tudo de Pierre Dérlon, (literatura cigana) ele me fez lembrar vários episódios de minha infância.

Esse foi um período em que Zurka passou por uma fase nitidamente introspectiva, adentrado nas profundezas do território da psique. As leituras que Zurka fazia agora, não tinham mais a função de “decorar papéis” mas de orientá-lo. Como indicadores de caminhos, serviam de auxiliares na recomposição e no reconhecimento de sua personalidade, história, afinidades, crenças e sentidos.

Hillman comenta que a teoria junguiana não pergunta “*o que é a personalidade, como se esta fosse uma entidade a ser definida e explicada*”, (embora Jung a defina como composta pelas instâncias do consciente e do inconsciente). “*Assume antes uma postura dinâmica e pragmática, perguntando: De que maneira uma pessoa pode saber quem é, descobrir sua personalidade, desenvolvê-la e refiná-la, tornando-se ele (ela) próprio (a)*.”²⁰ Como e por quais meios a personalidade pode se desenvolver? Zurka encontrou na leitura a

¹⁹ Hillman, op. cit., p. 200.

²⁰ Idem, p. 194.

sua maneira de dar continuidade, se aprofundar e se apossar de si mesmo, na tarefa de encontrar sentidos para a segunda metade de sua vida.

Penso que, certamente, o presente mais precioso deixado pela Pastoral de Nômades a Zurka foi a retomada de sua raiz cigana de forma consciente e ativa, a qual viria a brotar, florescer, dar sementes e em novos ciclos germinar...

Encontro com a filha perdida

A individuação desafia o ego a mover-se no sentido de uma condição desconhecida, em lugar de permanecer cativo dos hábitos e das coisas familiares.

David DeBus

Neste caso, o Encontro foi entre Zurka Sbano, um *rom*, de origem *kalderash*, 72 anos, viúvo, patriarca de uma família tradicional circense, cuja vida foi apresentada no Capítulo 3 deste trabalho, e (eu) Valéria Sanchez Silva (Contrucci), 37 anos, (casada na época), mãe de três filhos, mulher não cigana, (gadgi), psicóloga, de origem espanhola por ascendência materna, criada em um ambiente “particularmente *não favorável* às questões ciganas”.

Foi aí que você apareceu Valéria, lembra? Foi no lançamento do livro da Cristina. Você para mim é uma filha perdida que eu reencontrei. Eu falava para você o que não pude falar para os meus filhos, porque não criei o hábito de conversar com eles... E aí, quando eu quis falar, não fazia sentido para eles, eles precisavam trabalhar, estavam sempre correndo, não tinham paciência, não tinham tempo... Você foi a filha que o destino mandou para que eu pudesse lembrar, contar as histórias, ver renascer os sonhos... e realizar projetos. A Vitória, a Gláucia e todos os que vieram com você, me ajudaram nessa fase.

Foi aí que o encontro se deu... Que momento oportuno! Após o episódio de imaginação passiva eu estava ávida por conhecer e receber informações dessa parcela estrangeira que me havia habitado. Zurka por sua vez, necessitava compartilhar suas histórias: “Você foi a filha que o destino mandou para que eu pudesse relembrar, contar as histórias, *paramichar*.”

O reconhecimento da importância deste encontro foi instantâneo e mútuo como vimos nos capítulos anteriores. Assim, abrimos espaço para uma convivência e sua consequente ampliação, tanto das nossas capacidades desconhecidas como de inúmeras realizações de vida. De minha parte, fica registrado o privilégio de ter partilhado de sua convivência. Este *barô*, (grande e sábio homem), contribuiu de forma fundamental no meu processo de individuação, como veremos a seguir neste capítulo.

Para Zurka a mobilização psíquica referente ao resgate de suas origens, iniciada pela Pastoral, precisava ser efetivado e compartilhado, não bastava a retomada das lembranças de infância, não era suficiente registrar fragmentos de algumas histórias no papel, era preciso ver-se fletido no outro. Ele estava ansioso por partilhar as estradas percorridas por si e por seus ancestrais, transmitir e recuperar aspectos adormecidos de sua história, cultura e natureza psicológica, ora buscando parceiros internos, ora, no encalço de amigos externos... (Os movimentos da libido, de introversão e de extroversão, regressão e progressão, alternavam-se espontaneamente.) Se pensarmos que não há realidade interna ou externa separadas em instâncias e que tudo está em movimento... ou como diria Hillman, tudo é psique e mundo.

E então a vida nos fez encontrar... De alguma forma *baxt*, a sorte, o destino, como dizem os ciganos nos privilegiou e presenteou. Pudemos nos reconhecer e construir através de uma relação de alteridade mais do que um devir cigano, ou um devir *gadjé*: um devir humano singelo e peculiar; que transcende as separações mas que mantém as singularidades. Ambos necessitávamos de guarida e expressão para inaugurar novas instâncias que pediam elaborações e renovadas ações, nos caminhos da individuação.

Segundo Byington, o princípio de orientação, no que se refere ao dinamismo de alteridade é o da “sincronicidade.”. Este tempo oportuno pode também ser visto como o tempo de Kairós, regente como vimos no capítulo 1 do universo cigano: “o momento

astrológico certo, o momento em que as coisas podem ser realizadas com pleno êxito.”²¹
Graças a encontros sincrônicos, tivemos a possibilidade de fazer desenvolver e ampliar vidas e consciências.

Abro aqui um parêntese para inserir a informação de que e como este trabalho de dissertação de mestrado foi também guiado pelos princípios da sincronicidade na intenção da individuação:

No II Congresso de Psicologia Junguiana em Salvador, 2003 eu já havia decidido seguir a carreira acadêmica e iniciar meu processo de mestrado. Eu estava interessada em pesquisar, dentro da psicologia clínica, determinado tema, relativo à minha experiência de consultório.

Em um dos dias do Congresso, pela manhã, eu havia planejado assistir a uma apresentação que trataria exatamente do tema do meu interesse. Quando entrei na sala, percebi que havia me equivocado, e que aquela não era a conferência que eu desejava assistir. Quando eu estava me voltando para sair da sala, a “fala” da palestrante em castelhano soou forte nos meus ouvidos: “A individuação é um processo que não se escolhe, somos levados a ele e simplesmente o aceitamos”.

Uma vez que eu não havia escolhido estar naquela sala, sorri e obediente me acomodei na cadeira. No intervalo eu estava novamente me preparando para sair, quando começou a tocar uma música cigana. Atônita, voltei e permaneci no lugar, tomada pela melodia típica, como que embriagada pela força da música cigano-húngara. Esta era a entrada, a pré-para-ção à palestra de Judith Vero sobre os judeus húngaros brasileiros. Literalmente fiquei imersa e encantada com o trabalho da autora, que eu desconhecia. Haviam também naquele trabalho, inúmeros paralelos com a minha experiência com os grupos ciganos.

No último dia do Congresso, tive a oportunidade de encontrar Judith no café da manhã, não me contive e fui parabenizá-la pelo trabalho. Apresentei-me e falei que o trabalho dela havia me encantado e que eu tinha um trabalho semelhante com grupos ciganos no Brasil. Judith com a doçura e firmeza que lhe são característicos, me fez um convite irrecusável, com ar de intimização. –“Então você tem que vir para o nosso grupo da PUC de Psicanálise e Processos de Singularização, você precisa conhecer o Alfredo Naffah”. Trocamos em guardanapos de papel os telefones para contactos e na primeira semana de aula lá estava eu me apresentando ao grupo e me candidatando à vaga de mestranda no final do semestre.

Assim foi que *baxt, ananké, o destino*, em conjunto com meu *feliz assentimento*, juntamente com a acolhida do grupo e a orientação de Naffah, propiciaram a mudança dos meus planos iniciais, tornando possível a inserção deste *trabalho* literalmente

²¹ Von Franz, M.L. *Alquimia Introdução ao Simbolismo e à Psicologia*, trad. Álvaro Cabral, São Paulo, Cultrix, 1993, p. 32.

à luz da academia. Pela subjetividade e singularidade deste, confesso que jamais havia pensado que fosse possível dar “corpo acadêmico” a questões que me pareciam tão singulares e difíceis de transcrever. Porém, como “*a individuação é um processo que não se escolhe, somos levados a ele e simplesmente o aceitamos*”, (ou não), aqui estamos, cumprindo mais uma das etapas deste processo.

Proponho voltar agora às questões que estávamos tratando, decorrentes do encontro de Zurka com a “filha perdida”:

Realizamos tantas coisas, o teatro, o *Centro de Tradição Cigana*, você se lembra Valéria, que eu não queria ser o Presidente? Você falou para eu não dar a resposta na hora, para eu pensar melhor... Eu não queria, uma porque entre nós ciganos, não há costume de ser *presidente* de nada. Cada um é chefe da sua própria família e a administra como se fosse seu país. Outra porque eu não entendia nada dessas coisas. Mas quando fui ver, eu já estava comprometido com o CTC. A minha condição era que você fosse a Secretária, porque daquele universo eu pouco sabia...

O Centro de Tradição Cigana ou (CTC), como vimos no capítulo 2 foi uma organização não governamental, representativa do povo cigano, no encontro com o não cigano, uma entidade sem fins lucrativos. Podemos ver que um momento de renovação e autonomia cultural da *romá* estava despontando em São Paulo, assim como em diversas partes do mundo... Zurka era um líder nato e tinha muito a dizer...

A resistência dele ao assumir o cargo de Presidente do Centro de Tradição Cigana é, dentro dos parâmetros da etnia compreendido como um receio natural. Na cultura cigana não há chefes gerais, reis ou grandes líderes, cada um é chefe e reina dentro de sua própria família. A condição de Zurka para transitar nesse mundo *borderline*, meio cigano, meio *gadjé* era que eu o acompanhasse. Este foi em parte o meu papel junto com uma equipe de amigos ciganos e não ciganos: que se formou espontaneamente em torno dessa causa comum. Seus amigos *rons* os Nicoli, vieram somar conosco a tradição da *romá*, na composição da singularidade de seu grupo *Machwaia* de origem iugoslava.

O Jorge Nicoli, era vice presidente e músico, as meninas Rita e Patya eram as dançarinas, o Nenê com sua inteligência e sensibilidade nos

dava todo o apoio... a Percília lia a sorte e nos acompanhava. A minha família também se uniu pela primeira vez em torno da tradição cigana, aliada às artes circenses.

Foi graças ao CTC que voltei a realizar os projetos guardados. Inauguramos o teatro *romano* (teatro cigano) e fomos escolhidos pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, para apresentar o espetáculo *Paixão de Zíngaro em Silvio o Cigano* no Teatro Ruth Escobar, na Temporada de Cultura Cigana. Lá recuperei o gosto de representar e fui novamente diretor, ator e cenógrafo. Tivemos a possibilidade de realizar tantos sonhos... como o resgate da tradição cigana junto com as apresentações culturais.

Fizemos O Globo Repórter, lembra? Você me ajudou a trocar todas as cortinas da barraca. Demos entrevistas na TV Cultura, TV Bandeirantes, ajudamos na novela *Explode Coração* etc..

Nos eventos do CTC, Zurka teve a possibilidade de juntar duas etapas de sua vida e psique: a infância cigana *kalderash* e a maturidade de artista de circo, ou seja, de cigano *gorbeto*. Na prática ele re-inaugurava a sua paixão pelas artes cênicas, atrelado aos sentidos de suas raízes ciganas. Realizamos como vimos no Capítulo 2 inúmeras atividades culturais, esclarecemos o valor e a singularidade do povo cigano. Nossa parceria a despeito das diferenças socioculturais que nos separavam nos unia. O respeito mútuo que regia a relação de alteridade, literalmente nos acrescia...

Semanalmente muitas histórias iam se descortinando, dentro ou fora da barraca. Foi por meio deste compartilhar, em graciosa cooperação, que pudemos reformular preconceitos, estabelecer conceitos, desenvolver e realizar inúmeros projetos: culturais, políticos, sociais e comunitários, além de ampliar o auto conhecimento e o conhecimento mútuo, enriquecendo-no na construção de nossos processos de individuação... e que desencadeou neste trabalho de dissertação de mestrado. Seria assim a “apreensão poético científica da realidade” segundo Maffesoli.²²

²² Citado por Paula, op. Cit., p. 58.

Esses sentimentos permitiram a consolidação do vínculo, da aliança que nos unia, cuja parceria era regada por uma afetividade filial de qualidade ímpar. Nunca durante esses mais de dez anos de convivência tivemos uma discussão sequer, ou um mal entendido. Como o *alquimista e a sóror mística*, (neste caso *filia mística*) a *opus*, ou seja a grande tarefa da individuação acontecia como deve ser: em parceria. “Eu sou tu e tu és eu”. Este é o segredo da *unio mystica*, segundo Von Franz “(...) é o que acontece no fundo daquilo que tentamos destacar com a palavra ‘transferência’, tornando-a assim uma coisa técnica. Mas é um mistério real, uma experiência mística, uma experiência que, portanto, nunca pode ser comunicada,”nem apreendida em sua totalidade.²³

Somente o que sei, o que tenho certeza, é que no momento, pequeno momento em que nos encontramos, senti-me tão bem e me vi tão distante... e sem compreender, num relance, num instante, me passaram lembranças tão quentes da minha família. E quase inconsciente, num êxtase... ausente... eu falei sozinho... baixinho: “*Que bom se ela fosse também minha filha.*”²⁴

A *linguagem poética* que permeia a descrição anterior no reconhecimento de Zurka à “filha perdida”, parece ser realmente o único veículo capaz de dar conta dos afetos que nos atravessaram. É destes afetos que veio a força e regeu a dinâmica dos nossos encontros, tanto referentes a nossa amizade, quanto aos trabalhos do CTC, assim como foi, no meu entender a fundamentação relacional dos encontros de alteridade, de que trata a dissertação deste mestrado.

Tempos difíceis.

*A condição humana sem alteridade
é desumana.*
José Carlos Leal.

²³ Von Franz, ML *Alquimia Introdução ao Simbolismo e à Psicologia*, trad. Álvaro Cabral São Paulo, Cultrix, 1990, p. 23

²⁴ Contrucci, op .cit., p. 28.

As dificuldades político-sociais que enfrentamos, naqueles anos de trabalho em pró da cultura cigana, foram inúmeras e não foram levadas a sério por nenhum órgão público. Peregrinações às Secretarias de Cultura, às Regionais, às Câmaras de Vereadores, aos gabinetes dos Prefeitos, (duas gestões) foram em vão.

Mas tal como aconteceu no circo, os impedimentos recomeçaram... Fizemos tantas peregrinações nas Secretarias de Cultura, nas prefeituras, lembra? Em busca de apoio, de patrocínio para a realização dos projetos. Eu, você, a Vitória e o Mano Santo... Quantas promessas... quanto desencanto... O sonho era conseguir um outro terreno em comodato para reativarmos a tradição cigana, o circo, o teatro, um restaurante com comidas típicas ciganas, danças, musica e a família reunida... tudo junto, uma escola de circo para as crianças carentes do bairro, um estacionamento para os *calons* e os *rons* nômades que estivessem de passagem.. Não conseguimos nada, só promessas... Mas, mesmo assim, sem ajuda política, realizamos muitas coisas.

Realizamos tantos eventos... a despeito das dificuldades. Mas quando começou a invasão do terreno que Zurka vivia com a família e outros artistas, a situação ficou para além do suportável.

Quando foram construir a ponte da Pompéia os “sem terra” começaram a invadir o terreno, a agonia começou, fomos ficando cercados, cercados... eles chegaram a invadir a minha barraca. Você foi comigo na Regional da Vila Nova Cachoeirinha, voltamos com ordens para que não invadissem a minha barraca, mas na prática não conseguimos nada... Fomos despejados. Passei os piores momentos da minha vida. Pedimos ajuda ao Prefeito, na época, Paulo Maluf, a todos os políticos, vereadores, deputados, eu fiquei desesperado. Até ao Papa recorreremos lembra, Valéria? Da carta para o Vaticano obtivemos resposta, mas na pratica, nada... Pedimos um terreno em comodato para não perder o acervo do Centro de Tradição, saiu notícia na Folha, no Estado de São Paulo, no Jornal do Brasil, mas não teve jeito...

Zurka disputou literalmente palmos de terra com os “sem terra” (que era como ele chamava os invasores do terreno). Foi expulso, ficou à margem literalmente da

sociedade majoritária. Foi deposto por praticamente todas as esferas da sociedade: dos também marginalizados “sem terra” , aos políticos, prefeituras, no des-compromisso cultural e político referente às minorias étnicas, aos representantes impotentes de todas as demais instâncias da sociedade. Em entrevista ao Globo Repórter, em 1995 Zurka declarou, para exemplificar a opressão sofrida por seu povo: “A sociedade foi fechando os ciganos como um cinto, apertando e apertando...” Zurka vivia nessa ocasião, junto com sua família, literalmente essa mesma opressão e estrangulamento. Retirado do terreno, com o acervo do CTC, sem ter aonde morar ele ficou literalmente a deriva e sem chão. Concomitantemente iniciou-se um processo de doença que o levaria anos mais tarde a falecer.

Encontros com Maria

Um dia eu estava desesperado... eu queria pedir para a Maria, minha madrinha, uma ajuda, alguma coisa. E então eu via aparecer uma imagem em minha mente, que se repetiu por muitas vezes: *‘Uma casa branca de paredes grossas, uma menina que vinha com um cântaro de água, e um raio de sol que entrava pela porta e a iluminava.’* Era sempre a mesma cena.

Segundo Neumann, as imagens espontâneas e autônomas tomam a psique em situações de “preocupação consigo mesmo, uma situação de deixar que a corrente da libido flua para dentro, (...) e crie e constele imagens e soluções psíquicas”.²⁶

Então aconteceu um fenômeno que me marcou muito e acalmou meu desespero:

Eu tinha ido assistir uma palestra na *Casa do Solar da Marquesa*, no centro da cidade. Na volta, numa banca de revistas reconheci “*aquela Maria*” das minhas visões na capa de um livrinho. Era a mesma Maria que eu costumava ver nas imagens que me apareciam espontaneamente. Essa imagem era diferente das imagens conhecidas de Maria, mas era idêntica à da minha imaginação...

²⁶ Neumann, E. *História da Origem da Consciência*, trad Margit Martinic, São Paulo, Cultrix, 1995, p. 249.

Eu só tinha 5 reais, e o livrinho que se chamava *Maria, A Rainha dos Anjos*, custava 4 e eu ainda precisava comprar a passagem. Comprei, vim lendo e chorando no ônibus. Essa era a imagem de Maria, como ela aparece no Vale dos Suicidas, descrita por Emmanuel e recebida por Chico Xavier.²⁷

A imagem de Maria que lhe aparecia espontaneamente, trazia alento ao seu coração aflito. A “mãe divina”, com aparência de menina era diferente das imagens convencionais, mas ele a reconhecia como sendo a sua madrinha. Ela lhe surgia e de alguma forma o levava à casa dela: “uma casa branca de paredes grossas, uma menina que vinha com um cântaro de água e um raio de sol que entrava pela porta e a iluminava.”

Hillman afirma que “Quando percebemos uma imagem da fantasia estamos olhando para o interior da mente do instinto, vendo a própria libido”.²⁸ Ainda segundo ele, a realidade de qualquer cultura e civilização, inclusive a nossa, é composta pela realização dessas imagens da alma. “Toda arte, religião, ciência e tecnologia, tudo o que foi feito, falado ou concebido, tem origem nesse centro criador.”²⁸ Esse centro criador, esse manancial da alma era denominado por Jung como inconsciente coletivo. Neste substrato humano comum podemos e nos comunicamos individual e coletivamente em qualquer tempo ou lugar. A linguagem simbólica é o veículo que nos coliga a tudo e a todos. Intermedeia as instâncias consciente e inconsciente, amplia as dimensões conhecidas e vem ao nosso encontro, espontaneamente, nas fantasias em vigília (imaginação ativa ou passiva), seja nos sonhos em estado onírico, mas geralmente em situações de maior tensão psíquica. No livro de Maria, Zurka encontrou como um retrato, da imagem interna que o havia habitado.

Para Zurka, a comunhão da “sua imagem de Maria” com a “Maria de Chico Xavier”; teve a função de confirmação de fé, respaldo espiritual e alento psicológico. Ele era rechaçado por instâncias terrestres, enquanto que recebido pelas celestes. “Na época do despejo, fomos abrigados por alguns meses num convento de irmãs, amigas da Pastoral de Nômades”.

Literalmente Zurka era recebido e agraciado por “ordens religiosas” e estas foram as únicas instâncias que funcionaram e lhe deram guarida naquele momento tão difícil de sua

²⁷ Maria, S. *Maria A Rainha dos Anjos*. São Paulo, Lúmen, 1993, p. 5.

²⁸ Hillman, J. op cit p 206.

* Há 9 anos a família Sbrano patrocina festas ciganas tradicionais, abertas a ciganos e não ciganos, em homenagem a Santa Sara e a Nossa Senhora Aparecida na zona norte da cidade

vida. É interessante observar que a imagem de Maria, que havia aparecido espontaneamente a Zurka naquela fase de desespero, tinha a mesma imantação imagética da Maria de Chico Xavier no vale dos suicidas.

A figura feminina recebe no *panteon* cigano um lugar especial. Muitos grupos ciganos em todo o mundo são devotos da mãe celeste sob diferentes nomes e atributos. Na Índia a deusa é *Kali* a negra, na Europa, tem destaque a devoção a *Santa Sara Kali*, também negra, cultuada no sul da França em *Camargue* na festa de *Saintés Maries de la mér* a 23 e 24 de junho. No Brasil Nossa Senhora Aparecida, também negra, é considerada padroeira dos ciganos brasileiros. Apesar da cor escura da pele, que lembra a tez cigana de origem indiana, a figura feminina representa a deidade materna que acolhe, recebe, cuida e cura, assim como também pode levar à morte sob os desígnios da natureza que se regenera em ciclos precisos. Seguindo a tradição devocional a família Sbrano organiza festas ciganas tradicionais, abertas a ciganos e não ciganos, em homenagem a Santa Sara e a Nossa Senhora Aparecida na zona norte da cidade de São Paulo há 9 anos.

Respeitando sua tradição espiritual o Papa João Paulo II os abençoou em 1989: “Que a bondosa Mãe celeste, a qual o mundo cigano é tão devoto, bendiga sempre vossa ação e vos acompanhe pelas estradas do mundo.”

Encontro e casamento com a namorada da juventude

Zurka já tinha encontrado a *filha perdida*, a *mãe celestial*, mas faltava em sua vida uma mulher real, de carne e osso, uma esposa com quem ele pudesse compartilhar as aventuras e desventuras de sua vida. Quando no programa o Globo Repórter, ele foi apresentado como um cigano que morava num “palácio de lona”, ele respondeu de pronto: “Mas falta uma *palaciana* morando aqui...”

A solidão foi batendo forte e na época em que fizemos a novela (Explode Coração) e o Globo Repórter, ficou muito claro para mim, que me faltava uma esposa. Eu me lembrei de uma namorada dos tempos de jovem, quando das andanças do circo

pelo interior. Ela se chamava Ruth e na época tinha longas tranças... Sabia que ela era louca por mim e que não havia se casado... Achei o endereço dela e começamos a nos comunicar por telefone e cartas. Ela veio para São Paulo morar na barraca, e estamos juntos até hoje. Mesmo com uma grande diferença de gênios, nos queremos muito bem.

Eles se reencontraram e puderam viver o amor que havia ficado pendente no passado... Ruth não havia se casado nem tampouco esquecido *Filhinho* seu apelido daquela época. Ela veio para São Paulo e ficaram juntos até seu falecimento na cidade de Franca.

Com ela pude realizar alguns sonhos ainda... Eu confiava nos nossos sentimentos do passado. Mandei e recebi muitas cartas de amor. Quando ela veio morar comigo ela teve que se adaptar à vida de barraca e eu sei que não foi fácil pois ela não era cigana e estava acostumada com mais conforto.

Tive a oportunidade de ter um circo meu novamente. Construimos o circo num terreno cedido pela sub-prefeitura da Vila Nova Cachoeirinha em que estivemos por cerca de um ano e meio. Aquele terreno era cheio de lixo. Lembra? Limpamos tudo e construimos “*O Moderno Circo Antigo – Circo Teatro Sbaro*”, desde o pó do chão... até a cortina dourada, a coxia, os camarins, tudo feito na mão, minha e do mano Santo, no maior capricho... Tudo foi do jeito que sonhamos: o teatro dentro do circo. A Ruth apoiava e ajudava, mas ao mesmo tempo que tinha ciúmes do circo...

Mas então o que aconteceu? Fomos despejados desse terreno também... (reclamação de vizinhos:?), e nada de sair o comodato, ou um terreno que pudéssemos ficar. Cheguei a passar semanas com a Ruth na rua dentro do *trailer*. Até que decidimos, por falta de alternativa, ir para o interior na cidade de Franca, onde morava a minha filha Norma. Eu tinha uma terrinha por lá. Era longe, mas imaginei reativar o circo no interior.

Como não encontrava espaço para viver em São Paulo eles foram para o interior, onde foi viver perto de sua filha mais velha. Lá ele passou um tempo tentando levantar o circo, mas sem ter mais os amigos o irmão os filhos por perto, sem a intermediação da ONG, tudo ficava mais difícil. E então veio a doença:

Agora deitado nesta cama, sem poder me levantar... Eu queria ficar de pé de novo e voltar a representar. Para isso eu gostaria de ter a fé que eu tinha quando criança... Você conhece a *história da Negrinha*?

Quando eu tinha assim uns 5 anos de idade, papai pegou um serviço no Rancho da Pedreira e lá aconteceu um fenômeno.:

Eu tinha uma cachorrinha vira lata, chamada Negrinha. Nesse Rancho tinha um tal de Jose Inácio que jogava veneno para os cachorros. Um dia a Negrinha sumiu, eu chamava e chamava e nada da Negrinha aparecer. Saí correndo e lá embaixo no córrego achei a Negrinha, encontrei ela caída, morta. Peguei-a no colo e a trouxe, chorando para dentro da barraca. Entrei desesperado e os meus pais vieram atrás de mim dizendo:

-- Nós vamos arrumar outra cachorrinha para você... Eu nem dei ouvidos a eles. Eu era afilhado de Nossa Senhora e ela era a mãe de Jesus, que era Deus, então ela, no meu entender de criança, era acima de Deus. E Deus como filho, devia obediência à sua Mãe. Fui diante da imagem e pedi para a nossa Senhora da Conceição Aparecida, que fizesse a Negrinha voltar a viver. Pedi com tanta confiança que até parei de chorar. Tinha certeza absoluta que ela me atenderia. Uns 15, 20 minutos depois apareceu a Negrinha, abanando o rabo. Todos se espantaram menos eu. Ela apareceu e ficou viva ainda por muito tempo conosco.

Você acredita? Mas com certa dúvida. Meus pais também duvidaram e disseram:

-- "Quem sabe era outra cadela que morreu e nós confundimos com a Negrinha". Mas eu a conhecia muito bem, ela tinha uns pelinhos brancos na barriga...

Era esse o teor de intimidade psicológica que Zurka tinha com a mãe de Deus quando criança: a de fé absoluta, sem dúvida nenhuma. Essa é a instância dos milagres: "Pedi como tanta confiança que até parei de chorar. Tinha certeza absoluta que ela me atenderia."

A dúvida e o medo são a fé inversa. Às vezes é melhor a gente ser inocente do que saber demais. A mente confunde a gente. Não era Sócrates quem dizia: "*Quanto mais sei, mais sei que nada sei?*"

Gosto muito de ler, mas Valeria quando a gente estuda muito, acaba confundindo tudo... Veja só, tudo o que eu queria agora, era ter apenas *aquela* mesma fé, de quando eu era criança... sair dessa cama e voltar para o circo.

O conhecimento racional às vezes ajuda, mas também atrapalha... Eu bebia nas suas palavras mais do que instrução: sabedoria... Nesse contexto o Capitão Zurka se encontrava extremamente fraco e doente, sem poder mais sair da cama. Mesmo nessas condições ele falava em voltar para o circo. Seu irmão Santo tentava convencê-lo a vender o circo e comprar uma casinha na zona norte de São Paulo, para continuar seu tratamento médico e ao mesmo tempo estar mais perto dele e de outros filhos... Mas Zurka era irredutível. O *sentido* do circo para ele carregava seus mistérios para além dos cinco sentidos e da compreensão intelectual. Foi então que ele nos fez compreender:

Sabe quando você está cansado e quer chegar na sua casa, no seu lugar aonde você se sente bem? Esse lugar para mim é o circo. Uma vez você me falou, Valéria, que o circo é uma *mandala*, é dentro dessa *mandala* que eu me sinto em casa, no meu universo no meu mundo. É uma forma de estarmos todos juntos, unidos, filhos e netos. Eu ainda acho que o circo familiar é a melhor forma de se viver. Este circo que eu comprei com a Ruth eu não quero vender, porque não tem preço, ele é uma solução para mim.

Aqui, o circo tinha uma configuração arquetípica, não podia ser vendido, nem negociado, não tinha preço... Era a representação do seu universo, do seu mundo, um lugar sagrado onde ele poderia estar protegido, junto com a sua família. Os gregos tinham um nome para isso: *Temenos* (significa recinto sagrado), a mandala, o círculo, o circo, carregam essa representação. Segundo Marco Antonio Galante: “Presente na natureza e no inconsciente do ser humano desde os primórdios da civilização, a *mandala* representa um processo de ordenação do caos, revelando seu poder integrador independente da atuação consciente do indivíduo que a utiliza”.²⁹ Hillman comenta a respeito das constelações espontâneas de figuras geométricas como a *mandala* e seu aparecimento espontâneo em situações de sobrecarga emocional desintegradoras e em situações de ritual. *Temenos* (...) área fechada na qual pode-se colocar os problemas mais terríveis, onde se pode viver a experiência de um centro ordenador, de onde a própria personalidade pode-se proteger

²⁹ Galante, M.A *Mandala* especial, Três, 1988, p. 3.

enquanto se processam alterações vitais. Jung ilustrou o *temenos* com figuras geométricas principalmente baseadas nas *mandalas* orientais.³⁰

O circo aqui pode ser visto como uma *mandala* protetora e ritualística contra ameaças avassaladoras da psique mediante as impossibilidades de reação que a doença impingia e da proximidade com a morte. Era essa, provavelmente a função do circo, portanto fora de negociação... Eu não me lembrava de haver feito a analogia do circo com a *mandala*, mas ele se recordava e aplicava com maestria, a este momento delicado os recursos arquetípicos dessa imagem protetora. O sentido do círculo lhe remontava a *mandala*, mas pode também representar o paraíso. No dicionário: “do velho persa *paridaeza* tem a significação de “recinto circular”.³¹ A evocação do circo como símbolo da totalidade transcende a dimensão objetiva em si e inaugura uma nova instância arquetípica do circo: a dimensão simbólica. O arquétipo da Totalidade foi então constelado na figura do circo como *mandala*. Segundo Byington “a posição contemplativa que expressa o arquétipo da totalidade relaciona a polaridade Ego-Outro de forma tão abstrata e com seus limites tão esmaecidos que propicia extraordinariamente a experiência de totalidade”.*

Vale a pena lembrar que quando do nosso primeiro encontro, quando eu lhe falei a respeito do desenho da bandeja de cobre na representação de uma *mandala*, *ele* reagiu como que instigado a saber mais. E agora me fazia devolver muito mais do que eu poderia estudar e com os livros aprender... (vide imagem em anexo)

A Individuação facilitada pelo encontro cigano-não cigano

*Não é a alteridade do outro que surpreende,
e eventualmente assusta, mas a surpresa diante de
alguém-que-sendo-parte-do-mesmo-é-outro.*

Luís Cláudio Figueiredo

³⁰ Hillman, J. op cit p 209.

³¹ Ferreira, Aurélio op cit.

* Byington, CB. op cit p 28-9

Neste trabalho pudemos acompanhar, conhecer e complementar como a relação cigano-não cigano, pode nos afetar e refletir, tanto no que confere à sombra individual quanto coletiva: de forma prejudicial ou construtiva.

Sinto que foi exatamente a diferença (cigano-não cigano) que ativou o nosso processo de individuação, (meu e de Zurka), na medida em que nossos encontros mobilizaram o desejo de ampliar a consciência, de saber mais, de ir além... As diferenças, assim como as semelhanças, enfim as singularidades que nos constituíam e delimitavam permitiam ampliar o conhecimento próprio, além de estimular e incrementar um interjogo de descobertas na alteridade refletida no outro, no infundo trabalho de conhecimento pessoal e mútuo. Esta dinâmica trouxe um novo sentido às “mesmices” que nos compunham, ampliando o potencial denegado.

Individuação, por definição, carrega o significado de um processo único. Segundo os padrões do desenvolvimento da consciência, citados por Byington, são quatro os ciclos arquetípicos que regem o desenvolvimento psicológico da consciência no percurso da individuação: *matriarcado, patriarcado, alteridade e cósmico*.³²

Este trabalho contempla o dinamismo de *alteridade*, mas não podemos deixar de destacar que são os padrões anteriores (matriarcado e patriarcado), que dão condições, ou não, para que se constele o padrão de alteridade. O ciclo do matriarcado foi forjado nos primeiros sete anos da vida de Zurka em uma vida tradicionalmente cigana, num berço tribal kalderash. O patriarcado foi fundado a partir de sua entrada para o circo, fortaleceu-lhe o ego no comando de sua vida, lhe instruiu e educou na mocidade e na maturidade. Mas, como era de se esperar, mostrou-se insuficiente na crise da “meia idade”, quando as instancias do conflito, devido à falência progressiva do ego e seu pretensão “controle” perdem forças, e a psique se encontra com poucos recursos de articulação. Também a alteridade, no espaço da nossa sociedade, regida pelo patriarcado é o espaço do denegado.

A *metanóia* foi um período crítico de sua vida, mas também oportuno no sentido de gestação de um devir. Sobre a regência do padrão de alteridade, Zurka inaugurava precisos e preciosos encontros, os quais, podemos considerar, criaram fundamentos e condições para a “pesquisa de campo” deste trabalho.

³² Byington, op. cit.

O arquétipo da alteridade, ainda segundo Byington é regido pela fenomenologia dos arquétipos da *anima* (no homem) e do *animus* (na mulher). Jung chamou a *anima* como arquétipo do relacionamento e também arquétipo da vida. Segundo Sanford, como arquétipo da vida a anima contém o elemento do significado. (...) Quando a *anima* funciona em seu lugar correto, ela ajuda a ampliar e alargar a consciência do homem, e a enriquecer a sua personalidade, infundindo nele, através de sonhos, fantasias e idéias inspiradas, a percepção de um mundo interior de imagens psíquicas e de emoções vitalizantes.³³

Segundo Hillman, os papéis que desempenhamos no relacionamento pessoal são determinados pelas personalidades internas. “As relações interpessoais baseiam-se nas relações intrapessoais.”³⁴ Usando a terminologia da psicologia analítica podemos dizer que a natureza da psique permitiu promover a composição relacional que construímos. Zurka trazia no tom de seu ânimo, a natureza psicológica da qual provavelmente comungava o meu *animus*, a força de luta e resistência nos caminhos nas conquistas e dificuldades. Também a minha natureza feminina, devia permitir a ele que revitalizasse as dimensões de sua alma (*anima*) sensível, sob os auspícios desse relacionamento. Foram anos de relacionamentos, sensíveis; inspiradores, alegres, sofridos, mas e sobretudo, construtivos, sob a regência do dinamismo de alteridade..

Como última fase do desenvolvimento arquetípico da consciência, Byington cita o ciclo cósmico, como o arquétipo da totalidade: “Após os sessenta anos, inicia-se a velhice e intensifica-se sobremaneira o arquétipo, com sua característica posição contemplativa em atitude cada vez mais ativa”.³⁵ Este dinamismo arquetípico é o regente das possibilidades de encontros transpessoais e espirituais, estando a libido mais predisposta às dimensões do transcendente que do imanente. Quando da retrospectiva de sua vida, Zurka estava com 82 anos; pudemos acompanhar em seus relatos a inclusão da presença desta última fase arquetípica, nas reminiscências de suas relações com a “mãe celeste”, assim como referências ao circo como dimensão da totalidade na correlação que a *mandala* evocava para ele. “A vivência da unidade, que tudo engloba, é a vivência do Self que orienta o Ego durante todo o seu desenvolvimento.”³⁶

³³ Sanford, J.A *Os Parceiros Invisíveis*, São Paulo, Paulinas, 1997.

³⁴ Hillman, op. cit., p. 206.

³⁵ Byington, C.AB *O Arquétipo da Vida e da Morte, um estudo da psicologia simbólica*. São Paulo, 2002 p. 58.

³⁶ Idem, ibidem, p. 25.

Para além das dimensões individuais, as origens ancestrais também deixaram suas marcas. Segundo Hillman o processo de individuação contempla três instâncias: os fatores ancestrais, os atuais e os coletivos ³⁷. As referências de Zurka, referentes aos antepassados ressurgiram trazendo mais do que um resgate individual, uma importância psico-socio-antropológica. Este trabalho também propiciou um *outro encontro*; entre ciências irmãs como a psicologia clínica, e as ciências sociais como a antropologia. Segundo Lévi-Strauss: “O inconsciente seria, assim o termo mediador entre mim e outrem”³⁸.

Como fatores atuais e coletivos contemplamos a retrospectiva de sua vida, iluminada por ele mesmo, num momento em que se encontrava doente e acamado. Pudemos perceber que os conflitos, a partir da *metanóia*, foram redimensionados e as relações de alteridade puderam inaugurar um momento novo e enriquecedor em sua vida - e que recebeu destaque neste trabalho.

De natureza volátil...

*Somos como as ondas, a fumaça, o vento
não podemos, não sabemos, não queremos estar quietos.
Pohopol, el gitano.*

Destaco também como característica fundamental na jornada de Zurka o arquétipo de *Trickster*, como uma espécie de “hermes-dioniso” oriental, especificamente hindu, que coliga mundos, a tudo e a todos, regente dos auspícios ciganos-não ciganos nas proezas e desafios das inúmeras propostas da vida: “(...) sua tendência às travessuras astutas, em partes divertidas,(...)” em partes não, “sua mutabilidade, sua dupla natureza, animal-divina, sua vulnerabilidade a todo tipo de tortura e por último, mas não menos importante, sua proximidade da figura de um salvador”³⁹.

Vejo o arquétipo do *Trickster descrito por Jung* como a somatória de todos os traços da psique (consciente e inconsciente, superior e inferior) representante da sombra

³⁷ Hillman, *ibidem*, p. 203.

³⁸ Strauss, L. citado em Paula, *op. cit.*, p. 59.

³⁹ Jung, C.G. *Obras Completas, vol. .IX / I*, Trad. Ferreira da Silva e Appy, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 251.

individual e coletiva, da psique em sua totalidade. Esse *estranho estrangeiro* responderá melhor às questões da vida se tivermos humor e paciência de conhece-lo e recebe-lo com o outro de mim mesmo, aquele que me acresce e surpreende. Assim como o Louco do Tarot, que não tem lugar certo entre as cartas do baralho, porque na sua posição de *coringa* facilita qualquer jogada. Assim, o cigano disfarçado, o palhaço, e o artista, da *persona* de Zurka puderam ajudá-lo a cumprir suas metas, na jornada da vida, na composição da individuação; intermediando mundos, representando a totalidade, não como perfeição, mas como arquétipo da inteireza e integralidade.

Considerações finais:

Entendendo alteridade como o *modos operantes* e a individuação como o *processo* de encontrar a si mesmo no outro.

Posso dizer que o universo que me constituía antes do *encontro rom-gadge*, era o da previsibilidade, da ordem do conhecido, da *pseudo* garantia e *pretensa* soberania do conhecimento racional e intelectual, da predominância da função pensamento em detrimento das demais, (sentimento, sensação e intuição) e as consequentes limitações decorrentes.

Em contrapartida com a perspectiva que se abriu a partir do encontro com o outro, (*rom*) e que abarcou a imprevisibilidade, o desconhecimento, o imagético, o intuitivo, o emocional, a instabilidade, o sensorial, o surpreendente, o misterioso... Posso então afirmar que ampliei significativamente meu universo psicosocial.

Penso que aspectos faltantes de ambas as personalidades (minha e de Zurka) puderam ajudar-se mutuamente, a fim de ampliar os limites pessoais. De minha parte, sinto que fui mais agraciada com essa convivência; se aprendi mais lições é provavelmente porque haviam mais partes faltantes... De qualquer forma vivemos na qualidade desta dinâmica de alteridade o quinhão que nos cabia no processo de nossa individuação.

No meu caso as heranças psíquicas familiares reveladas na vivência da imaginação passiva denunciaram um processo inacabado: “Assim foi que o destino por inteiro não se

cumpriu...”.⁴⁰ De acordo com os conteúdos do romance *Ao Passar das Caravanas Ciganas...*, a minha herança espanhola por ascendência materna, teria possíveis e não cumpridos “acertos” com instâncias *gitanas*, também ancestrais e desconhecidas, até aquele episódio.

A psicologia analítica está de acordo e é coerente com a psicologia familiar sistêmica. Ambas entendem que cada indivíduo deve cumprir a parte que lhe cabe no processo de individuação, tanto no que concerne às dinâmicas individuais, quanto às instâncias ancestrais. E que o processo individual é inexoravelmente entremeado e afetado por dinâmicas coletivas, já que afetamos e somos afetados, em uma rede interpessoal, que inclui tanto os familiares vivos, quanto os já falecidos. Segundo Carvalho: “O princípio da sobrevivência dos mortos e dos ancestrais existe presente ocultado no inconsciente coletivo das sociedades”.⁴¹ Segundo Hillman esta interação entre individual e coletivo é um tema que está presente em toda obra de Jung. Somos imbuídos a cumprir as pendências do sistema dessa herança psicossocial ancestral, a parte que nos cabe nessa tarefa, a que ficou por cumprir...

Jung afirma que “realidade é simplesmente aquilo que afeta a alma humana”.⁴² Individuação inclui a perspectiva familiar que nos afeta.

- As dimensões corporais:

*O corpo é a nossa escola, a nossa lição,
o nosso intérprete, o nosso inimigo bem-amado...
a nossa plataforma de lançamento para
domínios mais elevados.*
John P. Conge

Quando o Dr. Petho Sandor me convidou a “vir para o meu corpo, no trabalho de Cinesiologia”, *eu* não podia imaginar que o encontro (comigo mesmo) seria também um convite extensivo a inúmeros *outros* encontros: “Em certos casos experiências visionárias ocorrem durante o trabalho com o corpo, sendo os primeiros estágios para adquirir

⁴⁰ Contrucci, op. cit., p. 109.

⁴¹ Paula, Carvalho, J. op cit p 53

⁴² Hillman, J. cit Jung, op cit, 1981, p 196.

realmente um corpo. (...) Para estas, a experiência com o corpo onírico são ‘para-sensações’ da realidade física e predições do surgimento do corpo por vir”.⁴³ As afetações e decorrências que o trabalho de cinesiologia insinuaram em meu corpo e psique foram aquelas que tinham que ser e emergir, de acordo com o processo do meu vir a ser.

Segundo Sandor Individuação é singularização.

O mundo existe para nós na medida em que o reconhecemos. O que percebemos depende da nossa disposição pessoal. Cada um de nós tem, num determinado momento, um campo energético que predispõe para que ocorra uma filtragem do que se passa, acentuando mais certos aspectos e negligenciando outros. (...) O que eu ensino são como sementes que vão caindo dentro de vocês. Elas se desenvolverão de diferentes formas, dependendo do campo interno de cada um.

A cada toque sutil ele orientava: “Deixar acontecer...” (...) “Não queiram nada... apenas observem o que vai ocorrer...”⁴⁴

Sobre o aspecto criativo dos símbolos, ou seja, sobre a regência da função transcendente, pude seguir e constatar algumas pistas: ciganas, da dimensão dos sonhos à regência da realidade. “Tudo é loucura ou sonho no começo”, dizia Monteiro Lobato, nada do que o homem fez teve início de outra maneira. O corpo onírico é esse corpo que sonha, é “o papel do corpo no revelar do si mesmo (...) pois o corpo onírico paira justamente entre a sensação corporal e a visualização mítica”.⁴⁵

Descobrimos que os processos do corpo espelharão sonhos se este for estimulado a amplificar e a expressar seus sinais involuntários, tais como pressões, dores, espasmos, inquietação, excitação, exaustão ou nervosismo. (Incluo aqui problemas na pele, eczemas, alergias e feridas.) Podemos concluir, que na enfermidade, o corpo sofre de um sonhar incompleto.⁴⁶

Este corpo que sonha e se expressa é o mesmo que, quando contido ou bloqueado pode sintomatizar. Aprendi com o trabalho corporal, que dando expressão e voz às imagens espontâneas que me habitam posso deixar acontecer muitas *outras* coisas... Como diz

⁴³ Mindell, A. *O Corpo Onírico, o papel do corpo no revelar do si-mesmo.*, trad. M. Silvia Mourão Neto. São Paulo, Summus, 1989 p36

⁴⁴ Delmanto, S. *Toques Sutis uma experiência de vida com o trabalho de Petho Sándor* São Paulo, ABDR, 1997, p 16, 43-9.

⁴⁵ Mindell, A op cit p 18.

⁴⁶ Idem p 179.

Marie- Louise von Franz “deixar que os sintomas do corpo falem por si, através de uma auto-amplificação, parece-me particularmente útil como instrumento de investigação empírica”.⁴⁷ Esta é uma sugestão oferecida na apresentação do trabalho de Arnold Mindell sobre o corpo *onírico*, um dos autores que embasaram o trabalho do Dr. Sandor.

A experiência de Imaginação passiva, deu o *start* para a composição deste trabalho e é hoje entendida por mim como o meu *mito pessoal*, aquele que se insinuou nas entranhas do meu corpo e da minha psique e que me levou e ainda leva a ser mais completa. *Mythos* significa, também, comunicação. “Se somos dominados por uma experiência (espiritual, interior) ela mesma quer que a comuniquemos”, esse é o significado da palavra *mythos*, segundo Von Franz.⁴⁸ Nesse sentido, o mito não deve para ficar escondido, nem sozinho. Ele encerra em si mesmo a necessidade de união comum, ou seja de comunhão. Afinal ninguém muda apenas interiormente, nem sozinho...

As metas da realidade foram se cumprindo à medida do engendramento do caminho, a dinâmica dos sonhos, como indicadores do processo, e conseqüentes realizações foram apontando e desenhando os caminhos labirínticos do destino que, ora compuseram conosco, interagindo com o nosso livre arbítrio, ora dispuseram de nós, deterministas e autônomos. Como diz Chico Buarque de Holanda em um trecho da canção Roda Viva. “A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar, mas eis que chega *roda viva* e carrega o destino para lá”. A aceitação (ou não) dos mistérios que compõem o processo dos mistérios da vida, torna a individuação mais, (ou menos) digerível. Por outro lado mistérios devem permanecer mistérios, para que possam lançar sobre nós seus nuances *numinosos*, sua força luminosa de ação. O mundo da realidade que a personalidade habita é o da realidade psíquica. Fantasia é realidade, até mesmo a cria.⁴⁹

- A dinâmica de encontros sob a regência do arquétipo da alteridade.

Foram treinadas instâncias ainda pouco desenvolvidas de minha psique: Ampliei a capacidade de me relacionar, de sentir, de intuir, comecei a desenvolver os cinco sentidos da

⁴⁷ Idem p 10.

⁴⁸ Von Franz, op cit p 230

⁴⁹ Hillman op cit p 196.

percepção (minha função inferior), sem denegar a função pensamento. Pensar aqui entendido não no sentido de racionalizar como um mecanismo de defesa, mas no sentido de compreender, ou seja, de aprender com, literalmente num aprendizado conjunto.

Fomos parceiros na lida de algumas composições e realizações étnico-culturais e fomos também parafraseando Stanford os *parceiros invisíveis* um do outro.: “É como se a mulher interior do homem e o homem interior da mulher precisassem (um do outro) para se realizar na vida, mas a única maneira de atingirem tal meta dependesse do tipo de vida que o homem exterior ou a mulher exterior deles leva”.⁵⁰ Assim pudemos ajudar-nos mutuamente na composição complementar das partes. O individualismo que caracteriza a sociedade majoritária, foi, nessa relação de encontro, exercitada exatamente no seu pólo oposto; tudo era feito em conjunto, e só isso fazia sentido. Posso dizer que mais do que aprender com o outro; pudemos *aprender o outro*. Ampliamos os limites, os quais acredito, existem para ser superados. Este *outro* que me instiga a ir além é o motor, parte integrante e instigante nesse processo de individuação.

Pudemos também constatar *o mundo invertido*; da sombra, do espelho que é o outro, como aponta Paula de Carvalho: “O *estranho* abriga nosso eu mais secreto e permite reconquistar nosso eu mais alheio”.⁵¹ Posso dizer que meu desejo alheio (desconhecido), estava alavancado aos movimentos cartográficos dessa alteridade nômade, que evoca aventuras e mudanças, constantemente errante. “Parar é morrer um pouco a cada dia...”, dizia Zurka. Este movimento não se encerra nos caminhos da estrada objetiva, mas diz respeito aos movimentos migratórios e subjetivos da psique, em seu eterno vir a ser. Segundo Martinez: “O nômade, o cigano resume, por onde passa a totalidade da aventura. Invisível, somente acessível pelos caminhos do imaginário, dos símbolos”.⁵²

Assim expandiram-se mundos e sentidos... Considero as afetações mútuas que sofremos como molas propulsoras à individuação.

⁵⁰ Standfor, op cit p

⁵¹ Paula, C. op cit p 50-1

⁵² idem cit Martinez p 121.

Podemos analisar o caminho da vida no cumprir de cada individuação, como sugeriu Jung, como um movimento contínuo e espiralado, assim como relacionar cada volta desse espiral como a realização de um ciclo de nossas vidas.

Se o devir jamais se encerra, podemos dizer que ele sempre se insinua... no próximo ciclo; em um caminho contínuo que nos carrega tanto na direção do nosso caos, como da formação do nosso cosmo, do acaso e da sincronicidade. Além desse movimento de porvir espiralado, cada individuação é atravessada por outros processos de individuação em um entrecruzar de forças que nos compõe.

- A individuação do cigano como povo.

Destaco a sua capacidade de *resiliência*⁵². “Do ponto de vista da psicologia e da sociologia, trata-se de uma qualidade, de uma capacidade de as pessoas pessoalmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perder o seu equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de se acomodar e reequilibrar constantemente.” Esta capacidade pode aumentar ou diminuir de acordo com situações de melhor ou pior auto estima e segundo este autor também depende de alguns outros fatores como a dimensão espiritual. “Poder-se-ia até sustentar, (...) que existem tipos humanos e grupos mais propensos a desenvolverem determinadas formas de resiliência do que outros e que se trata mesmo de uma característica própria e cultivada *pelos povos orientais*”.⁵³ (grifo meu).

Podemos considerar que as qualidades de plasticidade e elasticidade do povo cigano, de maneira geral, lhes imbuem uma articulação exemplar: de vida, morte e renascimento... em contínuo renascer das cinzas. Podemos batizar de “princípio de Fênix” a esse constante estado de devir cigano.

⁵² Resiliência: quando o sentido ligado à etimologia significa, resilio de re+salio “ser elástico”. Tavares J. (org) Resiliência e educação, São Paulo, Cortês, 2001, p 46

⁵³ Idem p 46

- A relação cigano-não cigano, sob o ponto de vista cigano rom.

A Espanha não seria a Espanha sem a aportação dos ciganos.
Manuel Heredia

Entre as famílias mais tradicionais há os grupos que se fecham para preservar a sua cultura e identidade, como mecanismo de defesa e proteção; contra os perigos da assimilação. Judith Vero faz uma descrição equivalente sobre o povo judeu: “relacionam-se quase que exclusivamente entre si, como se temessem perder algo precioso, cuja manutenção depende da coesão do grupo”, e continua: “O diferente é tão ameaçador que a única forma de sobrevivência psíquica encontrada pelo grupo é o espelhamento na semelhança e o expurgo na diferença”. Estes grupos fecham-se, ilhando-se, buscando na negação da alteridade sua segurança..⁵⁴

No extremo oposto temos grupos que utilizam o mecanismo de defesa da negação e dissimulação identitária; fazem-se invisíveis e negam sua identidade. Vimos Zurka disfarçado de “imigrante italiano” numa dissimulação que *quase* lhe custou o preço da identidade cigana e sua *quase* conseqüente assimilação à sociedade majoritária.

Os ciganos mais tradicionalistas não são necessariamente os “mais autênticos”, como costumam afirmar. Muitas vezes são exatamente estes os grupos mais frágeis: enrijecer e se fechar é um sinal de fraqueza e de medo. Estes são comumente os que se encontram impossibilitados de efetuar mudanças necessárias às adaptações que o mundo impõe.

Transitando no estrangulamento deste paradoxo, trago aqui o depoimento de um cigano húngaro ao Comitê Internacional Rom: “*Cremos que existimos, mas nos perguntamos se não se trata de **uma alucinação**. Não temos mais defesas contra a assimilação forçada, a não ser o seqüestro voluntário ou o isolamento.*”⁵⁵ (grifo meu) A opressão em vários países da Europa é muitas vezes levada a situações extremas. Sob essas circunstâncias podemos ver as ameaças da despersonalização, entre o *ser* e o *não ser*, entre o seqüestro à sociedade majoritária, o isolamento, ou ainda a alucinação...

“O Brasil é um ‘verdadeiro paraíso’ para nós”, costumava dizer Zurka, o que não quer dizer que não existam dificuldades, discriminações e preconceitos.

⁵⁴ Vero, J op cit. p. 51-143

⁵⁵ Liégeois, J.P. op cit, p 246.

Para além dos perigos encerrados nos extremos opostos, temos aqui o depoimento de Patya Nicoli: a jovem *romi* que encantou e marcou com a sua dança tradicional cigana a todos que puderam contemplá-la nos eventos promovidos pelo CTC. Com sua graça e autenticidade de menina, hoje casada e mãe, ela revela como vê a situação dos ciganos na contemporaneidade:

Os tempos mudaram... mas continuamos a ser Ciganos. Tive a oportunidade de estar representando nossa cultura na televisão e no teatro brasileiros na outra década. Tenho consciência do quanto colaboramos para que mais pessoas conhecessem as riquezas e os valores de nossos costumes. É importante assumirmos nossa etnia (em meio aos *gadjés*) para deixar exemplos positivos para nossos filhos e descendentes.⁵⁶

Em 1997, em uma das últimas reuniões oficiais do CTC eu perguntei a Zurka o que ele pensava de sua vida compartilhada com os não ciganos. Se ele havia ganhado, ou se havia perdido. Então ele me respondeu:

O resultado da convivência com o *gadjé* foi que me aumentou o prisma, os modos de ver a vida. Eu me adiantei em muitas coisas e fiquei conhecendo as duas culturas. Me prejudiquei no dialeto, é verdade, mas ganhei em compreensão... Se eu tivesse vivido uma vida confinado em apenas uma cultura, teria ficado limitado demais... A convivência não afetou em nada a minha origem, a minha raça e ainda ganhei!⁵⁷

Aceitar essa situação ambígua, transitar por entre os dois mundos: *rom-gadjé*, ser flexível e ao mesmo tempo inabalável está na meta da individuação. Ao aceitar os dois lados: o cigano e o brasileiro, Zurka transcende para além das limitadas instâncias do ego e da sombra, separadamente, e converge na direção da superação do paradoxo, coligando na meta da individuação: psique e mundo, sem ter mais o medo de se perder.

Penso que o que faz a diferença na dinâmica relacional com o *outro* é se esta relação se fundamenta (ou não) sob as bases da dinâmica de *alteridade*. Pois o outro nesta dinâmica funciona como um outro eu, facilitando e ampliando a consciência no processo *de*

⁵⁶ Nicoli, P. in Jornal Aliança Cigana, almanaque cultural. Ano 3- 2006 – Edição Especial. p.6

⁵⁷ Arquivo do Centro de Tradição Cigana.

individuação. Já a relação constituída sob a dinâmica do patriarcado, por exemplo, pode trazer ameaças num relacionamento de controle e poder. O *outro* aqui pode ser visto como inimigo, sombrio e ameaçador.

Na dinâmica de alteridade, eu não sou mais eu mesmo, nem você é mais o outro, mas o que converge *nesse e desse encontro*. O que converge é o fruto da relação, de onde literalmente nasce não apenas um novo ser, um novo homem, uma nova consciência, mas um novo horizonte. Deixo a contribuição deste trabalho, composto por muitos “eus”; ciganos e não-ciganos, no ensejo e perspectiva de que se construam muitos *outros encontros* na ampliação do processo que nos constitui.

- Algumas contribuições da Romá à cultura ocidental majoritária.

Graças as diferenças que nos constituem, ambas as sociedades têm tanto a ensinar quanto a aprender. Segundo o cigano Cândido da Silva Pires:

Os ciganos atual, do mundo moderno, tem uma nova oportunidade de, ao mesmo tempo que já pode “exportar” a sua cultura como bem saudável, sem nunca perdê-la, receber de outras culturas, parte do que lhe falta e que constitui seu traço vulnerável e com essa troca, fortalecer a liberdade que é o mais raro e precioso dos bens espirituais de todos nós.⁵⁸

Podemos levantar, a partir das considerações feitas neste trabalho, algumas contribuições da *Romá aos gadjés*:

- *O sincretismo religioso*, o espírito ecumênico que lhes é característico: “Todos os deuses são um só”.⁵⁹
- “*O mundo como pátria*”, na intenção de um mundo literalmente sem fronteiras...
- “*O homem como parte integrante da natureza*”, característica que está de acordo com os estudos mais avançados de ecologia, da e da teoria geral dos sistemas.
- “*O espírito cigarra*”, como exemplo, o “*cante e baile flamenco*” dos *gitanos andaluzes espanhóis*, protótipo de reconhecimento mundial que as contribuições ciganas deram à

⁵⁸ Pires, C. citado por Pereira, C. in *Os Ciganos Continuam na Estrada*. Rio de Janeiro, Ribro Arte, 1989, p 33.

⁵⁹ Contrucci, V.S. “Povo Cigano, Tradição e Espiritualidade”, in Pinto, E. (org.) *Religiões, Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade (exclusão e inclusão social étnica e de gênero)*. São Paulo, Fala!Preta. 2004.

música em todo o mundo. Enquanto que nós *gadjes*, como “*espírito formiga*”, lutamos em diversas divisões da sociedade para manter o *status quo* do sistema vigente. E como diz a canção: “A formiga só trabalha porque não sabe cantar”.⁶⁰

Penso que para além das contribuições citadas, a existência do cigano como alteridade *per si*, já nos instiga na direção do aprendizado e completude.

Relativo ao processo de individuação; podemos estabelecer relações simbólicas entre a *postura básica* na dança flamenca, por exemplo, e as dimensões que regem a totalidade da psique, conscientes e inconscientes e batizadas na psicologia analítica relativas ao eixo ego-self. A esse respeito Cristina Masiero cita Contrucci:

Os pés bem plantados na terra
Os braços voltados para o céu
O ego sedimentado na raiz de um povo (cigano)
O self na intenção da transcendência (...)

O flamenco faz a conexão ego-self ao permitir a expressão máxima dos sentimentos e dos sentidos. Para quem dança, canta, toca, assim como para quem assiste, ouve, contempla, é possível se transpor a um estado alterado de consciência, (...) para o reino do indizível, do atemporal, onde a ‘alma’ encontra espaço e tempo para existir”.⁶¹

O *self* é considerado na psicologia analítica a meta da individuação. Segundo Hillman ele é imanente, quando se refere à expansão mais completa da individualidade, e é transcendente quando experiencia os mais elevados valores, capazes de ultrapassar a própria extensão do indivíduo, tanto em experiências relativas ao transcendente, como aos mistérios que o “universo do outro” encerra....⁶² Nesse sentido o self (si mesmo) como meta (utópica) de realização no processo de individuação só é real quando se realiza em cada momento único, no tempo oportuno de *Kairós*. Pois na realidade nunca se atinge essa totalidade, mas perpassam por nós suas pistas e ensinamentos nos múltiplos estágios do devir, como no *cante e baile flamenco*....

⁶⁰ Música de Raul Seixas e Paulo Coelho, *Como vovó já dizia*.

⁶¹ Masiero, M.C.T cita Contrucci, V.S. in *A dança flamenca e o Auto-conhecimento*. Monografia de graduação em Psicologia da PUC de São Paulo, 1995, p 29.

⁶² Hillman op cit p 195

Palavras Finais.

Reconheço como disse Heráclito, que “*o conflito é o pai de todas as coisas*”, e que foi ele (o conflito) quem me iniciou nas brincadeiras de infância no jogo lúdico de “envenenar a cigana” e nos sonhos recorrentes, compensatórios e ameaçadores da “cigana da montanha”. Descobri que a única forma de transcender o conflito para além da dualidade de tese e antítese foi ampliar os horizontes para além das questões racionais. Quando ele, o conflito deixou a instância racional e partiu para a vivência, para o campo do experimento, da experiência, pude ampliar os limites do paradoxo.

Sobre a questão de que os ciganos roubam criancinhas, Zurka me contava que como todo mito, este também carrega a sua “verdade”:

Os ciganos roubam sim, mas é a “alma” das crianças não-ciganas, fascinadas ao admirar nossos acampamentos coloridos, com a vida pulsando e as crianças correndo livremente... Ficam como que “capturadas” e querem seguir conosco, ao menos em pensamentos... Assim também acontece no circo: Quantas vezes descobríamos crianças escondidas nos caminhões, quando fazíamos as mudanças de praça, de uma cidade para outra. Tínhamos que parar a viagem e voltar para devolver o *fujão* aos pais. *Esse deve ter sido um mito criado pelos pais temerosos...*

Se é verdade que fui roubada, no que se refere ao efeito *numinoso* que o povo cigano exerce na relação com os não ciganos, pude vivenciar que a partir do momento que uma projeção é retirada: “se estabelece uma espécie de paz”, como afirmou Von Franz, “ a pessoa torna-se tranqüila e é capaz de observar as coisas de um ângulo mais objetivo”.⁶³ Assim eu percebo hoje que não fujo mais das questões ciganas, assustada por seu aspecto “*terrificus*” do arquétipo, nem me lanço a essas mesmas questões atraída pela dimensão do “*fascínio*” e da idealização. Reconheço que esses sentimentos foram fundamentais nas etapas iniciais deste processo e que funcionaram como uma espécie de motor que me fez seguir adiante.

⁶³ Von Franz, ML. Op cit. p234.

É verdade que ainda hoje me sinto atraída e emocionada quando escuto uma música cigana, e ainda me incomodo com situações de preconceito, mas o que predomina é a relação de amor sereno e responsável às diferenças, assim como às semelhanças que nos coligam.

Individuação carrega a intenção da totalidade, inclui nesse sentido identidade e diferença, o singular e o plural, o individual e o coletivo. Somos ao mesmo tempo indivíduos, *in-divisos*, únicos, e ao mesmo tempo múltiplos, uma vez que somos o resultado de milhões de relações que estabelecemos no decorrer de nossas vidas. Individuação, no recorte deste trabalho, foi e tem sido um constante oscilar do devir, que antes de ser cigano é fundamentalmente humano. Finalizamos aqui, apenas em parte este trabalho, pois o processo de individuação – tal qual o caminhar nômade das caravanas - é uma aventura que não se encerra...

GLOSSÁRIO

Palavras em *romani* ou *caló* usadas neste trabalho.

Calin Mulher cigana oriunda da Península Ibérica.

Caló Língua cigana originária da Península Ibérica.

Calon Homem cigano oriundo da Península Ibérica. Derivado do sânscrito *kali*, negro.

Baba Avó.

Barô Homem mais velho e sábio.

Bartalô Boa sorte.

Baxt Sorte.

Beng Diabo.

Bibi Sogra, mãe de família estendida. *Bori Nora*.

Brode Festa.

Buena dicha, buena-ventura Leitura da sorte.

Chinorré Crianças.

Daí/Dei/Daj Mãe.

Del/Devel Deus.

Drom Caminho.

Gorbeto Cigano de circo

Kaku Feiticeiro.

Kalderash Cigano caldeireiro.

Kris / Krisromani Tribunal de justiça cigana.

Kumpania Caravana.

Lachas Vergonha.

Lacio Grato.

Machuwaia Cigano de origem iugoslava.

Mahrimé Impuro.

Manouche Homem livre.

Mulô Falecido, morto.

Mulos Mortos, antepassados.

Opré Avante, de pé.

Paio Denominação para os não ciganos na Península Ibérica, equivalente a *gadjé*.

Palogo Mosquiteiro.

Papo Avô.

Paramiches Histórias, lendas.

Patrim Marcos deixados aos companheiros de estrada.

Patrin Arte de conhecer os caminhos por sinais.

Phuri Daj, *Puri dei* Mãe de Tribo, feiticeira; liderança por sabedoria intuitiva.

Picho Espécie de fole para manter o fogo aceso.

Pomona Cerimônia cigana de reverência aos mortos.

Puri Velha, anciã.

Purô Velho, ancião.

Rom Homem cigano (denominação convencional para os ciganos em todo mundo).

Romá Povo cigano.

Romani Dialeto cigano.

Romi Mulher cigana.

Sinti ou *Sinté* Denominação para homem cigano no Oriente e em alguns países da Europa.

Sungré Música de caravana.

Tchaio Chá cigano.

Tchera Barraca cigana.

Tchuri Punhal.

Vitcha/ Vitsa Tribo, família, descendência.

Vulu Lona da barraca.

Vurdon, *vurdos* Carros, trailers.

Zuhho Puro.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia específica cigana

- ACTON, T. *Gypsies*. London, Silver Burdett Company, 1981.
- ASSÉO, H. *Les Tsiganes une destinée européenne*. Paris, Découvertes Gallimard Histoire, 1994.
- CALDEIRA, H. *A Bíblia e os Ciganos*. Belo Horizonte, O Escriba, 1996.
- CASSIANO R. *A Marcha para Oeste. A influência da Bandeira na Formação Social e Política do Brasil*. vol. I, Rio de Janeiro, José Olympio, 1942.
- CHINA, J.O. *Os Ciganos do Brasil*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1936.
- COELHO, A. *Os Ciganos de Portugal*. Lisboa, Imprensa, Nacional, 1892.
- CONTRUCCI, V. *Ao Passar das Caravanas Ciganas...* São Paulo, Zenda, 1995.
- COURTILLIER, G. *As Antigas Civilizações da Índia*. São Paulo, Ferni, 1976.
- DROBENKO, B. *Territoires et minorités: la situation des gens du Voyage*. Limoges, Pulin, 2004.
- FOLETIER, F.V. *Le Monde des Tsiganes*. Paris, Berger-Levrault, 1983.
- FONSECA, I. *Enterrem-me em pé. A longa viagem dos ciganos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- FRASER, A. *The Gypsies*. Great Britain, 1995
- FREYRE, G. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.
- GARCIA, P, P *O Padre Cigano*. Belo Horizonte, FUMARC, 1995.
- KARPATI, M. *Rom Sim. La Tradizione dei Rom Kalderasa*. Roma, Lacio Drom, 1984.
- LIECHOCKI, E. *Ciganos, a Realidade*. Rio de Janeiro, Sindicato Nacional, 1999.

- LIÉGEOIS, J.P. *Los Gitanos*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1988.
- LLORENS, M.J. *Diccionario Gitano sus costumbres*. Madri, Mateos, 1984.
- LORCA, G. F. *Romanceiro Gitano e outros Poemas*. Rio de Janeiro, Biblioteca Manancial, 1975.
- MARTINEZ, N. *Os Ciganos*. Campinas, Papirus, 1989.
- MORAES FILHO, M. (1886) *Os Ciganos do Brasil e o Cancioneiro dos Ciganos*. Rio de Janeiro, EDUSP, 1981.
- PEREIRA, C. da C. *Povo Cigano*. Rio de Janeiro, MEC, 1985.
- _____. *Lendas e História Ciganas*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- _____. *Os Ciganos Continuam na Estrada*. Rio de Janeiro, Ribro Arte, 1989.
- STANESCON, M. *Lilá Romai. O Verdadeiro oráculo cigano*. Rio de Janeiro, Rorarni, 1999.

Textos, Monografias, Dissertações e Teses

- BUENO, V. S. *Espacialidade e Territoriedade dos grupos Ciganos na cidade de São Paulo*, Monografia de Especialização em Geografia, Universidade de São Paulo, 1990.
- FERRARI, F. *Um Olhar Oblíquo, Contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. São Paulo, Departamento de Antropologia Social F.F.L.C.H., Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2002.
- MASIERO, C.MT. *A Dança Flamenca e o Auto-Conhecimento*. Monografia de Graduação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.
- PAULA CARVALHO, J.C. *Ima(r)ginalidade cigana: O Imaginário das Margens e a Mitocrítica de uma Estória de Vida*. Recife, Departamento de Antropologia da F.J.N.P.S, 1989.
- PINTO, F. *A Cigarra e a Formiga. Contributos para a reflexão sobre o entrosamento da etnia cigana na sociedade portuguesa*. Mestrado em Serviço Social PUC, São Paulo, 1995.

RODRIGUES, M.L.N. *Considerações gerais acerca de elementos principais na manutenção da identidade étnica do povo cigano*. Belo Horizonte, UFMG, Monografia de Graduação em Ciências Sociais, 1987.

SANTANA, M.L. *Os Ciganos. Aspectos da organização social de um grupo em Campinas*. São Paulo, FFLCH / USP, 1993.

VRANCKY, A. *El Manifiesto Del Hombré "Marginal"*. Alicante, 1989.

Bibliografia geral

ABRAMS, J. e ZWEIG, C. *Ao Encontro da Sombra. O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo, Cultrix, 1999.

BANZHAF, H. *O tarô e a Viagem do Herói, a chave mitológica para os Arcanos Maiores*. São Paulo, Pensamento, 2001.

BLOOMFIELD, M. *Magia Indiana, Atharva-Veda, Fórmulas e Práticas.. Livros Sagrados do Oriente*. Volume 42 (1897). São Paulo, Madras, 2005.

BOTELHO, AV. e REIS, L.M. *Dicionário Histórico Brasil Colônia e Império*. Belo horizonte, Ministério da Cultura.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega, vol I e II*. Petrópolis, Vozes, 1988.

BYINGTON, C.A.B. *O Arquétipo da Vida e da Morte. Um Estudo da Psicologia Simbólica*. São Paulo, 2002.

CHEVALIER, A. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

CIAMPA, A.C. *A Estória de Severino e a História de Severina um ensaio de psicologia social*. São Paulo, Brasiliense. 1987.

CUNHA, A.G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo, Editora 34, 2004.

DELMANTO, S. *Toques Sutis. Uma Experiência de vida com o trabalho de Petho Sándor*.

- São Paulo, Summus, 1997.
- ELIADE, M. *Mito e Realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- GOFFMAN, E. *Estigma, notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 1988.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- HILLMAN, J. *Estudos de Psicologia Arquetípica*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1887.
- IOANSTAMATAKU. *Dicionário da língua arcaica grega*. Atenas, OFENIX, 1972.
- JACOBY, M. *O Encontro Analítico, transferência e relacionamento humano*. São Paulo Cultrix, 1984.
- JUNG, C. G. *Obras Completas*. Petrópolis, Vozes..
- _____. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- KOLTAI, Caterina (org.) *O Estrangeiro*. São Paulo, Escuta/FAPESP, 1998.
- KOLTUV, B.B. *O Livro de Lilith*. São Paulo, Cultrix, 1997.
- LANE, S. e CODO, W. (orgS.) *Psicologia Social o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LÉVINAS, L. *Entre Nós, Ensaio sobre a alteridade*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- LOUREIRO, I. *O Carvalho e o Pinheiro, Freud e o estilo romântico*. São Paulo, Escuta/FAPESP, 2002.
- KOLTAI, C.(org) *O Estrangeiro*. São Paulo, Escuta/ Fapesp, 1998.
- MIDELL, A. *O Corpo Onírico. O papel do corpo no revelar do si mesmo*. São Paulo, Summus, 1989.
- NAFFAH, A.N. *Descolonizando o Imaginário*. São Paulo, Plexus,1987.
- _____. (org.) *Falando de Amor*. São Paulo, Summus/Ágora, 2006.

- _____. e CAZNÓK, Y.B. *Ouvir Wagner – Ecos Nietzscheanos*. São Paulo, Musa, 2000.
- NEUMMAN, E. *História da Origem da Consciência*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- NICHOLS, S. *Jung e o Tarô. uma jornada arquetípica*. São Paulo, Cultrix.
- PELLEGRINI, L. *Os Pés Alados de Mercúrio, relatos de viagens à procura do self*. São Paulo, Axis Mundi, 1997.
- PIERI, P.F. *Dicionário Junguiano*. São Paulo, Vozes, 2002.
- ROLNICK, S B. *Cartografia Sentimental*, São Paulo, 1989.
- SANFORD, J.A *Os Parceiros Invisíveis*. São Paulo, Edições Paulinas, 1997.
- SCHUON, F. *Sentido das Raças*. São Paulo, Ibrasa, 2002.
- TAVARES, J. (org.) *Resiliência e Educação*. São Paulo, Cortez. 2001.
- VERO, J. *Alma Estrangeira. Pequenas histórias de húngaros no Brasil, Processos Identitários*. São Paulo, Agora, 2003.
- VON FRANZ, M.L. *Alquimia. Individuação ao Simbolismo e à Psicologia*. São Paulo, Cultrix, 1993.
- ZACHARIAS, J.J.M. *ORI AXÉ A Dimensão Arquetípica dos Orixás*. São Paulo, Vetor, 1998.

Revistas e Periódicos

- BARAK, R. *Aliança Cigana Almanaque Cultural. 2004, 2005 e 2006*.
- BYINGTON, C. “O Desenvolvimento Simbólico da Personalidade, os quatro ciclos arquetípicos.” in *JUNGUIANA Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, Petrópolis, Vozes, 1983.
- CARVALHO, R. “O Universo mágico dos ciganos”.in *THOT*, n. 51, 1989.
- CHAGAS, M. “A igualdade é branca” in *UMA*, n.59, ano 6, 2005.
- CONTRUCCI, V.S. *Paixão de Zíngaro, revista especial do espetáculo*. São Paulo, 1994.

FERRAZ, C. “Cultura Cigana, em vias de resgate.” *O Estado de S.Paulo*, 31 de julho de 2005, Vida&A 23.

FOLETIER, F.V. “O mundo como Pátria”.in *O Correio da Unesco, Os Ciganos*, n. 12, dez. 1984

GALANTE, M.A “Mandala”. in *Planeta apresenta Mandala*. Ed. Três, 1988.

GIMÉNEZ.Z.M. “Il primo zingaro della storia beatificato”. In Zefferino Gimenez Malla, “*El Pelé*” . Via Sistina, Roma 1997.

GODWIN, P. “Ciganos Eternos Intrusos”.in *National Geographic Brasil*, abr. 2001.

GRANDE, F. “Canto Flamenco, um gosto de sangue na boca”.in *O Correio da Unesco*.

HORTA, B. “Todos os caminhos levam aos ciganos.” In *Ano Zero*, n. 11, mar. 1992.

LIMA, P. e FERNADES, R. “Entre o nomadismo e o sedentarismo, os ciganos circenses”. In *Travessia, Revista do Migrante*. n 27, ano X, 1997.

MOTA, AV.B. “Os Ciganos do Brasil”.in *O Correio da Unesco*.

NOVICH, M. “Os ciganos e o terror nazista.” in *O Correio da Unesco*.

PUENTE, E.C. “Os gaduliya lohars, ferreiros nômades da Índia”. In *O Correio da Unesco*.

ROSSO, R. *Ciganos um povo de Deus*. Sao Paulo, Revista Cultural, Vozes,1985.

RUBERTI,I. “Cigano quer CIC, RG, e residência. Perfil Zurka Sbano” in *Folha de S. Paulo*, caderno 4, 2 de março de 1991.

SANCHEZ, A.”Vida Cigana”.in *Carta Capital*, n. 350, XI, jul. 2005.

Outros

RUST, B. “*Django Reinhardt*”. In *Gigantes do Jazz, o Guitarrista Cigano*, Abril Cultural, um guia do disco, 1980.

Textos Publicados na Internet

MARCONDES FILHO, C. *Os Antigos e a Comunicação: Heráclito*. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos;filocom/existocom/especial5a.html>. Acesso em: 8 nov. 2005.

RENATO, R. *Vida de Cigano, Missão Sem Fronteiras entrevista Renato Rosso*. Disponível em: <http://ospiti.peacelink.it;zumbi/news/semfro/sf245p05.html>. Acesso em: 24 out. 2004.

CD Multimídia

AIGUES, Alex, Sonia. *Maj Khetane Comisión de Educación del Programa de Desarrollo del Pueblo Gitano. Catalunã, Espanha, 2003.*



Bandeira Cigana eleita em 1977 consta de a metade superior azul representando o céu, a metade inferior verde a terra e a roda indiana vermelha que representa os caminhos percorridos e a percorrer.



Mapa da migração dos ciganos para o Brasil, iniciada no sec. XVI



Os irmãos Zurka e Santo Sbano construindo o circo-teatro - 1997



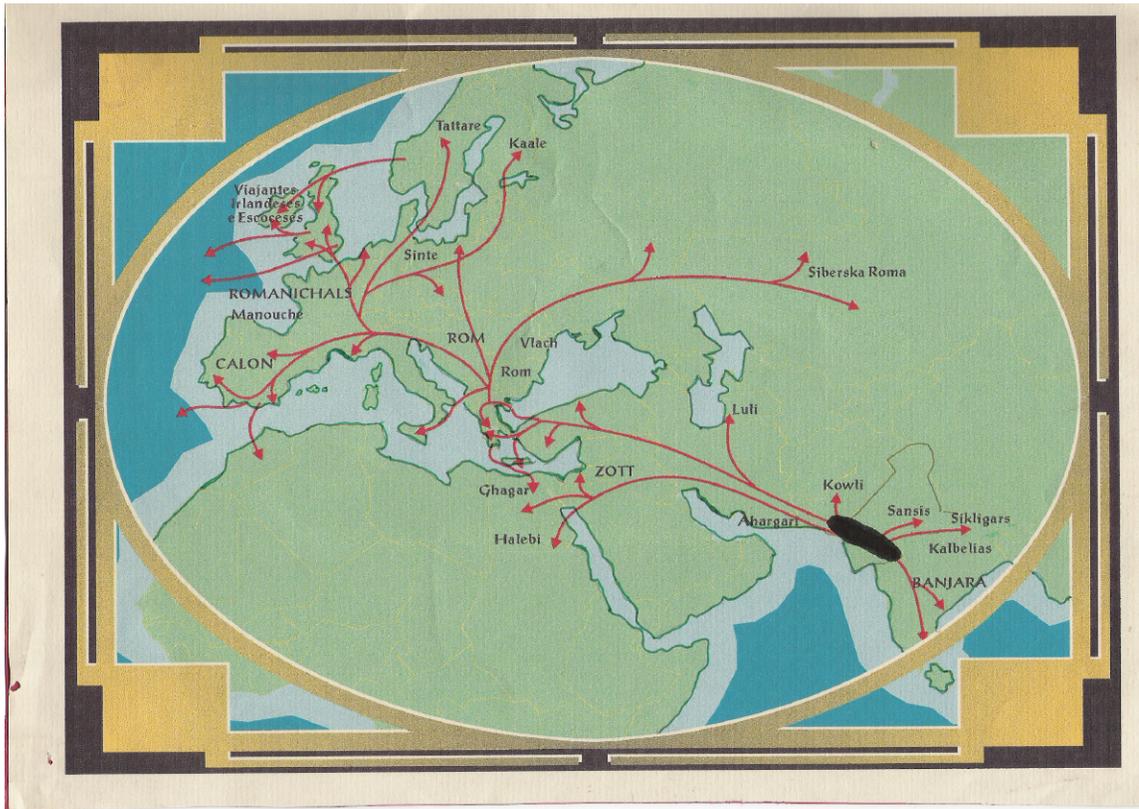
Estréia irmãos e palhaços: Picoli - Simplório



Construção do Circo Teatro Antigo

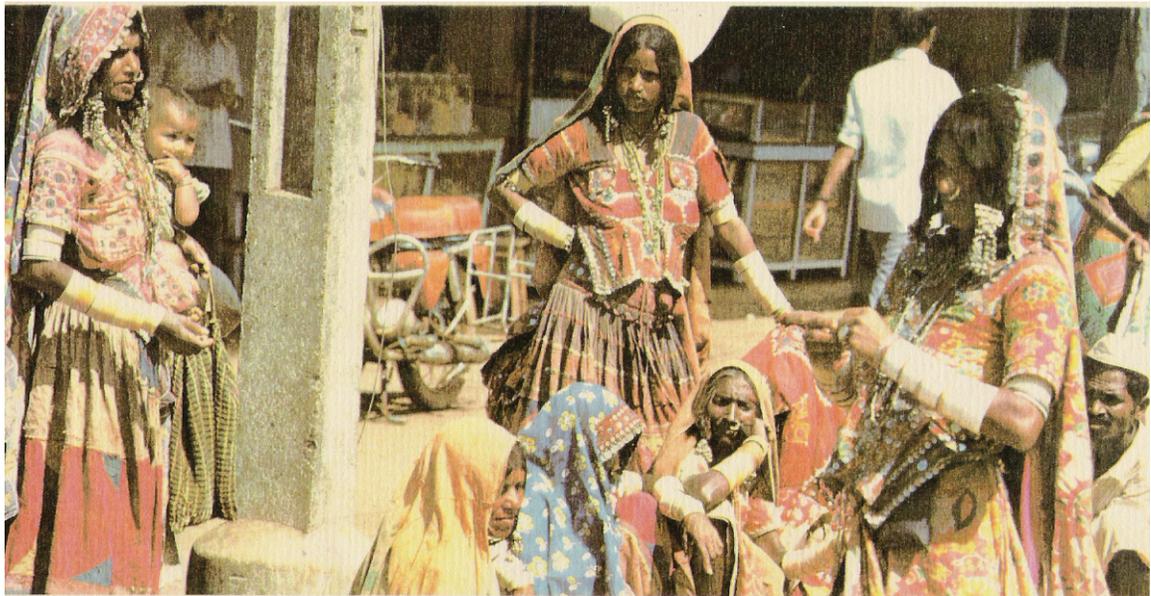


Marcelo Sbano e o cavalo apaluzza dançando no picadeiro.



Acton

Mapa dos êxodos e rotas migratórias.

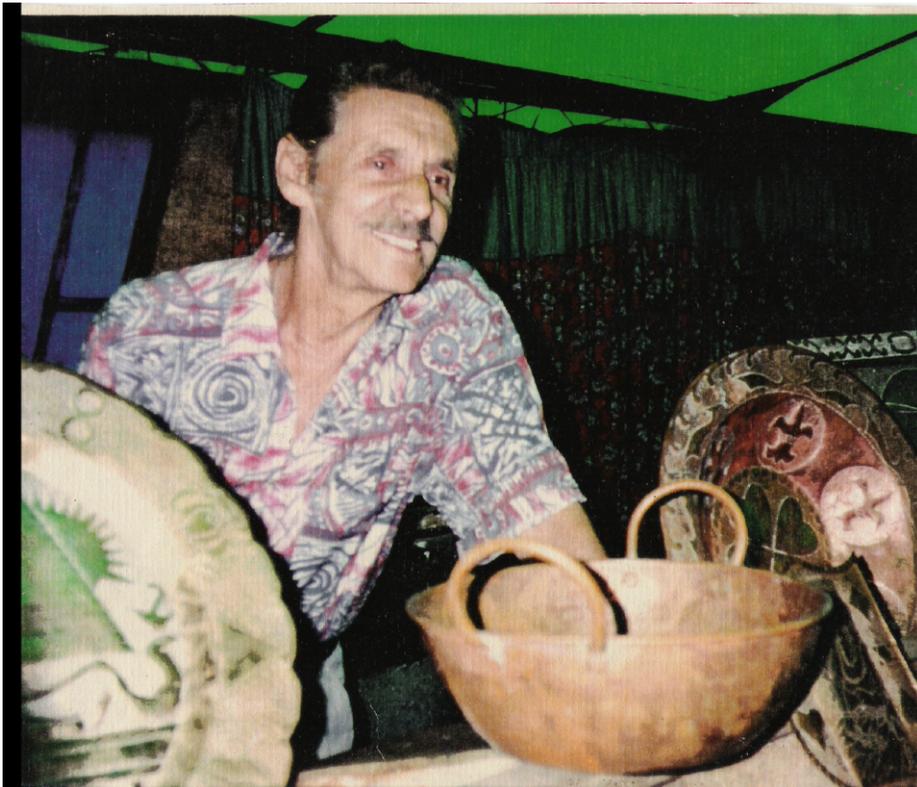


Acton

Ciganas indianas de Banjara



Zurka e o neto Farde.



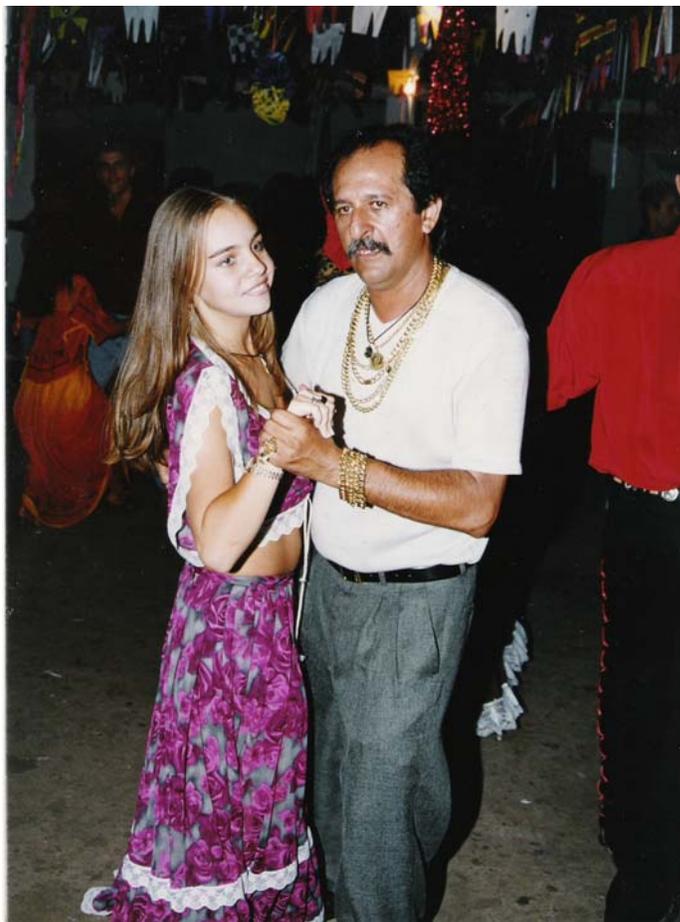
Tradição Kalderash



Reuniões do Centro de Tradição Cigana



Grupo calon marginal Pinheiros 1995



Juliana, sobrinha da autora com o chefe cigano Indio em casamento cigano em Santa fé do Sul 2001..



Casamento cigano-não cigano no espetáculo *Silvio o Cigano* Ruth Escobar 1994.



Casamento cigano-não cigano na vida real de Zurka com a namorada de juventude Ruth.1995

1574

D

Dom Sebastian etc. Faço saber que João de

Torres, cigano preso no limoeiro, me enviou dizer por sua petição que estando na vila de Montalhão morador e indo e vindo a Castela, fora preso e acusado pela justiça, dizendo que sendo lei deste Reino que toda geração de ciganos não vivessem neste Reino e dele saíssem em certo tempo e por ele não saber de tal lei, por ir e vir a castela, fora preso e acusado pela justiça, ele e sua mulher angelina e condenado por sentença de maior alçada, ele em cinco anos de degredo para as galés e açoitado públicamente, com (baraço e preguão), e a dita sua mulher se saíra do Reino em dez dias, visto como se não mostrava certidão de quando ali fora publicada em Montalhão, onde foram presos, como tudo se mostrava da sentença que oferecia. E por que dos açoites, baraço de pregão, era feita execução e a dita sua mulher era fora do Reino e ele ser presente, estava no limoeiro, onde percia a mingua, e era fraco e quebrado, e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu, me pedia que ouvesse por bem que se saísse logo do Reino ou que fosse para o brasil para sempre e pudesse levar sua mulher havendo respeito a pena que já tinha Recebido, etc; e eu vendo o que me assim disse e pedir enviou, querendo lhe fazer mercê visto o parecer com o meu passe (?), e por bem e me apraz se assim é como diz, de lhe comutar os cinco anos em que foi condenado para as galés, pelo caso de que faz menção, visto o que alega e declara, em outro cinco anos para o brasil, onde levará sua mulher e filhos, visto outrossim como foi feita a execução dos açoites; por tanto vos mando etc na forma dada em almerim a vinte dias de abril. o Rei nosso sr o mandou pelos doutores paulo afonso e antonio vaz castelo etc. diogo fernandez a fez, ano do nascimento de nascimento de nosso senhor Jesus Xto de 1574 anos.

Roque vieira a fez escrever.

[Arquivo Nacional, Liv. 16 de Legitim. D.Seb. e D. Henr., fl.189]

Acervo : Centro de Tradição Cigana.

Documento oficial do primeiro cigano que chegou ao Brasil.



O circo e o artesanato *kalderash*; mandalas feitas artesanalmente por Zurka.



Bandeja de parede em cobre por Zurka Sbano



Mistérios da Esfinge em bronze.

DEVIR CIGANO



Valéria Sanchez e Zurca Sbano- Teatro Ruth Escobar - 1994



Dois momentos do número circense Os Comanches, Eduardo, Norma Ricardo, Silvia e Marcelo Sbrano, criado pelo patriarca Zurka.



Zurka



Vereda da Salvação Raul Cortês , Cleide Iáconis, Jose Antonio Esbano



Zurka ator nos bastidores



Rita Nicoli. Teatro Ruth Escobar. 1994



Zurka, Jorge e Percília Nicoli. 1997



José Antônio Sbrão no picadeiro. 1962



Percília Nicoli. 1994



I Encontro Nacional do Centro de Tradição Cigana. 1994